UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Cássia Reis Donato

# HIP HOP E FEMINISMO NEGRO NOS PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NEGRAS

Belo Horizonte

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Cássia Reis Donato

# HIP HOP E FEMINISMO NEGRO NOS PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NEGRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social.

Linha de Pesquisa: Política e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado.

Co-orientadora: Prof. Dra. Karla Galvão Adrião.

Belo Horizonte

2012

150
D677h
2012

Donato , Cássia Reis

Hip Hop e feminismo negro nos processos de participação de jovens negras [manuscrito] / Cássia Reis Donato . - 2012.

226 f.

Orientador: Marco Aurélio Máximo Prado.
Coorientadora: Karla Galvão Adrião.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Psicologia – Teses. 2.Rap (Música) - Teses. 2. Feminismo - Teses 3. Negras - Teses. I. Prado, Marco Aurélio Máximo . II. Adrião, Karla Galvão . III.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV.Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

A Dissertação ***"Hip Hop e feminismo negro nos processos de participação de jovens negras"***

elaborada por **Cássia Reis Donato**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Belo Horizonte, 20 de março de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

.....
Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado
(Orientador)

.....
Profa. Dra. Mary Garcia Castro

.....
Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira

Aos meus pais, que têm enfrentando com muita força e sabedoria inúmeras lutas.

Amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Ao Marco Aurélio Máximo Prado, pelo encontro que marcou importantes mudanças na minha trajetória na universidade, pelo incentivo, carinho e inúmeras possibilidades de aprendizado que nossa interlocução tem me proporcionado. Muito obrigada.

À Karla Galvão Adrião pela aposta, solidariedade e novas possibilidades de diálogo e construção de saberes que se delinearam a partir da Mobilidade Acadêmica na Universidade Federal de Pernambuco. Que possamos seguir conectadas.

Aos meus pais, Maria das Mercês Reis Donato e Rui de Oliveira Donato, pelo apoio e ensinamentos de cada dia. Por me ensinarem que posso querer ir mais além do "pré-estabelecido".

Ao Otacílio de Oliveira Jr., meu companheiro, pelos caminhos juntos percorridos, pelo amor e constante diálogo, tão importantes para a construção deste trabalho.

Àqueles\as com quem pude dialogar e partilhar momentos fundamentais para a minha formação no Núcleo de Psicologia Política. À equipe da pesquisa A Participação Social Juvenil e às integrantes do grupo Psicologia e Feminismos.

À Claudia Mayorga, pela parceria e por oportunizar meus primeiros contatos com a psicologia social, que foram marcantes e fundamentais para as escolhas que tenho feito até hoje.

À Sônia Regina Correa Lages, pela oportunidade de diálogo e pelos preciosos ensinamentos sobre docência.

À Ana Carolina Garcez, Ana Carolina Cirilo Reis, Clarisse Leão Machado, Eduardo Aguiar Dutra, Júnia Penido Monteiro, Karina Maciel, Mariana Reis Araújo, Naiara Botelho Jardim, Rafaella Bruna Reis, Rafael Prosdocimi, Sara Machado, que, independente das distâncias, têm estado há tanto tempo ao meu lado nesta e em outras conquistas e desafios da vida.

À Geíse Pinheiro Pinto, Daniela Tiffany de Carvalho, Frederico Costa, Leonardo Tolentino, Leonel Cardoso, Luciana Maria de Souza, Raissa Barbosa, Tatiana Cardoso, Suely Virgínia Santos, com quem tenho podido partilhar as alegrias, dúvidas, descobertas e dilemas dos percursos da pós-graduação e da vida.

Às/aos participantes do Laboratório de Estudos sobre a Sexualidade Humana e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas, a Jaileila de Araújo Menezes e à turma da disciplina Processos de Subjetivação na Adolescência e Juventude, pela acolhida e pela importante interlocução estabelecida durante a Mobilidade Acadêmica.

Aos belos encontros que tornaram a Mobilidade Acadêmica ainda mais especial. Ao Cássio Rosa, Cybelle Montenegro, Gabriela Bruce, Maysa Toledo e Vladya Lira. Ao Douglas Oliveira e Carlos Neto pela confiança e amizade.

Aos familiares pelo carinho e incentivo, inclusive quando o cotidiano nos empurrou para desencontros. Às tias Ângela Maria Reis, Iêda Donato Diniz e Judith Maria Reis com quem também aprendo desde sempre sobre desafios e lutas que delineiam o ser mulher em nossa sociedade.

Aos/às amigos/as que encontrei nos caminhos entre Hip Hop e Feminismo Negro que me ensinam sobre os sentidos da palavra parceria. Ao Atitude de Mulher, Odum Orixás, Eduardo Vieira (Dw), Paula Silva, Maria dos Anjos Santos (Madu), Poliane Honorato, Adelson Santos (Sabará), Elisângela Silva, Valeria Cristina da Silva.

Às Negras Ativas, Flávia dos Santos, Larissa Amorim, Lauana Nara, Tainara Lira, Mônica Silva, Vanessa Beco, co-autoras deste trabalho, pela confiança, disponibilidade e apoio durante o processo de realização da pesquisa e pela possibilidade de dividirmos um projeto coletivo e sonhos de um mundo melhor.

Às equipes da coordenação e da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, pelo suporte garantido em meu percurso no mestrado.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante os dois anos de mestrado, de significativa importância para o desenvolvimento desta dissertação.

*O nosso feminismo se inspira nas guerreiras africanas, mães, avós, bisavós, tataravós, Negra Dandara, Lélia Gonzáles, Luiza Maihn, Guerreiras que lutaram por mim.*

***Negras Ativas***

*Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. A nossa escrevivência não pode ser lida como história para "ninar os da casa-grande" e sim para acordá-los de seus sonos injustos.*

***Conceição Evaristo***

*As mulheres que me ajudaram durante essa etapa foram negras e brancas, velhas e jovens, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, mas todas compartilhamos a luta da tirania do silêncio. Todas elas me deram a força e a companhia sem as quais não teria sobrevivido intacta. (...) Neste país em que a diferença racial cria uma constante, ainda que não seja explícita, distorção da visão, as mulheres negras temos sido visíveis por um lado, enquanto que por outro nos fizeram invisíveis pela despersonalização do racismo. (...) Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é de uma necessidade vital para nós estabelecer e examinar a função dessa transformação e reconhecer seu papel igualmente vital dentro dessa transformação.*

***Audre Lorde***

## RESUMO

Este trabalho se dedicou a compreender as maneiras pelas quais o Feminismo Negro poderia estar sendo vivido por jovens negras para além de espaços, formatos e sentidos consolidados nas trajetórias de outras gerações do Movimento de Mulheres Negras. A pesquisa foi realizada junto à Organização de Mulheres Negras Ativas, um coletivo da Região Metropolitana de Belo Horizonte vinculado ao Hip Hop e ao Movimento de Mulheres Negras. Como procedimentos metodológicos adotamos observação participante, análise de documentos e materiais de produção simbólica, entrevistas individuais e roda de conversa, com o intuito de favorecer a interlocução, a interpretação e a prática argumentativa entre os diferentes saberes em jogo no processo investigativo. Analisamos as dinâmicas do campo social no qual a Organização de Mulheres Negras Ativas se insere lançando mão do Hip Hop tanto como estratégia quanto como espaço de atuação coletiva. Ao identificarmos oportunidades e dificultadores para a participação política nesse cenário, investigamos em quais circunstâncias o Hip Hop pode aparecer como algo que escapa de normatizações, regulações e enquadramentos que incidem sobre a ação coletiva de jovens negras. Discutimos se e como a Cultura Hip Hop, como expressão dessas jovens, tem se relacionado a conflitos estabelecidos na esfera pública que interpelam determinada ordem social e explicitam bandeiras e projetos de sociedade feministas negros.



Palavras-chave: Hip Hop, Feminismo Negro, jovens negras, participação política.

## ABSTRACT

This work was devoted to understanding ways in which Black Feminism could be experienced by young black women beyond spaces, formats and meanings consolidated in the trajectories of other generations of the Black Women's Movement. The research was carried out with the women's organization Negras Ativas, a collective from the Metropolitan Region of Belo Horizonte linked to both Hip Hop and the Black Women's Movement. As methodological procedures we used participant observation, analysis of documents and materials of symbolic production, individual interviews and discussion groups, with the purpose of favoring interlocution, interpretation and argumentative practice between the different knowledge that are part of the investigative process. We analyzed dynamics of the social field in which the women's organization Negras Ativas inserts itself by using Hip Hop both as a strategy and as a space for collective action. By identifying opportunities and difficulties to political participation in this scenario, we investigated under what circumstances the Hip Hop may appear as something that escapes norms, regulations and frameworks that impact the collective action of young black women. We discussed whether and how the Hip Hop Culture, as an expression of these young black women, has been related to conflicts established in the public sphere that question certain social order and evidence black feminist's flags and projects.



Keywords: Hip Hop, Black Feminism, young black women, political participation.

**SUMÁRIO**

**1. CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS DA PESQUISA.....11**
1.1. Contexto da Pesquisa ..... 11
1.2. Formulação do Tema de Pesquisa ..... 16
1.3. Delineamento do Percurso Metodológico ..... 20
1.3.1. *Procedimentos Metodológicos* ..... 20
1.3.2. *Análises dos Dados* ..... 26
1.3.3. *Interseções entre Pesquisa e Militância e Questões Metodológicas a partir delas Vivenciadas* ..... 28
1.4. Hip Hop Como Campo de Estudos e Referenciais Teórico-Analíticos ..... 32
**2. OS LUGARES OCUPADOS PELO HIP HOP E PELO FEMINISMO NEGRO NOS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE UM COLETIVO DE JOVENS NEGRAS.....41**
2.1. Aspectos Históricos sobre a Emergência do Hip Hop como Campo de Atuação para as Juventudes Negras e Periféricas.....41
2.2. Hip Hop como Campo de Constituição de um Coletivo de Jovens Negras ..... 52
2.3. Configurações Atuais do Hip Hop na Região Metropolitana de Belo Horizonte e como as Negras Ativas se Organizam nesse Campo.....75
2.4. Outros Aspectos que se Destacam na Organização Atual das Negras Ativas ..... 78
2.5. Feminismo Negro como Perspectiva para a Organização e Ação Coletiva de Militantes Negras.....91
**3. HIP HOP E UM CENÁRIO DE OPORTUNIDADES E DIFICULTADORES PARA A EMERGÊNCIA DA AÇÃO COLETIVA DE JOVENS NEGRAS NA ESFERA PÚBLICA – QUAIS POSSIBILIDADES SE ANUNCIAM?.....97**
3.1. Articulação em Rede do Hip Hop na Cena Belorizontina ..... 100
3.2. Instituição e Consolidação da Política Nacional de Juventude ..... 112
3.3. III Encontro Nacional de Mulheres Negras e Feminismo Negro – Aproximações e Distanciamentos entre Experiências de Militantes Negras de Diferentes Gerações – Cultura, Política, Institucionalização e Academia.....124
3.3.1. *Militância, Academia e Profissionalização* ..... 127
3.3.2. *Institucionalização, Projetos de Intervenção e Possibilidades de Continuidade da Ação Coletiva* ..... 134
**4. TENSÕES, CONFLITOS E DISPUTAS – ONDE SE SITUA O HIP HOP?.....152**
4.1. Bandeiras de Luta e Concepções de Democracia Visíveis em um Campo Impactado pela Assimilação ..... 153
4.2. Bandeiras de Luta e Concepções de Democracia Visíveis em um Campo Impactado pela Desarticulação da Política.....164
4.3. Hip Hop como Estratégia de Visibilidade e Campo Discursivo de Disputa ..... 171
4.4. Estratégias e Imperativos Ligados à Ocupação de Espaços ..... 177
**5. HIP HOP E PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NEGRAS – QUANDO É POSSÍVEL FALAR EM AÇÃO POLÍTICA?.....185**
**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....191**
**ANEXO I.....200**
**ANEXO II.....208**
**ANEXO III.....214**
**ANEXO IV.....220**

# HIP HOP E FEMINISMO NEGRO NOS PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NEGRAS

## 1. CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS DA PESQUISA

### 1.1. Contexto da Pesquisa

Este trabalho é continuidade de uma proposta de se compreender o processo de organização política de jovens negras que surgiu articulada aos estudos sobre a participação em movimentos sociais desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Psicologia Política da Universidade Federal de Minas Gerais. O Núcleo de Psicologia Política atua no desenvolvimento de estudos no campo da Psicologia Política com temáticas que envolvam as relações de poder e as formas de engajamento, participação e controle social, tanto através de ações coletivas – aquelas mobilizadas por demandas coletivas formuladas a partir da delimitação de fronteiras que diferenciam *nós* de *eles* –, quanto no contexto das políticas públicas ou práticas institucionais. Um dos projetos vinculados ao núcleo foi a pesquisa de mestrado "As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras" desenvolvida por Cristiano Santos Rodrigues, sob orientação do Professor Doutor Marco Aurélio Máximo Prado, e finalizada no ano de 2006. Esse trabalho foi realizado com lideranças que atuaram na constituição do Movimento de Mulheres Negras, movimento social que aparece publicamente através de conflitos e disputas estabelecidas em torno da articulação de demandas de promoção da igualdade racial e de igualdade de gênero[1], tendo como perspectiva política o Feminismo Negro[2]. A

[1] Estamos utilizando neste trabalho gênero como categoria social e analítica que se refere a um fenômeno inconstante, contextual e performativo, que não representa um substantivo, mas um ponto relativo de interseção entre relações de poder que se convergem cultural e historicamente, ocasionando significações e enquadramentos identitários acerca do que é ser homem e o que é ser mulher que produzem e sustentam regulações e desigualdades (Butler, 2008).

[2] Estamos entendendo como Feminismo Negro, conforme discutiremos melhor no capítulo 2, a perspectiva de ação política que consiste na articulação entre disputas e antagonismos estabelecidos em torno de demandas de promoção da igualdade de gênero e promoção da igualdade racial (e suas interseções com classe social). Ainda que utilizemos a noção de Feminismo Negro no singular, para fins de escrita, não estamos aqui considerando essa perspectiva de ação política como se fosse um bloco homogêneo. No campo de atuação do Feminismo Negro se delineiam diferenças e tensões que abordaremos ao longo deste estudo.

referida pesquisa de mestrado teve como objetivo compreender os processos que se articulam na produção das identidades coletivas do movimento e em sua relação com a esfera pública. Com o intuito de melhor entender as experiências participativas de novas gerações de mulheres negras realizei nos anos de 2006 e 2007 a pesquisa de iniciação científica "A participação política de jovens negras em Belo Horizonte: estudo sobre a Organização de Mulheres Negras Ativas"[3], sobre a emergência pública, dinâmica de organização e participação política[4] de um coletivo constituído por jovens negras moradoras da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A questão que impulsionou a pesquisa desenvolvida na época foi: em que dinâmicas estão inseridas as jovens que de alguma forma se vinculam ao Movimento de Mulheres Negras, mas não têm se destacado em produções acadêmicas nem em outros documentos que tratam da experiência desse movimento? Pensei que o fato dessas jovens negras geralmente não serem mencionadas nas produções sobre o movimento poderia indicar ou que essa experiência coletiva não estava passando por renovações (ao menos no que se refere ao surgimento de novas militantes que se nomeiam e são nomeadas como pertencentes ao movimento) ou que essas novas militantes têm ocupado lugar de menor visibilidade enquanto pertencentes ao Movimento de Mulheres Negras.

Essa desconfiança me levou a investigar através de quais formas o Feminismo Negro poderia estar sendo vivido por novas gerações para além de espaços e formatos "estabelecidos de maneira unívoca" (Cruz, Luz e Gómez-Ramírez, Oralia, 2008), como as ONGs, fundações, conselhos, secretarias e academia, ocupados por militantes de gerações anteriores, reconhecidas pela autonomização do Movimento de Mulheres Negras.

Dessa forma cheguei até a Organização de Mulheres Negras Ativas, coletivo que na ocasião tornou-se o principal interlocutor no processo de pesquisa. A Organização de Mulheres Negras Ativas foi criada no ano de 2003 e é caracterizada por suas integrantes

[3]A referente pesquisa inseriu-se no projeto "Identidades coletivas, antagonismos políticos e procedimentos da tradução: um estudo das estratégias de mobilização e da dinâmica de articulação dos movimentos sociais", orientado pelo Professor Doutor Marco Aurélio Máximo Prado. Trabalhamos no levantamento da história de constituição da Organização de Mulheres Negras Ativas, buscando compreender como as relações raciais e de gênero se delineavam; e na identificação de formas de participação, mobilização social e práticas grupais.

[4] Estamos entendendo participação política enquanto aquela que se estabelece na esfera pública, em um contexto de disputas e antagonismos que se direcionam a produção de dissensos e interpelação da ordem social vigente. Discutiremos melhor esse conceito na sessão 1.3.

enquanto uma organização negra e feminista[5] que:

> (...) com arte e política trabalha para a superação das desigualdades raciais, geracionais e de gênero através da criação de espaços/tempos inovadores nas/das relações de poder. A Organização foi criada a partir do reconhecimento que jovens negras e periféricas tiveram do significado de sua presença e atuação junto a outras mulheres. (Trecho do Projeto Rosas Negras[6])

A Organização de Mulheres Negras Ativas desenvolve ações diversificadas que geralmente dialogam, expressam ou fazem referência a elementos culturais de matriz negra, especialmente os da Cultura Hip Hop[7], cultura historicamente associada ao contexto urbano e à experiência de jovens negros/as de origens periféricas. Dentre as ações desenvolvidas pela Organização destacam-se: shows do grupo de rap Negras Ativas, que integra o coletivo; oficinas e projetos de intervenção; rodas de conversa; participação em espaços e processos de articulação entre entidades vinculadas a movimentos sociais e em espaços de formulação e controle de políticas públicas; publicações e distribuição de textos e boletins informativos. Possui oito integrantes, sendo duas atuantes diretamente no grupo de rap, em alguns momentos em parceria com uma terceira integrante que se encontra afastada de algumas ações da organização. Hoje o grupo que começou enquanto grupo exclusivamente composto por jovens já apresenta um perfil misto do ponto de vista etário. Mas segue atuando visando o enfrentamento ao adultocentrismo[8] nas relações e sendo identificado no cenário de participação, especialmente no mais institucionalizado, enquanto grupo jovem que representa, em

[5] Neste estudo estamos trabalhando com a idéia de Feminismo enquanto perspectiva política que orienta a inserção do Movimento Feminista na esfera pública através de conflitos e disputas estabelecidas em torno da articulação de demandas de promoção da igualdade de gênero e enfrentamento ao machismo. Temos tratado neste texto de Movimento Feminista e Feminismo no singular para efeitos de escrita, mas considerando a sua heterogeneidade, expressa através de distinções, tendências, correntes e tensões.

[6] Projeto da Organização de Mulheres Negras Ativas, desenvolvido nos anos de 2009 e 2010, que propõe "um processo coletivo de formação de mulheres jovens a partir de espaços político-culturais de diálogo e partilha entre as negras jovens e as feministas de outras gerações" (...) e "uma rede de cooperação entre estas mulheres e destas com outras instituições, constituindo-se como uma campanha de visibilização e popularização do Feminismo Negro em Belo Horizonte e Região Metropolitana". Fonte: Projeto Rosas Negras – Organização de Mulheres Negras Ativas.

[7] A Cultura Hip Hop é constituída por cinco elementos: *break* (dança), grafite/*graffiti* (artes plásticas), discotecagem (ritmos eletrônicos), rap (canto), conhecimento (ações e saberes que se direcionam à produção de uma atitude contestatória e transformadora da realidade). No segundo capítulo apresentaremos melhor o que estamos entendendo por Cultura Hip Hop e elementos históricos relacionados a suas configurações.

[8] Nesta dissertação estamos trabalhando com a ideia de adultocentrismo como paradigma que justifica processos de inferiorização de crianças e jovens, desigualdades e opressões, a partir da naturalização de diferenças geracionais e de hierarquias estabelecidas nas relações intergeracionais.

alguma medida, interesses e demandas de jovens negras. A identificação de outras jovens negras com ações políticas de enfrentamento ao racismo e ao machismo (ou o reconhecimento da importância da ação feminista negra) é um critério utilizado pelo grupo para agregar novas participantes. A entrada de novas Negras Ativas desde a criação do coletivo tem se dado mediante convite feito pelas participantes já atuantes, geralmente após decisão tomada em conjunto. Nesse sentido, o coletivo não se configura como um grupo aberto a qualquer pessoa que se interesse por nele participar diretamente.

As Negras Ativas me chamaram atenção por apontarem, através de seus discursos e ações, o Feminismo Negro enquanto perspectiva e motor de sua atuação coletiva e se vincularem ao Movimento de Mulheres Negras enquanto grupo juvenil, lançando mão para isso de uma diversidade de estratégias, dentre elas as expressões do Hip Hop:

> O nosso feminismo se inspira nas guerreiras africanas, mães, avós, bisavós, tataravós, Negra Dandara, Lélia Gonzáles, Luiza Maihn, Guerreiras que lutaram por mim (Trecho da música "Que Venha a Folga, Mesmo que Tardia", do grupo de rap Negras Ativas).

Tanto a pesquisa de iniciação científica sobre a participação de jovens negras no Movimento de Mulheres Negras quanto a atual pesquisa de mestrado se configuraram como um trabalho realizado em um espaço de encontro entre as experiências de militância e de pesquisa, uma vez que em 2006 fui convidada a integrar o grupo em estudo.

Nos processos investigativos e de participação em Negras Ativas, recorrentemente me deparo com o argumento por parte das Negras Ativas de que seu Hip Hop é político e politizador.

Tenho entendido que a experiência de Negras Ativas não é marcada por uma exclusividade, mas se insere em um cenário mais amplo no qual se configuram oportunidades e dificultadores para a participação de outras jovens negras em situação semelhante. Observo desde a época em que desenvolvi a pesquisa de iniciação científica, por exemplo, que a Cultura Hip Hop se configura como uma expressão e campo de atuação para um número significativo de jovens negras em resposta às dinâmicas dos contextos em que estão inseridas:

> O movimento de mulheres negras é um dos avanços mais importantes da última década do feminismo no Brasil, e não ao azar, nesse, as mulheres jovens têm contribuído para uma outra forma de se expressar culturalmente, como por exemplo, um Hip Hop não machista, o

reconhecimento da beleza negra, o resgate da auto-estima (Castro, 2004, p. 7).

O Hip Hop aparece em suas trajetórias enquanto uma cultura/expressão/campo associado à experiência de militância das juventudes[9]. Assim como as Negras Ativas, outras jovens negras de condições sociais e percursos semelhantes têm, dessa forma, utilizando elementos da Cultura Hip Hop como instrumentos de sensibilização, mobilização, e denúncia de preconceitos e discriminações vivenciadas socialmente, exemplificando como elementos sócio-históricos e as maneiras como as juventudes se expressam relacionam-se em resposta ao contexto social em que estes atores encontram-se inseridos (Sousa, 1999). Essas jovens têm participado em âmbito nacional de encontros e fóruns de mulheres atuantes no Hip Hop. Atualmente se destaca, por exemplo, a construção de uma Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop[10], criada com o intuito de garantir nesse cenário uma articulação permanente e maior visibilidade das hip hoppers, em sua maioria jovens negras e pobres.

[9] Estamos trabalhando aqui com as idéias de juventudes e geração enquanto categorias sociais que englobam o conjunto de significados, produzidos socialmente a partir de relações de poder e disputa, e atribuídos à hierarquia geracional e às posições nela ocupadas (Bourdieu, 1983). Ainda que para fins de escrita em alguns momentos empreguemos o conceito juventude no singular, estamos considerando a heterogeneidade de experiências significadas como juvenis, produzidas na articulação de relações de poder geracionais, de raça, de classe, de gênero, daquelas ligadas à questão do território, etc.

[10] Site da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop: http://www.mulheresnohiphop.com.br/

## 1.2. Formulação do Tema de Pesquisa

Estudos na área da participação das juventudes têm sinalizado que o campo das culturas populares juvenis vem se constituindo como espaço de "remodelação e apropriação de um feminismo pautado nas experiências e visões de mundo de jovens-adolescentes" (Weller, 2005, p. 112). Ainda que na trajetória das Negras Ativas o Hip Hop seja recorrentemente nomeado pelo grupo e por atores com os quais interage enquanto político e elemento importante para a ação coletiva, percebo desde os primeiros contatos com o coletivo que nem sempre ele é privilegiado como campo de ação. Isso me levou a perguntar se, em quais circunstâncias e ocupando quais lugares o Hip Hop na experiência das Negras Ativas poderia se aproximar de uma atuação política. Interessou-me ainda discutir em que medida essa aproximação poderia representar uma forma de atualização do Feminismo Negro na experiência de jovens negras que lançam mão de suas expressões visando atuar de forma política, além de manifestar-se artisticamente. Minha intenção quando construí a proposta desta pesquisa era identificar como as apropriações e remodelações, através da Cultura Hip Hop, de valores, bandeiras e projetos de sociedade feministas e centrados na promoção da igualdade racial reverberam no campo político. Ou seja, discutir se e como a Cultura Hip Hop, enquanto expressão de jovens negras, incide nos campos de disputa em que as categorias gênero, raça[11], classe social[12] e geração se articulam como elementos importantes para a compreensão dos processos de interpelação de um estado de coisas vigente.

Considerei que para entendermos em que medida a apropriação do Hip Hop na trajetória das militantes jovens negras se configura como ação política seria importante aprofundar na discussão das seguintes questões: Quais os lugares assumidos pela

[11] Raça é abordada neste trabalho como categoria social que não se fundamenta em uma idéia de natureza, objetividade ou biologia. Refere-se às construções sociais estabelecidas em relações de poder nas quais são produzidas normatizações que traçam filiações e pertenças grupais de acordo com o contexto histórico, demográfico e social, ancoradas em características fenotípicas e culturais percebidas e significadas enquanto raciais (Guimarães, 2005).

[12] Estamos trabalhando com a idéia de classe enquanto categoria social definida pelas diferentes posições ocupadas nas relações e hierarquias de poder em relação ao acesso a capitais materiais e simbólicos, às vivencias de desqualificação e ao privilégio e desprivilegio social. Consideramos que o entendimento sobre como se estabelecem privilégios e desprivilégios ligados à questão de classe depende da compreensão das formas através das quais o racismo incide na distribuição desigual de recursos e reconhecimento social (Souza, 2003).

Cultura Hip Hop nos processos de participação frente às desigualdades e opressões raciais e de gênero engendrados por novas militâncias? Dito de outra forma, perguntei: como e de que forma as expressões do Hip Hop contribuem ou não para ações políticas desenvolvidas por jovens negras e as aproximam do Feminismo Negro? Ou seja, em quais condições o Hip Hop possibilita o estabelecimento de conflitos que envolvam a interpelação pública das hierarquias sociais nas quais as Negras Ativas e outras jovens negras se encontram inseridas?

Desses questionamentos resulta a presente pesquisa de mestrado, que se enquadra na linha *Política e Identidade* da área da *Psicologia Social*. Com a pesquisa de mestrado, buscamos, através de análises ancoradas na dinâmica cotidiana de organização e participação da Organização de Mulheres Negras Ativas, entender as possibilidades de articulação entre política e Cultura Hip Hop para o desenvolvimento, por jovens militantes, de ações do Feminismo Negro que tensionem publicamente a ordem social que sustenta relações de opressão.

Para isso, tentamos compreender melhor como se configuram oportunidades e regulações da ação coletiva que se estabelecem no cenário no qual o coletivo se constitui, se organiza, se articula com outros atores sociais e incide publicamente, e como ele se posiciona em relação a elas. Analisando o campo social no qual se desenvolve a atuação das Negras Ativas, experimentamos identificar em quais circunstâncias o Hip Hop pode aparecer enquanto algo que escapa a normatizações e enquadramentos da ação das jovens negras apontando para conflitos estabelecidos na esfera pública que se explicitam em bandeiras e projetos de sociedade feministas negros.

O interesse que perpassa esta pesquisa tem sido, então, discutir as possibilidades e impasses para a ação política de jovens negras que atuam através do Hip Hop apropriando-se de seus espaços e expressões como forma de atuação feminista negra. Para fins de escrita, nomearemos nossas interlocutoras como jovens negras ou jovens hip hoppers, mas sabemos que tanto as formas de participação de jovens negras quanto seus interesses ligados à política são diversos, sendo o Hip Hop apenas uma possibilidade de investimento e identificação. Da mesma forma, estamos cientes de que as experiências no campo do Hip Hop são variadas não sendo a atuação política um interesse, demanda ou possibilidade unânime nesse campo. Reconhecemos que a Cultura Hip Hop se articula principalmente em torno da dimensão estética e não temos

o interesse em lançarmos sobre ela um olhar utilitarista que considera que ela necessariamente deve ser, por exemplo, resposta a problemas cotidianos (Weller, 2005). Nossa pergunta sobre o Hip Hop surgiu da forma como ele se configura na experiência das Negras Ativas e de outras jovens negras que com ele se articulam e não do fato de considerarmos que necessariamente o Hip Hop é ou deveria ser político ou ação política feminista negra. É importante destacar ainda que por jovens hip hoppers não estamos entendendo apenas aquelas que se expressam diretamente através de algum dos elementos culturais do Hip Hop, mas também aquelas que estabelecem processos de identificação e socialização ligados a essa cultura. Usaremos essa nomeação especialmente para trabalhar as relações das jovens negras participantes da pesquisa com a Cultura Hip Hop e seus atores em seu processo de organização e atuação coletiva.

Em estudos sobre a participação das juventudes tem sido discutido que atualmente a política adquire sentido e importância para muitos/as jovens brasileiros/as através de práticas que por vezes se distanciam daquelas consideradas tradicionais (Castro, 2008). Como exemplo de práticas geralmente nomeadas como tradicionais podemos citar a participação em partidos políticos, sindicados e movimentos estudantis. Na tentativa de contribuir para esse debate, temos nos perguntado nesta pesquisa se a utilização de expressões culturais como recurso na experiência de participação juvenil, além de poder se relacionar a uma menor aposta por parte de novas gerações no potencial democratizador das formas consideradas tradicionais de se fazer política e a um investimento em novas possibilidades de participação, pode estar ligada também a um cenário político marcado por assimetrias geracionais que se manifestam no acesso limitado às estruturas institucionais e legitimadas de participação, hierarquizando as possibilidades de incidência pública de diferentes atores nesses espaços (Minayo e Boghossian, 2009).

Ainda que se observe a importância do papel que grupos culturais femininos desempenham na construção da identidade étnica e de gênero de suas participantes, trabalhos como o de Weller (2005) apontam que práticas culturais da juventude continuam recebendo pouca atenção por parte dos estudos feministas no Brasil e em outros países. Sinalizam, assim, para a necessidade de se investir em estudos que priorizem o entendimento das formas de apropriação e re-elaboração de manifestações culturais nos distintos contextos em que mulheres jovens encontram-se inseridas com vistas a se compreender melhor se e de que maneiras suas experiências contribuem para

o questionamento de contradições existentes nas culturas patriarcais (Weller, 2005). No caso das jovens negras ligadas ao Hip Hop e identificadas com o Feminismo Negro, consideramos que um olhar atento para suas dinâmicas de participação pode auxiliar no entendimento das possibilidades de suas ações culturais estabelecerem também tensionamentos nas relações raciais e geracionais nas quais estas se inserem.

Ao assumirmos um enfoque analítico que priorize o entendimento das experiências participativas das jovens negras, os saberes, estratégias e fazeres nelas em jogo, pretendemos nos posicionar contrariamente a uma universalização que desconsidera contribuições para os campos político e científico de determinadas experiências historicamente invisibilizadas (Haraway, 1995; Santos, 2002).

Segundo Santos (2002), a experiência social é mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental, chamada por ele de razão indolente, conhece ou considera importante. Ele afirma que a tradição científica ou filosófica ocidental tem atuado na desvalorização, no não reconhecimento, e no conseqüente desperdício de saberes e experiências, consideradas ao longo da história como inexistentes, destacando que sempre que uma experiência é desqualificada e tornada invisível ou descartável, é produzida uma não existência.

Tentando evitar o "desperdício de experiências" (Santos, 2002), buscamos, através da atual pesquisa de mestrado, pensar a ação política contra as opressões raciais e de gênero para além dos formatos e sentidos produzidos pela militância reconhecida pelos registros históricos e por sua vinculação à esfera político-institucional, sem deixar de compreender e reconhecer a contribuição das gerações nomeadas como históricas para o surgimento das ações políticas contemporâneas e as conexões entre seus saberes e fazeres. Acreditamos na importância da aproximação em relação a práticas e saberes construídos nos diferentes espaços onde a ação política pode emergir como forma de se apreender a diversidade da participação de mulheres negras feministas no cenário público, sem cair numa fragmentação analítica.

## 1.3. Delineamento do Percurso Metodológico

### 1.3.1. *Procedimentos Metodológicos*

Conforme mencionamos no capítulo anterior, este trabalho foi desenvolvido a partir do lugar de integrante do grupo que se configura como principal interlocutor da pesquisa. Assim as perguntas em torno das quais o trabalho circula dialogam também com o que tem sido vivenciado como participante da Organização de Mulheres Negras Ativas. O delineamento do percurso metodológico e dos procedimentos nele envolvidos foi diretamente influenciado pelas mudanças que o grupo sofre em sua dinâmica ao longo do processo de pesquisa. Isso porque entendemos o percurso metodológico como parte do fazer social científico. Desenvolvemos a metodologia deste trabalho com o intuito de favorecer a interlocução, a interpretação e a prática argumentativa entre os diferentes saberes em jogo no processo investigativo, o que é radicalmente diferente de se buscar a apreensão neutra de uma verdade. Dessa forma, a participação no grupo e as observações acerca de sua dinâmica foram gerando reposicionamentos em relação ao uso de determinados procedimentos metodológicos.

Iniciamos o percurso metodológico desta pesquisa apostando na observação participante (Mendes, 2003), registrada em diário de campo (Reboredo,1992), como um procedimento a ser priorizado para a análise da experiência das Negras Ativas. O fato de pesquisadora também participar ativamente enquanto integrante do grupo, vivenciando seu cotidiano de organização e atuação, permitiu a realização de análises ancoradas também naquilo que é experimentado a partir dessa posição. Esse recurso metodológico foi utilizado em atividades variadas nas quais o grupo se envolve cotidianamente como, por exemplo, reuniões internas de planejamento e avaliação de projetos e ações; atividades formativas internas; shows; atuação em redes, fóruns, conferências, seminários e encontros relacionados à militância e ao Hip Hop; oficinas; rodas de conversa; etc. A observação participante possibilitou abordar analiticamente mecanismos sociais de construção da ação coletiva que têm lugar fora do "espaço público", mas que trazem conteúdo fundamental à mobilização (Tejerina, 2005). Criou condições para análises das relações, dilemas, negociações e tensões estabelecidas internamente. Favoreceu também a compreensão das interações estabelecidas com parceiros e com adversários. A partir dela buscamos identificar quando, como e porque

são delineadas alianças, tensões e conflitos e tentamos compreender se, onde e como o Hip Hop se insere em processos de estabelecimento de disputas e desacordos que podem se direcionar à interpelação da ordem social desigual vigente. Para essa análise, tentamos manter como referencial a crítica feminista à dicotomia público/privado (Benhabib e Cornell, 1987). Com a análise da articulação entre dinâmicas interna e externa, esperávamos poder compreender como se estabelece a relação entre política e Hip Hop nas delimitações de fronteiras grupais, na formulação de bandeiras de luta e projetos de sociedade e no desenvolvimento de ações por parte da Organização de Mulheres Negras Ativas. O uso do diário de campo serviu à realização de notas sobre acontecimentos acompanhados, vivenciados e interpretados, e contribuiu para o registro e estudo das relações que se delinearam ao longo da pesquisa. Permitiu também registrar reflexões sobre os saberes nesse processo localizados (Haraway, 1995). Auxiliou ainda na tomada de notas e reflexão acerca da experiência de pesquisadora e militante e de seus desafios. Os relatos e reflexões registrados foram base para as análises referentes à observação participante realizada. O diário de campo favoreceu o acompanhamento das mudanças que os sujeitos envolvidos vivenciaram ao longo do processo de pesquisa (Reboredo,1992), sendo importante inclusive para a reflexão acerca de novos rumos metodológicos estabelecidos a partir dessas transformações.

O segundo ano de mestrado, momento reservado para o maior desenvolvimento da pesquisa de campo, coincidiu com algumas transformações ocorridas na dinâmica de participação de Negras Ativas, sobre as quais discorreremos com maior cuidado posteriormente, marcadas por uma menor articulação do grupo para se encontrar e desenvolver de forma coletiva e presencial atividades mais cotidianas, o que em outros momentos de sua trajetória era bastante corriqueiro. Essa mudança na dinâmica do coletivo fez com que a observação participante e o diário de campo fossem utilizados nesse segundo ano de maneira menos freqüente e contínua que a esperada. De toda forma, podemos dizer que a observação via participação no grupo foi marcada por “envolvimento” e “interação”. Participar como pesquisadora e integrante de Negras Ativas permitiu lançar mão da observação participante para sentir, estando nessa dupla posição, as “redes de dominação” que nos afetam (Mendes, 2003), bem como analisar as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por nós coletivamente.

Em contrapartida, diante das transformações na forma de organização do coletivo, a compilação e análise de materiais de produção simbólica do grupo, como

cartilhas, panfletos, textos, letras de música, e documentos, inicialmente pensada como um procedimento secundário, foi se tornado um importante recurso para se trabalhar com discursos que não estavam sendo acessados com muita freqüência no cotidiano.

Nosso intuito com o desenvolvimento da pesquisa documental foi mapear, a partir de registros que nos aproximam da história das Negras Ativas, o cenário e o percurso de surgimento, organização, articulação com outros atores sociais e atuação pública do coletivo, tentando identificar quais lugares o Hip Hop neles ocupa. Buscamos entender os sentidos atribuídos à participação através do/no Hip Hop, a quais finalidades ela serviu ao longo dos anos, bem como o que mudou nas formas de apropriação da Cultura Hip Hop pelo grupo, porque e como mudou. Ao abrir caminho para a retomada analítica da história da Organização de Mulheres Negras Ativas, o estudo dos documentos contribuiu para uma maior compreensão de como têm sido construída e reconstruída a relação entre política e Cultura Hip Hop em sua trajetória de atuação:

> Em vez de aplicar ou testar uma dada teoria, as histórias e os documentos devem ser vistos como recursos que os intervenientes usam para clamar, repudiar, resistir ou imputar, de forma justificável e responsável, certas relações entre biografia e história. A memória e o esquecimento são mobilizados ou não para fazer algo, para justificar atitudes e ações (Mendes, 2003, p. 18).

O acesso a uma grande quantidade de materiais foi facilitado pelo fato de pesquisadora ser também integrante e poder contribuir para organização e sistematização dos mesmos através de seu trabalho, o que era um interesse do grupo. Para auxiliar no processo de análise elaboramos um catálogo dos materiais compilados (anexo I)[13] que foram classificados a partir das seguintes categorias: *data de elaboração/publicação, título, tipo, função, origem, informações sobre o conteúdo*. Essas categorias foram pensadas a partir de uma leitura inicial de todo o material e serviram basicamente para a sua organização, síntese e para a identificação de seu contexto de produção/publicação e dos atores envolvidos no processo. Realizamos novas leituras do material sistematizado tentando identificar elementos que se destacaram nos documentos e que consideramos que ajudam a entender o cenário de atuação e a forma como nele se tem se configurado a emergência, organização, articulação e incidência pública das Negras Ativas. Com base nesse exercício e na

[13] Como fizemos a catalogação de um total de 199 documentos, optamos por anexar na dissertação trechos desse catálogo que ilustrassem o trabalho maior realizado.

observação participante, fomos elaborando um mapeamento (anexo II)[14] de espaços de articulação com outros atores sociais e processos que se relacionaram à trajetória de emergência e ao movimento de incidência pública do coletivo. Buscamos, durante o desenvolvimento desse mapeamento, tecer perguntas e questionamentos que no diálogo com o grupo poderiam nos ajudar a entender melhor os lugares que o Hip Hop parecia assumir nesses espaços/processos. Essas indagações compuseram os roteiros (anexos III e IV) utilizados no desenvolvimento dos outros dois procedimentos metodológicos que apresentaremos a seguir.

Planejamos devolver para o grupo ao longo do processo investigativo as análises parciais resultantes da observação participante e da pesquisa documental, numa proposta dialógica. Pensamos na possibilidade de realizar essas devoluções através de rodas de conversa que possibilitassem mais que apresentar resultados do trabalho analítico da pesquisadora, debatê-los juntamente com as análises tecidas pelo grupo sobre sua trajetória. A escolha das rodas de conversa deu-se também em decorrência do fato do próprio grupo reconhecê-las enquanto recurso metodológico que facilita a circulação e encontro de falas distintas, favorecendo reflexões coletivas acerca de um mesmo tema. As Negras Ativas têm priorizado esse procedimento metodológico em várias das ações realizadas pelo coletivo. Além disso, como se trata de um grupo que já tem uma prática reflexiva consistente sobre sua experiência, consideramos que a existência de um espaço de encontro e debate sobre reflexões produzidas no processo de pesquisa e reflexões advindas de outras experiências de suas integrantes favoreceria a localização e tradução de saberes e um maior aproveitamento dessa experiência reflexiva para a produção de análises que dialoguem mais com as demandas e conhecimentos produzidos pelo grupo (Haraway, 1995; Santos, 2002).

Nossa expectativa era que as rodas de conversa favorecessem a emergência da opinião do grupo frente às devoluções, bem como a narração e a análise coletiva sobre as experiências discutidas, mais que a descrição de fatos (Weller, 2010) ou a repetição de leituras cristalizadas do grupo e da pesquisadora sobre a realidade deste. Assim, buscamos construir a roda de conversa como espaço no qual as premissas levadas para o

[14] Esse mapeamento é acompanhado por uma tabela na qual identificamos o nome e a data de cada espaço/processo mapeado e descrevemos brevemente como se estabeleceu nele a incidência da Organização de Mulheres Negras Ativas. Mapeamos 55 processos e espaços que auxiliaram na compreensão de configurações do cenário de emergência, articulação e incidência pública do coletivo e como ele nesse cenário se movimenta. Tendo em vista a extensão desse mapeamento disponibilizamos na dissertação alguns de seus trechos que pudessem ilustrar o trabalho geral realizado

debate perdessem o estatuto de pressupostos e se transformassem em argumentos (Santos, 2002) elaborados na prática reflexiva. Propusemos gravar as discussões realizadas nas rodas de conversa para que fosse possível participar delas acompanhando seu dinamismo sem a preocupação de realizar anotações. As gravações poderiam ser utilizadas em novas análises, uma vez que acreditamos que seu conteúdo também representa uma forma de documentação da experiência coletiva e de aspectos importantes da dinâmica do grupo (Weller, 2010) que, ao ser estudada, pode nos aproximar de questões relacionadas ao problema de pesquisa investigado. Em nosso planejamento, o uso do diário de campo para registro posterior desses encontros não foi dispensado, uma vez que esse recurso possibilita que pesquisadora registre suas impressões em relação à experiência dialógica vivenciada. Tentamos realizar alguns desses encontros e, em decorrência da dificuldade de conseguir horários comuns entre as integrantes para se reunir, foi possível agendar uma roda de conversa de devolução.

Para garantirmos mais momentos de diálogo com nossas interlocutoras[15] acerca das observações e questões emergentes ao longo da pesquisa, apostamos na realização, anterior à roda de conversa, de entrevistas[16] semi-estruturadas individuais (Blee e Taylor, 2002) com as integrantes de Negras Ativas. Também entrevistamos duas participantes que tiveram importante atuação no coletivo e que se encontravam afastadas no momento de desenvolvimento da pesquisa, mas que se identificavam e eram identificadas como significativas parceiras. As perguntas dos roteiros (anexo III) utilizados nessas entrevistas foram pensadas, conforme mencionamos, a partir dos dados resultantes da observação participante e da análise de documentos, mas tinham também como objetivo possibilitar a emergência das percepções de cada entrevistada sobre o processo de participação do grupo, mais que capturar uma fala coletiva ou consensuada. Assim, ainda que grande parte das perguntas tenham se repetido em todos os roteiros

[15] Empregamos o termo interlocutora para nos referirmos ao tipo de relação de pesquisa que tentamos construir em conjunto com as Negras Ativas no desenvolvimento deste trabalho, e aos lugares nessa relação ocupados. Ser interlocutora, nesse sentido, vai mais além de se constituir enquanto sujeito de um campo de pesquisa. Trata-se de uma posição dialógica em relação a esse campo e aos demais atores nele inseridos, produtora de interpretações e saberes importantes para o desenvolvimento do trabalho científico, Isso posiciona as Negras Ativas, em certo sentido, como co-autoras do texto aqui apresentado (Cardoso de Oliveira, 2000).

[16] Deixamos a critério de cada entrevistada a decisão sobre se preferia ter seu nome citado ou usar um nome fictício por ela escolhido. Assim, alguns dos nomes atribuídos a integrantes da Organização de Mulheres Negras Ativas nesta dissertação são nomes fictícios. Os demais nomes mencionados nesta dissertação são fictícios, com exceção daquelas citações das Negras Ativas que destacam as contribuições de militantes para a história dos movimentos sociais e processos de atuação coletiva aqui analisados, contribuições estas que entendemos que deveriam ser visibilizadas neste trabalho.

utilizados, algumas foram formuladas de acordo com as trajetórias conhecidas de cada interlocutora com o intuito de valorizar as contribuições que as experiências específicas de cada uma delas poderiam dar ao trabalho de pesquisa e ao debate nele proposto. As entrevistas individuais se configuraram como um espaço interessante para um melhor entendimento sobre como cada uma tem vivenciado e refletido sobre a experiência coletiva, aspectos que nem sempre ficam explícitos no coletivo.

A roda de conversa de devolução foi planejada e realizada a partir de questões geradoras (organizadas no roteiro disponível no anexo IV), elaboradas a partir das análises iniciais das entrevistas e que tinham como função estimular o debate no grupo. A pergunta funcional *como* ou *de que forma* as ações ligadas ao Hip Hop desenvolvidas por Negras Ativas contribuem para a interpelação da ordem social desigual vigente foi pano de fundo para as questões apresentadas na roda de conversa (Weller e Pfapp, 2010). Esperávamos que a roda de conversa se configurasse como um espaço de debate no qual pudessem aparecer também discursos e análises sobre a experiência do grupo diferentes daqueles estruturados e utilizados estrategicamente no cotidiano de militância. Para que fosse possível a emergência desse tipo de discurso, consideramos importante que a posição da pesquisadora fosse marcada pela provocação, o que caracterizou o tom das questões geradoras elaboradas para esse encontro. Mais que perguntar com intuito de tirar dúvidas, foram apresentadas questões que tensionassem, incomodassem, mobilizassem falas pouco habituais do grupo acerca de sua experiência. Esse exercício não foi fácil, pois exigiu da pesquisadora um tom de diferenciação na fala que dava pouco espaço para o *nós*, como estratégia para que ela pudesse expressar as questões elaboradas caminhando argumentativamente na contramão de consensos grupais. Fazendo um balanço sobre esse encontro, consideramos que em alguns momentos a pesquisadora conseguiu, na condução da atividade, se posicionar dessa forma e em outros não. Pensamos que as dificuldades ligadas à construção desse posicionamento apresentam relação com o desafio de se construir metodologias de trabalho de campo que possibilitem vivenciar realmente a prática dialógica e argumentativa, construindo uma relação efetiva interlocução (e não apenas de compartilhamento de informação) com sujeitos de pesquisa, sem, contudo, cair em uma lógica equivocada de avaliação ou (des)qualificação da experiência dos/as participantes. Nesse sentido, apesar dos desafios metodológicos, consideramos que a roda de conversa permitiu o estabelecimento de um efetivo debate sobre a trajetória de participação do

grupo, as oportunidades e dificultadores para o exercício da política no cenário no qual essa trajetória se estabelece e os lugares ocupados pelo Hip Hop nesse percurso. Nesse debate as participantes do grupo se posicionaram em relação à pesquisa como interlocutoras legítimas. Não foram consideradas apenas como fontes de informação, mas reconhecidas em sua capacidade de produzir importantes análises acerca das leituras e reflexões feitas pela pesquisadora ao longo da pesquisa, e de se posicionar a respeito dessas leituras e reflexões, concordando, discordando, apresentando novos argumentos e questões não considerados anteriormente, provocando também a pesquisadora. Nesse espaço de devolução e debate foi possível aparecer divergências, dilemas, ambigüidades, novos discursos e a reafirmação de posicionamentos comuns e convergentes.

### 1.3.2. *Análises dos Dados*

Consideramos que o fato da pesquisadora ser integrante do coletivo estudado não deve diminuir seu comprometimento com a decodificação e interpretação cuidadosa de posições, expressões, ações e discursos em jogo no processo de pesquisa. Ao trabalharmos a análise dos dados durante o processo de pesquisa, buscamos entender os discursos emergentes sempre em relação aos contextos e condições nas quais eles foram produzidos. Assim, entender, por exemplo, os sentidos atribuídos pelas Negras Ativas à participação através do Hip Hop significou também buscar compreender melhor os "bastidores" da produção e enunciação desses sentidos e colocá-los em diálogo com os significados que outros atores (militantes, estudiosos/as, organizações não governamentais, Estado, etc.) produzem/publicizam acerca dessa experiência ou de outras correlatas. Tentamos, assim, produzir as análises a partir da confrontação das leituras de diferentes atores sobre uma mesma questão. Isso significou evitar avaliar a experiência do grupo a partir da tomada de referenciais estabelecidos por teóricos ou outros atores como parâmetros inquestionáveis. Mas também ao assumirmos o grupo como interlocutor permitimo-nos discordar e problematizar análises por ele produzidas a partir de uma postura dialógica. Durante as análises tecidas na pesquisa, ao abordarmos, por exemplo, o rap como expressão que para as Negras Ativas tem significado e função política pretendíamos além de interpretar as músicas e seu sentido

expressivo entender *por que*, *como* e *com quais finalidades* o grupo se orienta coletivamente no cenário político em que se insere a partir da articulação através dessa manifestação cultural (Weller, 2010). Buscávamos ainda compreender como as leituras tecidas por outros atores acerca dessa questão impactam esse cenário e a experiência do grupo. Com o intuito de ir mais além de uma abordagem descritiva dos dados resultantes das diferentes etapas da pesquisa (Mendes, 2003), buscamos realizar as análises ao longo do processo de pesquisa tentando dialogar com os discursos acessados e nos referenciando nas perguntas: Como se configuram relações desiguais no cenário político de atuação do grupo? Quais são os dificultadores colocados à ação coletiva e as oportunidades existentes nesse cenário para o estabelecimento de fraturas no ordenamento dessas relações? Como esses elementos impactam os discursos produzidos pelo grupo e sobre o grupo acerca de sua experiência de participação? Consideramos que isso nos permitiu entender melhor em que medida o Hip Hop se aproxima de política na experiência do coletivo e o conecta à ação feminista negra. O cruzamento das análises parciais feitas durante todas as etapas da pesquisa possibilitou a identificação das questões que mais se destacaram como relevantes para o debate proposto nesta dissertação e sua organização nas seguintes categorias:

- Processos de Constituição e Organização do Coletivo: Dizem respeito a aspectos relacionados à delimitação de fronteiras que definem a constituição do grupo estudado.

Essa categoria inclui as análises sobre as dinâmicas de poder em jogo no momento e no contexto de formação do coletivo e suas influências para a organização do mesmo. As análises relacionadas a essa categoria nos ajudaram a entender melhor a partir de quais processos e interações o Hip Hop e o Feminismo Negro foram se delineando como elementos importantes para a formação da Organização de Mulheres Negras e para o desenvolvimento de suas práticas grupais.

- Cenário de Articulação e Incidência Pública: Diz respeito a aspectos do contexto no qual se delinearam tanto o aparecimento na esfera pública quanto o percurso de atuação da Organização de Mulheres Negras Ativas. Inclui as alianças estabelecidas nessa trajetória com outros atores sociais para a construção da ação política, as ações desenvolvidas para garantir a entrada e permanência na esfera pública e as oportunidades e dificultadores que as dinâmicas do cenário político estabelecem para a essa incidência. As análises relacionadas a essa categoria nos garantiram elementos para realizar a discussão acerca das possibilidades de participação através do Hip Hop na

esfera pública e as estratégias desenvolvidas para efetivá-la.

- Tensões, Conflitos e Disputas: Expressões e ações de dissidência ou desacordo em relação a um determinado estado de coisas que se direcionam a desestabilizá-lo ou com ele romper. Incluem a disputa por recursos materiais e simbólicos, por reconhecimento e entre atores que defendem diferentes projetos de sociedade na esfera pública de disputa. Essa categoria engloba discussões que consideramos que nos ajudaram a entender melhor em quais circunstâncias as ações da Organização de Mulheres Negras Ativas, especialmente aquelas ligadas ao Hip Hop, podem se configurar como ações políticas.

- Bandeiras de Luta: Reivindicações que orientam o desenvolvimento das ações do coletivo e que sinalizam suas demandas de mudança social. Através das análises relacionadas a essa categoria buscamos identificar em que medida as ações ligadas ao Hip Hop expressam bandeiras de luta e se essas bandeiras vinculam a Organização de Mulheres Negras Ativas ao Feminismo Negro.

- Concepções e Projetos Democráticos: Referem-se ao que o coletivo entende por democracia, aos ideais de democratização da sociedade expressos por ele e às estratégias e ações consideradas necessárias para alcançá-los. Com as discussões articuladas em torno dessa categoria, buscamos analisar em que medida as concepções e projetos democráticos da Organização de Mulheres Negras Ativas a aproximam do Feminismo Negro e se o Hip Hop aparece em sua experiência relacionado às estratégias e ações consideradas necessárias para a concretização desses ideais.

As categorias acima apresentadas aparecem em discussões realizadas ao longo desta dissertação e junto às análises finais do processo de pesquisa no qual este trabalho se referencia.

### 1.3.3. *Interseções entre Pesquisa e Militância e Questões Metodológicas a partir delas Vivenciadas*

Tenho compreendido a posição de pesquisadora e militante, assim como qualquer outra estabelecida em contextos de produção de conhecimento, enquanto

perpassada por uma dimensão parcial, interpretativa, não totalizante e inserida em relações de poder que atravessam o processo de investigação (Geetz, 1989; Haraway, 1995; Neves, 2005; Fonseca, Araujo e Magalhães, 2006). A orientação metodológica por mim adotada neste trabalho de pesquisa não permite, assim, que me subtraia como analista a enviesamentos e opções pessoais, nem me garante acesso a qualquer lugar onisciente (Mendes, 2003). Busquei, assim, investir ao longo da pesquisa em um movimento de reflexividade inspirado nas metodologias feministas, que contemplasse a identificação das relações de poder e de seus efeitos durante o processo investigativo, a reflexão/discussão sobre os possíveis danos que podem emergir da pesquisa e sobre como evitá-los, a responsabilidade pelo conhecimento que é produzido (Neves, 2005) e o debate sobre as vantagens, dificuldades e desafios de se desenvolver um trabalho de pesquisa a partir do lugar de integrante do coletivo estudado.

Sobre essas vantagens, dificuldades e desafios, considero que o lugar de integrante do grupo participante da pesquisa favoreceu, por exemplo, a interlocução mais constante com o grupo e o acesso a informações que poderiam ser consideradas privilegiadas. A pesquisa também tem sido tomada por nós, Negras Ativas, como um instrumento fomentador de discussões que nos interessam politicamente. Nesse processo investigativo que se estrutura em torno de temas e perguntas de interesse político meu e do grupo, o exercício da reflexividade sobre nossas histórias e cotidiano de organização e atuação coletiva, bem como sobre meu lugar de fala de mulher negra, jovem, militante e pesquisadora não tem sido, no entanto, simples. A problematização através da pesquisa do que está consolidado analiticamente para mim e para o grupo e a tentativa de questionar certezas e pressupostos que sustentam certa coesão grupal e nossas estratégias de legitimação da atuação coletiva, foi vivida por mim como um desafio. Além da possibilidade de criação de novos espaços de debate interno e no contexto acadêmico acerca de questões de interesse coletivo, considero que uma investigação realizada do interior de um grupo envolve também a maior possibilidade de regulação interna daquilo que se produz e publica como análise. Essa regulação pode aparecer na relação dialógica e também na postura da própria pesquisadora enquanto integrante do grupo frente ao trabalho investigativo e nas formas como esta lida com as implicações de debater/publicar cientificamente determinados aspectos da dinâmica interna estudados. Durante boa parte do processo de pesquisa fui tomada pela reflexão de que publicar e debater em outros espaços dilemas vividos internamente nem sempre

pode ser estratégico para um grupo que tem no horizonte de determinadas ações e articulações a busca por legitimação daquilo que empreende enquanto ação transformadora. Tive dúvidas sobre até que ponto levar certas problematizações feitas internamente durante o processo de pesquisa a público através do debate científico poderia contribuir para o tensionamento de determinados estatutos sociais (como o da efetividade da ação política) que as Negras Ativas procuram defender/sustentar em situações nas quais sua ação coletiva é desqualificada como, por exemplo, em disputas travadas com outros atores sociais, sobre as quais discorreremos ao longo deste trabalho. Em vários momentos pensei que a abordagem de determinados aspectos da dinâmica da ação coletiva (como, por exemplo, algumas contradições e ambigüidades) poderia ser menos estratégica para o grupo enquanto pauta de debate científico e mais relevante como ponto de discussão, releituras e rearranjos internos que a relação de pesquisa pode potencializar. Busquei discutir em espaços de debate cientifico esse dilema e durante o processo de pesquisa também dialoguei com as demais participantes sobre esse tipo de questão. Assim, busquei na interlocução com pares da academia e da militância identificar o que parecia de fato importante explicitar em termos de impasses e desafios da experiência coletiva nesta dissertação de forma a não expor desnecessariamente o grupo e atores com os quais este interage, mas também de não deixar de exercer a crítica e a dúvida fundamentais ao debate e à produção científica. Um posicionamento que pareceu ser interessante diante desse dilema foi o de assumir o exercício de pensar sempre a trajetória das Negras Ativas em relação a um cenário maior, lendo, assim, as contradições e ambigüidades vivenciadas em conexão com as dinâmicas estabelecidas nesse cenário e as oportunidades e dificultadores que elas instauram. Também pareceu importante olhar para essas dinâmicas do contexto tomando suas configurações e impactos nas vivências do coletivo como passíveis de interpelação. Assim, busquei analisar a trajetória do grupo inserida em um cenário que impacta as possibilidades de atuação política em termos de oportunidades e dificultadores, mas também perpassada por escolhas, pela reflexividade e por reposicionamentos que a distanciam do lugar de simples produto do contexto. Tendo como referência essas reflexões tentei olhar para o percurso da Organização de Mulheres Negras Ativas evitando avaliar ou moralizar a experiência do grupo e de suas integrantes e ao mesmo tempo reconhecendo o coletivo enquanto ator no que se refere à capacidade de se deslocar e ser ativo nos processos vivenciados no jogo político. Considero que foi o delineamento desse entendimento no diálogo junto ao grupo e a interlocutores/as

acadêmicos/as que me possibilitou construir uma posição de pesquisadora que pudesse conciliar compromissos políticos e acadêmicos. Nesse sentido é importante destacar a abertura de minhas companheiras de grupo para dialogar e analisar nossa experiência coletiva a partir deste trabalho. Na interlocução durante o processo de pesquisa elas reafirmaram uma postura reflexiva que identifico como uma prática do coletivo desde nossos primeiros contatos. Assim, considero que o que tenho aprendido com elas sobre reflexividade também contribui para a construção do posicionamento metodológico assumido neste trabalho investigativo. Tentei me posicionar neste processo recorrendo, no diálogo com pares da militância e da universidade, à reflexividade e à prática argumentativa, que tanto perpassam o processo do grupo quanto são fundamentais para a produção científica. Essa foi a estratégia utilizada para pensar sobre possibilidades, tensões e dilemas metodológicos envolvidos no desenvolvimento da pesquisa. Através de um processo de debate e negociações buscamos garantir um "cenário propício para a discussão ética" que se situasse mais além de um enquadramento em normas oficiais (Spink e Manegon, 2004; p. 91).

## 1.4. Hip Hop Como Campo de Estudos e Referenciais Teórico-Analíticos

O Hip Hop enquanto campo de estudos tem sido nos últimos anos bastante focalizado tanto nas pesquisas sobre culturas juvenis quanto naquelas que discutem o engajamento das juventudes em práticas que se distanciam das consideradas tradicionais no campo da política (Novaes, 2001; Dayrell, 2001, 2002; Sousa, 2002; Weller, 2005; Geremias, 2006; Matsunaga, 2006, 2008; Said, 2007; Mayorga, 2008; Menezes e Costa, 2009).

Os estudos que enfocam a temática das culturas juvenis abordam as ações culturais das juventudes, dentro das quais podermos incluir o Hip Hop, enquanto práticas cuja constituição, desenvolvimento e sustentação são influenciados tanto pelas dinâmicas sociais nas quais os/as jovens se situam quanto por um mercado cultural que encontra nelas um nicho de investimento econômico e apropriação (Dayrell, 2001, 2002; Said, 2007). Nesses estudos freqüentemente o Hip Hop aparece enquanto importante campo de sociabilidade para aqueles/as que através dele participam. A Cultura Hip Hop é abordada como possibilidade para esses/as jovens de ressignificação do pertencimento identitário e dos lugares de subalternidade ocupados na sociedade.

Nos estudos acerca da participação das juventudes, o Hip Hop tem se constituído enquanto um campo focalizado por investigações que tentam discutir e compreender melhor as possibilidades de exercício da política pelas juventudes negras e pobres (Sousa, 2002; Weller, 2005; Geremias, 2006; Said, 2007; Mayorga, 2008; Menezes e Costa, 2009; Tommasi, 2011). Quando se expressam através do Hip Hop essas juventudes são recorrentemente abordadas como "vozes não hegemônicas da sociedade" (Said, 2007, p. 43) e tomadas como exemplo de não adesão ao que Castro (2008) nomeia como "mecanismos instituídos de pressão e reivindicação", como partidos políticos, sindicatos, movimento estudantil, etc. (Castro, 2008, p. 254). Por outro lado, há estudos que, ao criticarem como dicotômica a separação analítica entre formas tradicionais x novas formas de participação nos estudos sobre a participação juvenil, sinalizam que ainda que as juventudes estejam apostando em outros campos de atuação como o Hip Hop e movimentos articulados em torno de demandas de caráter identitário e cultural, verifica-se trânsito e articulação de ações juvenis entre partidos, sindicatos, movimentos estudantis e esses outros campos de atuação (Castro e Vasconcelos, 2009; Castro e Abramovay, 2009). O Hip Hop aparece também em muitos dos estudos

revisados ocupando lugar de "modificador do comportamento político de uma geração de jovens da periferia dos grandes centros urbanos num ritual misto de celebração e crítica" (Sousa, 2002, p. 14). Alguns dos trabalhos localizam analiticamente a "reinvenção" da política nas formas através das quais se configura a participação e o estar no mundo cotidiano. Neles a idéia de transformação se situa principalmente nos espaços de sociabilidade e no desenvolvimento de novas formas de convívio (Sousa, 2002; Said, 2007). Mas discute-se pouco em que medida conflitos que através dessas formas de participação podem ser travados se direcionam a possibilidades de ruptura com uma ordem social vigente. Estudos na linha argumentativa da reinvenção da política pelas juventudes têm sido tomados como marco teórico no desenvolvimento de um crescente número de projetos e programas de intervenção protagonizados por ONGs e políticas públicas direcionadas a esse seguimento populacional. Neles, a Cultura Hip Hop é identificada por autores/as, militantes, executores/as e jovens (público alvo) enquanto um importante meio de atuação contemporânea das juventudes negras e pobres na realização de ações que visam à melhoria de vida e a solução de problemas vivenciados nos contextos onde se encontram inseridas (Tommasi, 2004).

Assim como parte da literatura estudada para o desenvolvimento deste trabalho, algumas falas de nossas interlocutoras acerca da experiência do grupo também retratam o Hip Hop como ferramenta de sensibilização, de denúncia, de mobilização e de conscientização:

> (...) pode ser uma letra como qualquer outra, mas que não é. Que é carregada de um monte coisa: de coisas positivas, de histórias, de reivindicações, de chamar atenção para um monte de coisas. Eu acho, eu penso assim (Entrevista Mônica).

Ainda que experiências nesse campo apresentem elementos que podem nos conduzir a corroborar a afirmação de que Hip Hop é político, parece-nos importante para os processos analíticos tanto do campo de produção de conhecimento cientifico quanto do contexto da militância que essa afirmativa seja reposicionada enquanto pergunta permanente. Consideramos que quando há uma nomeação imediata de ação e transformação política corre-se o risco de não se problematizar em que medida algumas experiências de participação encontram-se também submetidas a mecanismos de regulação e subordinação (Racière, 1996; Prado, 2002).

Nesse sentido, autores/as têm se posicionado nesse debate questionando as possibilidades de exercício da política através do Hip Hop e de que formas este transita

ou não pelas esferas da sociabilidade e da política (Novaes, 2001; Sousa, 2002; Weller, 2005; hooks, 2008; Mayorga, 2008; Menezes e Costa, 2009, Tommasi, 2011).

Sobre as possibilidades da cultura negra, dentro da qual podemos localizar o Hip Hop, se configurar enquanto elemento de resistência para jovens negros/as:

> Na cultura popular negra contemporânea, a música rap tem se tornado um dos espaços onde a fala vernácula negra é usada num estilo que convida a cultura padronizada dominante para escutar – ouvir – e, em algum grau, para ser transformada. Contudo, um dos riscos dessa tentativa de tradução cultural é que isso banalizará a fala vernácula negra. Quando jovens garotos brancos imitam essa fala de uma maneira que dá a entendê-la como a fala daqueles que são estúpidos ou daqueles que estão interessados somente em diversão ou em serem engraçados, então o poder subversivo dessa fala é enfraquecido (hooks, 2008, p. 860).

Por também considerarmos que a apropriação do Hip Hop pode ter uma variedade de usos e conseqüências, achamos importante olhar no contexto desta pesquisa para a participação de jovens negras que lançam mão do Hip Hop como campo de disputa ou forma de atuação política, mantendo a pergunta sobre quais subversões podem ser provocadas em relação ao ordenamento das relações de poder a partir dessa atuação. Para tentar compreender melhor por onde perpassa (ou não) a ação política nessas experiências, identificamos o estudo da trajetória concreta de um grupo, neste caso da Organização de Mulheres Negras Ativas, como um caminho analítico pertinente.

Assim, em diálogo com nossas interlocutoras de pesquisa e com teorias acerca do tema deste trabalho, buscamos identificar em que medida a participação no Hip Hop contribui para a desnaturalização das hierarquias sociais por elas vividas, processo que consideramos importante para o estabelecimento da ação política. Por desnaturalização das hierarquias sociais entendemos o processo que favorece a transformação de relações concebidas como imutáveis e complementares (relações de subordinação) em relações percebidas como construídas em um contexto de disputa de poder e, dessa forma, passíveis de transformação (relações de opressão) (Prado, 2002). Essa passagem caracteriza a demarcação de fronteiras políticas.

Ao tentarmos identificar em que medida as fronteiras que delimitam formas de pertença grupal para jovens negras podem, em sua incidência na esfera pública através do Hip Hop, configurar-se enquanto fronteiras políticas buscamos discutir as possibilidades de nossas interlocutoras estarem vivenciando processos de atuação

política nos quais o Hip Hop aparece como um elemento significativo. Para fazer essa análise, utilizamos os conceitos de identidade coletiva e de identidade política, tentando compreender se e quando essas dimensões se articulam, na dinâmica de organização e atuação pública do coletivo estudado.

Identidade coletiva é aqui entendida como processo social de constituição de formas de pertença grupal, que definem as fronteiras de separação entre *nós* e *eles*. Essas fronteiras são estabelecidas a partir de um consenso precário/temporário/mutável acerca do "conjunto de valores, crenças, interesses e significados de que este *nós* é portador". "A condição de existência de toda identidade é a afirmação de uma diferença, a determinação de um *outro* que servirá de exterior" (Mouffe, 2003, p. 15, tradução nossa). Esse *outro* ou *eles* exerce aí função de "constitutivo exterior internalizado pelo *nós*, e que garante a continuidade de suas relações de pertença" (Prado, 2002, p. 69). Entendemos que a identidade política é vivenciada, a partir de um sentimento de injustiça social, como um *nós* que está sendo impedido por um *eles* de realizar suas demandas sociais em um contexto de antagonismos[17].

O estabelecimento de fronteiras políticas nesse processo está relacionado, conforme já mencionamos, com a transformação de relações de subordinação em relações nas quais o conflito torna-se um marcador importante, chamadas relações de opressão (Mouffe, 1999; Prado, 2002). Nessa passagem, *nós* e *eles* se colocam em uma relação antagônica irreconciliável e a política pode ser exercida enquanto ação que mobiliza demandas de igualdade não enquanto homogeneidade, mas como equivalência e diferença (Mouffe, 1999; Prado, 2002). Por ser irreconciliável, o antagonismo em questão nesse tipo de relação caminha no sentido contrário ao do estabelecimento de um consenso permanente que representaria a solução final do conflito. O exercício da política depende da possibilidade de emergência de dissenso ou de consensos temporários (Rancière, 1996; Mouffe, 2003; Prado, 2002) e o conflito político mobilizado em torno das demandas de igualdade envolve a disputa na esfera pública de recursos materiais e simbólicos (Melucci, 2001, pp. 33-34). Quando essa ação/disputa

[17] Estamos trabalhando com a noção de antagonismo entendida enquanto "formas de enfrentamento a determinadas práticas e discursos hegemônicos específicos, a partir da visibilidade de condições de subcidadania como relações de poder, ou seja, como não naturais e sim como reprodução de lógicas de desigualdade e exclusão construídas a fim de reproduzir o privilégio de alguns, mantendo a hegemonia sedimentada. É a articulação entre diferentes antagonismos democráticos em direção a uma ampla democratização da vida social que constitui um projeto contra-hegemônico" (Mouffe apud Costa, 2010, p.19).

se direciona à interpelação, fratura ou ruptura com a ordem social vigente (Pallamim, 2010; Rancière, 1996), verifica-se um confronto entre possibilidades antagônicas de significar a realidade. Está em jogo nesse processo a nomeação do não nomeado, a formulação de "território para o ainda impensável" (Prado e Costa, 2009, p. 4), a disputa de projetos de sociedade. Em outras palavras, explicita-se que é possível querer outro mundo:

> É isso que chamo de dissenso: não um conflito de pontos de vista, nem mesmo um conflito pelo reconhecimento, mas um conflito sobre a constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve, sobre os títulos dos que nele falam para ser ouvidos e sobre a visibilidade dos objetos que nele são designados" (Rancière, 1996, p. 374).
>
> A política hoje deve ser imodesta em relação à modéstia a que a obrigam as lógicas de gestão consensual do "único possível" (Rancière, 1996, p.135).

A ordem social sobre a qual incide a ação política é organizada por instituições e práticas. A manutenção desse estado de coisas se dá por mecanismos de regulação, que estamos entendendo aqui como gestão, que estabelecem a divisão social de lugares, poderes e funções e podem servir à sustentação de assimetrias nas relações sociais e de estruturas de dominação e atuar para a contenção da política. Esses mecanismos, segundo Rancière, localizam-se no campo da polícia (Pallamim, 2010; Tommasi, 2011). A polícia pode ser definida como "o conjunto dos processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos lugares e funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição" (Rancière, 1996, p. 41):

> A polícia é assim, antes de mais nada, uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído (Rancière, 1996, p.42).

O campo da polícia localiza-se no entremeio de relações sociais (e suas manifestações cotidianas supostamente espontâneas) e instituições (e sua rigidez organizacional) (Rancière, 1996). As regulações que o configuram integram e em alguma medida são necessárias à organização social.

A ação política é a que de certa forma, escapa à regulação desse campo:

> (...) desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar;

> ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho. (Rancière, 1996, p.42)

É entre os campos da polícia e da política que se situa a ação dos movimentos sociais, apontando para as possibilidades de desvios em relação àquilo que normatiza (Prado e Costa, 2009).

A ação coletiva dos movimentos sociais se estabelece entre objetivos e obstáculos, no interior de um sistema de oportunidade e coerções. Os movimentos sociais são, assim, "sistemas de ação que operam num campo sistêmico de possibilidade e limites" que também buscaremos ao longo deste trabalho discutir (Melucci, 2001, p. 52).

Esses referenciais nos ajudaram a refazer analiticamente o percurso da Organização de Mulheres Negras Ativas, indagando sobre seu processo de emergência, organização e atuação coletiva e focalizando elementos que possam apontar para como o grupo vivencia possíveis regulações de sua ação na esfera pública e para oportunidades para o aparecimento de sua voz nessa cena como dissenso, explicitando tensões e/ou conflitos estabelecidos entre *nós-eles*.

A partir das questões emergentes das análises da trajetória das Negras Ativas nos propusemos também a repensar e ressignificar esses referenciais. Dialogando com os saberes acessados em campo e com a teoria, buscamos, assim, um maior entendimento da dinâmica do coletivo e compreender melhor em que medida ele vivencia processos de demarcação de fronteiras políticas nos quais estão em jogo ações e discursos que o vinculam ao Feminismo Negro. Também procuramos compreender qual o lugar que o Hip Hop ocupa nesses processos.

Tentamos ainda identificar e dialogar analiticamente com concepções de política que fundamentam a atuação do coletivo e de suas integrantes. Sobre essas concepções, nossas interlocutoras afirmam:

> Vanessa: (risos) (...) eu acho que política, fazer política, eu acho que é muito o que eu tenho feito, nesse viés da política social. É o que eu tenho tentado fazer, né, que é essa coisa de... buscar o melhor pra mim e ao mesmo tempo pensar nas outras pessoas que estão em volta e... procurar estruturar formas ou me aliar a formas estruturadas de conquista pra essas pessoas e ao mesmo tempo pra mim mesma. (...) é se movimentar e não se acomodar e... buscar o melhor o tempo todo e buscar conquistas (Entrevista Vanessa).

> Mônica: Política eu acho que a gente faz a todo momento. Política a gente faz no trabalho, política a gente faz no grupo, política a gente faz na rua. A minha visão de política é onde eu estou atuando (...) tanto pra defender uma idéia, quanto pra juntar um grupo... (...) Em todo o momento eu estou fazendo política. Seja pra divulgar um trabalho de Negras Ativas, seja pra me colocar enquanto profissional, seja pra levantar uma bandeira. (...) É levantar qualquer tipo de bandeira e qualquer defesa, pra mim a gente está fazendo política (Entrevista Mônica).

> Larissa: O que tem sido reconhecido como político é a ação dos brancos e a opressão que recai sobre a população negra continua sendo invisibilizada. Eu acho que não pode ter ilusão quanto a isso não. O nosso fazer político por mais foda que seja vai continuar sendo invisibilizado por essa mídia branca, e por esse governo branco e por esse Estado branco. E também pelos movimentos sociais brancos. Eu acho que a gente tem que fazer o nosso por nossa conta e ter bem nítido que essa coisa do racial faz toda a diferença (Roda de Conversa – Larissa).

Suas noções de política muitas vezes focalizam ações que possibilitem conquistas e o agir no cotidiano de forma individual ou coletiva a partir de bandeiras de luta. As Negras Ativas questionam por onde passa a definição e a legitimação do que é política e do que não é. Outras idéias de política aparecem implícitas nos discursos de nossas interlocutoras, remetendo em alguns momentos a um cenário de relações de poder, ao conflito, ao enfrentamento, ao empoderamento[18], à descolonização, como poderá ser observado ao longo desta dissertação.

Consideramos que analisar se e como as ações vinculadas ao Hip Hop estabelecidas no mundo público pelas Negras Ativas se relacionam à tentativa de inversão de posições na lógica das relações de poder ou de alteração radical dessa lógica, a partir de um horizonte de outra sociedade possível, ajudaria a compreender melhor em que medida a Cultura Hip Hop na experiência de jovens negras pode contribuir para a ação política feminista negra ampliando as possibilidades de

[18] A cartilha do Projeto Rosas Negras da Organização de Mulheres Negras Ativas explicita o entendimento que o grupo possui da noção de empoderamento, que em sua experiência de atuação ocupa por vezes lugar de palavra de ordem: "Podemos entender o empoderamento como um conjunto de processos individuais e coletivos, materiais e subjetivos que politizam o espaço público e o privado e desafiam o patriarcado e as relações de poder existentes para mudar a distribuição do poder, tanto nas relações interpessoais como nas instituições da sociedade. O empoderamento diz de processos de desenvolvimento de poderes positivos e apropriação de bens materiais e imateriais, recursos intelectuais, habilidades, capacidades e espaços para enfrentar e superar a opressão e criar alternativas, superando relações de dependência. Uma mulher se empodera na medida em que amplia seu poder sobre seu corpo, sobre sua própria vida e sobre a sociedade para a superação de toda forma de dependência e dominação seja ela social, afetiva, econômica ou política. Quanto mais empoderada mais a mulher pode participar da redistribuição ou reconfiguração das fontes de riqueza e das relações de poder". Fonte: Cartilha do Projeto Rosas Negras – Organização de Mulheres Negras Ativas.

estabelecimento de conflitos e dissensos na esfera pública de disputa. Assim, perguntamos: na experiência das jovens negras vinculadas a essa cultura, é possível identificar sinais de atuação política? Quais? Que tipo de dissenso a fala delas através, sobre ou no Hip Hop produz/pode produzir? Se seus posicionamentos na cena pública são expressões ou produtores de dissensos, de que formas eles aproximam ou distanciam a experiência do coletivo em relação ao Feminismo Negro?

Acreditamos que não podemos dizer de antemão que toda participação artística (entendendo esta como parte do pertencimento ao Hip Hop) e cultural atuará para a produção de tensões e/ou alterações na ordem social vigente. É importante compreender que a participação política envolve relações e disputas de poder em um contexto de antagonismos, que constitui o campo do político (Prado, 2002).

Tornou-se importante, dessa forma, investigar na retomada analítica da trajetória das Negras Ativas: quais conflitos estavam em questão no momento de sua emergência pública enquanto coletivo que se vincula ao Hip Hop, quais atores foram se configurando enquanto *eles* no que se refere ao estabelecimento de disputas, o que efetivamente estava sendo disputado no processo de constituição e organização do coletivo, quais direitos, recursos e espaços de participação têm sido disputados por essas jovens negras hoje e quais alianças, conflitos, e dissensos têm sido estabelecidos através de sua atuação pública. Ao tentar responder a esse tipo de questão, buscamos identificar o lugar ocupado pela Cultura Hip Hop nesses processos. Procuramos entender, a partir do argumento comum no grupo de que sua expressão através do Hip Hop é política, de que formas o Hip Hop contribui para as disputas do Feminismo Negro nos contextos em que as Negras Ativas se inserem e para a interpelação de relações que sustentam um estado de coisas desigual.

Nossa aposta foi que entender os lugares ocupados pelo Hip Hop na experiência participativa de nossas interlocutoras, buscando alternativas ao caminho analítico comum para o entendimento do processo de emergência pública das iniciativas do Feminismo Negro (focado na trajetória de atuação institucional de suas lideranças históricas), poderia ajudar a compreender a dinâmica e o contexto de oportunidades e dificultadores para a atuação das jovens negras. Para isso, consideramos importante situar historicamente a emergência do Hip Hop como cultura e expressão juvenil que tem sido vivenciada e apropriada também por jovens que se identificam como Movimento de Mulheres Negras, assim como apresentar o Movimento de Mulheres

Negras enquanto movimento social que se direciona ao enfrentamento das opressões e desigualdades de gênero e raça no Brasil e discutir como a experiência de Negras Ativas situa-se na interseção desses campos.

# 2. OS LUGARES OCUPADOS PELO HIP HOP E PELO FEMINISMO NEGRO NOS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE UM COLETIVO DE JOVENS NEGRAS

## 2.1. Aspectos Históricos sobre a Emergência do Hip Hop como Campo de Atuação para as Juventudes Negras e Periféricas

Nossas análises das produções acerca da história do Hip Hop (cuja tradução do inglês para o português significa "pular e mexer os quadris") e investimentos na compreensão das formas como ele se configura na contemporaneidade nos conduzem a caracterizá-lo como uma cultura predominantemente associada ao contexto urbano e majoritariamente ligada à experiência de jovens negros/as de origens periféricas. O Hip Hop é constituído pelos seguintes elementos: *break* (dança, executada por *b-boys* e *b-girls*), grafite/*graffiti* (artes plásticas realizadas por grafiteiros/as), discotecagem (ritmos eletrônicos elaborados pelos/as *disk jockeys*/DJs), rap (sigla cuja tradução para o português é ritmo e poesia e representa a expressão musical cantada através de rimas pelos/as rappers ou mestres de cerimônias/MCs). Segundo jovens identificados/as com a Cultura Hip Hop, há ainda um quinto elemento que perpassa e sustenta sua expressão: o conhecimento, caracterizado por "conteúdos e ações educativas voltados para a difusão de valores como paz, união, liberdade e justiça" (Menezes e Costa, 2009).

Trabalhos que relatam a história do Hip Hop comumente situam suas raízes nas periferias da Jamaica dos anos 60 (Geremias, 2006). Na década posterior, DJs jamaicanos imigrantes influenciaram o surgimento da Cultura Hip Hop nas periferias de Nova Iorque, com destaque para o distrito de *South Bronx*, através da mistura dos ritmos *dub* jamaicano, *funk*, *soul* e *jazz* (Geremias, 2006; Menezes e Costa, 2010). Essa expressão da diáspora africana se configurou "como uma experiência cultural juvenil, entre negros e hispânicos que procuravam sobreviver às transformações sociais e econômicas as quais abalaram a cidade de Nova Iorque naquela época" (Said, 2007, p.43).

Entre os anos 60 e 70, Nova Iorque passou pelo processo de desativação de seu parque industrial, marcado pela migração de empresas para outros países em busca de maior retorno financeiro, o que ocasionou na demissão em massa dos/as trabalhadores/as considerados/as "menos qualificados/as", em geral moradores/as das

periferias da cidade. No lugar dessas indústrias, surgiram grandes empresas ligadas à tecnologia da comunicação e da informação. Do ponto de vista demográfico, Nova Iorque também viveu uma mudança significativa, caracterizada por um crescimento no fluxo imigratório, especialmente de pessoas vindas da América Central e América Latina. Destaca-se aí o grande índice de imigração de jovens jamaicanos/as em busca de superação de problemas sociais e econômicos que enfrentavam na Jamaica. A política estatal norte-americana privilegiava o desenvolvimento econômico e tecnológico em detrimento da atenção às demandas sociais: 30% das famílias hispânicas e 25% das famílias negras viviam nas áreas mais pobres de Nova Iorque ou em suas proximidades (Rose apud Said, 2007). Nesse contexto as ruas se constituíam para as juventudes negras e latinas como espaço de domínio territorial e de lazer (Menezes e Costa, 2009). Organizados em gangues, esses jovens realizavam demarcações de território e "afiliar-se a elas significava lutar pela circulação e ocupação desses espaços públicos". Enfrentamentos violentos entre gangues causavam a morte de muitos de seus integrantes (Menezes e Costa, 2009, p. 200). Em diálogo com essa realidade, precursores como o DJ do *Bronx* Afrika Bambaataa contribuíram para a inserção na Cultura Hip Hop das gangues da dança, da arte plástica, da discotecagem e das rimas improvisadas e compostas, elementos aos quais era associado o conhecimento. Esse último elemento visava, a partir da produção de uma "atitude" ou posicionamento partilhado de contestação e comprometimento com a transformação da realidade social, preservar na memória a história dos antepassados e favorecer sua articulação simbólica com as ações políticas por direitos civis dos/as afro-americanos/as através da construção de uma nova cultura, que contribuísse para a conscientização e o combate às desigualdades e discriminações. Dessa forma as expressões culturais no Hip Hop foram se configurando nos moldes de protesto – contestação, reivindicação ou denúncia – em meio a uma relação ambígua com o mercado cultural que nela encontrava uma possibilidade de ganho econômico (Geremias, 2006; Menezes e Costa, 2010):

> Com forte influência dos movimentos negros da década de 1960 e da cultura de rua, o movimento Hip-Hop construiu ética e estética inovadoras para a juventude pobre, moradora das periferias das cidades, com o intuito de se colocar como alternativa ao modo de vida dos jovens, valorizar a cultura popular e as diferenças étnico-raciais (Menezes e Costa, 2009, p. 200).

No Brasil, as raízes do Hip Hop se localizam na chamada Onda *Black* e no Movimento *Black Power* na década de 1970 através dos bailes *black* que aconteciam

nos subúrbios dos grandes centros urbanos e nos quais o som entoado era o *soul/funk*. (Geremias, 2006; Menezes e Costa, 2010). Essas manifestações culturais dialogavam com a filosofia do Panteras Negras:

> (...) o grupo político que fez da radicalização do protesto negro sua bandeira de luta nos Estados Unidos da década de 60, uma sociedade que ainda absorvia as idéias de Malcolm X, considerado o profeta do orgulho negro. Tratava-se de um apelo à união da raça em torno de um modo de se vestir, de dançar, de ser, de ter e demonstrar uma "atitude", termo muito usado pelos hip hoppers de hoje" (Geremias, 2006, p. 38).

Na década de 1980 passam a ser desenvolvidos no Brasil os elementos culturais diretamente associados ao Hip Hop. Naquele momento foram produzidos pela indústria cinematográfica norte-americana vários filmes que tinham como foco a Cultura Hip Hop e que se constituíram como importante influência para as manifestações culturais de jovens brasileiros/as. Comumente situa-se as origens do Hip Hop em São Paulo, na galeria da Rua 24 de Maio, ponto de encontro de jovens negros que compravam, vendiam e trocavam discos de *black music (*Geremias, 2006; Said, 2006; Menezes e Costa, 2010). A circulação desses jovens no local provocava incômodo em proprietários de comércios que passaram acionar a polícia para a realização de ações de perseguição que culminaram na mudança do local de encontro desses jovens para a Estação São Bento do metrô paulistano. Neste contexto de encontros em meio à repressão e violências policiais o Hip Hop foi sendo esboçado. O primeiro registro no Brasil do termo Hip Hop data de 1988, em São Paulo, na coletânea intitulada "Hip-Hop Cultura de Rua" (Menezes e Costa, 2010). De acordo com Geremias (2006), as primeiras letras do rap nacional não tinham o cunho político-social que assumiriam mais tarde. "Eram bem mais ingênuas e serviam, como faziam os primeiros rappers, para mandar mensagens simples" (Geremias, 2006, p. 43). Nos primeiros anos de Hip Hop no Brasil a discotecagem, a dança e o grafite foram suas expressões predominantes. Os rappers passaram a se destacar na virada dos 80 para os 90, principalmente nesta última década em um processo que gerou tensionamentos entre hip hoppers:

> Surgiu uma vertente intelectual em que o corpo, tão valorizado nos primórdios do hip hop brasileiro, está em segundo plano – e se especializou na representação da agressividade e numa mordaz crítica social, uma dando suporte à outra. São vistos como os "intelectuais orgânicos" do movimento, tão fortes nele que chegou a ser um tema de acirrado debate, no ano de 2001, se o rap não estaria se destacando do Hip Hop (Geremias, 2006, p. 47).

De acordo com o documentário "O Som que Vem das Ruas" (Família de Rua,

2011) que trata da história do Hip Hop belorizontino através do olhar de MCs, *B-Boys* e DJs percussores, o Hip Hop começa a ser desenvolvido em Belo Horizonte nos anos 80 através do *break*. Naquela época uma opção de lazer que se difundia nos bairros de periferia da cidade eram os "sons" (Dayrell, 2001). Eram bailes realizados geralmente em quadras cobertas ou em pátios de escolas públicas, nos fins de semana; em locais com infra-estrutura própria para a realização dos eventos, como as Quadras do Vilarinho, em Venda Nova, e do Chiodi, no Bairro Industrial; em danceterias no Centro da cidade, como a Máscara Negra; ou em quadras/clubes. Os "sons" eram produzidos por jovens que se organizavam em pequenas equipes para comprar o equipamento de som e alugar o espaço. James Brown era uma influência cultural forte na época. Cada equipe de som das periferias tinha um DJ que também fazia o papel de MC nesses bailes. Os bailes eram freqüentados majoritariamente por jovens moradores de periferia e negros e a participação nesses espaços era associada a um sentido de pertencimento racial e periférico. Possuir trabalho era importante para que jovens pobres pudessem vivenciar a sua condição juvenil naquele momento através do lazer e de um "consumo cultural específico, sustentando uma rede de danceterias, lojas e equipes de som que, além de criar uma opção de lazer por meio dos bailes, também abriram espaços para novas opções de trabalho e sobrevivência para muitos deles, mesmo que de forma precária" (Dayrell, 2001, p. 440; Família de Rua, 2010). Vários dos jovens que se organizavam em equipes de som, apostavam nessa possibilidade como um caminho profissional. Mas o crescimento e a profissionalização destas equipes não se configurou como uma realidade comum no contexto belorizontino. Através dos espaços culturais e das equipes de som o MC e o rap foram sendo difundidos na cidade (Dayrell, 2001; Família de Rua, 2010). Segundo Dayrell (2001), a ocupação do espaço urbano marcava as escolhas dos locais de encontro dos jovens para dançar. Muitos se encontravam nas ruas do Centro em lugares que proporcionassem alguma visibilidade, como a região da Savassi (local de comércio de classe média alta); o saguão do edifício de uma escola de classe média chamada Palomar (localizada em uma avenida central); o coreto da Praça da Liberdade (onde se situam prédios da administração do Estado e o Palácio do Governo); e o Terminal Turístico JK (ponto de embarque de excursões turísticas e galeria comercial situado na região central de Belo Horizonte).

> Ao ocupar estes espaços, os jovens pobres estavam se apropriando simbolicamente de espaços onde, normalmente, eram discriminados, o que não deixava de ser uma forma de afirmação por meio da arte (Dayrell, 2001, p. 46).

MCs atuantes nesse período, em sua maioria de origem periférica e negros, dizem que ao escutarem os primeiros raps perceberam que eles tratavam de temas do cotidiano e, inspirados neles, tentaram também expressar de sua maneira suas vivências cotidianas através da música. Nesse período já articulavam *break* e rap dentro de um conceito maior, mas passaram a nomear essa articulação como Hip Hop depois da difusão de revistas norte-americanas que continham reportagens sobre a Cultura Hip Hop, acessadas com dificuldade, e do filme norte-americano de 1984 *Beat Street (A Loucura do Ritmo),* dirigido por Stan Lathan e que retrata a Cultura Hip Hop em Nova Iorque na década de 80 (Dayrell, 2001; Família de Rua, 2010).

Desde 1985 passou a acontecer na cidade o "BH Canta e Dança" evento promovido anualmente que se configurou como um importante ponto de encontro e apresentação de elementos culturais juvenis negros, sendo o evento que mais garantiu visibilidade pública à cultura juvenil produzida na periferia da cidade naquela época (Dayrell, 2001). Participantes do documentário "O Som que Vem das Ruas" afirmam que naquele período não nomeavam o que faziam como político e não tinham o intuito de desenvolver uma ação política através do Hip Hop. Mas, segundo eles, de forma não planejada exerciam a política, pois ao mesmo tempo em que através das músicas produziam entretenimento, falavam sobre o que estava acontecendo no mundo, abordando questões sociais e políticas e atuando para a conscientização de quem as escutava (Família de Rua, 2010). O documentário não aborda possíveis impactos em termos de tensão ou disputa resultantes do surgimento do Hip Hop e de suas expressões naquele momento no contexto belorizontino.

Nos anos 90 surgiram vários grupos fortemente influenciados pelos percussores dos anos 80 da Região Metropolitana de Belo Horizonte e outras localidades (Família de Rua, 2010). Através de discos e videoclipes, os jovens passaram a ter acesso à tendência norte-americana, que influenciou diversas experiências brasileiras, nomeada "rap consciente", marcada por referências mais diretas à questão racial e pela defesa dos direitos civis e cujo representante mais visibilizado era o grupo norte-americano *Public Enemy,* conhecido por compor musicas abordando a temática política, por críticas realizadas em relação à mídia e pela defesa das causas da comunidade negra dos EUA (Dayrell, 2001; Said, 2007). Outra influência foi o surgimento das primeiras "posses" na cidade de São Paulo, como o Sindicato Negro e a Conceitos de Rua, e seus referenciais ideológicos (Dayrell, 2001). Comuns na Cultura Hip Hop, as "posses" consistem na

articulação de grupos vinculados aos quatro elementos (rap, *break*, grafite e DJ) visando o desenvolvimento de "uma ação mais organizada" (Dayrell, 2001, p. 51). Costumam ter como objetivos o fortalecimento da ação cultural dos grupos, através da busca de espaços para produção e veiculação de seus fazeres artísticos; o desenvolvimento de ações comunitárias e, em alguns casos, a realização de atividades vinculadas ao Movimento Negro[19]. Não necessariamente uma "posse" assume todas essas finalidades simultaneamente, havendo casos em que se prioriza ou se atua exclusivamente em torno de alguma delas. Um exemplo é a primeira "posse" surgida em Belo Horizonte, no ano de 1997, chamada Crê-Ser, que visava realizar a promoção cultural dos nove grupos envolvidos, através da realização de festas. O surgimento das "posses" também foi um importante referencial para a consolidação da ideia de Cultura Hip Hop enquanto articulação das expressões ligadas aos seus quatro elementos tendo como eixo a questão da negritude. Nesse momento, o elemento conhecimento e seus significados parecem também se destacar e os grupos passam a expressar maior preocupação com o conteúdo dos discursos por eles produzidos. Tornam-se mais visíveis letras de rap que tratavam de questões presentes no contexto social no qual se inseriam jovens hip hoppers. Enfatizava-se geralmente a abordagem da violência e das drogas como temáticas. Os hip hoppers passam também a explicitar mais a preocupação com a imagem que comumente lhes era atribuída socialmente, marcada por preconceitos que os situavam muitas vezes no lugar de "bandidos" (Sposito, 1993; Dayrell, 2001, p. 51; Said, 2007).

Na primeira metade da década de 1990, o Hip Hop em Belo Horizonte cresceu em um ritmo mais lento. Havia cerca de 20 grupos de rap mais estruturados que se apresentavam de forma periódica, além de vários grupos de *breakers* e alguns poucos grafiteiros que se destacavam, além de outros jovens identificados com a cultura nos bairros periféricos, mas que não se articulavam tanto com os grupos que tinham mais visibilidade. Também havia poucos momentos de encontro entre jovens que se expressavam através dos diferentes elementos da Cultura Hip Hop. Os grupos de rap costumavam se apresentar nas festas de rua realizadas pela Igreja Católica ou por movimentos de bairro, chamadas "barraquinhas". Aqueles que eram mais conhecidos também se apresentavam nas Quadras Vilarinho e Chiodi ou abrindo shows de grupos

[19] Temos tratado neste texto de Movimento Negro enquanto movimento social que emerge na esfera pública estabelecendo disputas e conflitos em torno de demandas de promoção da igualdade racial e enfrentamento ao racismo. Estamos utilizando o termo Movimento Negro no singular para efeitos de escrita, mas considerando as distinções, tendências, correntes e tensões internas que fazem necessário lançarmos um olhar sobre essa experiência que não a homogeneíze.

de São Paulo, quando estes vinham a Minas Gerais (Dayrell, 2001). Naquela época as rádios FM locais disponibilizavam algum espaço para o rap nacional e para aqueles produzidos na cidade (Dayrell, 2001; Família de Rua, 2010). O aparecimento das expressões do Hip Hop local em meios de comunicação de maior difusão e nos quais circulam mais recursos não é hoje algo tão observado, o que pode sinalizar para um menor investimento do mercado cultural da cidade nesse seguimento. Hoje são principalmente as rádios comunitárias que se apresentam abertas e divulgam as produções de hip hoppers da cidade.

Em meados dos anos 90, segundo Dayrell (2001), houve uma tentativa de maior articulação no interior da Cultura Hip Hop que decorreu de uma iniciativa de jovens ligados ao *break* que propuseram a realização de reuniões em que discutiam sobre as expressões culturais do Hip Hop, viam filmes e videoclipes. Nesses espaços se identificava a existência de conflitos geracionais entre aqueles chamados "das antigas" (*old school*) e os "novos" (*new school*). Um dos motivos dos conflitos dizia respeito a críticas dos mais velhos às formas de envolvimento dos mais novos com a Cultura Hip Hop, segundo eles mais interessados em dançar que em participar das reuniões. Outro motivo estava ligado a cobranças feitas pelos mais velhos em relação às maneiras como os mais novos se vestiam, se comportavam e às suas "condições de higiene". De acordo com Dayrell (2001), "a turma 'das antigas' lidava com a estigmatização do estilo buscando enquadrar os mais novos em padrões que considerava ser socialmente aceitos" (Dayrell, 2001, p. 57). Enquanto os que participavam do Hip Hop há mais tempo associavam uma menor articulação do movimento naquele momento à falta de respeito dos mais novos em relação à sua experiência e posição dentro da cultura, os mais novos afirmavam que o pouco investimento por parte da *old school* no acesso a informações e em processos formativos para aqueles que começavam a aderir ao estilo foi um dos fatores que contribuiu para uma organização menos coletivizada (Dayrell, 2001). Esse elemento da história nos chama atenção para a importância de considerarmos que ainda que o Hip Hop seja associado a uma cultura juvenil, sua dinâmica não está isenta de hierarquias e tensões geracionais.

Na década de 1990, de acordo com Dayrell (2001), também não se investia tanto na realização de ações comunitárias nem na articulação com movimentos sociais e outras organizações políticas. O trabalho do referido autor cita poucos relatos de

articulação com o Movimento Negro Unificado – MNU[20], com a Central Única dos Trabalhadores – CUT[21] e com o Partido dos Trabalhadores – PT naquele período, e indica que estes contatos não eram vistos enquanto uma tendência do Hip Hop e sim como escolhas pessoais.

A partir de 1995 começam a surgir mais grupos em Belo Horizonte e a Cultura Hip Hop aparece na cidade com mais força. Um estímulo foi a crescente visibilidade na mídia e a popularização de grupos e artistas do rap nacional, como os Racionais MCs. Naquele período houve também mais investimento da prefeitura local, administrada pelo PT, em eventos de rua nos bairros, como parte de uma política de descentralização das atividades culturais da cidade. Esses espaços também foram apropriados por jovens hip hoppers. Em alguns bairros periféricos, favelas e aglomerados da cidade passaram a acontecer "Encontros de Hip Hop", organizados pelos rappers das regiões e "sons" de rua mais estruturados, que se constituíram como espaços importantes de divulgação da Cultura Hip Hop (Dayrell, 2001). Esses encontros não aconteciam e ainda não acontecem livres de tentativas de silenciamentos:

> Podemos constatar, em vários momentos, a ação repressiva da polícia tolhendo as expressões culturais juvenis, principalmente dos jovens pobres. Quando estes se reúnem em alguma ação coletiva, geralmente são vistos como "baderneiros", e suas formas de lazer, como ameaças à ordem, expressão de um imaginário dominante há muito arraigado que vê nos pobres a "classe perigosa" (Dayrell, 2001, p. 61).

Assim, o poder público que hora patrocinava a realização de eventos, aparecia também nesse contexto enquanto força policial que impedia ou dificultava os encontros e expressões culturais da juventude pobre e negra.

Começam a se proliferar, nesse período, em Belo Horizonte as rádios comunitárias, como a Rádio Favela, que passam a visibilizar em sua programação o rap produzido na cidade através de programas realizados por DJs ou rappers que em geral não recebiam remuneração por esse trabalho. Surgem a partir de 1995, novas estratégias

[20] O Movimento Negro Unificado é uma entidade do Movimento Negro Brasileiro fundada no ano de 1978, quando ocorreu um ato público no Teatro Municipal de São Paulo. As motivações da manifestação foram as denúncias de vivências de discriminação racial por parte de quatro integrantes do time de voleibol do Clube de Regatas Tietê e da morte de Robson Silveira da Luz nas dependências do 44° Distrito de Guainazes, atribuída a torturas praticadas por policiais e às condições carcerárias do local. Fonte: http://www.blogger.com/profile/05994186866218803389

[21] A Central Única dos Trabalhadores – CUT, fundada em 1983, em São Bernardo do Campo/São Paulo, é uma organização sindical brasileira de caráter classista que atua nacionalmente na defesa dos interesses de trabalhadores/as. Fonte: http://www.cut.org.br/

de articulação no interior da Cultura Hip Hop como a posse Crê-Ser, anteriormente citada, e o Movimento Hip Hop Organizado – MH2O, que produzia um fanzine com o mesmo nome que trazia informações diversas sobre a Cultura Hip Hop na Região Metropolitana de Belo Horizonte, assumindo papel importante na divulgação do Hip Hop na região. Passam a acontecer também festas de rap, produzidas por pessoas atuantes nessa cena cultural (Dayrell, 2011). Essas festas, segundo Dayrell (2001), podiam ser divididas em três tipos: as direcionadas ao público Hip Hop, centradas nas apresentações de grupos; as dirigidas a um público maior composto também por admiradores dos elementos da Cultura Hip Hop, geralmente realizadas com som mecânico; e os eventos de rua, direcionados a jovens moradores de uma determinada região, que também incluíam apresentações de grupos. Estes eventos de rua, quando dispunham de uma estrutura maior quase sempre recebiam patrocínio de entidades públicas, como a Secretaria da Cultura, já havendo desde esse período algum tipo de proximidade, entre Cultura Hip Hop e poder público, ainda que essa se circunscrevesse mais à realização esporádica de eventos. Aconteciam também eventos de rua de menor porte, geralmente promovidos por equipes de som e grupos locais, podendo ser patrocinados por comerciantes da região. Algumas das festas que se destacavam no momento aconteciam no Butecário, bar que funcionava em um salão na sede do Sindicato dos Bancários, onde se realizavam shows nos finais de semana, e no Elite e no Estrela, duas tradicionais gafieiras da cidade. Os três estabelecimentos eram localizados na região central de Belo Horizonte (Dayrell, 2001). As festas que recebiam mais jovens de classe média, como as realizadas no Estrela, eram, segundo Dayrell (2001), apontadas por alguns rappers como espaços de deturpação da Cultura Hip Hop, em decorrência da grande participação de “playboys” que não se identificavam com a ideologia do Hip Hop e, segundo eles, só frequentavam o espaço para “tirar onda”, além do alto consumo de drogas, que era associado socialmente à figura do hip hopper, e do reduzido espaço para a apresentação e divulgação de grupos locais (Dayrell, 2001). Observa-se no trabalho de Dayrell (2001) um posicionamento discursivo dos jovens hip hoppers que aponta para uma tensão em que a classe social aparece como um elemento significativo.

A partir de meados de 1997, verifica-se uma diminuição na quantidade de eventos e festas maiores ligadas à Cultura Hip Hop de Belo Horizonte e uma queda na visibilidade pública do Hip Hop na cidade, que pensamos que pode também estar ligada

a um desinvestimento por parte do mercado. Mas, ainda que tivessem perdido espaços de divulgação e encontro, os hip hoppers seguiram se movimentando nas periferias da cidade (Dayrell, 2001; Família de Rua, 2010).

A partir dos anos 2000, o Hip Hop passa novamente a se expandir enquanto expressão e referência cultural de um número cada vez mais significativo de jovens pobres e torna-se parte de um circuito cultural alternativo maior que incluía um número reduzido de produtores musicais que possuíam pequenos estúdios, muitas rádios comunitárias, diversas lojas de discos e de roupas direcionadas ao público hip hopper e um número expressivo de grupos que não dispunham de uma estrutura consistente de produção e de selos musicais voltados para esse gênero musical, diferentemente de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro (Said, 2007). Especialmente a partir desse período observa-se também o uso recorrente dos elementos do Hip Hop como práticas de intervenção do poder público e de organizações do terceiro setor (Tommasi, 2004; Said, 2007):

> Nesse sentido, passou a ser comum a existência de práticas pedagógicas voltadas para os quatro elementos simbólicos que compõem o hip-hop nas escolas públicas e nas instituições do 3º setor, principalmente nas ONGs que desenvolvem trabalho com os jovens. As escolas, principalmente, passaram a adotar o hip-hop como uma alternativa pedagógica para o cotidiano de violência que enfrentam, desenvolvendo oficinas de rap, de grafite, de break e de DJs nos espaços escolares como uma forma de ocupar o tempo dos alunos-problema (Said, 2007, p. 64).

No início dos anos 2000 começam a acontecer com maior regularidade eventos ligados ao Hip Hop, produzidos pelos próprios jovens ou pelo poder público municipal local (neste último caso, geralmente shows de rap que compunham a programação de algum festival cultural). Os eventos voltados mais especificamente aos participantes da Cultura Hip Hop costumavam acontecer em espaços públicos de aglomerados e bairros periféricos. Aqueles direcionados a um público mais diversificado ocorriam, com menor frequência, em bares, boates e centros culturais. Um exemplo de evento criado naquele momento é a festa *H2 Style*, que se constituiu como uma importante referência da Cultura Hip Hop em Belo Horizonte. Tratava-se de uma festa focada nas produções e participantes do Hip Hop da cidade e de Minas Gerais, constituindo-se em um novo espaço de divulgação da cultura, desenvolvido pelos próprios hip hoppers. Nesse contexto emerge a Conspiração Subterrânea Crew, uma *crew* – grupo, coletivo, banca – que visava o crescimento e fortalecimento do Hip Hop em Belo Horizonte. A cada

quinze dias os MCs, *b-boys* e grafiteiros participantes da *crew* saíam das periferias onde viviam para se encontrar na Praça 7, no Centro da cidade, pra fazer *freestyle*, rimar, dançar, grafitar, conversar. Não tinham recursos suficientes para exercer suas atividades (decorflex[22] para dançar, painel para grafitar, microfone para rimar), mas improvisavam a expressão artística com os recursos que dispunham. Nesse contexto a história do MC improvisador, hoje expressão muito visibilizada na cidade entre os homens, começou a ficar mais conhecida em Belo Horizonte (Família de Rua, 2010). Não obstante o Hip Hop tenha vivido alguma expansão nesse momento, Dayrell (2001) caracteriza essa cena cultural como marcada por certa fragilidade que precisa ser compreendida, segundo ele, em relação a um contexto mais amplo:

> É a expressão do processo de estigmatização que o rap e as outras linguagens do hip hop sofrem, quase sempre vinculados à criminalidade e à violência juvenil, aliado ao incômodo que provocam por ser um estilo que se baseia na denúncia social, uma expressão cultural de "pobres, pretos e raivosos" (Dayrell, 2001, p.73).

Ainda sobre os eventos de Hip Hop realizados nessa época, locais de encontro de jovens hip hoppers, Said (2007) afirma que o público participante era majoritariamente negro e masculino, embora mulheres também estivessem presentes, em número reduzido, geralmente acompanhadas de namorados ou maridos, de amigas ou dos/as filhos/as. A autora fala de uma predominância de grupos masculinos na composição da programação dos eventos, fator apontado como algo que ajuda na compreensão de uma hegemonia masculina nesse contexto. Outros elementos que Said (2007) aponta como importantes para a compreensão das configurações de gênero desse campo são: uma menor mobilidade das mulheres nos espaços públicos em decorrência da ocupação e divisão sócio-espacial desigual do ponto de vista de gênero presente na sociedade brasileira; e os impactos do cotidiano matrimonial e da gravidez para aquelas que eram casadas e tinham filhos/as, posto que uma expressão das hierarquias de gênero é responsabilizar mais as mulheres por tarefas domésticas e familiares, o que dificulta a conciliação entre família, lazer e/ou a carreira artística.

Assim, ainda que o Hip Hop tenha surgido a partir dos anos 80 como um campo de atuação das juventudes negras e periféricas, as assimetrias de gênero nesse contexto limitavam a participação das mulheres em condição de igualdade e é nesse cenário que é constituída a Organização de Mulheres Negras Ativas, conforme discutiremos a seguir.

[22] Espécie de tapete emborrachado utilizado para cobrir o chão para se dançar *break*.

## 2.2. Hip Hop como Campo de Constituição de um Coletivo de Jovens Negras

A Organização de Mulheres Negras Ativas foi criada no ano de 2003, a partir da ação de duas amigas vinculadas ao Movimento Negro Unificado – MNU e ao Partido dos Trabalhadores - PT. O coletivo surgiu em um momento de expressiva atuação tanto de jovens ligados/as ao Hip Hop quanto do Movimento de Mulheres Negras em Belo Horizonte e Região Metropolitana. Suas primeiras integrantes começaram sua atuação em organizações de juventude dentro de setores existentes no interior do MNU e do PT: a Juventude Negra e Favelada e a Juventude do PT.

> Na adolescência, a gente começou a participar no sindicato, no partido. Aí eu e minha irmã começamos a perceber algumas situações de racismo na escola. Então, a gente foi atrás do Movimento Negro pra poder buscar alguma ajuda pra lidar com essas situações que a gente estava vivendo na escola. E aí nessa busca a gente conheceu o pessoal do MNU, que é o Movimento Negro Unificado e também da Pastoral do Negro[23]. Através do pessoal do MNU a gente desenvolveu algumas oficinas de grafite na comunidade, com jovens da comunidade. A gente iniciou ali uma relação com a Cultura Hip Hop, que agora eu não estou lembrando se é antes ou depois da minha participação no partido. (...) eu comecei no Movimento Negro e aí a gente foi pra uma atividade... eu participava do partido, eu participava do PT desde.... nem sei, acho que 96, 94. E aí a gente fez um encontro da juventude negra do PT em São Paulo, no Cajamar, e aí eu fui convidada pra esse encontro. (...) E aí numa atividade do encontro tinha muita gente do Hip Hop de vários lugares do Brasil, falando sobre o Hip Hop e tudo. E aí, nessa roda, nessa oficina que a gente estava, eu falei assim: "Uai, lá em Belo Horizonte não tem isso não!" Aí a Vanessa estava nessa roda. E ela falou: "Tem sim. Em Belo Horizonte tem Hip Hop sim!" Aí eu falei: "Então, quando eu voltar eu vou procurar". E aí eu fui procurar o Hip Hop quando eu voltei (...) Eu acho que Negras Ativas surge num momento muito... muito importante. Era um momento em que o Movimento Negro estava forte na cidade. Era um momento em que a gente tinha acabado de passar pelos encontros da Juventude Negra e Favelada. Então você tinha, em várias comunidades, expressões de organização tanto do Hip Hop quanto do Movimento Negro mesmo. (...) A gente começou a discutir juventude negra quando ninguém discutia juventude. Então eu acho que isso é um ponto importante. (...) Como é que começou o Movimento Juventude Negra e Favelada? O MNU tem várias estratégias de ação. E aí uma coisa que eles fizeram foi o seguinte: o Hamilton Borges saiu lá de Salvador e veio morar aqui, no Aglomerado Santa Lúcia. (...) E aí começou a fazer atividades de formação e tal

[23] Agentes de Pastoral Negros - APNs é uma associação fundada no ano de 1983 na cidade de São Paulo. Tem como objetivo o desenvolvimento, em âmbito nacional de ações comunitárias para a promoção da cidadania e valorização da identidade negra e que se estruturem em torno da fé, da cultura e da política. Localmente os APNs se organizam em Núcleos/Mocambos. Fonte: Site dos APNs: http://www.apnsbrasil.org/

(...). Na época também tinha um... um grupo de direitos humanos ligado à igreja, lá do Aglomerado Santa Lúcia. Acho que tinha um padre meio revolucionário lá... e então o pessoal criou uma organização comunitária bem fortalecida. Inclusive a primeira reunião do MNU que eu participei foi lá no Aglomerado Santa Lúcia, lá no Centro Catequético, se eu não me engano, o nome do espaço. (...) E aí, assim, nesse momento estavam acontecendo várias situações de violência no aglomerado. Tanto que foi necessário ter esse grupo de direitos humanos e tudo. E aí os jovens começaram a conversar sobre essa ideia, inspirados pelo Hamilton Borges: "Vamos discutir esse negócio de Juventude Negra e Favelada!" Também teve uma atividade, se não me engano foi do Força Ativa, que foi em São Paulo. Acho que era o Grito da Periferia. Que também influenciou. (...) E aí a Juventude Negra e Favelada foi se organizando. (...) Eu vi na televisão um negócio de Juventude Negra e Favelada, achei um papel na rua, aí depois eu vi na televisão e falei: "Gente, esse negócio de Juventude Negra e Favelada. Que será que esse povo está arrumando?" (...) Então, no primeiro eu não participei. Mas eu participei do segundo e do terceiro Encontro de Juventude Negra e Favelada. Então, foi um processo mesmo, onde a gente fazia debates, juntava jovens de várias comunidades. Tinha um processo de preparação, de discussão do que era ser jovem, negro e morador de favela. O que isso mudava na nossa realidade, na nossa forma de perceber o mundo. E tentando positivar essa identidade mesmo, mostrar que ser jovem, negro e morador de favela é uma forma de resistência. A gente no ambiente da favela tem muita resistência, tem uma construção de uma história de uma população que luta pela moradia, que luta pela sobrevivência, que luta pelos direitos humanos. Então, é um processo de um quilombo urbano. (...) E era isso que era o foda na Juventude Negra e Favelada: todo mundo ficava com a autoestima lá em cima! (...) a gente podia expressar essa negritude e sentir orgulho do lugar que morava, (...) da história que vivia mesmo. Isso foi muito forte. Aí dessa história de Juventude Negra e Favelada sai Grupo do Beco[24], NUC[25], Negras Ativas... (risos) e outras figuras aí da cidade. (...) Então, tem todo esse processo, né, de... que foi muito fortalecedor individualmente e acho que coletivamente também. Acho que... deu uma força que a gente... ajudou a gente a perceber uma força que a gente tinha, de que tudo que a sociedade o tempo inteiro falou que era ruim e que era a gente, que era a gente mesmo e que era bom (risos) (Entrevista Larissa).

A Juventude Negra e Favelada aparece nos relatos das Negras Ativas como um importante espaço, construído a partir do Movimento Negro Unificado, de mobilização

[24] Grupo criado no ano de 1995 por jovens moradores/as do Aglomerado Santa Lúcia/Belo Horizonte, com o objetivo de articular teatro e transformação social. Tem como objetivo garantir a acessibilidade ao teatro, valorizar as referencias culturais locais e ampliar as possibilidades de expressão da/na comunidade. Fonte: http://grupodobeco.blogspot.com/

[25] O grupo de rap NUC – Negros da Unidade Consciente foi criado em 1997 por jovens moradores/a do Aglomerado Alto Vera Cruz, localizado na região leste de Belo Horizonte. As letras do grupo abordavam temas relacionados à realidade de jovens moradores/as de periferias e favelas e à questão racial. Em 2003 os/a fundadores/a do grupo criaram a ONG Grupo Cultural NUC que desenvolve oficinas e outras atividades culturais e formativas nas áreas do Hip Hop e de outras artes negras e periféricas e das tecnologias da comunicação e informação.

das juventudes negras e faveladas na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Posteriormente, as precursoras de Negras Ativas participaram de um grupo de jovens negras chamado Oju Obirin. Esse grupo surgiu no final da década de 90 e se desarticulou após um tempo:

> Então, você nunca consegue lembrar de todos os detalhes, mas antes de Negras Ativas a gente tinha tido uma experiência de um outro grupo de mulheres, que foi na época mobilizado por uma amiga nossa, na verdade algumas amigas, que eram a Sílvia, Adriana, umas meninas que queriam também um pouco pensar esse papel da mulher dentro da Cultura Hip Hop. E aí eu estava nessa época junto com elas, isso final dos anos 90, né, 98, 99, por aí. E aí a gente deu pra esse grupo, a gente buscou informação sobre a língua iorubá, um pouco, a gente tinha um amigo na época que influenciava muito a gente também com a língua iorubá, e aí a gente deu o nome pra esse grupo de Oju Obirin, que é olhos de mulher em iorubá. E aí a gente se reunia sempre e um pouco dialogando, né, sobre as mulheres no Hip Hop. Esse grupo depois se desfez, as meninas se dispersaram, foram fazer outras coisas (Entrevista Vanessa).

O processo de organização enquanto grupo de jovens negras é associado pelas Negras Ativas à seguinte percepção:

> Identificamos que no contexto dos movimentos políticos e culturais da cidade a participação das mulheres negras jovens e periféricas tinha especificidades que denunciavam a urgência de novas formas de pensar e agir no espaço público e privado, visto que as mulheres e suas contribuições eram invisibilizadas, violadas e/ou anuladas, inferiorizadas e desconsideradas em diversos momentos e de diversas formas (Trecho do Projeto Rosas Negras[26]).

Na tentativa de dar continuidade à experiência iniciada com o Oju Obirin, criaram o GDF – Grupo de Discussão Feminina. Ambos visavam discutir a situação das mulheres no Hip Hop. Pretendia-se desenvolver estratégias de enfrentamento ao machismo especialmente nesse contexto:

> E é interessante que a gente vem fazer esse enfrentamento justamente em um dos lugares onde tem um apelo de um masculino pronto, de um masculino hegemônico já estabelecido. Tem um jeito de ser homem no Hip Hop e a gente enfrenta isso tudo, né? Porque se tem um jeito de ser homem visibilizado no Hip Hop também tem um jeito de ser mulher, que mesmo que seja na invisibilidade está posto ali. E a gente começa com esse enfrentamento, né? Aí enfrenta o jeito de ser homem, o jeito de ser mulher, o jeito de relacionar com a questão da sexualidade, aí enfrenta o jeito de ocupar o espaço público, de usar a palavra, de

[26] Este trecho é apresentado no referido projeto como um dos argumentos que justificam o desenvolvimento de ações de popularização do Feminismo Negro junto a jovens negras.

> usar a parede. (...) Eu acho que, o Hip Hop é esse lugar. Talvez o nosso laboratório de mudar o mundo. A gente vai, começa dentro do Hip Hop, experimenta dentro do Hip Hop, aí vai e faz lá fora também. (...) Tipo o grafite mesmo, que a gente começa rabiscando no papel, aí faz um tanto de vezes, aí faz num muro, aí faz outro, vai melhorando... Então eu acho que tem um pouco dessa possibilidade de experimentar essa relação política e entender um pouco como o que acontece no mundo vai acontecer na minha comunidade ou no grupo que eu pertenço. É ali naquele... é ali no Duelo[27]. O que acontece no mundo eu encontro lá no Duelo por exemplo. E aí? Como que eu lido com isso? Aí eu acho que é nesse sentido. É dessa janelinha que a gente olha o mundo. E a gente vai lá e volta. (...) Eu acho que ser mulher no Hip Hop não é pouca coisa não! Ainda mais mulher preta no Hip Hop! A gente é guerreira! Eu acho que é isso que une (Entrevista Larissa).

O Hip Hop aparece desde este momento como dimensão significativa para a atuação do grupo por se configurar segundo as integrantes do coletivo enquanto um importante campo de sociabilidade para elas e para outras jovens.

> Larissa: Porque o GDF ele nasceu para discutir com as meninas do Hip Hop. E a gente achou que o Hip Hop era um espaço que dialoga com a juventude da periferia. E era um espaço que a gente gostava também, tipo: "Ah, eu já to curtindo. Então, para o baile ficar melhor, vamos acabar com o machismo aqui!" (risos) (...) A gente também poderia ter feito essa discussão no samba, mas o espaço que tinha mais a ver com a nossa identidade mesmo, tinha mais a nossa cara, era o Hip Hop. Aí eu acho que isso fez muita diferença. A gente dialoga com as mulheres do samba, com as mulheres de outros lugares. A gente vai no samba, mas tem essa coisa de que... de alguma forma o Hip Hop... a gente é do Hip Hop. Sei lá... Alguma... Não sei explicar não (risos) (Entrevista Larissa).

> Vanessa: E aí permaneceu comigo esse desejo de continuidade das discussões que a gente tinha iniciado e aí, então, eu começo a dialogar um pouco com a Rosilaine, posteriormente veio a Larissa (...) desse nosso papel, desse nosso lugar dentro do Hip Hop, e era muito essas questões que a gente ainda discute hoje (...). Mais essa questão da invisibilidade mesmo da mulher, do machismo, que naquele período era ainda muito mais pesado do que é hoje. A gente não tinha na cidade grupo de mulheres de nenhum elemento do Hip Hop, mulheres que se destacavam de forma alguma dentro do Hip Hop. O que as meninas faziam era treinar. No caso das b-girls, elas treinavam com os meninos, mas elas nunca, raramente, se apresentavam. Na hora das apresentações quem se apresentavam eram os homens. No caso dos grupos de rap, as meninas não cantavam nunca, nunca iam à frente, ao microfone, estavam sempre atrás, fazendo *backing vocal* (...). Então eram esses questionamentos que a gente fazia, né, dessa situação de machismo, de opressão que as mulheres viviam na sociedade e que se transferia, se refletia também dentro da Cultura Hip Hop. (...) No início

[27] Sobre o Duelo de MCs, evento da Cultura Hip Hop que acontece desde 2007 em Belo Horizonte, e no qual acontecem disputas de *freestyle* (rimas improvisadas) entre MCs, conforme discutiremos melhor adiante.

> a gente conversava de alguma forma sobre isso, não era uma coisa muito elaborada, muito profunda... não era tão profundo e tão elaborado quanto é hoje, mas era um pouco isso, a indignação que a gente tinha com essa situação (...) e aí foram vindo algumas ideias, uma das primeiras ideias que a gente teve foi de fazer o Recado das Minas[28], que é o panfletinho que a gente ia, então, nas festas, nos bares, distribuía, nos espaços de rap da cidade e tal. A gente estava sempre convidando algumas meninas pra virem bater um papo com a gente, mas sempre era muito difícil, muito complicado, que ainda tinha muito, uma situação das meninas de dependência mesmo, de submissão em relação aos meninos. Então muitas vezes a gente percebia que os meninos parabenizavam, elogiavam, mas não permitiam que suas namoradas fossem nas nossas reuniões, por exemplo (Entrevista Vanessa).

Sobre o Hip Hop enquanto campo de sociabilidade e participação das juventudes periféricas em Belo Horizonte e sobre sua visibilidade na cidade, Dayrell (2002) afirma que desde os anos 80:

> (...) veio se construindo uma cena rap que, mesmo ocupando um espaço marginal no circuito cultural, se mantém viva e atuante, apesar das oscilações entre momentos de latência e de maior visibilidade. Ao mesmo tempo, existe uma parte ainda mais submersa, formada por um sem-número de jovens que se reúnem e formam seus grupos nos bairros por simples diversão, na maioria das vezes com uma curta trajetória, sem se tornarem conhecidos no próprio meio Hip Hop. Durante todo esse tempo existiu e existe ainda uma rotatividade de grupos muito grande, vários se desfazendo ou mesmo trocando de integrantes, e muito poucos permanecendo do início do movimento na cidade (Dayrell, 2002, p. 126).

As Negras Ativas afirmam que suas vivências e as de outras jovens neste campo têm sido marcadas por lugares de pouco reconhecimento. Segundo elas, diferentemente dos homens, cuja participação, de acordo com Dayrell (2002) e os participantes (quase exclusivamente homens) do Documentário "O Som que Vem das Ruas" (2010), passa por momentos de maior e menor visibilidade, as mulheres dentro da Cultura Hip Hop têm vivido uma trajetória marcada pela invisibilidade de suas expressões.

Sobre esse aspecto da dinâmica de gênero no Hip Hop em Belo Horizonte, é importante destacar que os registros sobre o Hip Hop que conseguimos acessar retratam em geral uma história sem muitas referências a conflitos internos e basicamente masculina. Com exceção do trabalho de Said (2007) que fala do surgimento de mulheres no Hip Hop a partir da década de 90, não encontramos nos demais registros estudados

[28] Textos elaborados para serem distribuídos em locais públicos, como eventos do Hip Hop, que associam as temáticas juventude, raça, gênero e classe social com questões políticas consideradas relevantes pelas integrantes da organização no contexto em que esses textos são produzidos.

menções à participação das jovens na construção do que se nomeia como história do Hip Hop em Belo Horizonte. Isso nos leva a, antes de automaticamente associar esse silêncio a uma não participação das mulheres nesse contexto, desconfiar que a invisibilidade delas pode ser mais um sinal dos lugares que têm ocupado nas relações de poder estabelecidas na cena Hip Hop.

Cabe aqui sinalizar que construímos a narrativa acerca da história do Hip Hop em Belo Horizonte no masculino na tentativa de explicitar como ela é comumente contada: geralmente, sem visibilizar a participação das mulheres. A partir deste ponto traremos elementos acessados na interlocução com as Negras Ativas que nos permitem questionar o processo de legitimação dos "sujeitos" dessa história e recontá-la a partir de outra posição. A interlocução com as Negras Ativas durante o projeto de pesquisa nos trouxe elementos significativos para pensar a participação das mulheres no desenvolvimento da Cultura Hip Hop na Região Metropolitana de Belo Horizonte e para entender melhor as posições que elas têm ocupado dentro deste cenário não apenas no presente, mas ao longo da história. Elas chamam a atenção para o argumento de que:

> Dentro da Cultura Hip Hop a participação da mulher se deu de forma protagonista desde seus primórdios com mulheres (...) que estrategicamente não alcançaram reconhecimento e/ou visibilidade. Assim, talentos, potencialidades e possibilidades, sobretudo das mulheres jovens e negras, se perdem no tempo e na história. A ausência de condições objetivas como falta de tempo, de dinheiro e de formação qualificada e subjetivas como baixa autoestima, ausência de autoconfiança, redes sociais enfraquecidas, falta de perspectivas diante da vida dificulta e/ou impede a mulher de efetivar sua participação dentro da Cultura Hip Hop (Trecho do Projeto Hip Hop das Minas[29]).

De acordo com elas, a história do Hip Hop em Belo Horizonte é marcada por uma participação das mulheres que pode ser caracterizada como ativa, mas também subalternizada. Essa subalternidade se reflete no passado e ainda hoje no acesso limitado aos espaços/processos de vivência dessa cultura, às posições neles comumente ocupadas e às possibilidades de serem reconhecidas, respeitadas e visibilizadas em sua diversidade, consequências de reproduções do machismo, conforme aponta Lauana:

> É, a história do ponto de vista de gênero ainda é tímida. Foi tímida porque eram poucas as

[29] Projeto da Organização de Mulheres Negras Ativas que propõe a "formação, reflexão e debate sobre sexualidade, afetividade, relações de gênero, direitos sexuais e reprodutivos, negritude, feminismo, direitos humanos e participação das mulheres dentro da Cultura Hip Hop para favorecer o empoderamento das jovens dentro e fora do movimento." Fonte: Projeto Hip Hop das Minas – Organização de Mulheres Negras Ativas.

> mulheres que eu via no Hip Hop e pra gente entrar no Hip Hop a gente tinha que ser masculina praticamente. A gente não podia ter uma calça apertada. Pra estar na cultura você não podia às vezes, ser você, você tinha que ser um pouco eles, e aí de alguma forma a gente ficava oculta no movimento, porque a gente era só mais um mano (...). Então quando você via as mulheres, todas eram quase um padrão: era tênis, calça larga, blusa larga, boné. (...) E as que eram mais antigas, que eu vejo que é a Tote, a Miss Black, que já tinham essa postura mais diferenciada de usar uma calça justa ou de um salto ou de não ficar só nesse negócio mais de mano, eram recriminadas, até nós mesmo recriminávamos: "Nossa, ali a patricinha, está no lugar errado". Então a gente tinha esse preconceito também de achar que ali também não era o lugar delas, que elas estavam querendo aparecer no movimento, sendo que às vezes elas já tinham superado essa fase, e era... de alguma forma, que a gente estava tentando se afirmar no movimento, porque se a gente não podia de uma forma entrar na cultura que era marginalizada, que não era coisa de mulher, como que a gente ia entra nessa cultura? A gente não tinha espaço. Você ia nas festas, eram poucas mulheres, uma festa de cem pessoas só tinha 15 mulheres. (...) Na visibilidade eu vejo que as mulheres em si hoje, a gente está presente nos espaços, mas não estamos com o espaço aberto. Nós não estamos, tem várias apresentações, não tem mulheres, eles nunca convidam mulheres; se tem é uma ou é nenhuma. Então às vezes eu acho que a gente ainda não tem um espaço que a gente deveria ter, e não é também por culpa... porque a gente não vai. Porque nós mulheres temos outras... a gente trabalha, estuda, tem a casa, tem filhos, tem outros compromissos que também nos levam a, às vezes, não ficar tão engajada na cultura como a gente gostaria, mas estamos presentes da mesma forma e aí isso faz com que os caras achem que a gente não... não é por amor (Entrevista Lauana).

Sobre a participação de mulheres na Cultura Hip Hop em Belo Horizonte Said (2007), ao discutir dados de campo analisados durante pesquisa realizada entre 2006 e 2007, aborda elementos que vão de encontro às leituras tecidas pelas Negras Ativas:

> Os dados levantados demonstraram que atualmente são poucos os grupos exclusivamente femininos que permanecem atuantes no cenário musical local. Foi possível observar, também, que no grafite assim como no break, a expressão feminina também encontra-se restrita. A participação das jovens enquanto DJs e b-girls era praticamente inexistente e poucos eram os grupos que tinham pelo menos uma mulher em sua composição, sendo que nestes, em sua maioria, a mulher não ocupava um papel de destaque. (...) Constato também que, no âmbito da produção musical, a hegemonia masculina mostra-se mais efetiva, uma vez que não foi encontrada nenhuma produtora musical. Nesse sentido, vale ressaltar que durante a pesquisa também não foi localizado nenhum disco solo feminino (Said, 2001, p. 74).

O que as Negras Ativas contam acerca da história do Hip Hop em Belo Horizonte inclui elementos de tensão e conflito de gênero não focalizados na maioria

dos registros por nós acessados, e sobre os quais trabalharemos de forma mais aprofundada nos capítulos 3, 4 e 5 deste trabalho:

> (...) mas acho que a gente foi se firmando e foi reconhecendo o nosso espaço dentro da cultura que a gente não tinha, que agente não precisava ser os manos pra estar naquele espaço, e a gente podia contestar aquele espaço de outras formas. Tanto visualmente quanto na ideia mesmo. Então quando surgiam alguns grupos de rap feminino, mais de São Paulo, tipo Visão de Rua, esses grupos mais "masculinos", (...) os homens davam moral porque era mais voltado para o masculino. Aqui em Belo Horizonte teve o Clã, (...) que era aquele tanto de mulheres, mas todas de calça larga, todas assim. Mas essas mesmas que começaram assim, que também acharam que só desta forma conseguiriam hoje são totalmente diferentes do que eram há 10 anos atrás, justamente por isso, porque a gente conseguiu mostrar no dia a dia, se a gente conseguiu entrar de uma forma, não foi da mesma forma que a gente permanece até hoje, com uma forma muito mais política, muito mais dialogada. Tipo assim: "Se você canta, eu também posso cantar. Eu não quero cantar atrás do palco. Eu quero cantar aqui na frente. Eu não sou *backing vocal*. Eu sou MC também. Eu danço também. Eu não danço porque meu namorado dança, eu danço porque eu sei dançar, é diferente" (Entrevista Lauana).

Como forma de reagir às desigualdades vivenciadas dentro do Hip Hop as Negras Ativas começaram, desde a atuação no Oju Obirin e no GDF, a articular mulheres participantes da Cultura Hip Hop em encontros nos quais discutiam essas questões, liam textos e pensavam em formas de transformação das relações estabelecidas entre homens e mulheres:

> Nessas reuniões, nesses encontros, na época do Oju Obirin, era muito importante, por exemplo, a participação da Castanha. Porque a Castanha é uma figura um pouco mais velha que a gente, que tinha vivido um outro período do Hip Hop, de início do Hip Hop nacional, né (...). Então ela era uma das mulheres que viveram isso e muita coisa ela contava. Inclusive da dificuldade tanto com homens quanto com mulheres. Ela era uma figura que dançava, né, que era dançarina, e que também tinha essa ousadia de protagonista, de formar o seu grupo né, de mulheres, e aí é... do período em que ela criou o seu grupo de dança, e que depois teve que ser amparada, escoltada, por alguns companheiros, que eram dançarinos também, porque tinha grupos, uma turma de mulheres querendo pegar elas pra bater, porque até então não se tinha um grupo de mulheres que tinha se atrevido a se formar, se organizar, e ir num grande evento. Porque teve um período aqui em BH né, do "BH Canta e Dança", que foi um *boom* na cidade, e elas ousaram formar um grupo de meninas pra dançar nesse espaço. Então teve tanto dificuldade com os homens, que barraram, barraram, barraram, até que tiveram que aguentar toda a insistência delas até conseguirem se apresentar. Mas também a dificuldade com as mulheres, que não queriam, que não davam conta ainda desse tipo de mulher que era mais protagonista, mais pra frente, mais

> ousada. Enfim, tem várias histórias que ela contava pra gente, que eram super interessantes (Entrevista Vanessa).

Os encontros do Oju Obirin e do GDF nos trazem elementos importantes para pensarmos sobre os eventos intermediários ao trânsito das Negras Ativas entre o privado e o público que configuram o que Tejerina (2005) nomeia como privacidade compartilhada: espaço no qual se desenvolvem práticas sociais e mecanismos de construção do *nós* através dos quais vontades privadas se articulam na configuração de inteligibilidades e demandas coletivas que através da mobilização podem adquirir visibilidade e notoriedade na esfera pública.

Ao verem, a partir da atuação nesses espaços, que o campo do Hip Hop não era prioritariamente articulado em torno do debate, mas sim em torno de outras expressões como a música, a dança e as artes visuais, essas mulheres passaram se organizar enquanto grupo de rap para nele melhor incidir:

> Então, primeiro era, chamava GDF, era Grupo de Discussão Feminina. Aí a gente começou a discutir, ler texto, conversar. E aí a gente viu que só discutir não resolvia, porque o espaço do Hip Hop não era um espaço de debate. Era um espaço de cantar, de dançar, de uma expressão é... corporal e... uma expressão mais completa que só o discurso falado. E aí a gente resolveu: "Não, vamos cantar também." E nessa época eu acho que... não sei se... eu acho que não tinha grupo na cidade. Ou se tinha era o grupo da Lula, que eu não lembro o nome. Mas a referência feminina que eu tenho dessa época é só a Lula. (...) Mas tinha outras mulheres participando, mas não nesse lugar de protagonismo. (...) tinha outras mulheres na cena, mas muito invisibilizadas. Tanto que do pessoal que tava naquela época, a gente continua no Hip Hop; a maioria das mulheres não estão mais. Você não tem notícia, você não sabe nem o nome, não sabe o paradeiro. Os homens estão aí ainda. Agora, e as mulheres? Pra onde que foram? Então eu acho que Negras Ativas nasce um pouco nesse contexto (Entrevista Larissa).

Nesse momento entendemos que houve além do interesse em se expressar através do rap, uma mudança na estratégia discursiva pra participar da Cultura Hip Hop. O novo grupo foi nomeado como Negras Ativas, "com a proposta de inovar dentro da Cultura Hip Hop a partir de letras que abordam os preconceitos e discriminações existentes na sociedade com foco nas relações de gênero" (Trecho do Zine A Teimosia nos Ensinou a Resistir[30]).

[30] Boletim distribuído através da internet e em locais públicos pelas Negras Ativas. A Teimosia nos Ensinou a Resistir foi o primeiro fanzine elaborado pelo coletivo, entre 2004 e 2005. Contem as seguintes informações: História da organização, texto sobre a lei 10.639, texto sobre o Fórum Social Mundial de jan/2005, texto sobre a situação das mulheres negras no que diz respeito ao acesso a direitos e às

Em 2004 outras jovens negras se integraram ao grupo, que passou também a investir na intervenção em outros campos e através de outras linguagens, com objetivo e estratégia de atuação coletiva. Assim, além do trabalho através da música, a Organização de Mulheres Negras Ativas passou a desenvolver ações formativas como oficinas e projetos de intervenção[31]; ações de incidência em fóruns, encontros, conferências e conselhos; ações de mobilização para a participação como as Rodas de Conversa e Poesia[32]; atuação em redes de articulação política em torno das temáticas gênero, raça e juventude; elaboração e distribuição de textos (como por exemplo os Recados das Minas) e fanzines (como "A Teimosia nos Ensinou a Resistir" e "Caixa-Preta"[33]) cujas temáticas transversais são as relações e desigualdades raciais, de gênero, de classe e geracionais, sempre articuladas a assuntos que estejam em pauta no momento em que os textos são produzidos e distribuídos. Todas as integrantes do

experiências de resistência, poesias, imagens ligadas às temáticas abordadas no zine, página de agradecimentos às parcerias estabelecidas no ano de 2004.

[31] Alguns desses/as projetos/oficinas são: Projeto Rosas Negras (anteriormente apresentado); Projeto Hip Hop das Minas (anteriormente apresentado); Projeto A História do Meu Ser Mulher, que objetiva criar um espaço de discussão crítica sobre o que representa ser mulher na contemporaneidade, partindo de vivências cotidianas de opressão e de resistência das participantes; Oficina OCA - Origem, Cor e Arte, que tem como objetivo "recuperar a origem e significados das cores da Unidade Africana, através de sua história, articulando estes significados com a história dos/as participantes e promovendo a socialização de experiências entre os membros do grupo"; Oficina Dança do Corpo: Ritmos do Cotidiano, que propõe trabalhar através da dança inspirada em movimentos do cotidiano e da dança afro as temáticas racial e de gênero; Projeto Formação/Aperfeiçoamento em Gestão Comunitária Juvenil, elaborado a partir de demanda apresentada pelo Programa Fica Vivo! da Superintendência de Prevenção à Criminalidade do Governo do Estado de Minas Gerais, que propõe a constituição de um "espaço teórico-vivencial que pode contribuir para a ampliação das possibilidades de superação da inclusão subalterna a partir da instrumentalização protagonística dos/as jovens lideranças ligados/as ao Programa Fica Vivo!"; Oficina Negritude e Cidadania, que propõe "a valorização da cultura negra e a identificação positiva de educadores e educandos no que se refere a identidade racial através do resgate da história de resistência e luta do povo negro"; Projeto Atitude de Mulher, proposta de espetáculo composto por "jovens mulheres ligadas ao Hip Hop e a outros movimentos culturais de Belo Horizonte, com o objetivo de potencializar uma produção artística de expressão feminina e promover discussões sobre a atuação da mulher na sociedade. Participaram dessa construção jovens rappers, DJ, grafiteira, percussionistas e dançarinas (*b-girl* e afro)". Fontes: Projetos da Organização de Mulheres Negras Ativas catalogados.

[32] Espaço de encontro e diálogo no qual, a partir de linguagens culturais, busca-se estimular a reflexão e o debate sobre questões contemporâneas geralmente articuladas às temáticas gênero, raça, geração e classe social.

[33] Segundo fanzine da Organização de Mulheres Negras Ativas, elaborado no ano de 2006 e distribuído entre 2006 e 2007. Contem as seguintes informações: Texto de apresentação da organização; poesias; texto sobre a participação das mulheres no Hip Hop no ano de 2006; sugestão do livro Zenzele de J. Nazipo Maraire; discussão sobre o conceito denegrir; linha do tempo dos anos de 2006 e 2007 com foco na participação das juventudes negras, convergindo para o Encontro Nacional de Juventude Negra; texto sobre o livro Não Somos Racistas de Ali Kamel; cruzadinha sobre conceitos, momentos e atores políticos importantes para os movimentos Negro e Feminista; texto sobre os significados e impactos da ação coletiva; texto sobre identidade étnico-racial e racismo; texto sobre as conquistas do Atitude de Mulher, do grupo de rap Negras Ativas e do Coletivo Hip Hop Chama no ano de 2006; imagens relacionadas aos temas abordados no fanzine.

coletivo geralmente participam direta ou indiretamente da maior parte das atividades desenvolvidas, em momentos de planejamento, de execução e/ou de avaliação.

> Aí a gente viu que só discutir não resolvia, então a gente resolveu: "Vamos discutir e vamos cantar". Aí depois a gente começou a cantar e falou: "Gente, mas não pode ser só cantar. Além de discutir e cantar, vamos ter que fazer outras atividades". (...) a gente resolveu fazer tudo o que a gente pudesse fazer para combater o machismo e o racismo e empoderar as mulheres. (...) Tudo o que a gente pôde fazer, em todos os espaços políticos que a gente pôde atuar pra essa discussão a gente atuou. (...) a gente estava ali, porque a gente sabia qual era a pauta que a gente queria visibilizar naquele espaço. Então, foi fazendo que a gente foi vendo o que dava pra fazer (...) A gente foi se dedicando muito a essa coisa: "Vamos levar essa discussão das mulheres dentro do Hip Hop para tudo enquanto é espaço que a gente puder". Essa foi a nossa principal estratégia. (...) Daí a gente ajudou mesmo a construir essa ideia inicial do Fórum Nacional de Hip Hop[34] (...). Foi um encontro muito legal. (...) E... nesse encontro também a gente conhece, reconhece outras meninas que estão na correria com a gente até hoje. (...) eu acho que Negras Ativas foi um dos poucos grupos que foi com uma proposta mais política ou mais sistematizada para o fórum nesse primeiro momento. Aí depois a gente acaba saindo desse espaço de discussão e indo fazer outras coisas. (...) outras meninas chegaram, outras pessoas chegaram e a gente foi fazer outras coisas (Entrevista Larissa).

É importante sinalizar que, ainda que tenham diversificado seu leque de atividades, as Negras Ativas não abandonaram a aposta nas expressões culturais no desenvolvimento de parte das novas ações e seguiram tendo o grupo de rap enquanto elemento importante na organização e considerando o Hip Hop como importante campo de ação e de fortalecimento para a atuação em outros contextos:

> Larissa: Ah, eu acho que em todos os lugares que a gente foi, a gente foi enquanto Hip Hop: "Nós somos do Hip Hop, nós somos da periferia, nós somos mulheres negras, nós somos jovens". (...) a partir desse lugar que a gente vai enfrentar o mundo. Eu acho que isso deu uma fortaleza. E também teve um período em que o Hip Hop teve um certo reconhecimento enquanto ação política, né, cultural, mas também política. Então a gente saía pra enfrentar o mundo a partir do Hip Hop. "A gente é feminista, mas a gente é do Hip Hop." Tanto que as nossas letras são de Hip Hop, são de rap, mas são letras feministas. (...) Mas por que a gente ia pra outros lugares? Porque a gente percebia que a fonte das nossas opressões não estava dentro da favela, não estava dentro do Hip Hop. Então, se a gente ficasse só na favela, só no Hip Hop, a gente não ia dialogar com o opressor, a gente não ia criar outros mecanismos

[34] Fórum que aconteceu no âmbito do Fórum Social Mundial no ano de 2002 tendo como objetivo a articulação entre as várias manifestações e atores ligados à Cultura Hip Hop para a realização de atividades culturais e debates em torno de questões ligadas a suas vivências e projetos coletivos. Participaram alguns/mas jovens vinculados ao Hip Hip da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Esse fórum seguiu sendo articulado em outros encontros do Fórum Social Mundial.

> pra reduzir as opressões que a gente estava vivendo. Então, precisa ir lá dialogar com quem faz a política pública, precisa ir lá dialogar com quem manda na polícia e precisar ir lá fazer outras conversas com outros parceiros. (...) Porque, quem gera a opressão que a gente está discutindo entre nós não somos nós. Então tem que ter, em alguma medida... responsabilizar, convocar esses outros para a desconstrução dessas opressões. (...) Às vezes a convocação é o enfrentamento. Às vezes dá pra conversar numa boa. Às vezes... às vezes é muito mais tenso, né? (...) Assim, é muito importante a gente ter ido, por exemplo, para o Conselho da Mulher, né?
>
> Cássia: E foi sofrido, né?
>
> Larissa: Nó, sofrido pra caramba! Justamente por isso. Porque as mulheres brancas, né, do Feminismo clássico, não vão aceitar um Feminismo de favela, né? "Como que essas menininhas faveladas, pretinhas, querem vir aqui falar?" (...) Por mais que outros companheiros, outras companheiras, sejam avançados na luta, em algum momento eles ainda recorrem a isso, né? A essa, sei lá, a essa dinâmica de opressão (sei lá como é que chama essa coisa) pra poder... tratar a gente dentro dessa lógica, né, de inferiorizar. (...) E aí, assim, como a gente dá conta, dentro do Hip Hop, de falar, de cantar, eu acho que isso ajuda também. (...) Eu acho que por estar fazendo esse percurso dentro do Hip Hop, de dar conta de cantar, de ocupar alguns espaços que historicamente as mulheres negras não ocuparam ou ocuparam com dificuldade, superar nossas dificuldades de ocupar esses lugares também, eu acho que isso ajuda no enfrentamento político. Ó, se eu encaro um palco com mil pessoas na minha frente, eu não vou encarar meia dúzia de brancas numa reunião? Ô! (risos) (...) Porque a gente vai vendo que a gente tem possibilidades de ocupar esses espaços, de fazer enfrentamento, sabe, de... que a gente tem algum poder, assim. A gente tem alguma capacidade de mudar a história um pouco, ou de pelo menos tentar mudar, pressionar pra mudar (Entrevista Larissa).

Um aspecto referente à dinâmica de organização das Negras Ativas em um grupo de jovens negras que merece atenção diz respeito ao fato de que todas as suas integrantes, desde as precursoras, tiveram experiências anteriores de participação em grupos/organizações mistos em relação às dimensões de gênero, raça e/ou geração: projetos sociais voltados para jovens de periferias (Projeto Educação pelo Tambor[35], Projeto Kilombola[36]), ONGs (Oficina de Imagens[37], ONG NET[38]), sindicato, partido

[35] Projeto vinculado à prefeitura da cidade de Contagem, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Criado no ano de 2005, oferece oficinas de canto, dança, percussão, construção de instrumentos e musicalização para crianças, jovens e adultos, com foco na educação, na cidadania, na identidade cultural e na inclusão social. . Fonte: http://www.folhadecontagem.com.br/portal/index.php/destaques/82/2613-projeto-educacao-pelo-tambor-sera-homenageado.html

[36] Projeto criado pelos integrantes do grupo musical Berimbrown em 2003, com o intuito de oferecer oficinas de percussão, capoeira e outras artes negras a crianças e jovens do Bairro Goiânia e região, localizado na periferia de Belo Horizonte/MG, em uma perspectiva de valorização da cultura de matriz

político (Partido dos Trabalhadores) e entidades ligadas direta ou indiretamente a movimentos sociais (Movimento Negro Unificado – MNU, Agentes de Pastoral Negros, Juventude Negra e Favelada). Geralmente caracterizam esses percursos anteriores como muito importantes para a socialização política, aprendizagem, ressignificação da identidade étnico-racial, mas sinalizam que também eram marcados em alguma medida pela deslegitimação dos lugares de fala de mulheres e jovens.

No caso das Negras Ativas, esses percursos anteriores nos levam a pensar que a articulação com o Hip Hop não foi condição para a vivência de uma experiência de atuação coletiva ou para uma aproximação em relação a um campo político de disputa. Suas integrantes tiveram experiências anteriores de participação em grupos e movimentos sociais e algumas delas puderam nesses contextos participar diretamente ou acompanhar conflitos estabelecidos. No entanto, quando algumas delas se referem à entrada no grupo no momento em que esse priorizava o Hip Hop como campo de ação, afirmam que foi aí que começaram a desenvolver coletivamente práticas mais referenciadas na idéia de Feminismo e a se articular mais a organizações, entidades e coletivos feministas.

> Lauana: (....) e com essa questão de Negras Ativas veio o Feminismo também, que eu tinha toda essa disposição pra lutar pelos direitos das mulheres, mas eu não conhecia o Feminismo. E o Feminismo veio junto, assim, ao Hip Hop Chama[39] e a Negras Ativas, que veio consolidando essa formação política minha também, participando dessas formações, tendo esses entendimentos e aí, sem perceber, já era feminista, já estava numa organização feminista, então veio tudo como um casamento mesmo, comungaram mesmo as ideias, com as atitudes (...) (Entrevista Lauana).

> Larissa: E aí nesse período também um dia a Vanessa chegou e falou: "Olha nós estamos montando um grupo de mulheres porque a gente quer discutir a questão da mulher no Hip Hop, porque tem muito homem e os meninos são machistas e não sei o quê". E aí que eu comecei a participar e aí que começou minha militância feminista. Porque ao longo da

---

afro-brasileira produzida nas periferias da cidade.

[37] Organização não governamental fundada em 2008 na cidade de Belo Horizonte que atua junto a crianças, adolescentes e jovens, tendo como missão a promoção dos direitos a partir da incidência em políticas públicas e do desenvolvimento e difusão de metodologias participativas nas áreas da comunicação, educação e da cultura. Fonte: http://www.oficinadeimagens.org.br/

[38] Idealizada por militantes do Partido dos Trabalhadores para desenvolver ações na área da tecnologia da informação para suporte a organizações e entidades vinculadas a movimentos sociais.

[39] Coletivo formado em 2001, que reunia jovens vinculados/as aos quatro elementos da Cultura Hip Hop, moradores de várias regiões da periferia e Região Metropolitana de Belo Horizonte. A relação deste coletivo com a Organização de Mulheres Negras Ativas será mais bem apresentada e discutida no capítulo 3.

> minha história, desde quando eu era pequena, eu sempre participava. Sempre participava... sempre essa questão do gênero ficava marcada: eu brincava das brincadeiras dos meninos; um dia a gente fez um síndico mirim no prédio porque os direitos das crianças não estavam sendo respeitados (risos) e aí eu era a síndica. Então teve vários momentos, assim. Na escola, também, que essa diferença ficava explícita e que tinha um posicionamento, mas eu não conhecia ainda essa palavra Feminismo e foi no Negras Ativas que eu conheci o Feminismo e a partir do Negras Ativas que eu comecei a aprofundar minha participação no Hip Hop e no Movimento Feminista (Entrevista Larissa).

Parece que antes mesmo de se nomearem como grupo vinculado ao Feminismo Negro houve de certa forma uma aposta no Hip Hop como possibilidade, para um coletivo jovem, de exercício de práticas a ele ligadas:

> E o Feminismo Negro ele é mais recente, muito a partir mais de leituras mesmo, de conhecer algumas discussões, é muito por referência, né, a partir de referências como bel hooks, como até algumas brasileiras, né, Geledès, o Criola, é que a gente começa a refletir mais profundamente sobre esse Feminismo. Mas desde lá do início a gente já fazia essa discussão desse diferencial de ser jovem negra, feminista, e dessa diferença de ser jovem branca, feminista, ou de ser mulher branca, feminista. Essas discussões de alguma forma a gente já fazia, inclusive já escrevia sobre isso, né. Agora, as reflexões mais profundas sobre o Feminismo Negro aí já são mais recentes mesmo (Entrevista Vanessa).

Quando pensamos no processo de constituição da identidade coletiva do grupo, percebemos que ele tem passado pelo reconhecimento da articulação de categorias sociais (gênero, raça, geração e classe social) que estão em permanente tensão no processo de diferenciação *nós-eles*. (Mayorga e Prado, 2010).

Nesse processo, o grupo se configura para as participantes como espaço de desenvolvimento de estratégias para incidir diante de alguns desafios para a atuação coletiva, por elas apontados: Incidir no cotidiano (nas relações familiares, no trabalho, nas relações estabelecidas dentro dos grupos mistos, etc.), sinalizado como uma importante esfera de atuação política; enfrentar as atualizações do machismo e de seus impactos como violências e privações vividas por jovens negras; garantir a organização e o engajamento coletivo em um cenário político desmobilizador; manter sonhos e ideais coletivos em contextos de muita violência e exploração:

> Lauana: É, eu acho que primeiro... o desafio ainda é o cotidiano: dentro de casa, dentro do seu serviço, dentro do seio familiar, acho que a gente ainda é reprimida dentro da nossa... dentro da instituição familiar. Então a luta começa aí, dentro da nossa casa, dentro... do privado pro público. Então a gente ainda sofre muita repressão, muito preconceito ainda, porque você é a "baderneira". "Pra que tem que fazer isso?" "Outras do passado..." A gente

ouve muito: “Não precisa não. Já é tudo igual. Hoje não tem esse negócio de diferença de homem e mulher não. Não tem preconceito de branco e preto não”. Hoje o que você mais ouve é isso e como a gente faz pra acabar com isso? Essas coisas cotidianas? O cotidiano é mais difícil de enfrentar do que o global, porque no mundo inteiro vai ter gente lutando por isso, mas como que cotidianamente a gente consegue minimizar essas práticas que acontecem, assim, que refletem globalmente? (...) Porque entre nós eu sei que você é irmã, eu sei que você está na mesma luta que a minha, mas você tem a mesma luta com o seu namorado, eu com o meu marido, eu com a minha mãe, com o meu pai, no seu serviço você é explorada trinta vezes ao dia, no meu serviço eu... com o meu colega, tipo assim, com a minha colega que é do mesmo curso que eu com práticas totalmente racistas, homofóbicas, machistas... (Entrevista Lauana).

Larissa: Eu acho que a gente tem muitos desafios enquanto mulheres jovens, porque o machismo eu acho que ele vai só atualizando, né. Então, hoje é muito grande a quantidade, por exemplo, de namoradas que vivem violência. Hoje uma das principais causas de morte das mulheres jovens é em consequência de abortos inseguros ou problemas no parto. Hoje as mulheres jovens, as mulheres negras jovens não estão tendo condição de escolher se vão engravidar ou não, se vão interromper ou não ou como vão interromper ou não essa gestação. Então eu acho que são desafios que também abrem possibilidades de lutas. Porque se a gente consegue, de repente, conhecer essas meninas ou encontrar com elas em algum espaço ou em algum momento, a gente pode conquistar elas pra luta. Mas eu acho que ainda está difícil essa construção desse horizonte político. Eu acho que sonhar hoje está difícil. Eu acho que... por mais tosca que seja a política, você precisa ter um sonho, um sonho no sentido de um ideal, de uma coisa que te inspire a caminhar. E pela dureza da vida que a gente está levando hoje, é difícil você manter um sonho, uma inspiração pra viver. (...) Quando você vive tanta violência, tanta situação de abuso e exploração sexual, estupro, com uma realidade assim tão dura... como que você vai manter um sonho? Às vezes é o sonho, esse ideal, que vai te manter vivo, mas às vezes até pra construir esse ideal é muito difícil. Eu acho que esse é o grande desafio que a gente tem agora, porque o momento político está dando preguiça! Eu acho que a maioria das pessoas está com preguiça da política nacional. O cenário está assim... a gente olha pros negócios e fala: “Ai, credo! Deixa eu cuidar da minha vida que é melhor”. E aí, nisso, coletivamente a gente vai perdendo, né? E eu acho que a gente precisa, não sei como, recuperar essa coisa de que juntos a gente consegue, é possível fazer algo diferente (Entrevista Larissa).

Flávia: (...) eu acho que, uma coisa que me deixa super feliz mesmo e que me dá força é acordar todos os dias, é saber que “eu não sou doida sozinha”[40], sabe. Saber que eu não sou feia, que eu não sou burra, que eu sou capaz de aprender, eu acho que isso é importante, né. E aí saber que eu não estou nessa sozinha não. Que o outro não vai, ele não vai conseguir

[40] Expressão criada por Flávia para expressar o movimento de atuação coletiva de Negras Ativas e suas parceiras. Virou uma referência para elas para falarem do processo de desnaturalização das hierarquias que, quando é expresso em denúncia, reivindicação, por vezes é lido pelo *outro* como “loucura”, exagero.

> me derrubar, sabe. Que eu tenho força, e além de força, eu tenho pessoas que estão comigo. Eu acho que isso fortalece muito. A presença do outro, ainda mais pra gente, eu acho que é uma coisa de tradição mesmo, né, tudo se faz junta, é muito importante estar junta, né (Entrevista Flávia).

Ainda que o Hip Hop não tenha permanecido como único campo ou meio de atuação ele sempre esteve presente na trajetória do grupo a partir do momento que ele passa a se nomear e se organizar enquanto grupo jovem.

Isso, além de se relacionar a uma identificação anterior com essa cultura e às contradições de gênero nela vivenciadas, conforme já apontamos, conecta-se com o fortalecimento do Hip Hop enquanto expressão juvenil em um cenário de participação que vem se constituindo para as juventudes negras e pobres nas últimas décadas (Castro e Vasconcelos, 2009).

O surgimento de Negras Ativas enquanto grupo jovem e vinculado ao Hip Hop, que nos parece nessa trajetória demarcar um lugar geracional, pode relacionar-se ainda, de acordo com nossa leitura, aos lugares desiguais que suas integrantes ocupavam nas organizações das quais anteriormente participavam:

> Flávia: Tava começando a fortalecer a discussão das mulheres negras dentro do Movimento Feminista (...) e levar essa discussão pras ONGs, porque as mulheres todas eram de ONGs mistas e aí era aquele *boom* de organização de mulheres, femininas, não eram só organizações de é... de Movimento Negro, mas organizações de mulheres negras. E aí as mulheres vieram falar um pouco dessas experiências delas e trazer mesmo essa bandeira negra feminista. E aí foi muito bacana, (...) e quando voltei eu queria fazer essa discussão dentro da Pastoral, só que a Pastoral sempre teve... primeiro veio da igreja, que a maioria são homens, e aí dentro do Movimento Negro também, aqui em Minas, a maioria eram os homens. Assim, a referência toda era masculina, né. E nós começamos a trazer um pouco essa discussão tanto na Pastoral do Negro quanto as mulheres que tinham nas outras organizações, na UNEGRO, começaram trazer essa discussão um pouco pra Minas (...). Aí alguns encontros, algumas reuniões nacionais começamos a puxar pra cá, e (...) foram entrando outras pessoas, entraram outras mulheres, aí entrou a Larissa, e a Larissa também já tinha essa discussão dentro do movimento que ela vinha que era do Movimento Negro Unificado (...) e a gente sentia muita falta, de sentir um apoio mesmo da organização a nível nacional, porque os Agentes de Pastoral Negros é uma Organização do Movimento Negro a nível nacional, mas não era muito forte essa discussão da mulher, e aí sentindo essa falta, a gente começou a discutir que precisava ter dentro da Pastoral essa discussão e acabou que, discutindo que devia ter essa discussão, a gente acabou entrando pra outra organização, que foi Negras Ativas (...). As meninas já tinham esse pensamento, a Vanessa mais a Rô, e já tinha até um nome, né, dessa questão de estar na atividade mesmo. Então

> negras e ativas ali no movimento. Aí, conversando, nós acabamos reunindo mesmo e fechando que ia ser isso mesmo: "Vamos discutir então, vamos levar!"
>
> Cássia: E por que um grupo de jovens?
>
> Flávia: (...) Então pra gente era levar essa discussão, ampliar ela na juventude mesmo, porque a gente não via muito, e aí acabou ficando mesmo, uma das linhas de ação é trabalhar a questão da juventude mesmo, estar trazendo essa discussão. E ficou... já não somos todas tão jovens, agora, mas eu acho que é questão de acreditar que ainda não tem uma discussão muito forte ainda, as jovens ainda não estão muito presentes, as jovens negras, que ainda não têm um espaço de discussão ainda aceito, amplo assim, então eu acho que é por isso que a gente ainda mantém, e também porque ainda tem jovem na organização, né, só eu que não estou mais enquadrando na onda (Entrevista Flávia).

Se não experienciassem subalternidades nos espaços mistos de participação, talvez não tivesse sido considerado necessário deles se retirar, de certo modo, para poder exercer uma atuação feminista negra e jovem no/através do Hip Hop. Isso nos levou a perguntar em que medida o Hip Hop tornou-se o espaço possível para o exercício da política para essas jovens. Ao questionar o grupo se de certa forma, além de terem apostado no Hip Hop, suas integrantes foram sendo levadas a se retirar desses espaços, a resposta foi que as relações de tutela neles estabelecidas também foram um fator que contribuiu para que buscassem outras formas de atuação:

> Vanessa: É que tinha um desejo, uma necessidade dessas mulheres de estarem entre mulheres, que é diferente de estar num grupo misto.
>
> Cássia: E aí uma pergunta que eu faço, assim, é... O fato de existir uma necessidade de estarmos entre mulheres para viver esse Feminismo de forma mais ampla, pra se fortalecer, inclusive para incidir nesses grupos mistos tem a ver também com o fato de não poder viver o Feminismo nesses grupos mistos? Vocês foram empurradas, de certa forma, para o não exercício do Feminismo nesses grupos? Tinha espaço para ser Negra Ativa nesses grupos?
>
> Vanessa: Tinha polêmica. Pensando na minha situação, tinha polêmica. Sempre teve no Movimento Negro uma dificuldade dos homens para trabalhar a questão de gênero. (...) Então, isso vinha nos encontros: seminários, congressos, as mulheres de alguma forma se impunham para criar naquele espaço as vozes. Isso pensando final dos anos 90, início dos anos 2000. (...) E aí naquele momento a juventude do MNU começou a tomar algumas iniciativas. Uma era pautar a sua condição como favelada dentro do Movimento Negro que era diferente, que tinha um diferencial, assim, nas relações e... na relação com a sociedade e na relação com os próprios intelectuais do Movimento. Então veio o Movimento Juventude Negra e Favelada. (...) E tinha outra questão de... eu me sinto privilegiada porque a minha primeira referencia feminista já foi uma feminista negra que era a Ângela do MNU. Isso pra mim fez diferença. Então tinha também essa referencia de mulher feminista dentro do

> MNU. (...) além de dialogar a questão de ser de favela a gente também dialogava essa questão de ser mulher. E aí em algum momento veio a vontade de pensar um grupo só de mulheres, que foi meio que as discussões todas nos levaram a isso.
>
> Cássia: Agora pensar um grupo só de mulheres jovens não teve a ver com nenhuma inserção diferenciada das jovens dentro do MNU?
>
> Vanessa: Tinha, tinha. Tinha uns momentos, umas discussões de tutela. A Larissa também deve ter pegado, com certeza lembra de algumas coisas, dos mais velhos querendo tutelar, querendo centralizar, controlar, então você busca outras formas de atuar. Porque uma vez militante, você quer continuar a ser militante, mas você quer continuar a partir de suas formas, a partir daquilo que você foi elaborando nessas experiências todas. E aí você vai construindo outras formas, outros espaços. Eu acho que foi um pouco isso que aconteceu com a gente. A gente foi se unindo com outras figuras por aí (Entrevista Vanessa).

Segundo elas, a Organização de Mulheres Negras Ativas emerge nesse contexto também como possibilidade de fortalecimento para a incidência nesses espaços:

> Então o problema é sempre nosso, nunca é do todo, nunca é do movimento em si que é machista ou que é homofóbico ou que é racista, então a gente vê que só entre nós mesmo, só se a gente unir força entre nós que a gente vai conseguir uma revolução, a gente vai conseguir se firmar pra estar nesses outros movimentos mistos. Que a gente precisa estar junto em alguns momentos, a gente precisa construir juntas pra multiplicar isso. Então muitas vezes a gente é reprimida, calada em algum espaço, mas que nós juntas fortalecemos pra conseguir diminuir isso, essa falta de espaço que a gente tem em outros movimentos, em outros campos (Entrevista Lauana).

Ainda sobre o processo de constituição, organização e engajamento no grupo, suas integrantes, ao ingressarem no coletivo, apresentavam outros elementos comuns em suas trajetórias de vida, para além das experiências anteriores de participação: Eram todas jovens moradoras de favelas e periferias; algumas com histórico de trabalhos socialmente e economicamente pouco valorizados como o doméstico, de auxiliar de escritório, em telemarketing, etc.; algumas com pais e familiares com percurso de militância partidária (pelo Partido dos Trabalhadores), estudantil e comunitária, o que elas sinalizam ter sido um incentivo para sua entrada na militância:

> Eu tenho uma vivência social, vamos dizer assim, muito forte. Meus pais desde cedo participaram de movimento estudantil, diretas já, na rua, o pau quebrando, contra o governo, e "vamos botar governo democrático", e as mulheres nessa história, e essa coisa toda... E aí, desde cedo eu participei muito... comecei a questionar muito essas coisas. Entrar dentro desses projetos, desses coletivos. Até que eu me envolvi com alguns e me identifiquei com alguns. Eu achava, eu ainda acho que você precisa ter uma maneira de se

> expressar. Você tem que se expressar (Entrevista Tainara).

Tinham também como referências de militância feministas negras de outras gerações atuantes nas organizações nas quais elas iniciaram a participação e ativistas que as precederam na atuação no Hip Hop:

> Então, essa terminologia Feminismo Negro, ela é mais recente, assim. Dizer do Feminismo Negro é bem mais recente dentro de Negras Ativas, mas a questão do Feminismo desde o início de alguma forma a gente já falava, porque a gente tinha influência das mulheres do MNU, que falavam muito da importância de ser feminista, do significado do Feminismo na vida das pessoas, das transformações que o Feminismo trouxe pra sociedade, essas coisas. Então, sempre de alguma forma a gente conversava sobre isso (Entrevista Vanessa).

As mulheres de suas famílias (mães, avós, tias, irmãs) também são nomeadas por elas como importantes exemplos de resistência cotidiana:

> Então eu sou a Larissa Amorim Borges e... a minha militância começou eu acho que desde a barriga da minha mãe, né, porque ela já ia pra greve e me levava (Entrevista Larissa).

As que se vincularam mais diretamente ao Hip Hop começaram a participar nesse contexto mais como "mobilizadoras, articuladoras" do movimento que se expressando através de algum dos elementos e depois passaram a investir também na expressão através do rap:

> Aí participei de debates, participei de atividades, e tentei fazer isso também em Contagem, que é onde que eu moro, juntar a galera do Hip Hop, a gente fez algumas reuniões, até fundou um movimento lá, mas visando mais o cultural, pra ter mais atividade cultural porque a gente não era chamado pra tocar nos eventos que tinha na cidade, então isso me deixava revoltada porque a gente tinha, produzia cultura mas não tinha lugar para se expor, tinha, fazia várias atividades mas poucos lugares a gente tinha pra estar presente. Então de uma forma eu me sentia mais uma articuladora do movimento, eu estava, não fazia, não estava em nenhum dos quatro elementos, mas eu queria que aquele movimento fosse expandido. Eu queria, a gente tinha que fazer alguma coisa, não dava pra ficar só pra nós mesmo assim, então foi mais para o lado articulador, mobilizador do movimento do que uma integrante de um dos quatro elementos (Entrevista Lauana).

> (...) mas por minha família, meus pais, serem de movimento partidário, movimento comunitário eu já tinha envolvimento cultural, mas não tinha conhecimento do Hip Hop. Então a partir dos meus 13, 14 anos com essas minhas amizades do Vale Jatobá eu fui conhecer os eventos de rap (Estrela, Dançarte, que não tem mais, mas eram os eventos que tinha na época). No Vale do Jatobá tinha um evento anual lá muito bacana. E aí com 16 pra 17 anos eu comecei a ficar tão dentro da cultura que eu comecei a fazer eventos de rap, da cidade, a festa chamada "Crespo Sim". (...) Foi quando eu conheci Larissa, Vanessa (...) me

> convidaram pra participar inicialmente do grupo de rap de Negras Ativas por causa dessa minha atuação no cenário do Hip Hop. Como o grupo de rap tinha uns dois, três anos, mas ainda não tinha feito muitas apresentações, elas identificaram que eu poderia ajudar nessa questão de ter mais apresentações, de participar de mais eventos (...). Inicialmente eu já tinha feito algumas letras, iniciado uma carreira como MC, mas não tinha ainda feito apresentação nem participado de nenhuma atividade, e com esse convite que eu aceitei de cara, entrei pra Negras Ativas aí a gente começou a fazer várias apresentações. Todos os eventos que eu conhecia a galera que estava fazendo eu sempre colocava a gente pra cantar, então a gente foi crescendo, ganhando uma proporção bacana e eu parei de fazer festas (...) e fui dedicando mais politicamente dentro do grupo de rap, das atividades mais político-culturais da cidade (Entrevista Lauana).

Entram para Negras Ativas com expectativas diversas: Combater o racismo, o machismo, contribuir para o empoderamento das mulheres, especialmente as negras e jovens; poder incidir nas manifestações do machismo que afetam o cotidiano de mulheres em várias situações, inclusive dentro do Hip Hop; discutir com as jovens do Hip Hop a questão do machismo; participar do Hip Hop sendo MC; esperavam que Negras Ativas proporcionasse espaços de participação e formação; almejavam conseguir no grupo e com o grupo garantir espaço para discussão sobre gênero.

Várias relataram a importância da participação no grupo para novos posicionamentos assumidos em relação a si e em relação a suas visões de mundo:

> É, de inicio eu falava: "Nó, agora eu vou cantar", tipo, "Agora eu vou ser do Hip Hop porque eu vou estar em algum dos elementos, eu vou ser MC". E então a minha expectativa foi mais cultural também, não foi tanto política. (...) E com as meninas, inicialmente com a Vanessa e com a Larissa, era uma escola. (...) Tipo assim, nossa... coisa básica, quer ver um exemplo? Tipo, só mulher que é dona de casa: isso pra mim podia ser normal, mas a partir da visão delas que elas começavam a falar... eu falava assim: "Mas o que é que tem se é só mulher que é doméstica?" (risos). Então, tipo assim, se inicialmente era uma coisa que não me tocava, que não conseguia ter uma visão política daquilo, com elas coisas assim cotidianas foram se transformando, ter uma visão política daquilo, histórica daquela submissão que a gente tinha. Então aí eu fui conhecer as músicas de Negras Ativas, e eu fui aprendendo com as letras, não precisava nem de formação, com as letras de Negras Ativas dava já pra aprender a ter mais rédea sobre a minha vida, sobre a minha situação enquanto mulher, negra, pobre, de periferia, que eu não tinha essa visão antes. Eu comecei a ter a partir de Negras Ativas, e foi sendo uma construção meio de choque assim, e foi uma transição minha porque até então eu tinha essa consciência que meu cabelo era duro, que nada parava no meu cabelo, que eu era negra, mas às vezes queria me sentir como branca, eu tinha orgulho de ser negra, mas eu queria ser branca na minha cabeça também, então tudo isso foi se construindo, desconstruindo e construindo ao mesmo tempo, pra ser o que

> eu sou hoje. E isso Negras Ativas contribuiu, pra essa história minha sabe, (...) ao mesmo tempo em que eu entrava em conflito comigo mesma eu estava me descobrindo. Então eu falava: "Ô meu Deus, mas eu vou tirar o relaxamento do meu cabelo todo mundo vai rir da minha cara, mas eu também não quero andar com o cabelo relaxado, não quero isso pra mim, não quero colocar isso, não quero fazer isso". (...) Então, isso acho que foi uma das principais contribuições de Negras Ativas pra mim foi eu me descobrir assim, e que eu poderia ser aquilo também, ter o cabelo relaxado, que eu podia andar da forma que eu queria, mas com uma consciência do que era aquilo, que era uma decisão minha, não uma imposição, entendeu, que eu podia ser o que eu quiser, mas porque eu quisesse (...) (Entrevista Lauana).

As primeiras integrantes falam também de parcerias que se estabeleceram no momento de formação do coletivo. Identificam que homens participantes do Hip Hop em algumas circunstâncias emergem como possíveis opositores, mas não nomeiam conflitos estabelecidos:

> Opositores, assim, é tudo muito no estilo do racismo brasileiro. Ao mesmo tempo em que aparece também se camufla. Eu acho que não tinha abertamente nenhum grupo, mas por outro lado a gente percebia as dificuldades dos homens no Hip Hop o tempo todo em lidar com mulher querendo falar de mulher. Isso era chato, né. Mas de alguma forma vinham parceiros, alguns parceiros, né. Por exemplo, a Flavinha vem ser Negras Ativas a partir dessa parceria com os APNs. Alguns... a gente um período, numa época fez, por exemplo, curso de gestão e planejamento, algumas coisas assim, cursos de artesanatos e tal, a partir de parcerias com o Odum Orixás[41], com o pessoal do Grupo do Beco, do Favela é Isso Aí[42]. Então tinham algumas parcerias, né, pra utilização de espaços, por exemplo, pras nossas reuniões em alguns momentos, eu acho que é isso (Entrevista Vanessa).

Podemos dizer a partir desse levantamento de informações acerca do processo de engajamento das participantes no coletivo Negras Ativas que um percurso periférico (em relação a dimensões socioeconômicas, de gênero, geração e raça) e a identificação com as culturas periféricas as aproximaram de certa forma:

> Larissa: Movimento Sem Palco, também, que teve na época, que era muito legal. (...) rock, hip hop, punk, funk. Nossa, a primeira geração do funk aqui de BH! Muita gente! Todo mundo que estava fora da cena é... artística é... convencional, tava no Movimento Sem

[41] Grupo criado em 1972 que atua para a afirmação e valorização da cultura afro-brasileira através da dança afro, do teatro, do artesanato, da poesia, da música e dos penteados afro. Será apresentado mais detalhadamente na sessão 2.4.

[42] Organização não governamental que foi criada como desdobramento da elaboração do Guia Cultural de Vilas e Favelas, concebido pela antropóloga Clarice Libânio e publicado em 2004. "Tem como objetivos contribuir para a redução da discriminação em relação aos moradores de vilas e favelas, promover geração de renda para os artistas, ajudar a prevenir e minimizar a violência, melhorar as condições do fazer artístico e acesso ao mercado cultural." Fonte: http://www.favelaeissoai.com.br/oprojeto.php

Palco. E era essa discussão, assim, que a gente precisa ter acesso a outras perspectivas de cultura, outras formas de expressão artística. (...) A gente fez tanto movimento nessa cidade! (...) A gente reunia no teatro, às vezes reunia na rua, aí fazia festival, assim, de vários shows. (...) Então tinha apresentações de teatro, tudo a preço popular, uma coisa mais contra a corrente mesmo. Mais contra a cultura, contra a hegemonia, na verdade, né. (Entrevista Larissa).

Flávia: Eu acho que vem muito da nossa experiência. Primeiro as duas[43], elas estavam muito pautadas nessa questão cultural, na questão cultural e numa questão de identidade, que era a questão do negro. Aí vinha a questão da dança, a Rô era muito ligada à dança, e a Vanessa à questão do teatro, que eram questões fortes pra fazer essa discussão do negro, né. E a questão do Hip Hop ela veio com uma cultura que ia trazer um elemento novo, que era a mulher na Cultura Hip Hop, e ampliar a discussão política. Vem como uma oportunidade mesmo, né, na dança você tem muita mulher, a maioria são mulheres, na dança afro, no teatro tem, então eu acho que veio como uma oportunidade mesmo (Entrevista Flávia).

Lauana: (...) eu tive aproximação com a Cultura Hip Hop a partir de 13 pra 14 anos no Vale do Jatobá que é onde eu fui criada (...). E lá por ser um bairro periférico o rap era musicalmente... a cultura musical lá, era mais tomada por isso: Racionais, Realidade Cruel não, mas Racionais, Lauryn Hill, Busta Rhymes, esses grupos americanos e depois mais nacionais. Então aí começou minha proximidade com o Movimento Hip Hop (Entrevista Lauana).

Tainara: Eu fui me identificando com o Movimento Hip Hop, com as músicas com as ideias, com o estilo de música, com o estilo de roupa, com o estilo de pensar, com o estilo de agir, com a personalidade que cada um tinha e com a certeza que eles tinham que fazer aquilo, que fazer aquela música, que fazer aquela dança, que fazer aquele grafite, aquele bit, a certeza. (...) Eu fui chamada para trabalhar numa festa de rap. E eu falei: "Nó, demorou, é agora!" Aí eu fui pra essa festa, virei a noite lá trabalhando, ajudando com os grupos, na produção, e quando foi de madrugada alguém falou comigo: "Nó, está indo rolar um seminário de Hip Hop. Agora, nove horas começa!" E eu: "Nossa, eu vou virar. Como é que eu vou num seminário?" Nunca tinha ido a um seminário destinado ao Hip Hop. (...) E me chamaram pra ajudar na produção! (...) participei, conheci várias pessoas e aí nesse seminário eu conheci o Coletivo Hip Hop Chama que estava fazendo esse seminário. Tinha o Gog, tinha uma galera do rap nacional que eu nunca vi de perto! E eu falava: "Nó, que isso!" Aí eu fui, participei, tive esse contato com o Coletivo Hip Hop Chama, adorei isso que eu vi lá e quis mais. (...) Fui à primeira reunião, à segunda reunião, fui participando, comecei a ajudar com uma proposta de uma campanha que estava rolando que era "gênero, sexualidade e redução de danos". E nesse meio tempo estava tocando percussão em algum lugar... em um canto... (...) Educação pelo Tambor! (...) Ficava pensando: "Nossa, como eu posso juntar isso aqui, esse tambor, essa coisa que eu estou tocando" e aquela coisa que eu

[43] Vanessa e Rosilaine, idealizadoras da Organização de Mulheres Negras Ativas.

> estava começando a descobrir que era o rap. E aí, além de ter maravilhado com o básico, com a música, com a dança, eu tinha maravilhado com a força que o Hip Hop tem de intervir nas comunidades, de intervir nos temas que afligem cada bairro, cada comunidade, cada família, né, de intervir nesse meio, de divulgar. Porque a música ela voa como se fosse o vento. E aí essa Cultura tinha esse intuito de levar essas denúncias de dentro da favela, vamos dizer assim, porque era lá mesmo que a coisa acontecia. (Entrevista Tainara).

Esse percurso periférico, como vimos nesta sessão, era expresso também nas posições ocupadas pelas Negras Ativas em seus campos de atuação. A organização enquanto coletivo de jovens negras representou, assim, uma estratégia para atuar tanto no campo do Hip Hop, inicialmente priorizado, como em outros contextos nos quais a participação de jovens negras enfrentava as barreiras da invisibilidade e da subalternização. Discutiremos a seguir mais especificamente como o campo do Hip Hop, nosso foco de estudo, tem se configurado na atualidade e como as Negras Ativas tem se organizado na relação com esse campo.

## 2.3. Configurações Atuais do Hip Hop na Região Metropolitana de Belo Horizonte e como as Negras Ativas se Organizam nesse Campo

Sobre as configurações atuais do Hip Hop enquanto expressão cultural juvenil e periférica em Belo Horizonte, podemos dizer que hoje ele se manifesta de diversas formas, dentre as quais destacamos a atuação dos coletivos e das crews. Os/as hip hoppers vinculados a essas organizações por vezes se mobilizam através delas para, além de exercerem seus propósitos culturais, desenvolverem também, articuladamente à Cultura Hip Hop ou através dela, práticas políticas (Geremias, 2006). Vários desses coletivos se conectam na cidade também em rede e hip hoppers a eles vinculados estão envolvidos/as na criação ou desenvolvimento de grifes de roupas e coletâneas a preços populares, produtoras musicais e programas em rádios comunitárias ou sites voltados para o público do Hip Hop, a partir do entendimento de que o mercado cultural hegemônico não possibilita a participação e o acesso igualitários dos/as hip hoppers a esses recursos, sendo necessária a criação de estratégias próprias para garantir essa inserção.

Uma das ações do Hip Hop que em Belo Horizonte e fora da cidade tem tido atualmente mais visibilidade é o Duelo de MCs, evento que acontece desde 2007 todas as sextas-feiras embaixo do viaduto Santa Tereza, no Centro de Belo Horizonte, organizado pelo coletivo Família de Rua. Mobiliza jovens hip hoppers de diversas periferias e cada vez mais desperta os interesses das juventudes de classe média. No Duelo de MCs acontecem disputas de rimas entre MCs improvisadores, alternadas por *pocket shows* (shows breves) que divulgam principalmente os trabalhos artísticos de hip hoppers da cidade. Paralelamente acontecem com freqüência rodas de *break* e ações de grafitagem no espaço. O Duelo de MCs tem se configurado enquanto um importante espaço de encontro entre as juventudes periféricas da cidade, representando uma significativa ação de ocupação do espaço urbano por esse seguimento da população, cuja circulação nas áreas centrais da cidade enfrenta barreiras simbólicas e materiais cotidianas, que vão desde os recursos limitados para uso do transporte público a discriminações que sofrem quando ultrapassam as fronteiras que a dinâmica pouco inclusiva da cidade coloca à sua mobilidade. A continuidade desse espaço tem se dado à custa de enfrentamentos e negociações com o poder público local que durante muitos anos se negou a garantir uma estrutura mínima (banheiro químico, limpeza, segurança

preventiva, etc.) considerada necessária pelos organizadores do evento para o desenvolvimento das atividades. O movimento do poder público em relação ao Duelo de MCs têm sido o de recusar uma interlocução mais horizontalizada, demandada pelos organizadores; de realizar ações truculentas de repressão policial a partir do pressuposto de que o espaço tem estimulado o consumo e o encontro de usuários/as e traficantes de drogas; e de aplicar multas por abuso no volume do som utilizado. No entanto, por ser sustentado pelo investimento e pequenas captações feitas (mais recentemente) pelos organizadores e doações de participantes, o Duelo pode contar com equipamentos de som de alcance bastante limitado. Além disso, acontece em uma região não residencial e de trânsito reduzido de pessoas.

Sobre a participação das mulheres nesse espaço, ainda que estejam em número representativo como platéia, raramente se vê uma jovem duelando ou em outra posição de visibilidade. Algumas MCs têm participado de *pocket shows* e algumas *b-girls* participam de rodas de *break*, mas bem menos que os homens. A batalha de rimas, momento de maior destaque das noites de sexta-feira raramente, é protagonizada por eles. Há diferentes interpretações dentre os/as participantes para esse fato. Algumas pessoas afirmam que o espaço está garantido e são as mulheres que não o ocupam por uma questão de desorganização ou menor engajamento com a Cultura Hip Hop. Uma segunda linha argumentativa é que a ocupação desse espaço enquanto MCs improvisadoras pode não ser uma demanda das mulheres. Já algumas hip hoppers, geralmente as que se identificam com a atuação ou debate feminista, recorrentemente relacionam essa situação à desigualdade de gênero que dificulta a participação das mulheres no Hip Hop. Recentemente essas mulheres organizaram um folder que circulou em redes sociais como o *Facebook*[44] com o intuito de visibilizar essa questão e incentivar a participação das hip hoppers no espaço. As integrantes de Negras Ativas contribuíram para a circulação do material gráfico e nas discussões que foram desencadeadas nessas redes.

Nesse cenário de configuração atual do Hip Hop na cidade, a Organização de Mulheres Negras Ativas e seu grupo de rap se dedicam principalmente às seguintes atividades mais diretamente voltadas para o Hip Hop:

- Composição e registro de músicas.

[44] Página do *Facebook* na internet: https://www.facebook.com

- Gravação do CD do grupo de rap, que se tem tentado concluir desde 2007.
- Realização de shows em eventos geralmente públicos/gratuitos para os quais são convidadas. A organização/promoção desses eventos varia, podendo ser realizada por hip hoppers, outros grupos culturais periféricos, entidades ligadas ao poder público local, organizações de movimentos sociais, faculdades e universidades, ONGs, etc.
- Desenvolvimento de projetos direcionados a jovens hip hoppers.
- Articulação em rede com outras jovens hip hoppers:

> E aí tem esse processo todo, né, do Hip Hop e o interessante, por exemplo, agora ano passado a gente criou a Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop, e a gente constata de fato isso: que tudo o que a gente vinha fazendo, nós todas e as outras que vieram antes da gente, por aqui, várias outras Brasil afora de alguma forma também estavam fazendo, e em algum momento a gente deu conta de juntar, de juntar todas e aí a gente tem agora essa articulação mais nacional, com mulheres de vários lugares, né. E as novas tecnologias ajudaram muito nisso também, essa coisa de aproximar, de ter um contato mais rápido, né (Entrevista Vanessa).

Conforme mencionamos na sessão anterior, desde seus primeiros anos de existência o coletivo tem investido também no desenvolvimento de ações que ultrapassam as fronteiras da Cultura Hip Hop. Discutiremos os sentidos e as implicações para a ação política desse investimento nos capítulos 3, 4 e 5. Mas antes apresentaremos, na próxima sessão, brevemente alguns aspectos desses outros investimentos que consideramos que trazem elementos importantes para a introdução das discussões seguintes. Assim como abordamos algumas características das integrantes de Negras Ativas no momento de constituição do grupo, lançaremos um novo olhar, também próxima sessão, sobre essas participantes na atualidade, seus projetos pessoais e coletivos e algumas de suas percepções e expectativas em relação aos caminhos organizativos assumidos pelo coletivo. Assim, buscaremos mais elementos para entender a partir de quais negociações e interesses as Negras Ativas têm se organizado enquanto *nós* na atualidade.

## 2.4. Outros Aspectos que se Destacam na Organização Atual das Negras Ativas

Nos últimos anos a Organização de Mulheres Negras Ativas esteve presente, através de diferentes formas de vinculação de cada integrante, em atividades e espaços de distintos níveis de institucionalização e conquistou visibilidade pública enquanto um coletivo atuante politicamente:

> (...) eu acho que Negras Ativas tem um histórico bacana. Porque é um nome que carrega muitas referências, né. (....) sempre tem alguém que já ouviu falar, pelo menos dentro de Belo Horizonte, de Negras Ativas, né. (...) sempre que eu falo dessa questão do papel da mulher, do Movimento Feminista, do Feminismo Negro, sempre as pessoas lembram de Negras Ativas, sempre Negras Ativas é uma referência dentro de Belo Horizonte e... nos lugares às vezes que eu passo e que as pessoas fazem referência, sempre lembram de Negras Ativas. Eu acho que Negras Ativas deixou esse... marcou o seu lugar assim né. Deixou o seu papel de alguma forma, né. Esse tempo anterior, do que Negras Ativas fez, eu acho que foi o que ficou, o que fica, eu acho (Entrevista Mônica).

As Negras Ativas têm também investido há algum tempo na formalização jurídica do coletivo, ainda não concluída:

> (...) eu já cheguei num momento que o grupo estava numa necessidade de registrar, né, se tornar personalidade jurídica, de discutir as dificuldades, de pensar um planejamento, de pensar uma captação, de pensar uma reestruturação, uma infraestrutura do grupo, e de pensar: "Vamos trabalhar em prol da Negras Ativas enquanto entidade, não só enquanto o grupo mas enquanto uma entidade que vai poder captar, que vai ter um nome registrado". Eu peguei um outro momento que não queria ser só militância, queria ter o lado mais profissional das coisas. Não que isso não acontecesse, muito pelo contrário. Mas que fosse não como um grupo... mais um grupo, mais um coletivo, mas como uma associação, um grupo de pessoas de interesses comuns e que quisesse fazer diferença com um nome, né, com uma história que pudesse deixar seu rastro e que continua deixando (...) (Entrevista Mônica).

Hoje suas integrantes atuam profissionalmente como educadoras sociais, moderadoras de grupo[45], assistente social, cientistas sociais, cabeleireiras, contabilista, psicólogas, cantoras, escritoras/compositoras, pós-graduandas, profissionais de políticas públicas e ONGs, estudantes de ensino médio e superior. Todas estão, conforme discutiremos melhor mais adiante, investindo na formação/qualificação profissional de alguma forma.

[45] Atuando como facilitadoras de processos de formação, articulação e incidência pública, geralmente desenvolvidos junto a jovens.

Quando falam sobre seus atuais projetos pessoais expressam o desejo de trabalhar profissionalmente nas áreas nas quais estão se formando ou se formaram. Desejam ter trabalhos mais independentes, autônomos. Esperam também ser contratadas por Negras Ativas e reconhecidas como profissionais dentro da organização. Querem ter mais tempo livre, para o lazer, para a família. Querem ter mais tempo para dedicar-se a Negras Ativas. As que são mães querem também investir na formação dos filhos (pessoal, profissional, política).

Quando falam sobre suas expectativas em relação ao grupo e/ou à militância no Feminismo Negro e no Hip Hop, destacam algumas questões: Querem ter mais tempo para produção e ensaio do grupo de rap. Demandam uma rotina de encontros para a Organização, algo que era mais recorrente no passado. Esperam que Negras Ativas seja uma organização institucionalizada, com sede, projetos próprios que tenham visibilidade e nos quais as integrantes possam trabalhar. Querem que o Hip Hop esteja presente nessa história e seja reconhecido nela. Querem seguir desenvolvendo ações voltadas para as mulheres do Hip Hop. Desejam mais momentos de debate, discussão e reflexão. Buscam uma maior organização da agenda do coletivo, para que possam ter uma dinâmica "mais leve" pra todas, que não seja de tanta pressão no que diz respeito ao volume de ações assumidas e o tempo disponível para realizá-las. Desejam que seja possível seguir pensando e planejando coletivamente os caminhos da Organização. Esperam que o grupo invista cada vez mais sua energia na produção das mulheres, que atue cada vez mais conectado entre si e com outras mulheres. Manifestam empenho por se manterem articuladas enquanto coletivo à ação política feminista negra. Algumas afirmam estarem hoje fazendo um balanço sobre o sentido, as estratégias, as possibilidades de se organizar e atuar no mundo para sua transformação (afastando em alguns momentos de algumas ações de militância como parte desse processo):

> Larissa: Eu acho que a luta, o Movimento Negro, todo movimento social, tem momentos de altos e baixos, sei lá se é assim. Momentos de maior ou menor efervescência, maior, sei lá, recolhimento, gestando alguma coisa mesmo, um momento de gestação mesmo. Mas eu acho que é por causa disso: as pessoas precisam descansar, precisam elaborar as coisas que pensaram, que lutaram, que brigaram e que amaram também. Porque se a gente não tiver muito amor a gente não faz essa luta. Mas cansa muito! (...) Então individualmente e coletivamente eu acho que tem hora que a gente precisa dar uma descansada, porque senão... Tudo bem, a gente sobrevive a terremoto, mas a gente continua sendo humano. E a gente não pode esquecer disso. (…) Eu acho talvez que essa ligação que a gente faz com o Hip Hop tenha a ver com isso. No Hip Hop a gente diverte! (risos) Tem uma hora que eu

não quero saber de nada, aí eu vou lá pro meio, e canto, e danço, e vou bater cabeça. Isso faz uma diferença. Aquela hora em que você sente o cheirinho do spray... (risos) Ai... É uma outra... É um outro universo! Acho que essa possibilidade de descansar um pouco do mundo produzindo livremente eu acho que isso... sentir o prazer, eu acho que isso faz uma diferença na luta. Eu acho que por isso que o Hip Hop fortalece a gente tanto. (...) Essa possibilidade de estar em casa. Isso faz uma diferença também. Eu acho que os movimentos sociais precisam de uma mística. (Entrevista Larissa)

Tainara: Eu fiz muita coisa que eu questionava, mas eu falava: "Não. Mas vai ter que ser assim pra eu chegar naquilo ali, senão não vai chegar". E hoje em dia eu falo: "Ah, não adiantou nada. Do meio que eu fiz eu não cheguei onde eu queria. Então, eu vou ter que mudar o meio".

Cássia: Que tipo de meio? Dá um exemplo.

Tainara: Nesse meio de partidos mesmo, nesse meio partidário. De estar em função disso, dessas regras, dessa coisa. E carregar um número nas costas. (...) Então se estar nesse meio... eu descobri que não é desse jeito que eu vou querer chegar na tal da política que eu quero, que eu acho. Não que eu quero, mas que eu acho que deve acontecer. Não dá. Não deu certo. Então eu vou ter que repensar numa outra maneira pra chegar.

Cássia: E aí? Você está pensando em uma outra maneira?

Tainara: Ah, não sei... talvez esteja vindo, chegando. Talvez. Não sei ainda. Eu estou esperando (risos). (...) Hoje a Tainara todo dia às nove da manhã abre um salão que chama Alongamentos Célia Marques (risos). (...) hoje em dia eu chego no lado social através do físico. Da beleza. Mas não a beleza do padrão. Porque o que rola não é o padrão. O que rola é a beleza pra ela. (...) Eu acho que eu acabei mudando a vertente. Em vez de eu lutar e entender as mulheres por fora, no contexto da sociedade em geral, eu fui entender elas no seu pessoal. Eu acho que eu faço isso agora (Entrevista Tainara).

Nessas reflexões o Hip Hop aparece ocupando um lugar de possibilidade de produção livre e através de outras linguagens, de lazer, de encontro e de mística que fortalece a atuação individual e agrega valor à organização coletiva.

Sobre aqueles que na delimitação de fronteiras grupais se configuram enquanto aliados das Negras Ativas, as seguintes parcerias[46] apareceram, nos discursos e documentos estudados, como mais presentes na atualidade[47]:

**Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB:** A Articulação de Mulheres Brasileiras

[46] Estamos considerando aqui aquelas parecerias apontadas pelas Negras Ativas como importantes para o desenvolvimento de uma atuação política. Outras possibilidades de articulação e apoio estabelecidos por outros atores que aparecem também nos discursos das Negras Ativas serão discutidas no capítulo 3.

[47] Estamos aqui trabalhando com as principais parcerias estabelecidas nos últimos três anos, segundo os relatos e documentos das Negras Ativas.

foi criada no ano de 1994 e atua em âmbito nacional na mobilização de Movimentos de Mulheres para formularem objetivos comuns. Dela participam mulheres feministas que atuam nos espaços de ação da AMB sem estarem vinculadas a outras organizações ou como representantes de entidades, coletivos e Movimentos Feministas, setoriais de mulheres de movimentos sociais e/ou de partidos políticos[48]. A Organização de Mulheres Negras Ativas iniciou maior diálogo com a AMB mediante convite recebido para a participação em atividades preparatórias e no Encontro Nacional da Articulação Nacional de Mulheres Brasileiras – ENAMB, ocorrido em março/abril de 2011 na cidade de Brasília.

**Associação Cultural Odum Orixás – ACOO:** A Associação Cultural Odum Orixás foi fundada em 2001, em Belo Horizonte, a partir do grupo criado em 1972 que levava o mesmo nome. Atua para a afirmação e valorização da cultura afro-brasileira principalmente em apresentações culturais e projetos formativos, através da dança afro, do teatro, do artesanato, da poesia, da música e dos penteados afro. Algumas integrantes da Organização de Mulheres Negras Ativas já atuaram no Odum Orixás como dançarinas e percussionistas. O grupo de rap Negras Ativas em conjunto com a associação montou no ano de 2008 um espetáculo para participar da I Bienal Internacional de Graffiti, na cidade de Belo Horizonte. Posteriormente esse espetáculo circulou por outros eventos da cidade ligados à agenda cultural local e de movimentos sociais. Integrantes das duas organizações têm participado em conjunto de processos formativos, rodas de conversa, projetos de intervenção, espaços de debate, formulação e controle social de políticas públicas.

**Associação Imagem Comunitária – AIC:** A Associação Imagem Comunitária é uma organização não governamental que desde 1993 desenvolve produções audiovisuais, eletrônicas e impressas em parceria com grupos voltados à promoção da cidadania; realiza encontros, seminários de discussão e formações voltadas para temas como a democratização da comunicação, a educação midiática e a produção em mídias comunitárias; oferece serviços gratuitos de comunicação organizacional e fortalecimento institucional direcionados a entidades parceiras. Tem sido ao longo dos anos de existência interlocutora de diferentes coletivos, entidades e movimentos juvenis

[48] Informações obtidas no site da Articulação de Mulheres Brasileiras: http://www.articulacaodemulheres.org.br/amb/

na cidade de Belo Horizonte[49]. A AIC tem sido parceira das Negras Ativas no desenvolvimento de projetos do grupo, garantindo empréstimo de espaço físico para a realização de atividades do coletivo e disponibilizando recursos e supor técnico. Desenvolveu programas de televisão e documentários sobre participação das juventudes e Cultura Hip Hop nos quais o coletivo atuou. Algumas integrantes de Negras Ativas têm trabalhado em projetos desenvolvidos pela associação e direcionados ao público jovem, periférico e a mulheres.

**Associação Lésbica de Minas – ALEM:** A Associação Lésbica de Minas atua no enfrentamento ao preconceito e à discriminação direcionados a lésbicas e mulheres bissexuais; no combate à violência contra mulheres; na defesa dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos das mulheres; e na promoção da visibilidade lésbica. Tem protagonizado a organização e realização das Paradas do Orgulho LGBT na cidade de Belo Horizonte e das Caminhadas de Lésbicas e Bissexuais Femininas de Minas Gerais, de seminários, debates, palestras e mobilizações que têm como foco a defesa dos direitos de LBGTs e de mulheres[50]. As Negras Ativas realizaram em conjunto com a ALEM oficinas, têm participado de seminários e encontros organizados pela associação, contribuindo com debates e apresentações culturais.

**Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais – CELLOS:** O Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual – CELLOS é uma entidade ligada ao Movimento LGBT que atua na defesa dos direitos e na promoção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e no combate à homofobia e toda forma de preconceito[51]. As Negras Ativas tem dialogado com o CELLOS em seminários, conferências e debates.

**Coletivo Hip Hop Chama:** O Coletivo Hip Hop Chama foi formado no ano 2001. Reunia em rede jovens vinculados/as aos quatro elementos da Cultura Hip Hop, moradores/as de várias regiões da periferia e Região Metropolitana de Belo Horizonte, tendo grande expressividade no cenário político-cultural da cidade no período em que se manteve articulado. As integrantes do grupo de rap de Negras Ativas aturam no Coletivo Hip Hop Chama desde sua formação em debates, projetos de intervenção,

[49] Informações obtidas no site da Associação Imagem Comunitária: http://www.aic.org.br/

[50] Informações obtidas no site da Associação Lésbica de Minas: http://www.alem.org.br/

[51] Informações obtidas no site do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais: http://www.cellos-mg.blogspot.com/

atividades culturais e processos formativos. No capítulo 3 discutiremos mais detalhadamente o caráter dessa participação.

**Conselho Municipal de Juventude:** O Conselho Municipal de Juventude de Belo Horizonte foi criado no ano de 1998 com a finalidade de colaborar com a Secretaria Municipal de Políticas Sociais e com a Coordenadoria de Juventude na elaboração e no desenvolvimento de políticas de/com/para as juventudes do município nos campos econômico, social, político e cultural. A Conferência Municipal de Juventude de 2006 teve como um de seus objetivos eleger representantes de uma nova gestão do conselho. Nesse processo, conforme discutiremos melhor no capítulo 3, participaram ativamente jovens vinculados/as à Cultura Hip Hop, dentre eles/as, as Negras Ativas, que tiveram uma de suas integrantes eleitas como Conselheira Setorial de Promoção da Igualdade Racial. O Conselho de Juventude foi um parceiro nas articulações e mobilizações realizadas pelas Negras Ativas e outros/as jovens militantes negros/as de Belo Horizonte para o Encontro Nacional de Juventude Negra – ENJUNE, que ocorreu em julho de 2007 em Lauro de Freitas/Bahia e contou com a participação de 476 delegados/as de diversos estados brasileiros[52].

**Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial – CPIR:** A Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Belo Horizonte atua na elaboração, proposição e coordenação de políticas públicas municipais de promoção da Igualdade Racial. Visa propor e implementar programas, serviços e ações afirmativas que se direcionem à superação das desigualdades sócio-raciais, ao enfrentamento ao racismo e à discriminação, à preservação da memória, da cultura e da identidade étnica da comunidade negra e sua plena inserção na vida econômica, política, cultural e social do Município[53]. As Negras Ativas têm dialogado com a coordenadoria ao longo de seus anos de atuação e participado de ações por ela desenvolvidas, como seminário, debates e projetos diversos. Têm contato com o apoio logístico da coordenadoria, como o empréstimo de equipamentos e espaço, para o desenvolvimento de suas ações. Uma das integrantes do coletivo já atuou na coordenadoria como estagiária.

**Marcha Mundial de Mulheres:** A Marcha Mundial de Mulheres reúne, desde 2000,

[52] Fonte: Relatório Final do Encontro Nacional de Juventude Negra.

[53] Informações obtidas no site da Prefeitura de Belo Horizonte: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=direitosdecidadania&tax=11548&lang=pt_BR&pg=5569&taxp=0&

mulheres ativistas urbanas e rurais de diferentes regiões do mundo que atuam na defesa da igualdade e da auto-determinação das mulheres[54]. As participantes da Marcha Mundial de Mulheres em Belo Horizonte e as Negras Ativas têm estado presentes em atividades realizadas por ambas as organizações e desenvolvido oficinas, debates e ações públicas em conjunto com foco na defesa dos direitos das mulheres. Geralmente as Negras Ativas recebem demandas da Marcha Mundial de Mulheres para estarem em presentes em suas atividades abordando nelas a perspectiva do Feminismo Negro.

**Metamorfose Crew:** A Metamorfose Crew foi formada em 2008 por jovens mulheres da Região Metropolitana de Belo Horizonte vinculadas à Cultura Hip Hop. Surgiu com os objetivos de construir coletivamente um núcleo de formação, reflexão e de trocas entre participantes da Cultura Hip Hop e articular ações culturais e políticas com intuito de promover maior visibilidade a mulheres vinculadas ao Hip Hop. Propõe ainda o desenvolvimento de oficinas, debates e ações comunitárias[55]. O coletivo foi constituído após a realização do Projeto Hip Hop das Minas pela Organização de Mulheres Negras Ativas, contando com a participação de integrantes do grupo de rap da Organização e de várias participantes do referido projeto.

**Oficina de Imagens:** A Oficina de Imagens é uma organização não governamental fundada em 1998, na cidade de Belo Horizonte. Atua junto a crianças, adolescentes e jovens, tendo como missão a promoção dos direitos a partir da incidência em políticas públicas e do desenvolvimento e difusão de metodologias participativas nas áreas da comunicação, educação, e da cultura[56]. Algumas integrantes de Negras Ativas têm atuado profissionalmente em projetos da Oficina de Imagens; o coletivo em alguns momentos utilizou o espaço da ONG para realizar reuniões e atividades; a Oficina é citada no Relatório Final de Atividades do Projeto Rosas Negras entre os parceiros que contribuíram para o seu desenvolvimento; e o grupo de rap Negras Ativas participou junto com dois outros grupos de Belo Horizonte de um ciclo de oficinas[57] promovido

[54] Informações obtidas no site da Marcha Mundial de Mulheres: http://www.sof.org.br/marcha/?pagina=aMarcha

[55] Informações obtidas no site da Metamorfose Crew: http://metamorfosecrew.blogspot.com/

[56] Informações obtidas no site da Oficina de Imagens: http://www.oficinadeimagens.org.br/

[57] As atividades do ciclo de oficinas Vídeo Clip Hop aconteceram dentre as ações do Cineclube Sabotage, espaço cultural localizado na Escola Municipal Prof. Alcida Torres, situada no Taquaril, região leste de Belo Horizonte. Nele são exibidos vídeos e filmes nacionais para a comunidade local. Os DVDs produzidos foram distribuídos gratuitamente e os vídeos exibidos em diferentes espaços culturais da cidade, sendo um deles o Duelo de MCs. O ciclo de oficinas foi realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fonte: DVD Cineclube Sabotage – Oficina Vídeo

pela Oficina de Imagens que tiveram com produto a elaboração de três videoclipes, reunidos em um DVD, sendo um deles o da música "ReparAções" das Negras Ativas.

**Observatório Negro:** Observatório Negro é uma entidade de Recife/PE, vinculada ao Movimento Negro, que se dedica desde de 2004 a articular ações públicas de combate ao racismo e sexismo, de promoção da igualdade racial e de defesa dos direitos humanos da população negra. Possui quatro principais áreas de atuação: advocacia política e ação psicossocial (atendimento, denúncia e monitoramento de casos individuais e coletivos); pesquisa e socioeducação (pesquisas nas áreas da legislação, dano psíquico e educação, consultorias, oficinas, palestras, etc.); articulação política (representação institucional, articulação e ação conjunta com redes, fóruns e demais formas de mobilização local, estadual, nacional e internacional); e participação democrática (atuação em conferências, debates e controle social de políticas públicas)[58]. As Negras Ativas se aproximaram do Observatório Negro ao se encontrarem com suas militantes em espaços e processos, de caráter nacional, de articulação com outros atores do Movimento Negro. Contaram com o apoio metodológico e logístico do Observatório para a realização de um processo interno nomeado Desenvolvimento Institucional e Planejamento Estratégico que teve como objetivo planejar a curto, longo e médio prazo as principais ações do coletivo e definir o desenho institucional e a forma de organização que Negras Ativas assumiria durante e após o processo de institucionalização.

Através das interlocuções e análises realizadas durante a pesquisa que resultou neste trabalho não conseguimos identificar o papel de todas as parcerias acima listadas no que diz respeito ao estabelecimento de tensões e conflitos na esfera pública de disputa, aspecto que discutiremos ao longo desta dissertação. No entanto, gostaríamos de destacar uma observação que pode ajudar no entendimento de transformações sofridas nas formas de organização e interação do coletivo nos últimos anos: Ao comparamos as parcerias citadas em seus primeiros anos de existência com as parcerias mais recentes aqui apresentadas observamos uma ampliação da abrangência territorial das mesmas. As primeiras parcerias do grupo pareciam em sua maioria ter uma atuação mais local, como podemos observar nas entidades citadas na parte de agradecimento aos

---

Clipe Hop – Experimental.

[58] Informações obtidas no site do Fundo Brasil de Direitos Humanos: http://www.fundodireitoshumanos.org.br/viewConteudoOut.no-filter?pager.offset=20&catTipo=PRO&conID=132&lwYEAR=2008.

parceiros do ano de 2004 no primeiro fanzine do grupo, "A Teimosia nos Ensinou a Resistir", publicado em 2005: Teatro Negro e Atitude – TNA[59], Rede Jovem de Cidadania – RJC[60], Posse NPN (Realistas MCs)[61], Escola Profissionalizante Raimunda Silva Soares[62], Coordenadoria Municipal de Assuntos da Comunidade Negra[63], Centro Cultural Inter-regional Lagoa do Nado[64], Arautos do Gueto[65], Agentes de Pastoral Negros. Além desses grupos e entidades são citados enquanto parceiros vários familiares e amigos/as das Negras Ativas. Nesse período, comparativamente com o momento atual, é majoritário o número de parceiros que têm na cultura o foco de atuação. Dentre as oito parcerias do ano de 2004 citadas no fanzine, quatro focam a cultura como principal forma de atuação. Das doze principais parcerias mapeadas entre os anos de 2008 e 2011, apenas três possuem este foco, sendo que uma delas, o Coletivo Hip Hop Chama, há alguns anos já não se reúne, ainda que seus/suas integrantes sigam se articulando em outros espaços e processos ligados ao Hip Hop. O crescimento nos últimos anos no número de parcerias com outras instituições não foi acompanhado pelo crescimento no número de coletivos e entidades culturais parceiras. Nas parcerias dos últimos anos, aparecem entidades internacionais e atuantes em outros estados, o que sinaliza para o crescimento da visibilidade e da circulação da Organização de Mulheres Negras Ativas. Observa-se grande distinção entre os parceiros mapeados (ONGs, entidades do poder público, organizações ligadas a movimentos sociais, grupos e

[59] Grupo de teatro criado no ano de 1993 na Região Metropolitana de Belo Horizonte por jovens atores negros com o objetivo de visibilizar as produções e artistas negras/os no campo das artes cênicas através de espetáculos, performances, oficinas e fóruns. Fonte: http://www.teatronegroeatitude.blogspot.com/

[60] Projeto da Associação Imagem Comunitária – AIC que funciona como rede de comunicação que articula grupos e movimentos juvenis de Minas Gerais, especialmente da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Sua proposta é visibilizar iniciativas das juventudes nos campos da cultura e da cidadania, bem como debates e reflexões ligadas a esse público. Fonte: http://www.redejovemdecidadania.aic.org.br/

[61] Grupo de rap formado em novembro de 1995 em Belo Horizonte/MG. Os integrantes do Realistas NPN são vinculados à Central Única de Favelas - CUFA de Belo Horizonte/MG. Fonte: http://www.myspace.com/realistasnpn

[62] Obra do Orçamento Participativo de 1996 vinculada à Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial e localizada na Pedreira Prado Lopes, favela situada na região Noroeste de Belo Horizonte. Fonte: http://escolaprofissionalizante.wordpress.com/

[63] Atual Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial – CPIR.

[64] Centro Cultural sediado no Parque Fazenda Lagoa do Nado, localizado no Bairro Itapoã (região Norte de Belo Horizonte), implantado em 1992, como resposta do poder público a mobilizações da comunidade local.

[65] ONG criada em 1996 por jovens do Aglomerado Morro das Pedras. Desenvolve oficinas e apresentações nas áreas da música, da dança e da percussão, apostando na cultura como caminho para a transformação social e visando valorizar as culturas periféricas e expressar as demandas da comunidade. Fonte: http://www.favelaeissoai.com.br/artista.php?cod=910

organizações culturais) e o tipo de relação estabelecida varia de acordo com o perfil dos parceiros.

O grupo atualmente participa, em âmbito nacional principalmente, de redes e espaços de articulação de entidades e coletivos de jovens:

- **Articulação Brasileira de Jovens Feministas – ABJF:** A Articulação Brasileira de Jovens Feministas é uma rede constituída por mulheres jovens negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, de periferias, sindicalistas, de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil, representantes ou não de organizações e movimentos sociais. Foi criada a partir da percepção de que as mulheres jovens possuem especificidades que devem ser visibilizadas nos movimentos feministas e de juventudes. Visa favorecer o diálogo e a articulação entre mulheres jovens para a participação política, a defesa dos direitos humanos e dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres jovens[66]. Desde 2006 aponta publicamente a existência de discursos adultocêntricos nas arenas feministas, explicitando posições ocupadas no interior do Movimento Feminista[67] e remetendo ao interesse de se fortalecer a interface entre estudos feministas e estudos sobre juventude na academia (Adrião e Méllo, 2009). A Organização de Mulheres Negras Ativas tem participado diretamente de atividades da ABJF, especialmente seminários, encontros e espaços de articulação e preparação das jovens para a incidência em conferências e conselhos de juventude e de promoção da igualdade de gênero. Negras Ativas participou através da ABJF da organização e realização do I Encontro Nacional de Jovens Feministas, ocorrido na cidade de Fortaleza/CE em março de 2008 com o objetivo de fortalecimento da agenda política, da articulação e das estratégias de ação das mulheres jovens. Nesse encontro foi elaborada uma carta de princípios para orientar o funcionamento da Articulação Brasileira de Jovens Feministas. O coletivo recebeu a demanda das demais participantes para contribuir especialmente com a parte metodológica do encontro.

- **Círculo de Juventude Afrodescendente das Américas e Rede Latino Americana de Jovens Afrodescendentes:** A Rede Latino Americana de Jovens Afrodescendentes articula desde 2006 jovens negros e negras de diferentes países da América Latina, integrando participantes do Círculo de Juventude Afrodescendente das

[66] Fonte: Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas.

[67] Temos tratado neste texto de Movimento Feminista no singular para efeitos de escrita, mas considerando as distinções, tendências, correntes e tensões internas que fazem necessário lançarmos um olhar sobre essa experiência que não a homogeneíze.

Américas. O Círculo de Juventude Afrodescendente das Américas – CJA foi formado no marco do Colóquio Internacional "Desafios e perspectivas da Juventude Afrodescendente nas Américas", realizado no Brasil em 2009 pela organização UJIMA – Trabalho Coletivo e Responsabilidade[68]. É responsável pela articulação do *Cumbre Mundial de Juventud Afrodescendiente* – CUMJUVA que aconteceu em outubro de 2011 na Costa Rica. O CUMJUVA teve como principais objetivos realizar formações e criar espaços de desenvolvimento de estratégias para a atuação social e política de jovens negros e negras; possibilitar o intercâmbio de práticas e experiências políticas e sociais; fortalecer a articulação entre jovens negros/as, seus canais de participação e possibilidades de cooperação; promover discussões políticas entre participantes, ativistas e especialistas; formar uma Comissão Mundial de Juventude Afrodescendente como espaço permanente de análise, intercâmbio e cooperação entre organizações e líderes jovens afrodescendentes do mundo. Negras Ativas tem participado da construção e realização de espaços de articulação à distância e presencial dessas redes, como, por exemplo, o CUMJUVA.

- **Fórum Nacional de Juventude Negra – FONAJUNE:** O Fórum Nacional de Juventude Negra – FONAJUNE consiste em um espaço de interação e diálogo permanente de grupos, movimentos e organizações de juventude negra e demais jovens negros/as interessados/as. Visa à organização e articulação nacional da juventude negra, com perspectivas de ação e intervenção social. É estruturado a partir de Fóruns Estaduais de Juventude Negra e tem como referência as resoluções finais do I Encontro Nacional de Juventude Negra – ENJUNE[69]. As Negras Ativas participaram do processo de estruturação e do desenvolvimento de ações do Fórum Nacional de Juventude Negra em âmbito municipal, estadual e nacional, bem como da organização, desenvolvimento, mobilização para participação e realização do Encontro Nacional de Juventude Negra. Tiveram representantes participando na moderação de atividades e em mesas de debate durante o encontro.

- **Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop:** A Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop[70] é formalmente constituída como associação, mas na prática funciona como rede que articula nacionalmente mulheres vinculadas à Cultura Hip Hop. Foi criada no 1º Fórum

[68] Site da UJIMA: http://www.ujima.org.br/index.php

[69] Informações obtidas no site do Fórum Nacional de Juventude Negra: http://www.fonajune.com.br/index.php

[70] Site da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop: http://www.mulheresnohiphop.com.br/?pg=principal

de Mulheres no Hip Hop realizado em Carapicuíba/SP em março de 2010, do qual participou um número significativo de jovens hip hoppers de Belo Horizonte ligadas ao Coletivo Hip Hop Chama, à Metamorfose Crew e a Negras Ativas. As Negras Ativas juntamente com parceiras hip hoppers da Região Metropolitana de Belo Horizonte assumiram o compromisso de atuar na mobilização e no lançamento local da Frente. Tanto o Fórum quanto a Frente surgiram com o objetivo de articular, fortalecer e visibilizar a participação das mulheres no Hip Hop. Desenvolvem atividades variadas como apresentações artísticas, exposições, palestras, debates, oficinas, homenagens a mulheres importantes para a história do Hip Hop.

- **Negras Jovens Feministas:** Rede que articula nacionalmente jovens negras que compartilham a agenda e reivindicações do Movimento de Mulheres Negras. Participantes dessa rede, incluindo as Negras Ativas, têm se organizado para atuar em diversas conferências e encontros. Um deles foi o I Encontro Nacional de Jovens Feministas. Um dos resultados dessa organização foi a elaboração da Carta das Negras Jovens Feministas Rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas que trazia as principais bandeiras de luta que mobilizavam a rede naquele momento: Defesa da criação e implementação de políticas de combate ao racismo, o sexismo e à lesbofobia; implementação de políticas de ações afirmativas e cotas para estudantes negros/as nas universidades públicas e privadas como instrumento de reparações históricas à população negra; descriminalização e legalização do aborto e a garantia dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos das negras jovens; implementação da política de saúde da população negra e do programa de planejamento familiar com atenção especial à saúde das negras jovens garantindo mecanismos de controle social; combate e criminalização da intolerância religiosa, identificando e punindo a perseguição às religiões de matriz africana como crime de racismo; combate aos estereótipos racistas veiculados nos meios de comunicação; promoção e apoio a iniciativas das negras jovens de criação de espaços de diálogos e alianças com todas as vertentes e perspectivas juvenis, em especial as juventudes quilombolas, de terreiro, indígenas e LGBTs; implementação a nível nacional da História da África (Lei 10639/03) e da Lei Maria da Penha (lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006.) garantindo mecanismos de controle social; garantia dos direitos trabalhistas das jovens trabalhadoras domésticas em igual condição e gozo de direito que outras categorias garantidas na CLT; destinação de orçamento e recursos técnicos e de gestão para apoiar as

iniciativas de geração de trabalho e renda das Negras Jovens[71]. Em novembro de 2009 as Negras Jovens Feministas realizaram o I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas em Salvador/Bahia. As Negras Ativas acompanham o processo de organização, mas não estiveram presentes no encontro[72].

Nesses espaços a Organização de Mulheres Negras Ativas tem se posicionado explicitando reivindicações e bandeiras feministas negras[73], articulando-se com outras jovens que se nomeiam como feministas negras e exercendo pressão para que suas demandas sejam contempladas em ações e bandeiras elaboradas coletivamente:

> Pelo que eu percebi nestes últimos tempos, principalmente agora nessa conferência[74], eu encontrei com muita gente. E aí as meninas chamaram a gente para organizar junto um encontro de negras jovens feministas da América Latina. E aí eu falei: "Pode contar com Negras Ativas!" (risos) (Entrevista Larissa).

Como sinalizamos na sessão anterior, observamos que não apenas nesses espaços de articulação, mas ao longo do processo de surgimento e organização das Negras Ativas enquanto coletivo o Feminismo Negro, mesmo antes de ser nomeado, aparece enquanto uma perspectiva para a ação coletiva das Negras Ativas. Na próxima sessão discutiremos de forma introdutória como o Feminismo Negro vai sendo delineado na ação coletiva de militantes negras, para então, no capítulos 3 (sessão 3.3) abordarmos as aproximações e distanciamentos observados entre as ações das Negras Ativas e as formas de atuação do Movimento de Mulheres Negras. E nos capítulo 4 e 5 trataremos mais diretamente dos lugares do Hip Hop nas possibilidades de estabelecimento de tensões, conflitos e disputas que colocam em questão bandeiras e projetos de sociedade feministas negros.

[71] Fonte: Carta das Negras Jovens Feministas Rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas.

[72] No mesmo período o grupo e rap participava do 10º Premio Hutúz, premiação de artistas da Cultura Hip Hop que aconteceu de 2000 a 2009, realizado pela Central Única de Favelas – CUFA na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

[73] Abordaremos mais detalhadamente essa questão no capítulo 4.

[74] *Cumbre Mundial de Juventud Afrodescendiente*.

## 2.5. Feminismo Negro como Perspectiva para a Organização e Ação Coletiva de Militantes Negras

Nesta sessão consideramos importante fazer uma breve contextualização do campo de ação coletiva do Movimento de Mulheres Negras Brasileiro em torno do Feminismo Negro, tendo em vista que o Feminismo Negro é uma perspectiva que tem mobilizado a ação coletiva da Organização de Mulheres Negras Ativas ao longo de sua história (seja atuando no Hip Hop ou em outros espaços).

As ações feministas da década de 70, em seu combate ao patriarcado, apostaram no que Mouffe (1999) nomeia como essência unitária e unificadora de mulher (ocidental, branca, heterossexual, classe média), negligenciando as diferenças e desigualdades entre mulheres de distintas classes sociais, identidades raciais, orientações sexuais, etc. Butler (2008) ao se referir à construção do sujeito político feminista afirma que a constituição de sua integridade e unidade enquanto *nós* implicado na ação política voltada para a democratização aconteceu à custa de uma série de exclusões:

> Sua urgência de conferir um status universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer a aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção da universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres (Butler, 2008; p. 21).

Ela aponta para uma crítica, presente em discursos, práticas e posicionamentos teóricos das chamadas feministas da diferença, ao universalismo que, segundo Mouffe (1999), conferia um significado homogêneo ao campo total da conduta do sujeito feminista. Essa crítica marca o lugar ocupado pelo discurso público das feministas negras no cenário político.

A organização do Movimento de Mulheres Negras enquanto movimento autônomo no Brasil se deu tanto a partir de disputas e rupturas com as mulheres brancas e alianças entre as negras estabelecidas nos encontros feministas quanto em consequência de tensões travadas no interior do Movimento Negro. As primeiras organizações de mulheres negras vinculadas publicamente ao Movimento de Mulheres Negras surgiram, assim, no início dos anos 1980, a partir dos Movimentos Negro e Feminista, em diversas regiões do país, incluindo Belo Horizonte, que foi cenário de

encontros de articulação nacional de mulheres negras (Rodrigues, 2006).

A organização e ação pública das militantes negras através do Movimento de Mulheres Negras tem acontecido no sentido de questionar a existência de uma "experiência-de-ser-mulher generalizável, identificável e coletivamente consensual" (Benhabib e Cornell, 1987; p. 20). Essas mulheres negras defendem que a ação pela democratização das relações sociais nas quais mulheres com diferentes origens e experiências sociais estão inseridas deveria contemplar, mas também se situar para além da igualdade de gênero. Passaram também a disputar dentro dos grupos negros espaços de poder majoritariamente ocupados por homens. Segundo Rodrigues (2006), o Movimento de Mulheres Negras:

> Estando na transversalidade entre as agendas do Movimento Negro e do Movimento Feminista, busca, a partir da delimitação de um campo de especificidades e articulações em torno das categorias de raça e gênero, trazer à tona a importância de se trabalhar as questões da mulher negra enquanto sujeito que carrega consigo uma identidade coletiva marcada por relações próprias de opressão ocasionadas pelo racismo, sexismo e, inúmeras vezes, pela pobreza (Rodrigues, 2006, p. 12).

A constituição do sujeito político mulher negra "reorganiza o espaço das relações cotidianas, levando a público lutas específicas" (Pinto, 1992; p. 147). Interpelando os limites da coesão de grupos com os quais interagem as mulheres negras em sua ação política têm buscado, assim, posicionar-se frente às supostas unidade e igualdade sugeridas quando se trata as identidades que interagem na sociedade e em sua esfera pública de disputa como totalizantes. Na busca pela ocupação de espaços de poder e de representatividade na arena política, o sujeito político mulher negra age, destarte, questionando universalismos, dispositivos ideológicos de gestão da desigualdade e da exclusão, formas de caracterização que "permitem a aplicação de critérios abstratos de normalização, sempre baseados numa diferença que tem poder social para negar todas as demais ou para declará-las incomparáveis, e, portanto, inassimiláveis" (Santos, 2006, pp. 283-284). A militância coloca essas mulheres negras "frente a novas relações de poder e, consequentemente, de tensão no interior da família, do local de trabalho, nas relações de afeto e vizinhança" (Pinto, 1992, p. 131).

> As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da "mãe preta", fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas

exclusões (Ribeiro, 2008, p. 998).

As ações das mulheres negras na arena pública da disputa política têm passado, assim, pelo questionamento dos lugares ocupados por elas nas relações de poder que se estabelecem socialmente e pela identificação das desigualdades que se sustentam nessas relações. Envolvem a percepção de que mecanismos de dominação se fazem presentes de maneiras específicas em diferentes contextos, sustentando relações desiguais por meio das quais determinados grupos são impedidos por outros de acessar direitos, mesmo que todos compartilhem certas bandeiras de luta e situações de privação. Assim, pautas reivindicatórias genéricas dentro de um movimento nem sempre contemplarão de maneira igualitária sua diversidade, quando efetivadas.

Nesse sentido, as militantes negras brasileiras têm elaborado críticas aos movimentos Negro e Feminista em relação a não visibilização e à secundarização de questões que representam demandas de igualdades para esse grupo social (Ribeiro, 2008). Têm, assim, "enegrecido" as reivindicações feministas através de bandeiras que enfatizam a importância da questão racial na configuração de políticas demográficas; no problema da violência contra a mulher, ao articulá-lo ao conceito de violência racial; na discussão sobre a formulação de políticas públicas no campo da saúde, destacando as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais a serem contempladas; na crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho, como os critérios estéticos baseados em um ideal eurocêntrico, que mantém desigualdades e privilégios entre as mulheres brancas e negras (Carneiro, 2001).

Atualmente, em Belo Horizonte, não verificamos a existência de encontros ou espaços de articulação específica de grupos, entidades e militantes vinculados/as ao Movimento de Mulheres Negras, mas observamos que lideranças reconhecidas como a ele vinculadas permanecem em alguma medida conectadas especialmente nos espaços de formulação e controle de políticas públicas, como as coordenadorias, conferências e conselhos. Nesses espaços, como discutiremos mais amplamente nos dois capítulos que se seguem, há uma predominância da participação adulta. Por outro lado, vemos um número significativo de jovens negras que não necessariamente se identificam e são identificadas como integrantes do Movimento de Mulheres Negras, mas que se mantêm articuladas no campo do Hip Hop. Através das linguagens do Hip Hop essas jovens negras expressam questionamentos às desigualdades de gênero, raça e classe social que perpassam suas vivências.

As Negras Ativas quando explicitam seus posicionamentos enquanto militantes, frequentemente expressam partilhar referenciais feministas e antirracistas que mobilizam a atuação de diferentes gerações de feministas negras. O coletivo tanto se articula através de redes juvenis com outras militantes que se posicionam como negras jovens feministas como também participa e promove momentos de encontro intergeracional entre militantes ligadas ao Movimento de Mulheres Negras, reconhecendo militantes negras de outras gerações e inseridas em diferentes contextos de atuação como referências e aliadas no enfrentamento ao racismo e ao machismo:

> O que é o Projeto Rosas Negras? É um processo coletivo de formação de mulheres inspirado na experiência das mulheres da Frente Negra Brasileira[75], a partir de espaços político-culturais de diálogo e partilha entre negras jovens e feministas de outras gerações. Fortalecendo uma rede de cooperação entre estas e destas para com outras, propiciando assim uma campanha de visibilização e popularização do Feminismo Negro na perspectiva das mulheres jovens (Trecho da cartilha do Projeto Rosas Negras).

> Através do Projeto Rosas Negras, a Organização de Mulheres Negras Ativas tem o prazer de convidar você para o II Encontro Intergeracional: dialogando sobre o Feminismo Negro a se realizar no dia 05 de dezembro de 2010 a partir das 13h30 no Núcleo de estudos em Gênero, Raça e Africanidades (Espaço Bem-Me-Quero – Rua José Carlos Camargos, 218 – Centro – Contagem). Nesta atividade contaremos com as contribuições de: Renata Belarmino – Psicóloga: Conceitos básicos e experiência de ser feminista, negra, jovem; Suely Virginia – Assistente social: A política dos sentimentos na vida das mulheres negras; Matilde Ribeiro – Ex-ministra da Promoção da Igualdade Racial: Trajetórias e perspectivas da luta das mulheres negras na promoção da Igualdade; Cássia Reis – Integrante da Organização de Mulheres Negras Ativas: Mediadora. Após o nosso diálogo, faremos uma confraternização cultural com intervenções livres. Fique à vontade para expressar sua arte! (Trecho de convite de divulgação e mobilização para atividade do Projeto Rosas Negras).

Nossas interlocutoras significam o Feminismo Negro em relação com o ser mulher negra jovem da seguinte forma:

> O que é o Feminismo Negro? O Feminismo Negro tem como base as experiências históricas diferenciadas das mulheres negras nas lutas pela superação do racismo e sexismo (opressão de um sexo sobre o outro) que vem desde o período colonial. Ser mulher negra jovem hoje é diferente de ser mulher negra em outros momentos da história. Estas

[75] A Frente Negra Brasileira, criada no ano de 1931, em São Paulo, foi um movimento que conquistou grande visibilidade e articulação na cena pública brasileira. Durante seis anos, manteve milhares de negros e negras mobilizados/as e em evidência nacionalmente. Editou o jornal *A Voz da Raça* entre 1936 a 1938. Em 1936 transformou-se em partido político (Cardoso, 2001). O nome Rosas Negras do projeto da Organização de Mulheres Negras Ativas é uma homenagem às mulheres participantes da Frente Negra Brasileira.

> diferenças são importantes em nosso modo de perceber o mundo e lutar por nossos direitos. O Feminismo Negro afirma que há diferentes articulações das categorias raça, gênero e classe que atuam na configuração da realidade das mulheres negras. Propõem um elo de solidariedade internacional entre as mulheres negras, que mesmo inseridas em diferentes lugares e contextos sociais, são diretamente atingidas por formas de opressão comuns relativas às articulações de: raça, gênero e classe, e se encontram na base da pirâmide social. O Feminismo Negro é uma busca por espaços e direitos (Trecho da cartilha do Projeto Rosas Negras).

Sinalizam aí além da identificação com o Feminismo Negro uma diferença geracional em relação a outras mulheres negras, caracterizada por especificidades estabelecidas pelas jovens negras nas formas de significação do mundo e de nele atuar politicamente, apontando para a importância de se reconhecer essa diversidade. Discutiremos a partir do próximo capítulo que o Hip Hop aparece nas ações e discursos de nossas interlocutoras enquanto um elemento significativo na demarcação dessas diferenças geracionais identificadas. Segundo Weller (2005) é importante que os estudos feministas abordem mais:

> (...) disputas travadas no campo estético-musical com o objetivo de combater os papéis tradicionais atribuídos aos sexos masculino e feminino em nossas sociedades, ou seja, busquem entender melhor as contribuições que essas manifestações estão oferecendo no processo de negociação das contradições existentes nas culturas patriarcais (Weller, 2005, p.112).

A trajetória das Negras Ativas, marcada por um expressivo trânsito entre diferentes campos de ação, aponta-nos a importância de se tentar compreender melhor como a experiência estética pode contribuir para o estabelecimento de tensões e conflitos em outros contextos nos quais jovens negras têm também buscado se inserir, além daqueles nos quais predominam as expressões culturais. Ou seja, nos ajuda a pensar como o discurso estabelecido via experiência estética pode ser apropriado e causar dissidências também em outros contextos de incidência pública como estratégia para neles atuar politicamente. Pensamos ainda que a análise sobre em que medida a atuação no/através do Hip Hop aponta para uma possibilidade de vivência do Feminismo Negro enquanto ação política por novas gerações pode ser favorecida também por um maior entendimento sobre o que mobiliza jovens negras a em determinados momentos de sua trajetória lançar mão do Hip Hop enquanto estratégia prioritária de inserção no mundo público e em outros momentos fazer valer de outras formas de ação pública (mais ou menos institucionalizadas) no campo estético-cultural e

em outros contextos de incidência.

Dessa forma, para entender os diversos lugares que o Hip Hop pode ocupar na trajetória de nossas interlocutoras e suas implicações para a ação política feminista negra, faz-se necessário compreender as configurações de um cenário político mais amplo em termos de oportunidades e dificultadores para que jovens negras produzam ou não conflitos e tensões através de sua incidência pública.

Consideramos que entender o cenário de oportunidades e dificultadores para o exercício do Feminismo Negro pelas novas gerações demanda, ainda, a análise sobre outras formas de atuação e lugares ocupados pelas jovens negras que se vinculam ao Hip Hop para participar politicamente. Dessa forma, nos perguntamos, por exemplo: Quando o Hip Hop não ocupa nesse contexto o lugar de uma aposta prioritária, em que se investe? E quando ele ocupa, outras formas de atuação seguem a ele articuladas ou passam a ser menos priorizadas ou negadas? O que o investimento em uma ou outra forma de atuação sinaliza acerca do cenário de oportunidades e dificultadores para o desenvolvimento da ação política por jovens negras? Contemplamos essas indagações ao discutirmos no capítulo que se segue oportunidades e dificultadores que influenciam nas possibilidades de emergência da ação coletiva de jovens negras na esfera pública, a partir do melhor entendimento do cenário em que a experiência das Negras Ativas se insere. E a partir dessas análises buscaremos nos capítulos subsequentes compreender melhor a que serve e como se dá a articulação entre Hip Hop e política no percurso do grupo e em que medida ela aponta para uma atualização do Feminismo Negro na trajetória de jovens negras.

## 3. HIP HOP E UM CENÁRIO DE OPORTUNIDADES E DIFICULTADORES PARA A EMERGÊNCIA DA AÇÃO COLETIVA DE JOVENS NEGRAS NA ESFERA PÚBLICA – QUAIS POSSIBILIDADES SE ANUNCIAM?

Os dados que temos analisado neste trabalho nos permitem verificar uma inter-relação entre as formas como Hip Hop e política se articulam na trajetória de Negras Ativas, o contexto hegemônico dentro do qual o grupo, aliados e adversários se situam e as possibilidades do coletivo de pautar a contingência histórica das formas de subordinação que lhe afetam enquanto se posiciona dentro desse contexto (Mayorga e Prado, 2010).

Em busca de entender melhor as possibilidades de jovens negras visibilizarem a contingência histórica das subordinações vividas em uma ação política exercida através do/no Hip Hop tentamos, então, identificar quais dinâmicas do cenário político em que as Negras Ativas se inserem se relacionam à sua emergência na esfera pública como grupo jovem e vinculado a essa cultura. Buscamos, para isso, identificar as oportunidades existentes nesse cenário para a incidência na esfera pública e as diversas estratégias adotadas pelo coletivo para nela atuar a partir dessas oportunidades, detectando em quais circunstâncias o Hip Hop aparece como possibilidade. Perguntamo-nos também sobre os dificultadores, entendidos aqui como regulação da política, que nessas dinâmicas são colocados à atuação feminista negra das jovens através do/no Hip Hop. Sobre as necessidades de melhor entendimento desse cenário em termos de oportunidades e dificultadores:

> Os movimentos sociais se desenvolvem dentro de limites colocados por estruturas prevalecentes de oportunidade política: as organizações formais de governo e de políticas públicas; a facilitação e a repressão das reivindicações dos grupos desafiantes por parte das autoridades e a presença de aliados potenciais, rivais ou inimigos afetam, de forma significativa, qualquer padrão de confronto do sistema político (McAdam, Tarrow, Tilly, 2009, p.27).

Ao analisarmos em que medida as articulações e as ações de incidência pública desenvolvidas pelas Negras Ativas estabelecem rupturas e continuidades com as dinâmicas do cenário no qual o coletivo atua buscamos compreender em que essas dinâmicas podem facilitar, dificultar, impossibilitar ou esvaziar de sentido a participação das juventudes (Novaes, 2000), favorecendo ou comprometendo a efetivação de suas demandas sociais. Assim, nos perguntamos se determinados aspectos do contexto

político mais macro (como, por exemplo, o crescimento na última década dos investimentos de entidades internacionais e do poder público brasileiro na organização de coletivos juvenis) podem se configurar como influências ou até mesmo agenciadores ou condicionadores das formas como jovens negras ligadas ao Hip Hop têm se organizado e se posicionado publicamente no campo de disputas do Feminismo Negro.

Como parte dessa análise e resultado da pesquisa documental e da observação participante, realizamos, como mencionamos na sessão sobre metodologia, um mapeamento (anexo II) de processos de articulação e incidência pública nos quais organizações feministas negras e ligadas ao Hip Hop estiveram envolvidas durante o momento de surgimento da Organização de Mulheres Negras Ativas, bem como dos processos nos quais a organização tem se envolvido diretamente durante sua trajetória. Identificamos o ano no qual passa a se estabelecer a incidência das Negras Ativas em cada evento e caracterizamos em cada um dos eventos mapeados a participação do coletivo. Esse mapeamento nos ajudou na sistematização de um percurso de atuação da organização no que diz respeito às estratégias e ações desenvolvidas para a entrada e a permanência na esfera pública. A partir dele, buscamos analisar quais lugares têm sido ocupados pelo Hip Hop e por outras formas e campos de atuação que se destacam nesse percurso do coletivo.

Identificamos através desse mapeamento alguns processos desse cenário (e seus desdobramentos) que discutiremos a seguir por considerarmos que nos ajudam a compreender as possibilidades de aparecimento de Negras Ativas na cena pública como coletivo jovem e vinculado ao Feminismo Negro e à Cultura Hip Hop: Articulação em rede do Hip Hop na cena belorizontina, a instituição e consolidação da Política Nacional de Juventude e o episódio do III Encontro Nacional de Mulheres Negras. Focalizamos esses processos como ponto de partida para analisarmos aspectos relacionados às dinâmicas neles estabelecidas e às estratégias de atuação na esfera pública dos atores sociais a eles vinculados. Trata-se de um recorte de uma trajetória mais ampla, mas que possui elementos que podem contribuir para o debate sobre os desafios colocados para a emergência pública da ação coletiva de jovens negras no/através do Hip Hop.

Gostaríamos de ressaltar, no entanto, que ao falarmos de emergência ou permanência na esfera pública, estamos considerando esses movimentos como necessários para o estabelecimento da ação política, mas não suficientes para ela. Nosso posicionamento é que, além de um aparecimento na cena pública, a ação política

envolve o estabelecimento de tensões, conflitos, disputas, dissensos nesse cenário, elementos que abordaremos de forma mais direta no capítulo 4. Assim, ao delimitarmos analiticamente esse cenário identificando oportunidades e dificultadores para a ação coletiva de jovens negras direcionada ao enfrentamento às desigualdades raciais e de gênero buscamos um maior embasamento para nos capítulo 4 e 5 interrogarmos de forma mais contextualizada: a) se e como a articulação entre Hip Hop e política tem se configurado para as jovens negras enquanto resposta a aspectos da dinâmica interna dos movimentos nos quais se inserem e de sua relação com parceiros e antagonistas; b) quais conflitos e tensionamentos das relações de poder e de seu ordenamento social são possíveis através da atuação via Hip Hop.

## 3.1. Articulação em Rede do Hip Hop na Cena Belorizontina

Quando as Negras Ativas passam a participar mais diretamente do Hip Hop, ainda antes da criação do coletivo, os grupos ligados a essa cultura estabeleciam vínculos com outros atores atuantes na cena política. Mas, segundo nossas interlocutoras, essas alianças não significaram o estabelecimento de pautas políticas e ações que os conectassem de forma mais ampla, em uma atuação mais articulada:

> (...) a gente tinha uma relação forte com o Partido dos Trabalhadores. Porque tanto a gente ocupava o espaço do partido para fazer as atividades quanto era interessante para o partido esse diálogo. Então, a gente ia dialogando mesmo, construindo coisas junto. Nós fizemos vários eventos na quadra do PT. Vários. E... e era muito bacana, era um espaço de referência. Quando a gente lembra da história do Hip Hop na cidade, a gente lembra daquele espaço na quadra do PT. Mas acho que também não era só uma apropriação do espaço físico. Tinha uma aposta política, que depois outros partidos vão fazer com maior aporte de recursos. Então, por exemplo, tem alguns partidos que financiam CDs hoje. O PT já fez isso em alguns momentos, mas essa não é a estratégia principal, que é um diálogo, mas não uma compra do movimento. (...) O MNU também, quando estava mais organizado na cidade, também tinha essa aposta: "Vamos dialogar com a juventude da periferia, vamos pra favela, vamos pro presídio". Então, nesse momento isso era muito forte na cidade. E aí, como o Movimento Negro também, o MNU, tem essa questão da discussão do Feminismo, então já... já juntava, né? Eu acho que.... tinha... nesse momento eu via essa articulação por aí, assim. E também, muitas vezes, os sindicatos apoiavam as atividades. Se a gente precisava de algum recurso, alguma coisa, a gente ia ao sindicato, pedia e tudo. E às vezes eles convidavam pra atividades, greves e várias coisas. (...) Os Bancários eram... um sindicato que colaborava muito. O sindicato das professoras também, tanto o municipal... tanto o SINDI-UTE municipal quanto o estadual[76]. O SINDÁGUA[77] também ajudou em vários momentos. (...) Teve um, um pouco de diálogo, assim, que eu acho que não foi tão aproveitado quanto deveria por todas as partes. Não tinha uma perspectiva de que essa união dos movimentos pode ser útil para a luta de todos. Acho que isso vai aparecer mais depois do Fórum Social Mundial. É... eu acho que depois do Fórum que o pessoal começa a pensar nessa possibilidade de trabalhar junto e se fortalecer mutuamente (Entrevista Larissa).

Naquele contexto o Hip Hop também passava por um movimento de articulação

[76] Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais. Fonte: http://www.sindutemg.org.br/novosite/index.php

[77] O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Purificação e Distribuição de Água e em Serviços de Esgotos do Estado de Minas Gerais. Fonte: http://www.sindagua.com.br/

interna de coletivos/grupos/artistas que nos relatos das Negras Ativas se destaca como algo importante para a compreensão das possibilidades para a organização de incidência na esfera pública de disputa através do Hip Hop. A articulação interna representou uma estratégia de atuação na esfera pública garantindo maior visibilidade para ações e demandas de jovens ligados/as à Cultura Hip Hop na Região Metropolitana. Essa visibilidade ultrapassou esse contorno territorial, tendo estes/as jovens, enquanto coletividade, ficado conhecidos/as também em outros estados por experiências dentre as quais gostaríamos de enfocar uma que se destacou bastante: a do Coletivo Hip Hop Chama. Negras Ativas surge como grupo de rap dois anos após a criação do Coletivo Hip Hop Chama (que já apresentamos brevemente no capítulo 2) que representou uma significativa experiência de organização em rede naquele momento e que tomaremos como exemplo para desenvolver a discussão sobre o processo de articulação do Hip Hop.

De acordo com Said (2007), o Coletivo Hip Hop Chama nasceu a partir de uma ação desenvolvida pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais[78]. É importante destacar que essa iniciativa reuniu vários/as jovens hip hoppers que já tinham uma trajetória de participação significativa em diferentes regiões da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O papel do Observatório da Juventude foi o de contribuir para a maior articulação desses/as jovens e de suas experiências pregressas, potencializando a emergências de novas práticas e saberes coletivos. Através da atuação de jovens hip hoppers que buscavam desenvolver estratégias de ação para fortalecer o Hip Hop na cidade, o Coletivo, que funcionava como uma rede que agregava grupos de diversas regiões periféricas da cidade, foi crescendo e buscando maior autonomia (Said, 2007). O principal objetivo do Coletivo Hip Hop Chama era ser uma organização político-cultural composta e gerida por jovens vinculados/as ao Hip Hop que através dela desenvolvessem: discussões; ações educativas e de divulgação do Hip Hop e dos fazeres e saberes dos/as hip hoppers; intervenções comunitárias; atividades de articulação, de mobilização juvenil e de troca de experiências entre

[78] O Observatório de Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG, que conta com o apoio da Pró Reitoria de Extensão da Universidade. Realiza atividades de investigação e difusão de informações sobre a situação dos jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte e ações de capacitação de jovens, educadores/as e estudantes interessados/as na problemática juvenil. Suas ações são orientadas por quatro eixos centrais de preocupação: a condição juvenil nas sociedades contemporâneas; as políticas públicas e as ações sociais voltadas a jovens; as práticas culturais e as ações coletivas das juventudes na cidade e a construção de metodologias de trabalho com jovens. Fonte: http://www.fae.ufmg.br/objuventude/

participantes da Cultura Hip Hop da Região Metropolitana de Belo Horizonte e parceiros, com foco em viabilizar a realização de suas demandas.

Embora atualmente os/as jovens integrantes do Coletivo Hip Hop Chama não se reúnam em nome dele, suas articulações seguem acontecendo em outros espaços[79] e sendo nomeadas de outras formas e o Coletivo aparece nos discursos desses/as jovens como uma experiência fundamental para seu processo organizativo e de politização dentro do Hip Hop:

> (...) e nesse mesmo tempo que eu fazia a "Crespo Sim" eu entrei pro Hip Hop Chama, que aí que eu comecei também, além do cultural, a ter uma atuação mais política dentro do Hip Hop, e aí comecei a participar das reuniões, participar das atividades, comecei a ajudar na organização do Hip Hop Chama, nos debates, nos projetos, e aí fui conhecendo mais esse outro lado do Hip Hop (Entrevista Lauana).

As Negras Ativas, em parceria com outros/as hip hoppers, foram bastante atuantes no processo de aparecimento na cena pública belorizontina do Coletivo Hip Hop Chama enquanto um articulador do debate e de ações em torno de questões ligadas à Cultura Hip Hop e à juventude dela participante. Como reflexo desse processo, o Coletivo Hip Hop Chama recorrentemente aparecia (e ainda costuma aparecer) nos discursos sobre o Hip Hop que circulavam na cidade (acadêmicos, militantes, da mídia local, de ONGs etc.) como referência em termos de ação coletiva e política nesse cenário:

> Diferente dos outros estados a gente hoje, em Minas, a gente tem uma preocupação muito política além de cultural, que é diferente dos outros estados que visam mais o cultural mesmo e às vezes pecam em algumas coisas politicamente corretas, em questão de gênero, homofobia, raça, essas partes. Alguns estados pecam e aqui eu vejo que a gente dá um passo a frente nisso (Entrevista Lauana).

Nossas interlocutoras já nos primeiros anos de participação no Coletivo Hip Hop Chama, estabeleceram alianças com outras mulheres jovens para o desenvolvimento de ações e discussões que tinham como foco a defesa de uma participação igualitária para as mulheres no Hip Hop. O espaço do Hip Hop Chama se constituía para elas, assim, enquanto uma oportunidade de encontro para negociação de interesses e demandas para a construção de posicionamentos diante das situações de machismo e desigualdade de gênero vivenciadas dentro e fora da cena Hip Hop. Essas jovens foram, nesse processo,

[79] Um espaço de encontro desses/as jovens na atualidade é o Duelo de MCs, anteriormente apresentado.

conquistando à custa de tensões internas, espaços de visibilidade em relação aos demais integrantes do Coletivo.

A realização de debates internos e públicos sobre gênero e sexualidade pelo Coletivo Hip Hop Chama teve significativo destaque em Belo Horizonte, especialmente na cena Hip Hop, e se relacionou diretamente à atuação das jovens dele participantes, incluindo aí as Negras Ativas, que defendiam a necessidade de ampliação dentro e fora do Hip Hop da abordagem pública dessas temáticas e tensões a elas relacionadas.

No ano de 2006 ocorreram debates públicos que se inseriram no "Projeto Hip Hop Chama Para o Debate – Em Foco: Relações de Gênero, Sexualidade e Redução de Danos", que contou com o apoio financeiro[80] do programa GRAL – Gênero, Reprodução, Ação e Liderança[81], da Fundação Carlos Chagas[82]. Esse projeto tinha como bolsista a Áurea Carolina, uma jovem negra ativista, MC e integrante do Coletivo, parceira de Negras Ativas. O projeto visava desenvolver um circuito de atividades formativas e uma campanha educativa –"Hip Hop Chama na Idéia" – em relações de gênero, sexualidade e redução de danos[83], a fim de produzir conhecimento, difundir informações e incentivar o debate sobre tais temáticas entre jovens ligados/as ao Hip Hop de Belo Horizonte e região. O primeiro debate resultante do projeto teve como título: "Hip Hop Chama na Ideia: Machismo não é Estilo de Vida" e contou com grande adesão de participantes da Cultura Hip Hop da Região Metropolitana e de outros estados, tendo uma das Negras Ativas como debatedora. No folder[84] idealizado pelos/as participantes do Coletivo Hip Hop Chama para a divulgação do referido debate e da campanha à qual ele se vinculava apareciam os seguintes dizeres:

[80] Na sessão 3.3 abordaremos mais as relações estabelecidas pela Organização de Mulheres Negras Ativas com financiadores para o desenvolvimento de projetos interventivos.

[81] O Programa GRAL – Gênero, Reprodução, Ação e Liderança visa capacitar jovens pesquisadores/as na liderança de projetos com enfoque nas temáticas de gênero e direitos sexuais e reprodutivos que versem sobre políticas públicas.

[82] A Fundação Carlos Chagas – FCC é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecida como de Utilidade Pública nos âmbitos federal, estadual e municipal. Criada em 1964, tinha como finalidade a realização de exames vestibulares para a área biomédica. A partir de 1968, passou a atuar também no campo da seleção de recursos humanos, prestando serviços técnicos especializados a órgãos públicos e empresas privadas, na realização de processos seletivos. A FCC atua, também, desde 1971, no campo da pesquisa. Fonte: http://www.fcc.org.br/

[83] A redução dos danos decorrentes do uso de drogas visa diminuir as consequências adversas decorrentes do consumo de drogas tanto lícitas quanto ilícitas, mas recentemente tem ganhado maior ressonância pelo seu emprego no que diz respeito aos/às usuários/as de drogas ilícitas.

[84] Fonte: Folder da Campanha Hip Hop Chama na Idéia.

> Todos nós, mulheres e homens, perdemos com o machismo! O que é ser homem? É não chorar? É agredir? É ser insensível? Machão? Garanhão? E mulher? É ser frágil? Dependente? Incapaz? É negar seus desejos? Questionando essas e outras construções negativas de gênero, afirmamos que é possível viver os diversos modos de ser masculino e feminino com liberdade e autonomia, contrariando padrões historicamente estabelecidos. Hip Hop é consciência. Por isso acreditamos que o machismo não é estilo de vida (Trecho do folder de divulgação da campanha "Hip Hop Chama na Ideia").

No boletim periódico publicado pela Rede Jovem de Cidadania, rede de comunicação vinculada à ONG Associação Imagem Comunitária, aparece o posicionamento de uma das integrantes de Negras Ativas acerca das configurações do "Hip Hop Chama para o Debate" e seus impactos:

> A metodologia adotada no projeto se fundamenta numa perspectiva de construção conjunta de conhecimento, ou seja, são desenvolvidos espaços de diálogo e interação para incentivar a participação dos/as jovens em dinâmicas de compartilhamento, reflexão e análise de informações. Vanessa destaca que o processo tem sido desafiador, marcado por conflitos, embates e polêmicas. As dificuldades, no entanto, são encaradas como necessárias e construtivas para o amadurecimento de todos/as. Uma das preocupações do grupo é fazer com que as ideias se traduzam em atitudes comprometidas, como avalia Negro F, membro do Coletivo: "Não é fácil destruir preconceitos. Uma questão que hoje se torna primordial para mim é fazer com que a teoria e a prática caminhem juntas, no meu dia a dia" (Boletim Informativo da Rede Jovem de Cidadania, de 2006).

A ocupação de um lugar de destaque no Coletivo Hip Hop Chama e em seus projetos, no entanto, não garantia que as jovens hip hoppers estivessem imunes às desigualdades de gênero estabelecidas nas relações internas, como aponta uma de nossas interlocutoras: Ela observou, afirmando a necessidade de se atentar às contradições que surgem ao longo da construção da ação coletiva, uma divisão sexual das atividades na organização do referido debate sobre gênero, onde as mulheres assumiram as funções de organização do ambiente e secretaria e os homens ficaram responsáveis por fotografar, filmar o evento e resolver questões técnicas.

Nesse contexto surge a proposta de formação do grupo Atitude de Mulher, a partir da possibilidade de articulação de jovens mulheres participantes do Coletivo Hip Hop Chama, como resposta das hip hoppers a essas assimetrias vivenciadas. O grupo era composto por mulheres vinculadas aos quatro elementos do Hip Hop e a outros elementos de expressão da cultura negra, como a percussão e a dança afro-brasileira. Sua constituição é um desdobramento do projeto Atitude de Mulher, desenvolvido pelas

Negras Ativas em parceria com Áurea Carolina, a integrante do Coletivo Hip Hop Chama anteriormente citada. Tratou-se de um importante espaço/tempo de encontro e fortalecimento para mulheres jovens participantes da Cultura Hip Hop local que em seus coletivos e grupos mistos vivenciavam tensões cotidianas relacionadas às desigualdades de gênero estabelecidas e que encontravam no espaço do grupo de mulheres uma possibilidade de dialogar e pensar coletivamente em estratégias para a superação dessas desigualdades. No grupo elas se expressavam através dos diferentes elementos artísticos de matriz negra sempre enfocando em suas produções estéticas as temáticas da opressão às mulheres e do enfrentamento ao machismo. No período de cerca de um ano o grupo alcançou importante visibilidade na cidade, circulando por diferentes festivais e espaços culturais renomados, como por exemplo: Festival de Arte Negra[85], Conexão Telemig Celular[86], Hip Hop in Concert[87], etc. Consideramos que se fazerem visíveis para públicos diversos através de expressões culturais socialmente marginalizadas e sustentando em seus discursos críticas especialmente ao machismo que estrutura as relações sociais e às suas reverberações no Hip Hop se configurou como uma estratégia de emergência na esfera pública de disputa:

> (...) e veio o Atitude de Mulher, que é um projeto de Negras Ativas junto com a Áurea, que também era fortalecer esses vínculos, fortalecer essas atividades artísticas das mulheres nas cidades, que foi um marco, acredito assim, pro movimento Hip Hop e pra mulher no Hip Hop. Acho que foi um marco na história, e com isso veio até outros grupos femininos. Eu acho que a gente ajudou até nisso, pra virem essas outras mulheres que sempre estiveram na cultura, mas de forma mais oculta, se expandir na cultura assim, eu acho que a gente deu

[85] O Festival de Arte Negra – FAN é um evento bianual criado em 1995 na cidade de Belo Horizonte por iniciativa do músico Gil Amâncio como parte das mobilizações sobre o tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares. É produzido pela Fundação Municipal de Cultua e visa à valorização, difusão das artes negras em suas variadas expressões e intercâmbio entre artistas negros/as do Brasil, África e diáspora. Fonte: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=48646&chPlc=48646&termos=festival%20de%20arte%20negra

[86] Hoje conhecido como Conexão Vivo, o evento é produzido desde 2001 pela empresa Telemig Celular (Atual Vivo). Realiza shows que marcam o encontro de artistas renomados/as na cena musical brasileira com artistas locais e atividades de intercâmbio e formação na área da cultura. Visa valorizar e potencializar as artes produzidas no estado de Minas Gerais e promover formação e integração cultural. Fonte: http://www.conexaovivo.com.br

[87] Mostra Metropolitana de Hip Hop de Belo Horizonte realizada pela Prefeitura Municipal, em parceria com o Coletivo Hip Hop Chama e o Teatro Francisco Nunes. Compunha o Projeto Arte Expandida do Festival de Arte Negra que tinha como objetivo visibilizar novas expressões artísticas da cultura negra nos palcos dos teatros Francisco Nunes e Marília, de Belo Horizonte. O Hip Hop In Concert, através do lançamento de editais, selecionou diversos grupos e artistas ligados/as aos quatro elementos do Hip Hop, que apresentaram propostas de shows/espetáculos/performances que foram realizadas no Teatro Francisco Nunes.

> essa contribuição pra cidade, pro Hip Hop, e até hoje (Entrevista Lauana).

No entanto em pouco mais de um ano de existência o Atitude de Mulher parou de funcionar como grupo. Os motivos, segundo algumas ex-participantes, relacionam-se às dificuldades de garantir encontros cotidianos em decorrência de sobrecarga de tarefas relacionadas a trabalho, militância, estudos, atividades domésticas e cuidados em relação aos/às filhos/as (no caso daquelas que são mães). Essas dificuldades também se encontram condicionadas pela dimensão de gênero no que se refere aos lugares comumente ocupados pelas mulheres na divisão sexual de tarefas nos diferentes contextos nos quais se inserem, tendo como reflexo duplas e triplas jornadas de trabalho, vivenciadas por várias das participantes do grupo Atitude de Mulher. Era comum no grupo a reflexão sobre como o gênero aparecia como elemento importante para o entendimento dessas dificuldades de garantir encontros mais constantes. E buscava-se coletivamente encontrar saídas que garantissem a continuidade de sua articulação. Boa parte de suas ex-integrantes têm seguido em contato e se rearticulando no desenvolvimento de outras ações que têm como objetivo principal fortalecer e visibilizar a atuação das mulheres no Hip Hop. Buscam sempre agregar mais jovens hip hoppers a essas ações. Dois outros exemplos de espaços de articulação entre as hip hoppers são o projeto Hip Hop das Minas e a Metamorfose Crew, que já citamos anteriormente.

Ao falarem de como as experiências de participação das mulheres no Hip Hop se delineavam no cotidiano, as Negras Ativas relatam a emergência de recorrentes divergências estabelecidas com os homens atuantes na Cultura Hip Hop, especialmente a partir do momento em que começa a se configurar uma maior articulação entre as mulheres participantes para questionamento das relações de gênero ali vigentes:

> (...) a mesma coisa no Hip Hop Chama, quando a gente levou a discussão de gênero foi uma briga: "Não, vamos pegar o recurso pra discutir outra coisa". "Não", Negras Ativas estava lá pra pautar: "Não, nós vamos discutir gênero sim; nós temos que discutir gênero, porque o movimento Hip Hop é homofóbico, é machista". E isso não entra na cabeça deles. "Não, o movimento está aí pra todo mundo!" E isso, sempre teve isso: "Não, os espaços estão aí. Estão aí pra serem usados. Vocês que não pegam, vocês que não entram" (Entrevista Lauana).

A marcação dos lugares de tensão dentro Coletivo Hip Hop Chama, parecia, no entanto, ser mais visível nas relações cotidianas que nos momentos mais publicizados como os debates públicos, o que pode ser reflexo de determinados acordos (explícitos

ou implícitos nas relações e também perpassados pela dimensão do poder) travados em um coletivo misto quando se atua para mudanças nas relações de poder intergrupais tentando preservar certa integração, evitar rachas e evitar a exposição das contradições vivenciadas internamente. Por outro lado, nas ações públicas que suas participantes desenvolveram a partir de articulações exclusivas de mulheres, como o Atitude de Mulher, o Hip Hop das Minas e o Metamorfose Crew, a tensão de gênero era explicitada com maior ênfase, através das músicas cantadas, por exemplo. Discutiremos melhor no capítulo 4 como essas tensões apareciam na esfera pública através desse tipo de experiência e os lugares ocupados pelo Hip Hop nesse processo.

A ocasião do Projeto "Hip Hop Chama para o Debate" exemplifica como as ações desenvolvidas pelas jovens que de certa forma se destacaram na cena Hip Hop por interpelarem sua dinâmica de gênero têm despertado o interesse e contado com o apoio[88] de atores como, por exemplo, grupos vinculados a instituições de pesquisa e extensão atuantes no campo das juventudes e ONGs que têm as juventudes da cidade como principal campo de intervenção[89].

Consideramos que as interações com esses atores podem influenciar também (tanto em termos de oportunidade quanto de regulação) as formas através das quais essas jovens e os coletivos aos quais se vinculam aparecem na cena pública e suas possibilidades de mobilizar ou não aí tensões e embates. Perguntamo-nos em que medida investir como estratégia em um "circuito de atividades formativas" e em uma "campanha educativa" não se relaciona, por exemplo, à linha de ação da entidade que na ocasião se consolidou como apoiadora financeira (Fundação Carlos Chagas através do Projeto GRAL). As Negras Ativas, quando questionadas na roda de conversa acerca das repercussões concretas do processo formativo nas assimetrias de gênero vivenciadas, fizeram o seguinte balanço:

> Larissa: Eu acho que a gente pode fazer parceria com a mulherada, treinar e invadir o Duelo. Eu acho que é isso que a gente precisa fazer. (...) O negócio é juntar com a

[88] Quando falam de apoiadores, as Negras Ativas incluem aqueles atores considerados parceiros políticos, que mapeamos no capítulo 2 e também organizações e sujeitos que colaboram de alguma forma (inclusive com recursos materiais) para o desenvolvimento das ações. Consideraremos essas possibilidades de articulação quando nesta sessão discutirmos a questão dos apoios.

[89] No folder da Campanha Hip Hop Chama na Idéia, por exemplo, aparece como patrocinador o GRAL, anteriormente citado, e como apoiadores a Associação Imagem Comunitária – AIC, a gráfica O Lutador, o Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais, a Fundação Municipal de Cultura, a Prefeitura de Belo Horizonte e o grupo D-Ver.Cidade Cultural (fruto do Programa Formação de Agentes Culturais Juvenis, desenvolvido pelo Observatório da Juventude da UFMG).

> mulherada, porque os homens, toda vez que a gente fez parceria com eles a gente levou ferro. Nós ficamos um tempão formando o Hip Hop Chama pra que? Os meninos continuam machistas...
>
> Vanessa: É... e hoje em dia a gente escuta eles fazendo comentário homofóbico no *Facebook*. (...) Eu acho que contribuiu pessoalmente pra eles. (...) de alguma forma, nas relações mais amplas eles têm algum cuidado, passaram a ter um cuidado maior com as mulheres. (...) Mas tem também uma questão de serem homens e de estarem nesse sistema machista. Então, em alguns momentos, eles ainda vacilam. (...) Então, contribuiu pra eles pessoalmente e depois eles foram pensar seus projetos coletivos de outras formas, mas sem o compromisso de fazer recorte de gênero.
>
> Mônica: (...) Talvez essa formação possa ter ajudado a eles até num cuidado na relação com as mulheres do Hip Hop, de alguma forma.
>
> Vanessa: É... alguns sim. (...)
>
> Lauana: Mas também tem quem e quem. Tipo assim: "Eu sei que ela é... tem uma concepção de gênero, de raça. Eu não posso bobear com ela. Eu tenho que..." Eles pisam em ovos com a gente. São estratégicos.
>
> Larissa: Eles usaram a formação para serem mais sutis na opressão, entendeu? Eles vão continuar sendo machistas, só que agora com mais sutileza. Mais, mais disfarçados, com estratégias mais... mais refinadas, na verdade. Eu acho que o que está faltando é a gente entender que isso é relação de poder. Eu não estou disposta mais a contribuir com branco nenhum e com homem nenhum. Eu acho que a minha energia, pessoalmente, a minha energia daqui pra frente é focada nas mulheres negras. Se eles quiserem, é aquele negócio da Juventude Negra e Favelada: "Os brancos não são convidados, mas também não são mal vindos". Se vier, vai ter que aguentar a tensão. Porque, eles estão dispostos a abrir mão dos privilégios? (Roda de Conversa - Larissa, Lauana, Mônica, e Vanessa).

Temos refletido que estratégias formativas se configuram como possibilidade de entrada na esfera pública de disputa quando, além do aprendizado sobre outras formas de estar no mundo, favorecem a criação de espaços de emergência pública de dissensos que exerçam pressão para uma reconfiguração da lógica das relações de poder. Se a demarcação de fronteiras políticas se estabelece em uma relação irreconciliável, as estratégias de incidir politicamente na esfera pública através da formação precisam, assim, ir mais além do convencimento do outro sobre o lugar de privilégio por ele ocupado (Rancière,1996; Prado, 2002).

Ainda sobre as relações estabelecidas com apoiadores, pensadas em termos de oportunidades e dificultadores para a ação pública coletiva, nesse momento em que se destaca a articulação em rede do Hip Hop na cidade, é importante sinalizar que uma

maior aproximação desses apoiadores em relação ao campo do Hip Hop, especialmente ao Coletivo Hip Hop Chama, foi acompanhada em alguma medida pela possibilidade de entrada profissional dos/as hip hoppers nessas entidades. Essa entrada muitas vezes se dava ocupando lugares de educadores/as sociais, moderadores/as, ou facilitadores/as de processos grupais junto a outros/as jovens, público das ações institucionais. Esse acesso se abria especialmente para aqueles/as que eram vistos/as como lideranças, incluindo aí as jovens que sustentaram publicamente uma tensão em relação às assimetrias de gênero que enfrentavam dentro e fora do Hip Hop. Ainda que o ingresso nesses espaços possa ter significado para alguns/mas uma oportunidade profissional significativa, achamos pertinente perguntar em que medida uma dissipação de um coletivo reconhecido por sua força na cidade não pode se relacionar também a uma maior dispersão de seus integrantes através de sua entrada laboral no campo institucional de intervenção junto às juventudes.

Parece-nos pertinente indagar em que medida a entrada, por vezes precária, de jovens militantes para o campo de intervenção junto às juventudes enquanto profissionais não representa uma expressão da gestão da população pobre através da aposta no empreendedorismo[90] e no protagonismo[91] das juventudes que a compõe. Parece-nos que o lugar de contratadas enquanto responsáveis por criar alternativas aos problemas sociais por elas mesmas enfrentados não garante às jovens negras muitas possibilidades para a entrada na esfera pública de disputa como dissidência (Tommasi, 2010).

Outro aspecto que gostaríamos de abordar sobre esse contexto de articulação do Hip Hop em rede e de maior visibilidade da experiência do Coletivo Hip Hop Chama que pode nos ajudar a entender as oportunidades e dificultadores para a entrada em um campo de disputa são os significados e impactos de se aparecer como referência de experiência política na cena pública. Dentre diversos grupos ligados ao Hip Hop na cidade, o Coletivo Hip Hop Chama e as próprias Negras Ativas recorrentemente são

[90] Neste caso, empreendedorismo se traduz no incentivo a que jovens desenvolvam capacidades para atuarem como atores proponentes, gestores/as de si e de intervenções sociais que solucionem os problemas sociais que lhes afetam (Tommasi, 2010).

[91] Comumente entendido como princípio a partir do qual jovens são entendidos/as como sujeitos capazes de atuar de forma autônoma nos contextos em que se inserem e de participar ativamente de tomadas de decisão acerca de questões que lhes interessam diretamente (Sposito, 2006). Esta ideia, segundo Castro (2002), pode ser usada de forma instrumental, significando que os/as jovens devem, lançando mão de recursos insuficientes, responsabilizar-se sozinhos/as pelas as questões que lhes afetam.

exemplos apontados, de forma bastante consensuada como referência de atuação política, em discursos que exaltam as proximidades entre Hip Hop e política.

No entanto, esses mesmos discursos geralmente localizam as ações políticas desses coletivos justamente nas práticas que não têm relação direta com as expressões da Cultura Hip Hop (projetos de intervenção, formações, debates, etc.), nos fazeres que se assemelham mais às diretrizes de ação comumente adotadas pelas organizações que desses coletivos se aproximam, como as ONGs e fundações que mencionamos. A que serve, então, dizer que o Hip Hop na experiência desses coletivos é político? Além disso, não seriam nos momentos em que há tanto consenso em torno de um discurso e de uma experiência coletiva que as possibilidades deles representarem conflito e dissenso, necessárias à política, ficariam mais apagadas? Talvez os momentos em que Negras Ativas, o Coletivo Hip Hop Chama ou qualquer outro ator da Cultura Hip Hop emergem publicamente como experiência ou discurso que agrada menos e incomoda mais sejam aqueles em que mais estabelecem tensões, fraturas ou rupturas em relação àquilo que se encontra socialmente estabelecido no cenário em que atuam.

Um último aspecto sobre esse cenário de articulação que gostaríamos de apresentar de modo a introduzir a discussão que se segue é que o aumento da visibilidade pública das experiências do Coletivo Hip Hop Chama e das Negras Ativas como experiências políticas e uma maior aproximação em relação a entidades que atuam com o intuito de estimular ou potencializar a participação juvenil, coincidiu com um maior investimento por parte desses coletivos na incidência no campo das políticas públicas de juventudes.

Conforme discutimos nesta sessão, a própria cena cultural belorizontina e o cenário de atuação de entidades que focam a juventude como campo de intervenção (e os processos estabelecidos em ambos) são circunscritores em relação aos quais foram se estabelecendo nos últimos anos articulações internas do Hip Hop e deste com os demais atores atuantes nesses contextos com vistas à entrada e permanência na esfera pública de disputa. Outro processo que nos últimos anos observamos ter mobilizado conexões entre jovens hip hoppers na Região Metropolitana de Belo Horizonte para atuação na esfera pública é a instituição e consolidação da Política Nacional de Juventude. O campo das políticas públicas de juventude é também interesse das entidades e grupos apoiadores e interlocutores que se destacam no processo de articulação em rede do Hip Hop que aqui discutimos. Apresentaremos melhor na próxima sessão a relação que as

Negras Ativas estabelecem com esse campo para a atuação na esfera pública de disputa. A partir da discussão sobre as oportunidades e dificultadores identificados no campo das políticas públicas de juventude para a atuação das jovens negras e sobre como e através de quais estratégias as Negras Ativas nele se posicionam, buscaremos ter maiores elementos para analisar, nos capítulos seguintes, os lugares que o Hip Hop ocupa nesse cenário no que diz respeito às possibilidades de estabelecimento de conflitos, disputas e dissensos na esfera pública que o conectem ao Feminismo Negro.

## 3.2. Instituição e Consolidação da Política Nacional de Juventude

A consolidação de Negras Ativas no cenário público enquanto um grupo militante jovem é contemporânea à instituição da Política Nacional de Juventude do Governo Federal que incluiu: a) a criação em 2004 pelo Governo Federal do Grupo Interministerial da Juventude – GTI[92]; b) a criação do Conselho Nacional de Juventude[93] e da Secretaria Nacional de Juventude[94] em agosto de 2005. A existência de espaços de formulação e controle de políticas públicas de juventudes a partir das propostas e necessidades dos/as jovens é resultado de um processo de atuação política de movimentos sociais e entidades que agem junto a esse setor e representa uma importante conquista no cenário político brasileiro (Tommasi, 2006). É relativamente recente neste cenário o aparecimento de discursos explícitos e intencionais sobre políticas voltadas para a juventude que se diferenciam daqueles predominantes nas políticas públicas principalmente até os anos 1980 que, segundo Castro e Abramovay, (2002):

> (...) buscaram adequar o comportamento dos jovens a um estado de normalidade ou prestar algum bem ou serviço para este segmento, enfocando a manutenção das crianças, adolescentes e jovens nas escolas, sob a guarda da família ou do Estado, ou em instituições para jovens infratores (Castro e Abramovay, 2002, p.19).

A instituição da Política Nacional de Juventude respondeu no início dos anos 2000 a críticas a esse paradigma e demandas de maior contemplação no campo das políticas públicas da diversidade das juventudes e do seu direito de representação na elaboração e gestão de políticas que as considerassem como sujeitos (Castro e

[92] Coordenado pela Secretaria-Geral da Presidência da República, o Grupo Interministerial da Juventude foi criado com o objetivo de produzir um levantamento dos programas federais dirigidos total ou parcialmente para a população jovem, analisar políticas públicas, dados, estudos e diagnósticos sobre a população jovem do Brasil, e identificar os principais desafios para a nova política. Concluiu-se que era necessário integrar as ações dos vários ministérios e secretarias nacionais que atendem de alguma forma às juventudes. Fonte: http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm

[93] O Conselho Nacional de Juventude conta com a participação das áreas do governo que desenvolvem ações voltadas para a população jovem, de organizações e de personalidades identificadas com a juventude e com políticas públicas voltadas para a população jovem. É composto de 60 membros, sendo 40 da sociedade civil e 20 do governo federal. Tem como finalidade formular e propor diretrizes da ação governamental voltada à promoção de políticas públicas para a juventude e fomentar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica juvenil. Fonte: http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm

[94] A Secretaria Nacional de Juventude, além do papel de integrar programas e ações do governo federal, tem como objetivo se constituir como referência da população jovem no Governo Federal. É responsável por iniciativas do governo voltadas para a população jovem brasileira. Fonte: http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm

Abramovay, 2002). No entanto, estudos (Castro e Abramovay, 2002; Tommasi, 2006) apontam para a existência de complicadores para a formulação/efetivação de políticas de/para/com juventudes, dentre os quais destacamos: falta de consistência de suas propostas; recorrência de uma postura pouco dialógica em relação às juventudes e que não as considera como atores sociais plurais; "difusão da ideia da necessidade de ativar as forças individuais e coletivas em prol do desenvolvimento econômico e social das comunidades locais necessitadas" que fundamenta práticas desenvolvidas por organizações comunitárias, sociais, não governamentais que passam a atuar como ramificações da ação do Estado (Tommasi, 2006, p.17).

Sobre esse cenário político e as oportunidades e dificultadores para a participação das jovens negras, as integrantes de Negras Ativas apresentam opiniões que nem sempre coincidem:

> Mônica: Eu acho que o momento, desde o Governo Lula não teve um momento melhor, né. Eu acho que a quantidade de incentivo do Governo e de conscientização das pessoas, eu acho que a mídia também de alguma forma foi empurrada pra esse movimento de pensar esses movimentos, essas articulações, esses processos pro Movimento Negro, então eu acho que politicamente a Negras Ativas está num momento, começou a pensar num momento bem estratégico assim, em fazer política. (...) o momento político pra Negras Ativas acho que é positivo, a partir do Governo Lula e eu acho com essa entrada da Dilma também, eu acho que gente precisa saber acessar também os pontos, os movimentos estratégicos que a gente possa melhor investir. Eu acho que politicamente pro Negras Ativas é o momento muito interessante, desde o Governo Lula (Entrevista Mônica).

> Larissa: Por exemplo, os professores fizeram um grande processo. A finalização desse processo demonstra isso, né: que o governo, de um modo geral, por mais que seja de centro direita, de centro esquerda, alguma coisa meio... mais próxima do democrático popular, está muito enrijecido com relação aos movimentos sociais. Por mais que a gente tenha conferência de tudo enquanto há, a gente ainda está morrendo na mão da polícia. Então, por um lado você abre um canal de discussão, mas não está tendo efetivação das políticas. Não está tendo um mecanismo de funcionamento dos espaços de mobilização social autônomos. A gente é incentivado a participar na conferência, mas, por exemplo, quem que incentiva a existência do sindicato, quem que favorece a existência de um movimento social, né? E aí a própria relação que o governo estabelece com os movimentos: por exemplo, à medida em que você propõe um projeto de casas populares, mas que você não garante a casa ou que você atrasa o prazo de entrega, o movimento que dialogou fica enfraquecido. Então a gente está tendo um processo de criminalização e enfraquecimento de movimento social geral no Brasil. (...) É difícil mobilizar e aí quando você mobiliza, dialoga com o governo, avança na discussão. Aí, daí a pouco, eles resolvem: "Ah, não. Não vou fazer mais não". (...) Assim, a

> gente vai perdendo... vai perdendo a força. Eu acho que a gente está vivendo um momento que é difícil mobilizar, porque as pessoas estão descrentes. A gente está com pouco horizonte político. Pouco sonho, pouca perspectiva. Igual no caso da juventude negra: "Gente, se eu morrer com 18 anos, eu vou ter horizonte pra que? Eu vou divertir agora e deixa o pau quebrar! Eu vou entrar pro tráfico mesmo, eu vou querer participar de movimento social? Vai mudar o mundo daqui a não sei quantos anos se eu não vou nem estar lá?" Então, assim, eu acho que isso... tipo... isso vai deixando mais extrema essa situação de: "Ah, política não serve". É, eu acho que a gente foi, tipo assim, no governo Lula a gente foi lá no alto. No primeiro governo Lula, né? Aí do primeiro pra cá a gente está entrando numa baixa, assim, terrível (Entrevista Larissa).

Como é possível visualizar no mapeamento realizado, a I Conferência Municipal de Juventude aconteceu em Belo Horizonte no ano de 2006 e teve como um de seus objetivos a reestruturação do Conselho Municipal de Juventude da cidade, mediante eleição de seus/suas conselheiros/as. Esse processo contou com a participação direta das Negras Ativas. Uma das integrantes do coletivo participou inclusive da organização da Conferência, uma vez que na época ocupava o cargo de assessora da Coordenadoria Especial para Assuntos da Juventude[95] da Prefeitura de Belo Horizonte. Diante de uma realidade marcada pela falta ou precarização de trabalho, a possibilidade de trabalho nesse tipo de instituição naquele momento, além de uma estratégia de se aproximar através da profissionalização de um espaço de interesse político, aparece como uma oportunidade de emprego. No entanto, na condição de funcionárias e jovens, os lugares ocupados nas hierarquias poder nesse tipo de espaço pareciam, muitas vezes, dificultadores da participação efetiva em processos de tomadas de decisão.

As Pré conferências e Conferência de Juventude contaram com grande adesão dos/as jovens participantes do Coletivo Hip Hop Chama, o que consideramos que representou uma estratégia de articulação para a incidência no espaço público de disputa. Nessas conferências um embate assumido pelas Negras Ativas, inseridas na articulação de hip hoppers, foi no sentido de garantir que partidos políticos não aproveitassem o espaço para ações de promoção e propaganda política. Para isso, posicionaram-se contrariamente à participação direta (através da fala em mesas e da

[95] A Coordenadoria Especial para Assuntos da Juventude, criada em janeiro de 2005, é um órgão da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte ligado à Secretaria Municipal de Governo, que tem como proposta ser um espaço de interlocução entre jovens da cidade e a administração pública local para a formulação de políticas públicas direcionadas à juventude. Fonte: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=coordenadoriadajuventude&tax=7421&lang=pt_BR&pg=5560&taxp=0&

ocupação de lugares como os de delegados/as, por exemplo) de políticos partidários no processo. Estabeleceram ainda alianças com jovens atuantes no combate ao racismo e ao machismo/sexismo com o intuito de disputar e garantir representação de conselheiros/as comprometidos/as com a promoção da igualdade racial e de gênero na eleição do Conselho Municipal de Juventude. Na ocasião, uma integrante de Negras Ativas foi eleita como Conselheira Setorial da Promoção da Igualdade Racial do Conselho Municipal de Juventude, tendo como suplente um MC e grafiteiro da Cultura Hip Hop também vinculado ao Coletivo Hip Hop Chama, e a integrante do Coletivo Hip Hop Chama bolsista do projeto "Hip Hop Chama para o Debate" foi eleita como Conselheira vinculada ao setorial de gênero do Conselho Municipal. Na festa de encerramento da conferência houve apresentação do grupo Atitude de Mulher na Praça da Estação, uma praça pública localizada na região central de Belo Horizonte.

O episódio da Conferência Municipal de Juventude ilustra a forma como a Organização de Mulheres Negras Ativas após o seu primeiro ano de existência passa a transitar por esferas de participação de variados níveis de formalização, ocupando diferentes lugares e elaborando em conjunto com parceiros estratégias de incidência nesses espaços. Esse movimento, como sinalizamos anteriormente, é contemporâneo ao processo de difusão das políticas públicas de juventude e de seus pressupostos de participação, a nosso ver, bastante voltados à questão da ocupação de espaços para deliberação.

Esse trânsito tem permitido ao grupo se acercar, conhecer de perto e tecer suas próprias análises sobre os interesses em jogo e as oportunidades e dificultadores para o exercício da política nesse tipo de processo. Tem favorecido ainda articulações que permitem o planejamento de ações e agendas comuns especialmente com outros/as jovens para além das fronteiras comunitárias/locais de atuação. Isso pode ser considerado uma estratégia de incidência na esfera pública.

O acesso aos espaços mais formais de participação, especialmente àqueles destinados à formulação e ao controle de políticas públicas (como os conselhos paritários e as conferências), tem se dado mediante esse tipo de articulação realizada entre o grupo e parceiros vinculados a movimentos sociais. Costuma-se elaborar em conjunto com esses parceiros estratégias para a disputa pela ocupação desses espaços, que vão desde a mobilização anterior de jovens para que tenham condição de concorrer em número maior por mais vagas, até discussões prévias acerca de quais

demandas/propostas/denúncias serão levadas para o debate em seu interior. No caso das conferências e conselhos, essa ocupação se dá por votações nas quais um critério bastante levando em conta é a representatividade de candidatos/as a delegados/as e conselheiros/as em relação ao um determinado seguimento social. Quando esses espaços estão mais ocupados por atores que são aliados, vivencia-se menos disputa para neles incidir. Nesses casos, muitas vezes se encontra incentivo e às vezes até insistência desses aliados para que o grupo se insira. Quando o grupo por algum motivo não adere ao incentivo/insistência, por vezes é alvo de provocações, chegando a ser chamado pejorativamente de "Negras Desativadas". A permanência nesses espaços é vivida com tensões que geralmente se relacionam a tentativas de tutela/deslegitimação de sua ação, que se expressam inclusive na relação com aliados.

> Porque o que eu acho que pega nesse espaço, Mônica, não é a temática. Não é porque a gente não dá conta do conteúdo que é discutido. É por causa da relação de poder que é estabelecida. Então, eu acho que isso dificulta. Então, às vezes vai aparecer no tema, mas às vezes vai aparecer de outra forma, que vai de alguma forma tentar mostrar que a gente é inferior, que a gente não deveria estar ali. Eu acho que é isso que pega (Roda de Conversa - Larissa).

Essas tentativas de deslegitimação geralmente se manifestam no empenho em definir em que consistem seus lugares de jovens, de mulheres, de negras em determinado espaço de atuação. Esse tipo de regulação geralmente gera reação por parte do grupo, que costuma manifestar seu incômodo publicamente e nomear a prática como adultocêntrica, machista, e/ou racista, negando o enquadramento.

A articulação com aliados, geralmente organizações/coletivos juvenis, para a criação de estratégia de incidência nos espaços de formulação e controle de políticas públicas tem sido bastante estimulada por organizações não governamentais e fundações internacionais que têm sido identificadas pelo grupo como apoiadoras e acompanhado sua trajetória. A contribuição dessas entidades acontece através de suporte financeiro, metodológico (mediante facilitação de processos articulatórios como a Oficina Mulheres Jovens e Participação[96], o Forito[97] e o Forito Negro[98]) e formativos (como os

[96] Oficina acontecida na cidade de Brasília de 15 a 17/08/2007, dias que antecederam a II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. Tinha como objetivo garantir a preparação e articulação estratégica das jovens participantes para incidirem na conferência.

[97] O Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas – Espaço Brasil, conhecido como Forito, surgiu em 2002 por iniciativa da Fundação Friedrich Ebert como espaço de articulação de jovens feministas para a discussão sobre a condição da mulher jovem e suas demandas. Contou com a parceria da associação Ação Educativa (http://www.acaoeducativa.org/) e com o apoio do Fundo de Desenvolvimento das Nações

cursos de formação de moderadores/as para os quais integrantes de Negras Ativas têm sido convidas com freqüência a participar). O apoio que tem mais se destacado no sentido de investimento de recursos e disponibilização de profissionais que atuam na "moderação" desses momentos é o estabelecido pela fundação alemã *Friedrich Ebert Stiftung*, que adiante apresentaremos melhor.

Nesses espaços de articulação e preparação das juventudes para incidência em conferências, conselhos e encontros, o Hip Hop aparece, geralmente, das seguintes formas: em apresentações pontuais feitas pelo grupo de rap; como ferramenta (através das letras de rap, por exemplo) para se trabalhar os temas debatidos em atividades como, por exemplo, oficinas, facilitadas pelas Negras Ativas que foram formadas como moderadoras de grupo através do incentivo das mesmas entidades apoiadoras desses processos; ou como referência ou citação de trechos de letras de música em fanzines e outros materiais produzidos durante os encontros de articulação para serem usados na incidência nas conferências, encontros e conselhos.

Já nas conferências, conselhos e encontros maiores o Hip Hop aparece mais como referência nos discursos travados pelas Negras Ativas ou em apresentações do grupo de rap nos momentos de confraternização, dentro da programação cultural desses eventos.

É importante salientar que, ao mesmo tempo em que representa uma estratégia de incidência pública do grupo, esse trânsito entre distintas esferas de participação não se faz sempre de maneira tranquila e livre de dilemas internos. O crescimento de demandas de participação nesses processos tem significado menor tempo para investimento em projetos do grupo de incidência mais local, especialmente aqueles

---

Unidas para a Mulher – UNIFEM (http://www.unifem.org.br/). Ocorreram iniciativas semelhantes em outros países do Cone Sul, como a Argentina e o Paraguai e suas participantes se mantiveram, em alguma medida, conectadas. Fonte: Publicação Forito – Jovens Feministas Presentes.

[98] O Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas – Espaço Brasil, conhecido como Forito, surgiu em 2002 por iniciativa da Fundação Friedrich Ebert como espaço de articulação de jovens feministas para a discussão sobre a condição da mulher jovem e suas demandas. Contou com a parceria da associação Ação Educativa (http://www.acaoeducativa.org/) e com o apoio do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher – UNIFEM (http://www.unifem.org.br/). Ocorreram iniciativas semelhantes em outros países do Cone Sul, como a Argentina e o Paraguai e suas participantes se mantiveram, em alguma medida, conectadas. Fonte: Publicação Forito – Jovens Feministas Presentes.

[98] Forito Negro (Fundação Friedrich Ebert e Coletivo de Entidades Negras) se reuniu nos anos de 2005 e 2006 em Salvador. Financiado pela organização alemã Fundação Friedrich Ebert (FES), teve como objetivo principal discutir a participação juvenil no processo da Conferência Regional das Américas, sobre Avanços e Desafios no Plano de Ação contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Intolerâncias Correlatas, ocorrido em Brasília, no período de 26 a 28 de julho de 2006.

focados na mobilização/sensibilização/articulação de outras jovens negras localmente. Exemplos disso são alguns projetos (Projeto Hip Hop das Minas, Projeto Rosas Negras) que têm sido conduzidos, ainda que de forma bastante criativa e conectada com seus objetivos, em um tempo e em condições diferentes das inicialmente planejadas, o que tem gerado frustrações nas integrantes do coletivo; e o atraso de mais de quatro anos na finalização do CD do grupo de rap – mesmo se tendo conseguido apoio financeiro para viabilizar este, que além de um difusor de bandeiras do grupo, como mais adiante discutiremos, tem sido pensado como uma ferramenta para se trabalhar essas bandeiras em oficinas, rodas de conversa e outros espaços de popularização do Feminismo Negro. Assim, ao mesmo tempo em que representa uma importante oportunidade de incidir em processos de amplitude maior, estabelecer aí articulações e disputar neles e através deles os recursos simbólicos e materiais reivindicados, essa circulação pode significar em outros momentos um elemento desmobilizador do coletivo, gerador de tensões internas acerca dos rumos que ação política deve tomar e de vivência da participação a partir de uma lógica personalista: Quando a participação nesses espaços se dá mediante convites, geralmente estes são feitos de forma bastante personalizada o que gera discussões no interior do grupo em relação à sua funcionalidade:

> E eu acho que também, uma outra coisa é que é preciso trazer outras para os espaços. Sabe, vamos supor, imaginar uma reunião do conselho. Mesmo que tenha uma conselheira só, dependendo do conselho não tem nada que impede de ir 20 mulheres negras assistir a reunião. Eu acho que desses lugares que eu fui passando é... fazendo representação a partir de Negras Ativas, eu senti muita falta de pôr outras mulheres, outras pessoas. Hoje me incomoda muito quando as meninas falam assim: "Nossa fui lá não sei onde e eu falei que conhecia gente do Hip Hop e aí as meninas falaram: - Você conhece a Larissa? Aí fui lá em outro lugar e o pessoal falou: - Ah, você conhece a Larissa?" Queima o filme. Eu acho que é mais importante você ter mais pessoas participando do que uma pessoa participando em vários lugares. Porque, inclusive, uma pessoa sozinha cansa e cria uma fragilidade política maior. Porque, assim, se você destruir aquela pessoa, toda a construção daquele grupo cai. Agora se são várias, vai dar mais trabalho. (...) Eu acho que é importante dar visibilidade pra essa coisa de que a gente não precisa responder todas as demandas, nem de visibilidade, nem de articulação, nem de formas de participação nem de nada. A gente não é obrigada a responder. Inclusive a gente pode responder que não (Roda de Conversa – Larissa).

Esse tipo de questão apontada por Larissa é motivo em algumas circunstâncias de debates internos em que se problematiza em quais momentos esse tipo de convite representa interesse e incentivo à proposta política de uma coletividade ou estratégia de agenciamento de algumas de suas integrantes, geradora de impactos desarticuladores do

ponto de vista do fortalecimento de uma atuação mais coletivizada. Nesse sentido, o grupo tem buscado principalmente nos últimos anos renegociar o aceite a esses convites com o intuito de favorecer a circulação de outras jovens negras/jovens hip hoppers por esses espaços e processos.

Os dilemas vivenciados a partir dos lugares de intermediadoras entre políticas públicas e seu público-alvo (como aquele ocupado durante o processo da I Conferência Municipal de Juventude e de reestruturação do Conselho Municipal de Juventude) e de delegadas e representantes em espaços desenvolvidos pelo poder público com vistas a promover a participação, têm feito com que as Negras Ativas problematizem a que serve e a efetividade da incidência nesses que em outros momentos pareciam ser campos mais almejados pelo grupo, por serem visto como lugares de maior possibilidade de exercício de controle social sobre essas políticas.

De 2004 a 2007, pelo menos metade das integrantes do grupo passaram por esse tipo de posição, como conselheiras municipais, estagiárias e assessoras de coordenadorias e delegadas de conferências diversas. Uma expectativa do grupo em relação à participação nas conferências e conselhos era a de poder exercer, enquanto movimento social, pressão sobre o poder público para efetivação de suas demandas e projeto político:

> A luta história dos/as negros/as brasileiros/as têm avançado e alcançado novas dimensões e visibilidade. Vivemos hoje momento ímpar em nossa organização, o governo brasileiro reconhece a dívida histórica que o país tem com o povo afro-brasileiro e através de nossa mobilização temos conquistado novos espaços de participação e construção de políticas públicas. Negras Ativas é uma organização de mulheres negras, periféricas e faveladas que acredita na participação como instrumento de construção da democracia e eliminação de todas as formas de opressão. Por isso estamos presentes na 1ª Conferência de Promoção da Igualdade Racial propondo aos movimentos que se mobilizem ainda mais para garantirmos verdadeiramente e de fato a acessibilidade aos espaços de discussão e participação política. Enquanto movimento social acreditamos que mais que nunca devemos pressionar os governos para que caminhem de acordo com o projeto político construído com/pelo/para o povo negro (Trecho do Recado das Minas intitulado "Na Luta Por Espaços Verdadeiros de Participação", de 2005).
>
> Ser jovem num cenário de avanço das políticas neoliberais e redução das perspectivas faz com que muitas vezes passemos a sonhar com aquilo que deveria ser nosso por direito, por exemplo, ter um emprego, grana pra passagem, acesso ao teatro, um bom serviço de saúde, educação, moradia, respeito à diversidade, alimentação... e por aí vai!!! Por isso, participar

> das decisões políticas da cidade tem a ver com a juventude e pode contribuir para a realização daquilo que desejamos e precisamos para o exercício da nossa cidadania! O Conselho Municipal de Juventude (CMJ) é esse espaço para discussão e formulação de políticas públicas de/com/para as juventudes da cidade e está em processo de reconstrução. Negras Ativas é uma organização que busca o empoderamento das mulheres negras jovens e acredita na participação como instrumento de construção da democracia e eliminação de todas as formas de opressão. Por isso estamos participando ativamente do processo de reconstrução do CMJ, Venha fazer parte dessa história! (Texto completo do Recado das Minas intitulado "Participar para Transformar", de 2006).

Atualmente esse tipo de espaço é visto com mais descrédito enquanto oportunidade de atuação na esfera pública de disputa, resultado de um movimento reflexivo do grupo que vai de encontro à leitura de Tommasi (2004) acerca desse contexto de atuação para as juventudes:

> O fato de serem, também geralmente, eles mesmos jovens, se por um lado pode significar maior disponibilidade e sensibilidade em relação às questões que afetam o universo juvenil, por outro lado torna bastante difícil sua inserção dentro do aparato burocrático governamental, no qual são identificados como "meninos" que podem ser chamados na hora de organizar alguma festa ou evento público para dar visibilidade ao governo (Tommasi, 2004, p.178).

No entanto, a possibilidade de inserção em conselhos, conferências, coordenadorias também não é algo a priori negado, sempre se configurando enquanto uma questão a ser avaliada. Hoje, por exemplo, o coletivo ocupa a cadeira de representante das juventudes negras no Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Belo Horizonte. Pensando na relação da trajetória de Negras Ativas com as dinâmicas de um cenário político mais amplo, podemos dizer que a ocupação desse tipo de posição na relação estabelecida com o Estado envolve um dilema para os movimentos sociais contemporâneos que Prado, Machado e Carmona (2009) apresentam da seguinte maneira:

> Por um lado, a profissionalização das ações dos movimentos sociais tem implicado em sua institucionalidade e burocratização, dado que o Estado anuncia novos espaços de participação, não sem pretensões assimilacionistas. Por outro lado, há também uma tensão entre a necessidade dos movimentos expandirem suas relações de adversários e de apoiadores e a sua própria inserção no amplo espectro da realização e do desenvolvimento de ações do próprio Estado. Assim, o que se percebe é uma fronteira opaca entre estas relações que muitas vezes se individualizam em lideranças dos movimentos sociais que agora se dividem entre líderes de ações de protesto e gestores das próprias políticas

> públicas com o objetivo de implementação e expansão de acesso e inclusão social (Prado, Machado e Carmona, 2009, p.160).

De toda forma, percebe-se um menor investimento e uma maior frustração e desconfiança em relação à participação nos espaços de mediação entre os interesses da sociedade civil e de movimentos sociais e as ações do Estado. A frustração do grupo muitas vezes se manifesta no balanço que ele faz dos poucos avanços, do ponto de vista da democratização das relações sociais, que têm sido produzidos a partir desse formato de participação:

> Larissa: (...) nessas conferências que a gente participou a gente já explicitou todas as demandas. Não é porque não sabe da demanda que o governo não está cumprindo essas demandas. Eu acho que agora está na hora de fazer pressão de outras formas. Porque o que tem acontecido com o produto das conferências? Virou um... tipo um cardápio de propostas. Que aí o gestor vai lá e escolhe qual ele quer fazer e faz do jeito que ele quiser fazer. Então, assim não dá. Eu acho que a gente precisa pressionar de outras formas. Eu acho que sempre vai ter gente participando desse tipo de espaço. E eu acho que é importante que tenha. Mas, por exemplo, eu não estou disposta a participar mais. Não desse formato que está aí. Se não for pra fazer o enfrentamento mesmo, não adianta. A gente gasta uma energia, fica lá, gasta dias, que a gente podia estar fazendo outra coisa, há muito tempo, e não... pra daqui a quatro anos ir lá de novo e ver que não fez nada?
>
> Vanessa: É, eu acho que é... outras coisas menos deliberativas e mais propositivas, né, porque de fato é isso, assim. Tudo que a gente tinha que propor, já propôs.
>
> Larissa: E as coisas dos brancos não passam pelas conferências não. São só os direitos dos pretos que estão sendo negociados nas conferências, né. As coisas dos brancos eles decidem já definindo orçamento. (...)
>
> Vanessa: Eu acho que ainda é... são espaços que de alguma forma você consegue dialogar com alguns grupos, perceber um pouco algumas coisas. Mas virou também um negócio meio: “a única solução é ir pra conferência”.
>
> Larissa: Eu realmente acho que conselho é importante, mas, assim, um pé dentro e o outro fora, sabe?
>
> Mônica: Eu também concordo, porque eu acho que lá é um espaço que o pessoal está vendo possibilidades. Eu não tenho dúvida disso.
>
> Vanessa: É... alguns conselhos você consegue ter uma proximidade maior com o gestor, né? Então, isso também é interessante, né? (Roda de Conversa – Larissa, Mônica e Vanessa).

Ainda que represente uma mudança nas formas do Estado estabelecer interlocução com os movimentos sociais e com a sociedade civil, em resposta às ações e demandas por eles empreendidas, esse tipo de aparato, no que diz respeito às

oportunidades de atuação na esfera pública de disputa, significa hoje, a nosso ver, também uma forma da política sofrer regulações da gestão, através da oferta de um conjunto de procedimentos de "promoção da participação e do diálogo" que em si garantiriam a democracia. Nesse tipo de processo a participação assumida enquanto ideal inclui a gestão do campo no qual ela se estabelece através de formas consideradas renovadoras/transformadoras da política apenas pela aproximação do/a cidadão/ã em relação ao Estado ou do Estado em relação ao/à cidadão/à (Ranciére, 1996).

Nesse contexto, até que ponto as conferências, conselhos, coordenadorias podem se configurar na atualidade como espaços públicos de disputa para as jovens negras? Entre quem nesses espaços/processos se estabelece disputa? Conferências/conselhos/coordenadorias enquanto campo de ação nos parecem mais espaços de disputa por lugares de representação entre aqueles/as que poderiam estabelecer alianças na ação política contra um estado de coisas desigual e de negociação entre aqueles que ocupam posições discrepantes nessa ordem social (como o Estado e a sociedade civil). Consideramos que nesses espaços, que têm como finalidade o estabelecimento de consensos entre poder público e sociedade civil, encontra-se fragilizada a "tensão entre a democracia, como exercício de um poder compartilhado de pensar e agir, e o Estado, cujo princípio mesmo é apropriar-se desse poder" (Rancière, 2012, p. 3).

Abandonarem em alguma medida o investimento na ocupação desse tipo de espaço significa um movimento de reposicionamento de nossas interlocutoras no jogo político. Um afastamento desse tipo de estrutura pode apontar para o que, neste momento do jogo, o grupo tem topando menos ou não está mais disposto a negociar enquanto caminhos e condições para a incidência na esfera pública. Pode representar um descontentamento com uma lógica na qual antagonismos na esfera pública têm, por vezes, dado lugar ao cumprimento de protocolos participativos. Esse descontentamento sinaliza que não há necessariamente uma coincidência entre mecanismos de formulação, sistematização e explicitação de demandas de igualdade (que podem ser ou não atendidas) e dinâmicas em que a disputa e o conflito podem ser estabelecidos a partir dessas demandas como estratégia para garantir sua efetivação.

Além disso, é importante questionarmos em que medida o investimento por parte das entidades financiadoras na preparação de jovens negras para incidência nos processos de conferência, eleição de conselhos paritários e encontros intergeracionais

não pode de alguma maneira seguir reafirmando o pressuposto adultocêntrico de que elas precisam ser formadas para atuar no campo da política e influenciar, em alguma medida, numa normatização de suas ações.

No entanto, assim como uma maior articulação do Hip Hop representou uma possibilidade de fortalecimento da atuação coletiva das mulheres nesse contexto e a emergência de novas tensões em torno de assimetrias de gênero por elas vividas, uma maior circulação das jovens negras por espaços de participação ligados à formulação e controle de políticas públicas significou, além de alguns enquadramentos ou regulações da ação, possibilidades de estabelecimento de alianças e tensões com militantes para além do âmbito local, inclusive militantes vinculadas ao Movimento de Mulheres Negras. Da mesma forma, a participação em espaços de articulação do Movimento de Mulheres Negras para a atuação na esfera pública tem possibilitado o estabelecimento de rupturas e continuidades das Negras Ativas em relação à ação política feminista negra travada por outras gerações.

Na próxima sessão, discutiremos o terceiro processo elencado por nós no mapeamento realizado, o III Encontro Nacional de Mulheres Negras, como um momento importante tanto em termos de aproximações quanto de distanciamentos das primeiras integrantes de Negras Ativas em relação a dinâmicas do Movimento de Mulheres Negras. Partindo desse momento abordaremos alguns elementos do cenário de oportunidades e dificultadores para a emergência da ação coletiva das jovens negras na esfera pública que marcam semelhanças e diferenças em relação a outras gerações nas estratégias travadas pelas Negras Ativas de incidência pública enquanto coletivo que atua a partir de referenciais feministas negros. Acreditamos que a partir dessa análise será possível identificar melhor onde o Hip Hop se localiza nessas rupturas e continuidades em relação à atuação do Movimento de Mulheres Negras e em que medida ele aponta para possibilidades de exercício da política, aspecto que será trabalho de forma mais detalhada no capítulo 4.

### 3.3. III Encontro Nacional de Mulheres Negras e Feminismo Negro – Aproximações e Distanciamentos entre Experiências de Militantes Negras de Diferentes Gerações – Cultura, Política, Institucionalização e Academia

A Organização de Mulheres Negras Ativas foi criada dois anos depois do III Encontro Nacional de Mulheres Negras, ocorrido em Belo Horizonte no ano de 2001, durante o processo preparatório para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas[99], que aconteceu no mesmo ano.

Os objetivos desse encontro foram o debate sobre os processos organizativos de mulheres negras e articulações para o enfrentamento ao racismo e às desigualdades de gênero na esfera pública de disputa. O referido evento foi um momento significativo de encontro entre diversas organizações e militantes do Movimento de Mulheres Negras na cidade de Belo Horizonte e contou com a participação de mulheres negras de várias regiões do Brasil, inclusive jovens que fariam parte, posteriormente, de Negras Ativas:

> Inclusive eu fui a facilitadora do grupo de mulheres jovens lá nesse encontro. (...) Então naquele período a gente estava lá também. Primeiro teve uma Reunião Nacional de Mulheres Negras. A Flavinha até participou enquanto APNs, na época. Foi na Escola Sindical[100]. Isso foi em 99, 2000. Aí, depois, na sequência, teve o III Encontro Nacional de Mulheres Negras, que foi no SESC. Vieram mulheres do Brasil inteiro, foi muito bacana (...) No caso do Encontro Nacional de Mulheres Negras foi muito por essa mobilização que a gente já tava de alguma forma com a juventude da cidade que eu fui chamada pra fazer a facilitação do grupo das jovens mulheres (Entrevista Vanessa).

Sobre a participação das jovens nesse encontro e as tensões por elas vivenciadas, elas afirmaram que:

> Vanessa: Uai, naquele momento já tinham algumas discussões em torno de conquistas coletivas mesmo como, por exemplo, mais acesso da juventude negra à universidade, sabe. Tinha também os questionamentos com relação às questões de gênero, sobre igualdade nos papéis, mas boa parte das discussões que passaram ali, naquele momento de diálogo do grupo, eram muito as questões mais coletivas mesmo. (...) Tem as características, assim, que nos Movimentos Negros boa parte das jovens estão ligadas a algum partido, então

[99] A III Conferência Mundial Contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas – III CMR, foi realizada de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, em Durban, África do Sul. Teve fundamental importância pelas suas repercussões no que se refere à ação política pela promoção da igualdade racial e pelo que representou em termos de consolidação e visibilidade política do Movimento de Mulheres Negras (Rodrigues, 2006).

[100] Escola Sindical 7 de Outubro: http://www.escola7.org.br/

> algumas coisas de partido também passaram por ali: como ampliar a porcentagem de participação das mulheres nos partidos, a importância de fortalecer os negros dentro do partido, então essas discussões que eram mais do mundo adulto as jovens também faziam. (...) Mas... é... algumas coisas mais coletivas da juventude que eu lembro que marcaram pra mim, eram muito essas discussões do acesso à universidade, das cotas para a juventude negra, da importância disso, sabe. Eu lembro que teve algumas mulheres que se ofereceram, que pediram espaço na discussão das jovens pra apresentar vídeo pra gente sobre, por exemplo, planejamento familiar, é... gravidez na adolescência, umas coisas assim, e isso... as meninas ficaram foi muito nervosas com a coisa (risos) porque elas de fato achavam que não cabia mais esse tipo de discussão de um adulto vir querer dizer pras jovens a importância de... Enfim... Aquelas jovens que estavam ali já tinham passado desse nível, não cabia. Cortaram e: "Pronto, acabou, e vamos continuar a nossa discussão aqui das cotas" (Entrevista Vanessa).

> Larissa: Eu também fazia o site do encontro (risos). Eu tava na equipe da comunicação. Aí deu um quebra-pau danado porque as antigas não queriam que as jovens participassem. As ricas não queriam que as pobres entrassem. Aí foi... teve muito quebra-pau! Eu acho que aquele encontro foi o encontro da periferia no Movimento Feminista (risos)! Porque acabou que a gente entrou, participou e foi um encontro muito importante. Parece que não tem muita memória dele. Eu acho que, como os grupos que organizaram meio que se diluíram, não ficou uma sistematização adequada. (...) Mas foi um momento importante, que a gente conheceu e brigou com muita feministona brava (risos)! Foi bacana. Acho que foi a primeira grande batalha nacional que nós tivemos (risos). (...) Foi, foi um momento, foi um encontro muito rico. Acho que tanto pelas tensões quanto pelas articulações. Acho que essa coisa do reconhecimento, né, que vai sendo construído com o sofrimento mesmo. Não é fácil construir o reconhecimento. Então muitas daquelas mulheres estavam ali por causa da história que elas tinham construído. E ao mesmo tempo elas aceitarem que, "Beleza, a gente caminhou junto, mas agora, além disso que a gente aprendeu com vocês, a gente está inventando coisas novas". Isso aí foi... foi doloroso (risos). E aí a gente aprendeu a ser topetudas com elas também, de alguma forma, né, então a briga foi boa (Entrevista Larissa).

As falas de Larissa e Vanessa apontam para conexões e também divergências estabelecidas naquele momento pelas jovens com militantes de outras gerações do Movimento de Mulheres Negras que representam um tipo de tensionamento delineado no interior do movimento em torno do qual as Negras Jovens Feministas, que apresentamos no segundo capítulo deste trabalho, têm emergido publicamente enquanto seguimento específico da militância negra feminista. As Negras Jovens Feministas, assim, ao mesmo tempo em que percebem militantes de diferentes gerações como aliadas e inspiração para a ação coletiva reivindicam nos contextos de organização e

articulação da militância espaços e oportunidades igualitárias de participação, visibilidade e reconhecimento para as jovens. Consideramos que esse tipo de divergência pode se relacionar em alguma medida ao investimento na Organização de Mulheres Negras Ativas como um novo projeto para suas precursoras.

Sobre as divergências estabelecidas no III Encontro Nacional de Mulheres Negras, Rodrigues (2006) aponta que o mesmo não contribuiu para a consolidação de uma pauta política unificada e nem serviu ao estabelecimento de uma forma organizativa consensual.

> Um agravante, no caso específico desse encontro, foi o fato de já se estar constituindo àquele momento uma Articulação Nacional de ONGs de Mulheres Negras que, inicialmente, objetivava servir de instrumento político para que as mais diversas organizações de mulheres negras tivessem um papel protagônico na II CMR. No entanto, a Articulação de Mulheres Negras foi, aos poucos se auto-legitimando como "instância representativa das mulheres negras", sem que, no entanto, essa legitimidade tivesse se estabelecido a partir dos mais diversos segmentos que compõem o MMN, o que gerou, a partir de 2003 a consolidação do Fórum Nacional de Mulheres Negras, congregando outras organizações de mulheres negras e com uma visão de direcionamento político por vezes divergente e conflitante em relação à Articulação de Mulheres Negras (Rodrigues, 2006, p. 2011).

O episódio do III Encontro Nacional nos ajuda a compreender como a dinâmica de articulação dos movimentos sociais para a incidência como unidade na esfera pública de debate envolve também tensões internas e processos de negociação.

Quando se organizaram como coletivo, algumas Negras Ativas já tinham, então, vivenciado oportunidades de interlocução e também de estabelecimento de disputas na interação com outras feministas negras em espaços e processos como o III Encontro Nacional.

E mantendo-se conectadas ao Movimento de Mulheres Negras as Negras Ativas foram ao longo dos anos se organizado para a reivindicação de direitos, para a disputa de recursos materiais e simbólicos e para a ocupação de espaços de participação em relações aos quais se sentem pouco representadas. Nesse processo de organização para incidência pública, o Hip Hop é, como já mencionamos anteriormente, um elemento que ocupa um lugar significativo na trajetória do coletivo. Mas também temos identificado outros elementos que têm se destacado como estratégias de organização para a atuação na esfera pública que, ainda que não vivenciados de maneira exatamente igual, são

comuns a trajetórias de diferentes gerações de feministas negras e podem nos ajudar a entender melhor o cenário de oportunidades e dificultadores no qual sua ação encontra-se inserida: Destacamos neste trabalho o investimento na atuação acadêmica, a profissionalização e a institucionalização, que discutiremos melhor nas subseções seguintes. Consideramos que compreender melhor os lugares que esses elementos ocupam na trajetória de Negras Ativas, em termos de rupturas e continuidades com o percurso político do Movimento de Mulheres Negras e de oportunidades e dificultadores estabelecidos no cenário político atual, nos ajuda também a entender como se desenham para o coletivo as possibilidades de organização para atuação na esfera pública e onde nesse desenho se localiza o Hip Hop na relação com outras estratégias das quais também se lança mão para a entrada e permanência no jogo político.

### 3.3.1. *Militância, Academia e Profissionalização*

Um elemento que consideramos que atualmente tem aproximado a experiência das Negras Ativas da experiência das feministas negras reconhecidas pela autonomização do Movimento de Mulheres Negras diz respeito à questão militância-academia. Fizemos referência no capítulo 2 a esse tema, mas agora gostaríamos de situá-lo não apenas em relação a aspectos metodológicos envolvidos nesta pesquisa, mas em um cenário político que consideramos importante entender melhor para analisar o percurso de atuação pública das jovens vinculadas ao Feminismo Negro. A ocupação dos duplos lugares de pesquisadoras e militantes, acadêmicas e militantes ou acadêmicas e ativistas tem sido comum na trajetória das mulheres negras reconhecidas enquanto lideranças no processo de emergência pública do Movimento de Mulheres Negras no Brasil. Segundo Pedro (2005), a academia desde os anos 80 tem se constituído como campo de atuação priorizado por diversos seguimentos da militância:

> Os estudos universitários tornaram-se, desde o início dos anos oitenta, um lugar privilegiado daquelas pessoas que, desde os anos sessenta e, especialmente, nos anos setenta, militaram nos diversos movimentos sociais que se constituíram no Brasil, fossem eles de luta contra a ditadura, por uma sociedade socialista ou pelo feminismo. As/os jovens militantes daqueles anos ocupam, hoje, cargos no governo, em ONGs e nas universidades – principalmente nas públicas. Trata-se de uma geração que transformou suas experiências

em alvo de reflexão (Pedro, p. 170).

Identificamos que quando o Movimento de Mulheres Negras aparece publicamente na interseção dos movimentos Feminista e Negro articulando ações, discursos, conflitos e disputas através do Feminismo Negro, várias de suas lideranças publicamente reconhecidas passaram a investir também estrategicamente na incidência acadêmica. Esse investimento se dava (e permanece) através de produções e debates que tinham como foco análises sobre as condições de subalternidade às quais mulheres negras estavam submetidas no Brasil e sobre os movimentos atuantes com foco na superação de desigualdades de gênero e raça (Bairros, 1995, 2000; Carneiro, 2001, 2003; Ribeiro, 1995, 2006, 2008; Weneck, 2005, 2009; Roland, 2000).

> Eu acho que a gente, eu acho que a gente foi até muito privilegiada nesse sentido, assim, eu, Larissa, Flavinha, esse pessoal que ficou... Movimento Negro, final dos anos 90 e inicio de 2000 assim, que a gente pegou um grupo de mulheres muito aguerridas, um grupo de mulheres que já estava lá no Movimento Negro com o seu curso superior concluído ou que já estavam encaminhadas para o mestrado. E que ao mesmo tempo em que eram lideranças de base eram diretoras de sindicato e era um povo muito ativo que estava, além de estar elaborando muita coisa, estava ali o tempo todo aporrinhando a "homaiada" dentro dos quadros do Movimento Negro. Cutucando e falando e mexendo. Então não tinha um encontro que você participava que não tinha uma mulher questionando lá o espaço das mulheres, não tinha uma atividade que não tinha um questionamento e tal, e isso era muito interessante. E aí chegou nesse momento, né, foi se dando esse momento em que as mulheres viraram maioria mesmo e não teve mais jeito assim de negar, de invisibilizar, né (Entrevista Vanessa).

Além das possibilidades de ampliação do debate no interior de movimentos sociais, coletivos e organizações políticas, os discursos das intelectuais negras têm sido produtores de dissensos nos campos de estudo de gênero e estudos feministas e desencadeado importantes debates com defensores/as de perspectivas universalistas de ciência, sujeito e transformação social. As mulheres negras, em suas produções acadêmicas, têm buscado se mover para fora do pensamento convergente que marca o universalismo no campo científico e do "raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental)", implicando-se na produção e publicização de pensamentos dissidentes em relação à tradição científica ocidental (branca, masculina, de classe média) (Santos, 2002; Anzaldúa, 2005, p.706).

As trajetórias dessas militantes negras se ancoram, nesse sentido, naquilo que hooks (1995) afirma já sabido por líderes negros do século XIX:

> O trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes (hooks, 1995, p.446).

No entanto, assim como a contribuição das jovens para a história da Cultura Hip Hop tem sido invisibilizada, conforme discutimos, apesar das mulheres negras terem uma importante atuação como pensadoras e educadoras na/sobre a vida negra, muito pouco se escreveu sobre elas enquanto intelectuais, conforme denuncia hooks (1995):

> Quando a maioria dos negros pensa em "grandes mentes", quase sempre invoca mensagens masculinas. (...) Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar "interdito" (hooks, 1995, pp.467-468).

Assim, consideramos que a descolonização e libertação possível no campo acadêmico depende de disputas e tensionamentos frente as formas desiguais através das quais ele se organiza e que definem quem está autorizado/a ou não a exercer a intelectualidade. A academia, assim como a cultura, além de possível estratégia de inserção no debate/embate público/político, tem se configurado como um campo marcado pela produção de privilégios dificultadores da incidência pública igualitária e no qual militantes negras têm buscado atuar também enquanto campo de disputa.

Temos percebido que, assim como as militantes reconhecidas como precursoras do Movimento de Mulheres Negras, as Negras Ativas têm priorizado de forma diferente de outros momentos a entrada e o investimento em uma atuação na academia, conforme sinalizamos anteriormente. Por vezes os argumentos apresentados pelas Negras Ativas para explicar esse investimento se referem à vontade de conquistar a possibilidade de participarem mais diretamente do processo de produção científica e serem também autoras daquilo que se produz cientificamente sobre sua história, experiência, denúncias, demandas e reivindicações.

Dentro do coletivo há também as participantes que apostam no ingresso na universidade e na formação continuada como estratégia de profissionalização para a entrada e permanência no mercado de trabalho. Um maior investimento tanto na incidência acadêmica quanto na profissionalização em outros campos coincide com as transformações que a dinâmica interna da organização tem sofrido, marcada nos últimos dois anos por uma articulação que nos momentos de planejamento de ações por vezes se estabelece mais virtualmente (através de trocas de e-mails, conversas através de

programas de bate-papo da internet, telefonemas) que presencialmente. Essa articulação se configura em encontro principalmente em momentos estratégicos de realização de ações de mobilização, formação e/ou incidência em processos de debate ou de articulação política. Nos últimos meses de escrita dessa dissertação, no entanto, o grupo se encontrou com mais frequência, geralmente para decidir coletivamente sobre encaminhamentos para a finalização de projetos pendentes, como o Projeto Rosas Negras e a finalização do CD do grupo de rap, bem como para avaliar o ano, receber três novas integrantes convidadas para o coletivo e planejar ações para o ano seguinte, como por exemplo, o Lançamento da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop em Belo Horizonte. Outra mudança na dinâmica do coletivo que se relaciona aos novos percursos de suas integrantes diz respeito a uma tentativa de agregar cada vez mais os saberes e experiências produzidos nas trajetórias profissionais e acadêmicas a ações e projetos do grupo:

> Então, eu gostei muito dessa ideia da gente transformar essa pesquisa numa sistematização e num catálogo do Negras Ativas. Pra dois anos é um marco histórico, assim. São poucas organizações que tem isso, são poucos grupos que tem um trabalho rico como esse, então eu acho que pra Negras Ativas isso vai ser muito positivo pra gente. Eu acho que até por aquele objetivo que a gente tem de disseminar o nosso conhecimento e falar quem que somos, qual que é a nossa história, o que a gente quer, o que a gente pretende, pra chamar mais gente pra essa luta, sabe (Entrevista Mônica)[101].

Podemos dizer também que neste atual momento do coletivo é maior a possibilidade de emergência de projetos pessoais, como, por exemplo, o investimento na profissionalização que, como mencionamos, para algumas também se conecta com uma maior inserção na universidade (não necessariamente como um projeto de carreira acadêmica). No ano de entrada da pesquisadora para o grupo este tinha três de suas seis integrantes cursando graduações em Psicologia e Ciências Sociais e as demais ou finalizando o ensino médio ou trabalhando principalmente na moderação de grupos e na realização de oficinas. No período de elaboração desta dissertação, além da pesquisadora, outra integrante do coletivo ingressou no mestrado em Psicologia Social, três integrantes do coletivo tinham as graduações concluídas em Ciências Sociais, Serviço Social e Ciências Contábeis, uma delas com especialização concluída, e uma integrante estava cursando Administração e tentando o Exame Nacional do Ensino

[101] Sobre uma proposta das integrantes de Negras Ativas, surgida durante um momento de devolução desta pesquisa, de transformar parte do conteúdo produzido em materiais mais sucintos que possam ser usados em atividades de mobilização, formação e incidência pública.

Médio - ENEM com vistas a ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais no curso de Antropologia. As três jovens negras que no momento de escrita deste trabalho estavam entrando no grupo também viviam um movimento semelhante: uma graduada em Ciências Sociais e as outras duas em processo de formação em Direito e Fisioterapia. Várias, ao falaram de suas histórias, relatam dificuldades vivenciadas/observadas quando acontece certa mobilidade para mulheres negras no que diz respeito ao acesso à educação e à formação acadêmica. Identificam a universidade/faculdade como lugar de ampliação de possibilidades profissionais e políticas, mas também como espaço de vivências de solidão, desrespeito, humilhação e deslegitimação associadas por elas a estruturas e dinâmicas de funcionamento racistas, classistas e machistas:

> A gente acabou passando a ser essas pessoas, assim, que discutem teorias, enfim... (...) Lá no Ceará até a Tereza[102] falava um pouco sobre isso, a coordenadora lá, e eu achei importante ela dizer, ela dar esse depoimento, né. E aí ela lembrou até... é a coisa de se embasar mesmo, né... mas ela lembrou de um texto da bell hooks, que fala sobre... a solidão do intelectual negro. (...) mas aí ela falava da situação dela mesma de mulher negra, professora, universitária, morando no nordeste com outro grupo de professores, maioria homens e maioria brancos e brancas, e dos papéis que as pessoas vão ocupando na vida dela e das relações que as pessoas estabelecem. (...) Então para alguns espaços, para alguns momentos, socialmente é importante que convide a Tereza. (...) E aí às vezes até essa pessoa começa a criar uma ilusão de que está sendo incluída e que de fato fez amigos. Mas aí, determinada hora na vida, fulana fala com ela: "Ah, você não foi ao batizado da filhinha da sicrana?" Aí ela se toca que pro batizado da filhinha da sicrana ela não foi convidada, né. (...) Enfim, é essa solidão que eu acho que alguns... negros e brancos vão passar por isso, mas que na vida das mulheres negras é um peso enorme e que eu vejo muito mais mulheres negras de alguma forma desabafando seus sofrimentos e suas solidões, e quase não vejo brancas, então eu acho que pras mulheres negras é muito mais pesada essa ansiedade, na medida em que você vai estudando, de alguma forma mudando sua condição de vida, parece que as coisas vão ficando mais complexas. (...) Enfim, são coisas que eu acho e eu tenho sentido cada vez mais vontade de pensar: espaços pra nós mulheres dialogarmos mais verdadeiramente sobre isso. (...) que tem a ver com esse contexto também de conquistas e de crescimento que as mulheres estão tendo, sobretudo as militantes, que vão procurando cada vez mais se fortalecer através dos estudos, né. (...) Você faz cursos, você vai pra faculdade, você está o tempo todo lendo, e você está o tempo todo buscando conhecimento, conhecimento, conhecimento, e isso te torna alguém diferente das outras pessoas de alguma forma. Isso te dá um diferencial que é positivo, mas que por outro lado te traz também uma

[102] Nome fictício.

> carga muito pesada. (...) Mas tem esse outro lado de ser um contexto muito positivo, assim, nesse sentido dessas conquistas que nós todas mesmo buscamos de abertura pra mercado de trabalho, de alguma forma, de estudos, pra crescimento profissional (Entrevista Vanessa).

Na universidade e fora dela, as integrantes do coletivo têm buscado se envolver em disciplinas, projetos de pesquisa e extensão, estudos, grupos nos quais possam debater e desenvolver ações focadas nas desigualdades de gênero, raça, classe social estabelecidas nesse contexto. Citamos como exemplos disciplinas como Psicologia Social do Racismo, programas como o Conexões de Saberes, grupos como Psicólogos/as Negros/as e Pesquisadores/as sobre Relações Inter-raciais e Subjetividade no Brasil e projetos como a Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Da mesma forma, os investimentos profissionais das Negras Ativas fora da universidade também dialogam em alguma medida com as inquietações vividas coletivamente. Profissionalmente suas integrantes têm, por exemplo, direcionado sua atuação a um público semelhante ao que é foco das ações do coletivo.

> Estou trabalhando com juventude, e trabalho no Programa Poupança Jovem, que é jovem que vai de 14 até 24 anos, que é do ensino médio e é muito bacana; aí trabalhamos com oficinas. Como eu estou na coordenação eu vejo o todo e coordeno mais a qualificação, que são cursos pra dar um incentivo pros meninos se descobrirem, perceber se é isso que eles gostam de fazer, trabalhar com a pesquisa pra ver como foi o programa na vida deles, o que eles pretendem, o que eles fizeram com os três mil reais. E aí está muito bacana, to adorando, está muito bom (Entrevista Flávia).

Nesse sentido, ainda que representem investimentos em projetos pessoais, tanto a incidência acadêmica quanto a profissionalização aparecem também na experiência das Negras Ativas conectadas a objetivos e horizontes coletivos:

> Então eu acho que é se manter forte o tempo todo no dia a dia. É uma coisa que a gente tirou uma época que foi todo mundo estudar, que eu acho que muita gente levou a sério, né, foi até pro mestrado (risos), encarou. Eu acho que isso foi super bacana (Entrevista Flávia).

As transformações nos percursos individuais das Negras Ativas no que diz respeito aos estudos e à profissionalização provocam, como mencionamos, novas configurações na forma como o coletivo se organiza e atua e também representam certa mobilidade social vivenciada por suas integrantes.

Mas elas reconhecem que o tipo mobilidade alcançada, da forma precarizada como é vivida por jovens negras, não representa a mudança social que se desejam. No caso dos investimentos na profissionalização, por exemplo, além das dificuldades

vivenciadas nos processos de formação, identificam que a qualificação oferecida por esses processos não as resguarda das desigualdades do mercado de trabalho e de seus contextos de atuação profissional. Identificam a impossibilidade de viver a profissionalização de forma igualitária como uma barreira a ser enfrentada por elas e por outras jovens negras na atual conjuntura:

> Eu acho que, eu não sei, talvez o mercado de trabalho, eu acho que ainda é uma barreira. Não sei... Porque acho que falar das questões de raça, do papel e do lugar da mulher ainda é muito velado assim dentro do mercado de trabalho (Entrevista Mônica).

Diante dessa barreira e em um cenário em que ações mais institucionalizadas são mais reconhecidas enquanto "qualificadas", "profissionais", a institucionalização, que discutiremos melhor na próxima sessão, aparece para o grupo tanto como forma de vivenciar a vida profissional almejada por suas integrantes quanto como possibilidade de continuidade de seu projeto coletivo, pela garantia de mais canais de captação de recursos que sustentem suas ações:

> Cássia: E qual que é sua opinião sobre essa possibilidade do grupo se organizar, mais institucionalmente, assim?
>
> Mônica: Nossa, eu acho super positivo, acho que o dia que a gente puder pensar que a gente vai poder se dedicar... Porque a gente vive essa dificuldade de dedicar para as causas do grupo, o que a gente quer, os interesses, e pela sobrevivência. Acho que o dia que a gente puder juntar o que a gente quer lutar com trabalhar... Não que a gente não trabalhe com as coisas que a gente acredita, mas unir a nossa militância com o nosso reconhecimento enquanto profissional na militância... (...) as pessoas conseguirem sobreviver do trabalho de militância, eu acho que é super positivo e eu acho que é um caminho natural. As ONGs estão aí hoje porque teve um mesmo histórico, né, de militância. E sentiram a necessidade de se tornar uma personalidade jurídica. E trabalhar de uma forma mais profissionalizada, né. As pessoas reconhecem de uma forma mais profissionalizada. Outras portas se abrem, né. Então eu acho que é o caminho natural que Negras Ativas também tem que seguir. Que eu acho super positivo. Eu acho que tem que acontecer mesmo. Porque o trabalho é muito gratificante, assim, você ver a quantidade de pessoas que veem o profissionalismo, a competência do grupo. É muito legal você se sentir parte, ter essa sensação de pertencimento de um grupo que tem uma história, que deixa um rastro, que está deixando uma história, que está fazendo muita coisa, no paralelo, nas vidas pessoais e profissionais de todo mundo, né (Entrevista Mônica).

Analisaremos a seguir como a institucionalização e seus desdobramentos se configuram para nossas interlocutoras como possibilidade tanto de profissionalização quanto de "sobrevivência" da Organização de Mulheres Negras Ativas. Identificaremos

quais atores se destacam na trajetória do coletivo quando a institucionalização para ele aparece enquanto uma questão significativa para a ação coletiva e discutiremos de que forma esse processo nos ajuda a entender um cenário de oportunidades e dificultadores para a emergência da ação pública das jovens negras vinculadas ao Hip Hop.

### 3.3.2. *Institucionalização, Projetos de Intervenção e Possibilidades de Continuidade da Ação Coletiva*

Assim como em outros movimentos sociais (como o LGBT, por exemplo) várias militantes negras que foram conquistando visibilidade na cena pública brasileira a partir da década de 80 se organizaram enquanto Movimento de Mulheres Negras através das organizações não governamentais (Rodrigues, 2006). Dessa forma, a aposta das Negras Ativas nessa estratégia de organização coletiva para incidência na esfera pública pode ser lida como elemento de aproximação em relação à trajetória de militantes de outras gerações do movimento.

A onguização[103] de movimentos sociais, crescente desde a década de 1990, é um processo que se relaciona às transformações estabelecidas na relação entre Estado, movimentos sociais e sociedade civil que têm como marco a explicitação na Constituição Federal de 1988 da corresponsabilidade entre Estado e sociedade civil na concretização das políticas públicas de proteção dos direitos das minorias sociais (Prado, Carmona e Machado, 2009):

> O vigor com que o neoliberalismo assolou as práticas políticas brasileiras, ao mesmo tempo em que estreitou a proximidade entre as instituições governamentais e grupos organizados da sociedade civil, muitas vezes culminando em uma relação de parceria entre Estado e Movimentos Sociais, provocou uma série de dificuldades para a mobilização destes atores sociais, fortalecendo o formato de ONG (organizações não governamentais) como alternativa política mais viável de mobilização e ativismo social. As ONGs se multiplicaram e se diversificaram com mais velocidade a partir da década de 1990 no Brasil, fenômeno marcado pela fundação da ABONG (Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais) em 1991 (Teixeira, 2002). Com a intensificação da

[103] Prado, Machado e Carmona (2009) nomeiam como onguização o processo de transformação de movimentos sociais em ONGs, fortalecido no contexto de atuação de governos neoliberais e que tem sido influenciado por agências de fomento que vêem na institucionalização dos movimentos sociais uma possibilidade de maior fiscalização e controle de sua ação.

> democracia abrem-se espaços de interlocução entre a sociedade civil e o Estado e, consequentemente, ambos precisaram passar por reformulações. A sociedade civil se vê compelida a buscar qualificação técnica e cognitiva para existir enquanto ator político. A figura do voluntário cede espaço para novas categorias de profissionais "socialmente engajados". O cotidiano de muitos movimentos sociais passa então a oscilar entre papéis técnico-profissionais e de mobilização social. Muitos militantes passam a compor quadros técnicos e políticos das instituições governamentais ao mesmo tempo em que o financiamento do chamado terceiro setor passa a ser efetuado por editais e orçamentos estatais e não estatais, resultando em relações que muitas vezes são apontadas como cooptação dos movimentos sociais pelo Estado. O Estado, por sua vez, ao mesmo tempo em que tem que repensar seus arranjos democráticos para viabilizar e visibilizar o diálogo público, transfere responsabilidades para a sociedade civil em consonância com o descaso neoliberal para com os direitos sociais (pp. 137-138).

Na tentativa de entender melhor a que serve a institucionalização na trajetória de atuação das Negras Ativas, buscamos compreender como se dá a captação de recursos para as ações do coletivo, tendo em vista que a institucionalização surge para suas integrantes enquanto possibilidade de favorecê-la. Ao mapearmos as fontes de sustentação financeira das Negras Ativas, observamos que ao longo dos anos a venda de artesanatos (camisas, bótons, bijuterias) inicialmente feita pelo grupo vai dando lugar à captação via apresentação de projetos a editais e entidades financiadoras. Essa mudança nas estratégias de captação de recursos é acompanhada pelo crescimento no grupo da discussão sobre a importância da institucionalização. No passado esse debate foi mais marcado por divergências e dúvidas, atribuídas pelas integrantes do coletivo à vontade de vivenciarem um modelo organizativo diferente daquele das instituições nas quais iniciaram sua participação:

> Assim, quando nós discutimos, logo no início, "vamos tirar o CNPJ", nós fizemos uma longa discussão. Porque na verdade... Aí depois a gente entendeu que a gente queria ficar mais solta, não queria ser igual ao outro. Então ser igual ao outro, se a gente tirasse o CNPJ, a gente ia tá indo contra um monte de coisa que a gente ainda não tinha vivenciado, não entendia muito e criticava muito. "Então, vamos vivenciar, vamos deixar". (...) Criou uma resistência muito grande. Eu acho que até pela experiência que a gente teve a gente quis fazer diferente. Porque todo mundo veio de instituições com CNPJ. As meninas vieram de um grupo que tem uma experiência longa, que é muito respeitado, que é o Movimento Negro Unificado, eu vim dos Agentes de Pastoral Negros, então a gente veio de organizações. E aí, quando a gente se junta, a gente queria montar uma organização, mas não dentro de toda essa experiência que a gente já tinha vivenciado. A gente queria ficar um pouco solta, né, um pouco mais livre assim (Entrevista Flávia).

As desconfianças e discordâncias sobre esse assunto são associadas hoje pelas integrantes de Negras Ativas a um medo de que com a institucionalização burocratizassem demais, "virassem empresa". Por outro lado, o grupo vai cada vez mais entrando em consenso em relação a essa estratégia na medida em que ela passa se configurar enquanto possibilidade de garantir o exercício de uma ação coletiva mais profissionalizada e uma maior independência para concorrer a editais e captar recursos.

> Cássia: Uma coisa assim que a gente tem considerado mais, desde a minha entrada eu acho pra Negras Ativas, em 2006, isso já tava sendo pautado. O grupo começou de uma forma menos formal, assim, como coletivo e tal, mas em determinado momento a gente começa a cogitar mais a possibilidade de institucionalizar, a ver uma importância em relação a essa institucionalização. Você consegue identificar quando foi e por que a institucionalização começa a virar uma questão pro grupo, assim, a ser um horizonte?
>
> Lauana: Acho que é pela mesma forma... capital assim, dele tentar nos engolir, e como a gente vai fazer pra deixar, continuar sendo uma organização não institucional, e que esse capitalismo não sucumba a gente? Ou a gente arruma uma forma de se institucionalizar, uma forma mais organizada, do nosso jeito, e tentar... que diminua, que esse capitalismo sucumba a gente da forma mais severa, trágica assim? Então acho que a institucionalização de Negras Ativas, eu acho que é até por isso que ela é tão morosa, que a gente tem esse medo de se institucionalizar e daí como é que vai ser? Será que a gente vai virar uma empresa ou então como que a gente vai conseguir manter a nossa tradição de ser essa organização e ter a mesma responsabilidade como organização? (...) e tem esse outro lado que é independência, da gente parar de ficar precisando dos outros, assim, também para os projetos. Porque tudo que chega a gente fala assim: "Quem que a gente vai pedir como parceiro? Mas o parceiro também vai entrar. Então a gente não vai poder procurar esse, não vai poder procura esse, e esse já não vai emprestar [o CNPJ] porque emprestou outra vez." E aí a gente fica nessa, assim, de grão em grão pedindo porque todo o mundo que conhece a gente, sabe que a gente é uma organização, mas não é uma organização. "Como que até hoje vocês não são uma organização de fato?" (risos) Entendeu? Então é uma coisa ambígua, você fica assim: "Ai, meu Deus, eu sou ou não sou?" (risos) Aí... eu acho que essa parte, assim, da gente ser mais independente, se tornar mais independente, poder ser, tanto gestar.. tanto na autogestão e quanto na organização... até de poder ajudar outros grupos que começaram como a gente sabe? (...) às vezes a gente se sente sozinha justamente pro isso, porque na hora que a gente precisa não tem nenhum aí. E aí continuamos nós mulheres, sozinhas, no nosso canto, tentando lutar por um ideal de todos. Então eu acho que a institucionalização veio mais pra isso, pra nos dar pernas pra gente andar também sozinhas, sem deixar sucumbir né. Isso que é a nossa luta (Entrevista Lauana).
>
> Cássia: E qual que é a sua opinião em relação a institucionalização?

> Flávia: Ah não, agora eu já acho necessário (risos). Questão de sobrevivência. Acho que tanto da organização, quanto nossa mesmo. Eu acho que a gente tem uma bagagem, sabe, pra se dedicar a esse trabalho que a gente já descobriu que gostamos de fazer. E dar continuidade com as pessoas que acreditam no nosso trabalho. Que a gente inicia uma oficina sabe, pra fechar um material, acho que agora é necessário, precisa. Acho que está mais que na hora, pra ontem. Acho que agora já está tranquilo e a gente já sabe disso assim, né (Entrevista Flávia).

Segundo suas integrantes, com o CNPJ não seria mais necessário depender de parcerias com organizações que dispõe do registro, quando este é exigência em determinados processos de captação de recursos. Assim, a institucionalização passa a ser vista por elas como estratégia para não "serem engolidas pelo capitalismo", para terem "pernas pra caminhar sozinhas", para "sobreviverem" enquanto organização militante. Essa ideia aparece também como algo muito incentivado por outros/as militantes, parceiros/as, apoiadores/as financeiros/as que acompanham a trajetória do grupo e relacionado a processos formativos pelos quais suas integrantes passaram:

> Flávia: Então a gente sempre pautava uma vez por ano, ia e voltava, mas a necessidade veio muito, não muito nossa, ela veio mais de fora, das pessoas falarem: "eu acho que já está na hora" né, porque apareciam projetos super bacanas e aí tinha que ter o CNPJ, e aí teve até da Lei de Incentivo mesmo, o último, aí as pessoas falavam assim: "olha, eu acho que vocês já têm um trabalho bacana, que vocês precisam do CNPJ de vocês, vocês são um grupo de mulheres, que não sei o que..." Então isso fez com que a gente pensasse "nó, já está na hora, já está na hora", mas é uma coisa, é... eu acredito muito, assim, quando a coisa vem de dentro ela funciona mais rápido. Como esse desejo veio muito de fora, das pessoas que estavam vindo de fora né, e ficavam assim: "nossa, se vocês conseguiram isso vocês vão conseguir mais isso se vocês tiverem o CNPJ". Mas ainda não era um desejo grupal, assim, de todas então a gente ouvia, mas não conseguia dialogar porque no fundo não era um desejo muito nosso, aí a gente deixava: "quando alguém falar sobre o assunto aí a gente discute também".
>
> Cássia: Quais pessoas você identifica... de onde que vinha essa...?
>
> Flávia: Veio do professor Pablo[104] da PUC, que foi coordenador do curso de Ciências Sociais, foi uma pessoa. Veio do pessoal... do Lucas[105], que a gente teve contato quando a gente foi fazer um projeto (...) aquele lá do grupo Galpão. É Lucas? É... um que dá aula de... agente cultural, produtor cultural. (...) Ele falou com a Lari[106]. Aí o Mauro[107] falou com

[104] Nome fictício.

[105] Nome fictício.

[106] Larissa.

[107] Nome fictício. Integrante do grupo Teatro Negro e Atitude, anteriormente mencionado.

> a gente que precisa, que era necessário. E depois a própria instituição que financiou, que foi a Ângela Borba, que agora é o Fundo Elas[108] né? Mas foi a Ângela Borba que deu esse toque. E a Larissa teve um contato mais nacional e as pessoas comentavam com ela. Aí ela trazia, aí quando ela trazia a gente: "Nossa, então vamos!". Mas aí, sabe aquela coisa assim que não era... a gente depois não cobrava muito no íntimo nosso assim (Entrevista Flávia).

> Vanessa: Bom, eu acho... teve um inicinho que a gente não pensou muito, lá junto com Rosilaine e tal, mas pouco tempo depois, quando a gente já começou a se preocupar com essa coisa do que exatamente a gente ia ser na vida... Porque aí a gente já começou com várias coisas: "Precisamos arrecadar dinheiro pra gente fazer os nossos panfletos, pra ter dinheiro de passagem, não sei o que..." E a gente já começou a fazer artesanato, a tentar arrecadar dinheiro daqui, arrecadar dinheiro dali, a gente já começou de alguma forma a problematizar algumas coisas: "Vamos ser uma empresa? Vamos ser uma associação? O que a gente vai ser afinal e tal? Podemos conciliar as duas coisas?" (...) eu acho que principalmente no período que eu estava fazendo um curso lá de gestão e planejamento, que era uma coisa, o que tinha de aprendizado, uma ou duas semanas depois, no máximo, eu tava reunindo com as meninas pra repassar. E aí a partir daquilo a gente já começava um monte de outras discussões (risos): o que podia ser Negras Ativas. E aí nesse período já começamos já a pensar, pensar... E ainda estamos nessa situação hoje que já é definido que vamos registrar, mas não registramos ainda né. (...) Mas é um processo, assim, que vários outros grupos passam também, de outras formas, que é essa dificuldade, assim, de virar ONG mas não virar ongueira (risos) (Entrevista Vanessa).

Desde que passou a discutir com mais frequência a institucionalização enquanto possibilidade, Negras Ativas vem tentando elaborar e registrar o estatuto, ainda que outras tarefas, compromissos considerados urgentes e o temor da burocratização acabem interferindo na concretização desse objetivo. No entanto, a ausência do CNPJ não tem impedido o crescimento na captação de recursos feita pelo grupo ao longo dos anos. Conforme dito anteriormente, quando esse é necessário para a participação em algum edital, em geral conta-se com o estabelecimento de parcerias com entidades parceiras que o possuem (algumas delas listadas no capítulo 2) para a elaboração e execução de projetos que possam atender a interesses comuns.

Apresentaremos abaixo as fontes de sustentação financeira mais recentes do grupo, identificando quando se deram os principais apoios e as formas através das quais eles se estabeleceram. Nota-se que os apoiadores financeiros mais presentes na atualidade são ONGs, fundações internacionais ou entidades governamentais. Geralmente o foco dos investimentos vindos dessas entidades é a promoção de projetos

[108] Fundo brasileiro de investimento social que apresentaremos melhor a seguir.

de intervenção realizados pelo grupo.

Esses projetos visam: o desenvolvimento de processos formativos sobre relações de gênero, raciais e geracionais, história e elementos do Hip Hop; a popularização do Feminismo Negro; a mobilização para a participação; contribuir com os processos de conscientização dos/as participantes acerca de sua condição social; a ressignificação e transformação de relações de poder. Configuram-se como importantes espaços de partilha de saberes, de fortalecimento individual e coletivo, e de articulação, principalmente entre mulheres negras e jovens. As jovens do Hip Hop por vezes constituem-se como público priorizado por esses projetos e o Feminismo Negro, suas bandeiras e história, são importantes referenciais no seu desenvolvimento. São projetos nos quais, de uma forma ou de outra, lança-se mão, ou discursivamente ou enquanto prática direta, das expressões do Hip Hop. O Hip Hop ocupa neles principalmente o lugar de estratégia de criação de canais de inteligibilidade e tradução de experiências com outras e outros jovens, favorecendo que estes/as se reconheçam na ação proposta e nela se expressem através de linguagens com as quais se sentem familiarizados/as ou identificados/as.

As principais fontes de sustentação financeira das ações da Organização de Mulheres Negras Ativas são:

- **Apresentações do Grupo de Rap Negras Ativas:** Boa parte das apresentações tem sido feitas gratuitamente, mas, quando é sabido da disponibilidade de recurso para pagamento, tenta-se negociar um cachê que tem uma parcela revertida para as demais ações da Organização de Mulheres Negras Ativas.

- **Fundo Ângela Borba / Atual Fundo Social Elas**[109]**:** O Fundo Social Elas foi responsável pelo financiamento dos Projeto Hip Hop das Minas e Rosas Negras, anteriormente apresentados, selecionados através de editais lançados pela referida entidade.

- **Fundação Friedrich Ebert Stiftung – FES**[110]**:** A Fundação Friedrich Ebert

[109] Fundo brasileiro de investimento social exclusivamente direcionado à promoção do protagonismo de meninas, jovens e mulheres. Fonte: Site http://www.fundosocialelas.org/

[110] Fundação internacional que atua no Brasil há cerca de 30 anos. Tem como diretrizes a promoção da democracia e do desenvolvimento, contribuindo para a paz e a segurança, e a criação de uma globalização solidária. Articula-se com organizações da sociedade civil, instituições científicas, partidos políticos e instâncias governamentais, com o Partido dos Trabalhadores – PT e a Central Única dos Trabalhadores – CUT. No Brasil direciona suas ações a questões ligadas à política internacional, às relações entre Estado e

Stiftung garantiu apoio institucional para a realização de dois encontros de Desenvolvimento Institucional e Planejamento Estratégico, processo que, conforme mencionamos no capítulo 2, contou com a parceria do Observatório Negro. O apoio incluiu custeio de hospedagem, transporte e alimentação, a disponibilização de materiais e a moderação do primeiro encontro[111]. A FES apoiou também a participação de integrantes de Negras Ativas em processos de incidência e articulação política como, por exemplo, I e II Semana da Mulher Jovem e II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, e a participação em processos formativos de caráter nacional e internacional. Esse tipo de apoio geralmente inclui custeio de passagem, hospedagem e/ou alimentação.

- **Ministério da Cultura:** O Ministério da Cultura, através do prêmio Preto Ghóez[112], destinou recursos para a realização de uma segunda versão do Projeto Atitude de Mulher. O projeto, aprovado no edital do referido prêmio, é uma reformulação do projeto anterior, mantendo o foco na articulação e visibilidade das mulheres no Hip Hop.

- **Prestação de serviços:** Feita através da realização de oficinas, cursos, palestras, geralmente demandadas por ONGs, centros culturais ou entidades, projetos e programas do poder público.

- **Produção de artesanatos para venda:** Essa foi uma das primeiras fontes de levantamento de recursos do coletivo. Geralmente os materiais eram vendidos para pessoas conhecidas ou em barracas em feiras de artesanato existentes em locais públicos da cidade. Atualmente não se lança mão dessa estratégia para captação.

A partir da experiência de Negras Ativas, mas não apenas com base nela, temos pensado que a institucionalização, que na fala de alguns/mas estudiosos/as sobre a participação juvenil aparece como uma questão distante dos interesses das juventudes, não nos parece assim tão fora das preocupações das novas militâncias. Percebemos, por exemplo, que a trajetória de jovens parceiras de Negras Ativas vinculadas ao Movimento de Mulheres Negras tem sido também bastante caracterizada pela atuação

---

sociedade, às relações trabalhistas/sindicais e à inclusão social.

[111] O segundo encontro foi moderado por representante do Observatório Negro.

[112] O Prêmio Preto Ghóez consiste em uma ação do Ministério da Cultura que visa o fomento e reconhecimento nacional de grupos, artistas e ativistas da Cultura Hip Hop. Fonte: http://www.cultura.gov.br/site/2010/12/13/premio-hip-hop-3/ (site do Ministério da Cultura)

em ONGs, marcando certa continuidade em relação à trajetória de militantes que iniciaram a atuação no movimento na década de 80. Essa observação nos leva a perguntar: se na contemporaneidade as juventudes têm investido menos[113] na atuação coletiva através de espaços institucionalizados como partidos e sindicatos, nós podemos generalizar essa afirmativa para qualquer instituição? Não queremos com esse questionamento abrir mão de discutir as dinâmicas que limitam ou condicionam a inserção dessas jovens nos espaços de participação institucional, mas consideramos que o fato de não serem tão permeáveis para as juventudes não significa que eles sejam por elas sempre preteridos como campo de atuação.

Para nossas interlocutoras, no que se refere às possibilidades de vivência da profissionalização, a institucionalização e o desenvolvimento de projetos interventivos com o suporte financeiro dos apoiadores acima mencionados podem ser interpretados como estratégia organizativa de reposicionamento em relação a um mercado que inclui jovens negras de maneira subalterna em organizações e relações de trabalho que se estruturam através de lógicas que elas nomeiam como racistas, machistas, classistas e adultocêntricas:

> Flávia: Eu acho que o adversário ainda é a não aceitação da cultura do outro sabe? Assim, ainda é... eu tenho muita dificuldade, igual no meu serviço, é muito presente: as pessoas têm muita dificuldade de ter uma coordenadora negra, de ter uma coordenadora mulher, ainda mais que são todos brancos e a maioria homens. Então é muito claro isso, sabe? Aí eles têm sempre que estar reforçando, ter certeza que é aquilo mesmo, aí eles estão sempre perguntando duas vezes. Então, essa não aceitação sabe da cultura que se diz superior, do branco, ainda... acho que é um desafio muito grande, porque é muito complicado, porque você pode ter ou estar no mesmo grau, patamar de estudo, não sei o que, mas não adianta, você é negra. Aí pra eles, eles ainda colocam esse diferencial sabe... Você pode estar olhando, conversando com eles, mas eles ainda vão te ver como um diferencial. Então eu acho que isso é muito presente, e uma coisa que é muito difícil é que hoje com essa modernidade toda, né, "não tem preconceito", essa coisa toda, só agente que sente, porque é muito sutil e tem a cada dia ficado mais sutil.
>
> Cássia: Mais sofisticado, né?
>
> Flávia: É, e teve uma época que passou muito nas brincadeiras, aí agora passa no dia a dia, essa coisa toda... Então só você sente e, se você fala, você é louca. Então é muito chato.

[113] Inclusive essa ideia de atuação coletiva das juventudes menos focada em espaços institucionalizados é passível de questionamentos, conforme apontam Castro e Vasconcelos (2009) e Castro e Abramovay (2009) e a própria trajetória de Negras Ativas na qual aparecem articulações entre a atuação através do/no Hip Hop e a participação em partido político, por exemplo.

> Cássia: Ainda bem que a gente "não é louca sozinha", né?
>
> Flávia: É. Graças a Deus, porque é complicado (Entrevista Flávia).

No entanto, como a institucionalização segundo as Negras Ativas ocupa também nesse contexto o lugar de possibilidade de manutenção da ação coletiva, nos parece pertinente indagar o que significa em termos de oportunidades e dificultadores no jogo político o fato de entidades bastante reconhecidas em seus contextos de atuação passarem a financiar e a legitimar a experiência de coletivos como Negras Ativas que emergem publicamente denunciando práticas adultocêntricas, racistas, classistas, machistas muitas vezes reproduzidas no acesso negado ou desigual ao tipo de instituição[114] que essas entidades apoiadoras representam.

Concordamos com Tommasi (2011), quando ela afirma que é importante considerar que poder haver aí algum interesse político para além da efetivação das propostas dos projetos financiados.

Outra questão que aqui se coloca é até que ponto depender dos editais públicos e de determinados apoiadores para sobreviver politicamente enquanto grupo na esfera pública não significa estar condicionado àquilo que o poder público e outras entidades financiadoras colocam enquanto requisitos e limites para a ação.

Além disso, os projetos interventivos, enquanto ações financiadas pelo Estado, por ONGs e por fundações internacionais com vistas a transformar uma realidade desigual que é alvo da denúncia de coletivos como o nesta pesquisa estudado, parecem nesse cenário ter também a função de responsabilizar seus/suas proponentes e realizadores/as pela solução de um problema que deveria ser alvo da preocupação e implicação de todos/as:

> Os jovens seriam, nessa ótica, "parte da solução" aos problemas sociais, ou seja, suas forças, energias, desejos de transformação e até sua suposta "rebeldia" potencial podem e devem ser ativados e utilizados em prol do desenvolvimento social, da melhoria das condições de vida das comunidades, do enfrentamento dos muitos problemas da sociedade brasileira, tanto no campo como nas cidades. O protagonismo juvenil é o emblema dessa representação dos jovens-solução, matriz discursiva, motivação e, tautologicamente, finalidade dos programas sociais acionados tanto pelos governos como pelas organizações sociais (...) a palavra de ordem é não mais criticar e reivindicar, e sim ser propositivos; o direito ao trabalho vira empreendedorismo, o direito a ter "voz e vez" vira protagonismo

[114] Universidades, ONGs, poder público, fundações internacionais, etc.

> juvenil, o apoio à organização das populações marginalizadas vira "empoderamento". O sucesso dessas fórmulas pode ser medido pela difusão massiva desses termos e das ações que, nas intenções, perseguem esses objetivos. Essa mudança de rumo pode ser exemplificada com uma frase de um gestor municipal: "os jovens não precisam mais ir para a rua, porque cada um pode criar sua ONG". (Tommasi, 2010, pp. 5-6).

Parece-nos que o Estado, por exemplo, ocupa uma posição cômoda nesse tipo de situação: aqueles/as que poderiam se configurar como opositores/as em relação a um determinado problema denunciado como resultante dos processos de gestão incorporam a demanda de que eles/as próprios solucionem, através de projetos interventivos, a questão que motivou a denúncia.

No entanto, como a própria trajetória das Negras Ativas aponta, uma maior permeabilidade do Estado e a profissionalização das ações também representam demandas dos movimentos sociais contemporâneos expressas em conflitos por eles vividos. A questão que se coloca é que essas demandas são incorporadas pelo Estado que as reposiciona enquanto "nova demanda de ação profissional para o desenvolvimento de políticas públicas" (Prado, Machado e Carmona, 2009). Assim se misturam nesse cenário conquistas advindas da ação política e impactos que podem interferir no caráter político da ação:

> Ora, dessa forma, os movimentos sociais parecem assumir um espaço de politização institucional importante, no entanto, não sem consequências para suas próprias ações políticas na expansão democrática e para a própria democratização da democracia no sentido de que ela se faz a partir da emergência de sujeitos políticos no universo de disputas e antagonismos (Mouffe apud Prado, Machado e Carmona, 2009, p. 160).

Diante desses apontamentos, perguntamos: Que espaço de disputa/antagonismo em relação aos mecanismos de gestão do Estado e seus impactos sobra nesse contexto? Em que momento na relação com instituições como as listadas acima e os grupos que elas representam é possível a emergência de alguma fronteira política que demarca um lugar para as jovens negras de sujeito político? Ou através de que tipo de relação de apoio é possível estabelecer laços de parceria que fortaleçam as possibilidades de estabelecimento de disputas/antagonismos na esfera pública com outrem?

Pensamos que quando, nesse contexto, a relação com o Estado e com instituições do terceiro setor se dá a partir do lugar de proposição de soluções e/ou empreendedorismo, definido no campo de significação do outro, o risco colocado é de que possíveis antagonistas (neste caso a militância) ao tornarem um braço operador da

gestão (representada, neste caso, por instituições como as que mencionamos) tenham suas ações mais capturadas por seus mecanismos de regulação. Afinal, as condições de realização das ações interventivas, com maior ou menor margem de negociação, se enquadram nos contornos estabelecidos pelos financiadores/apoiadores através de seus editais e normas de seleção e execução de projetos/proposições, que em alguma medida se direcionam à limitação do pensar e agir da militância (Rancière, 2012). Se existem oportunidades de entrada na esfera pública através dessas ações interventivas para o estabelecimento de tensões e interpelações, elas, dessa forma, se mantém circunscritas à legitimidade dessa gestão. Nestes casos, a manutenção de uma relação irreconciliável com o Estado ou com as instituições do terceiro setor na cena pública, que caracterizaria a existência de dissenso, nos parece algo pouco visível.

No percurso de Negras Ativas fica explícito que o grupo lida cotidianamente com esses dilemas, reflete sobre eles e vai buscando estratégias para enfrentá-los:

> Larissa: Porque eles têm feito isso de diversas formas, sabe? Tipo joga uma isca e a gente gasta nossa energia toda ali naquela relação que na verdade está vazia, sabe? E eu acho que isso vem acontecendo de diversas formas. Então essa coisa, por exemplo, das oficinas, por exemplo, no Fica Vivo. Isso não previne mortalidade merda nenhuma! Porque as pessoas não morrem não é por falta de oficina. Então eu acho que tem uma relação mais complexa que... que não está sendo visibilizada, né. Então, talvez o número de homicídios possa ter diminuído por várias questões. Eu acho que não é só porque está dando oficinas, mas, é, é... o número de jovens que está morrendo em Minas por questão do HIV que aumentou. Então, a gente continua morrendo. Então, eu acho que essa coisa de pensar além ela é necessária. Ela é fundamental. Porque senão a gente vai continuar nessa relação. Essa mesma relação, essa mesma que a gente tem com o edital. (Roda de Conversa - Larissa)

O coletivo apresenta críticas às atuais gestões dos poderes públicos local e estadual, possíveis fontes de recursos para captação, mas também nomeados como adversários que atuam no enfraquecimento das ações dos movimentos sociais:

> E... eu acho que os adversários nossos vão ser sempre os partidos de direita, esses partidos é... neoliberais. Até os de esquerda estão difíceis, então a gente vê dificuldade. Igual o partido do nosso prefeito da cidade, isso eu acho que é um adversário, tá osso, tá só minimizando as ações sociais, só enfraquecendo o movimento, diminuindo verba, o Estado também. Acho que, nossa, aqui, local, a gente está enfraquecido pelos nossos governantes, estamos perdendo movimento, estamos perdendo espaços, eles estão tentando levar nossa identidade, querendo colocar a identidade deles, como que se eles fizessem as ações, então esse... tá muito enfraquecido, eles estão tentando enfraquecer o movimento em si, calar as vozes, calar, então eu acho que os partidos de esquerda, de direita principalmente, estão

> tentando enfraquecer o movimento e são os nossos principais inimigos (Entrevista Lauana).

Nesse contexto em que financiadores e adversários podem coincidir, nossas interlocutoras afirmam não topar a participação em qualquer edital ou qualquer negociação de financiamento, nem condicionar o desenvolvimento das ações à captação de recursos por essas vias. Um critério que o coletivo utiliza na hora de decidir se investe ou não em determinadas fontes de captação de recurso é analisar em que medida a vinculação à fonte financiadora pode ou não enrijecer a ação e/ou comprometer certa "autonomia" de execução. Outra questão que considera importante é não limitar suas ações ao cumprimento das formalidades dos editais.

> Larissa: Eu acho que o que pode capturar é se a gente ficar só ocupada em cumprir as formalidades que o CNPJ impõe.
>
> Lauana: Ou então ficar só à mercê dos editais.
>
> Larissa: Virar empresa.
>
> Lauana: É. Porque antes a gente fazia nossas rodas de conversa, a gente fazia nossos bate-papos e nunca teve dinheiro. E nisso nunca precisou da gente se institucionalizar, da gente ficar amarrada nisso: "Não, então a gente só vai fazer se estiver dentro do edital. A gente só vai fazer alguma coisa se a gente tiver dinheiro em caixa." Então eu acho que isso é ficar presa à instituição e a gente deixa um pouco o político sim, a gente fica refém disso e esquece da nossa base. Que é a mesma coisa do Hip Hop. Porque antes a gente fazia as coisas sem dinheiro...
>
> Mônica: Mas institucionalizar e ocupar espaços que são realmente políticos, você acha que isso...
>
> Lauana: Não. Não deixar isso. Mas não deixar a essência, Negras Ativas perder essa essência. A gente ficar só... ocupando os espaços só onde tem dinheiro, onde tem verba, onde fomos convidadas por dinheiro; e onde a gente estava, nas bases, fazendo nossas rodas de conversa, sem dinheiro, cada um levando o que tem em casa...
>
> Mônica: Entendi.
>
> Lauana: Então, eu acho que isso faz com que a gente não deixe a nossa essência, a nossa base, a nossa militância política. Da gente continuar, sabe, independente de verba, de edital, de poder público ou não, da gente continuar ainda nessas nossas funções, com nossos Recados das Minas xerocados, ali feitos na raça. (...) são coisas que são do início de Negras Ativas, que a gente não precisa perder porque tem dinheiro ou não (Roda de Conversa – Larissa, Lauana, Mônica).

Além disso, colocam que garantir retorno financeiro pelas ações desenvolvidas pela organização é uma questão de direito, tendo em vista as assimetrias que se

estabelecem nas distribuições de recursos e que impactam inclusive as experiências de militância:

> Larissa: Mas eu acho que o que faz a diferença não é só o dinheiro, Lauana. (...) No movimento social do mundo inteiro as mulheres têm sustentado os direitos humanos, os movimentos sociais com a própria vida. Então... a gente que faz o trabalho precarizado de salvar o mundo, de graça, e pagando com a saúde. Então eu acho que a gente não pode aceitar isso mais. Eu acho que a gente tem que receber sim, é importante. Mas o que faz diferença entre o que está recebendo e o que não está recebendo, no nosso caso, foi que em algum momento, o sentido político, o significado, a... o que movia a gente era diferente. E aí independia de ter dinheiro ou não. Acho que hoje a gente pode manter esse sentido, esse significado, tendo dinheiro, tendo recurso (Roda de Conversa – Larissa).

Mas, efetivamente, quais condicionamentos de editais e apoios nossas interlocutoras e outras jovens negras têm recusado ou considerado possível recusar em um cenário político em que se associa ideologicamente a sobrevivência política de grupos à participação nesse tipo de processo de financiamento?

Consideramos importante também problematizar aqui em que medida, no cenário em que a ação das jovens negras se insere, uma maior legitimação da militância organizada institucionalmente através de ONGs como aquela "mais profissional" não significa a reprodução de uma lógica referenciada em experiências específicas (dos pontos de vista de gênero, de raça, de classe social e de geração) de se atuar politicamente, posto que o campo das instituições segue sendo majoritariamente ocupado e gerido por uma elite branca, de classe média, masculina e adulta. Seria essa elite "mais profissional" que outros grupos? A institucionalização pressuposta como melhor forma ou única maneira possível das coletividades sobreviverem politicamente vem ocupando no atual cenário certo lugar de prescrição para a organização de novas militâncias. Apostamos que ela pode ser traduzida analiticamente como modo considerado "mais adulto" de fazer política.

Parece-nos que no jogo político as ações e estratégias do *nós* que está de certa forma à margem da efetivação de demandas sociais, justamente por em algum momento representarem algum tipo de ameaça à hegemonia, podem se converter em alvo (e resultado) da regulação da ação por outros grupos (*eles*). Isso poder acontecer principalmente quando a legitimidade que se busca alcançar através da experiência participativa está sendo determinada pelo *eles* e não pelo *nós*. Entendemos que hoje essa regulação se estabelece para nossas interlocutoras muito fortemente nas tentativas de

determinação dos formatos que sua ação coletiva deve assumir. Observamos as jovens negras que atuam através do Hip Hop sendo alvo de discursos e práticas que se direcionam à delimitação de seus espaços de ação e voz. Parece que a lógica adultocêntrica do processo político localiza seu campo de ação enquanto jovens negras por excelência no lugar da cultura. E ao mesmo tempo explicita que faz parte da formação e do amadurecimento político dessas jovens certa aproximação em relação ao campo institucional, que deve ser cada vez mais priorizado, ainda que em seu interior elas como jovens sejam vistas enquanto aprendizes, pouco experientes em relação ao jogo político. Observa-se aí um movimento de reafirmação da noção de participação política enquanto "ação engajada por meio dos mecanismos instituídos de pressão e reivindicação" (Castro, 2008; p. 254) aliada a um olhar sobre as juventudes enquanto sujeitos irresponsáveis ou imaturos para uma inserção nos modelos convencionais de participação (Augusto, 2008). Enveredar-se pelo campo institucional dentro dessa lógica parece corresponder a tornar-se um coletivo mais adulto. Isso pode significar uma neutralização de um possível conflito geracional existente nessa dinâmica.

A atuação dentro ou fora das instituições enquanto possibilidade de vivência do Feminismo Negro, no entanto, não parece ser uma questão colocada exclusivamente para a geração das Negras Ativas. No momento de emergência pública do Movimento de Mulheres Negras como movimento autônomo, militantes quilombolas, militantes das religiões de matriz africana, militantes comunitárias, militantes de organizações mistas, militantes das chamadas "organizações de base" travavam enfrentamentos fora dos espaços institucionais (considerados tradicionais) que as situavam em um campo de disputa em que gênero e raça emergiam articuladamente como dimensões importantes. Há relatos, no entanto, de vivências de deslegitimações por estas mulheres no que se refere às suas condições de representar o Movimento de Mulheres Negras (Rodrigues, 2006). Alguns desacordos acontecidos no III Encontro Nacional de Mulheres Negras, especialmente os estabelecidos entre integrantes da Articulação de Mulheres Negras (que reúne desde 2000 apenas ONGs/grupos específicos de mulheres negras) e o Fórum Nacional de Mulheres Negras (que desde 2003 atua em espaços menos institucionais e integra militantes negras participantes de quaisquer coletivos/entidades negras) se delinearam em torno dessa tensão (Rodrigues, 2006).

Parece-nos precipitado, então, automaticamente restringir o amplo e diverso percurso de atuação do Movimento de Mulheres Negras às experiências das mulheres

cujas trajetórias de participação foram marcadas pela inserção em ONGs, fundações e na academia. Obviamente essas mulheres têm traçado um percurso de ação política fundamental para a emergência pública e resistência do movimento ao longo dos anos. Mas isso não nos pode fazer abrir mão de perguntar por que as militantes que são e foram visibilizadas como representantes do Movimento de Mulheres Negras pelos estudos e publicações acerca do tema são exatamente as que desenvolveram um caminho que priorizou a atuação nesses espaços institucionais. Ainda que enquanto movimento social geralmente apareça e seja representado publicamente de forma mais homogênea (Melucci, 2001), o Movimento de Mulheres Negras:

> (...) é formado por um grupo heterogêneo, com integrantes com concepções diferentes, e às vezes divergentes, de política, de sociedade, de democracia e de direcionamento do movimento. Esse processo de democratização não se faz sem restos, surgindo conflitos e diferenças, que por sua vez geram novas posições de poder e novas alianças políticas (Rodrigues, 2006, p. 29).

Temos nos perguntado se, para além das estratégias políticas de aparecimento na cena pública enquanto unidade e consenso (Melucci, 2001), a complexa e dinâmica trajetória de atuação desse movimento não pode estar sendo restringida a um conjunto específico de experiências, apresentadas como norma com vistas a enquadrar outras possibilidades de viver o Feminismo Negro em um modelo mais passível de regulação. Mas se as feministas negras que atuam nas ONGs e fundações não tivessem topado esse modelo de participação, se inserido em alguma medida nessa regra do jogo, suas vozes teriam alcançado a mesma visibilidade/legitimidade pública enquanto representantes de um movimento social?

Assim, ainda que jovens negras possam viver essa questão como certa prescrição, que em alguma medida se inscreve na lógica adultocêntrica, este tipo de situação parece ser indicativo da configuração de um cenário político mais amplo no qual se insere a experiência participativa de diversos grupos e movimentos sociais.

O cenário político e o momento histórico atual nos quais se inscreve a ação de nossas interlocutoras parecem estar marcados por um imperativo de consenso que se manifesta no controle das dissidências e na dissipação de conflitos nas relações humanas (Mouffe, 2003). Esse ordenamento em direção ao consenso influencia as formas organizativas e de incidência pública priorizadas na atualidade no cenário político e, segundo Mouffe (2003), produz impedimentos para a atuação política. Assim,

uma experiência que, de acordo com Santos (2001), pode significar um anseio de emancipação vai sofrendo o impacto de mecanismos regulatórios, que incidem inclusive sobre suas formas de se manifestar e de expressar ou não conflitos. Estas regulações servem à contenção daquilo que desvia ou é visto como ameaça de desvio da ordem social vigente, daquilo que pode comprometer a estabilidade dessa ordem.

Nesse cenário nos parece que qualquer tipo de determinação da ação, como, por exemplo, o imperativo da institucionalização, corre o risco de representar mais uma regulação da atuação na esfera pública de disputa que uma oportunidade de emergência da mesma. Verificamos nesse contexto uma concordância recorrente sobre a inserção institucional representar uma eficaz estratégia de disputa. Para a sustentação do jogo político consideramos que essa entrada no campo institucional deveria representar, enquanto estratégia de disputa, senão dissenso, um consenso parcial e temporário, ou seja, um ato de "precariedade e não de permanência" (Prado e Costa, 2009, p. 4). No entanto, se torna norma e ideal organizativo a ser atingindo. Ao se configurar como consenso permanente e hegemônico, a partir de um código moral e jurídico inquestionável, a institucionalização a nosso ver se distancia, enquanto estratégia política, de uma oportunidade para o exercício da ação política feminista negra.

Nosso questionamento aqui não busca chegar a uma receita que coloque a institucionalização no lugar de uma boa ou má saída, ou de um investimento certo ou errado dos sujeitos da ação para suas formas organizativas. O que queremos problematizar é o que significa, em termos de oportunidades e dificultadores da atuação na esfera pública de disputa, no cenário em que se insere o coletivo que estudamos, essa estratégia ser nomeada enquanto única (ou melhor) possibilidade de exercício da política para as coletividades organizadas. Nesse sentido, achamos importante questionar: Militância virar trabalho impacta o ordenamento social que sustenta o problema do racismo, do sexismo e do adultocentrismo no mercado de trabalho? O que significa no jogo político a percepção que um grupo tem de si e dos caminhos que deve tomar ser muito influenciada pelo que os outros esperam que ele seja? Por que o campo de possibilidades de organização e demanda é tão influenciado pelo outro? Qual debate/disputa é possível quando se adere ao imperativo da institucionalização como único caminho possível ou como o mais adequado para o exercício da política? Mas, por outro lado, como não se submeter ao campo de legitimidade do outro (adulto, gestão), negando suas determinações (institucionais) de incidência no mundo público e,

a partir dessa posição, emergir como discurso minimamente legítimo para ser audível? É possível algum tensionamento na esfera pública de disputa quando não há o mínimo de reciprocidade? Assim, qual debate/disputa é possível completamente fora do campo das instituições? Como quem não consegue ou não quer se institucionalizar fica nesse cenário em que normatização facilmente se traduz como oportunidade? E se as demandas dos atores e as formas de expressá-las se situassem no campo do impossível, daquilo que não é possível mapear neste trabalho por se localizar fora do ordenamento social vigente do cenário que buscamos minimamente caracterizar? Como seria? Nessa dinâmica em que incidem tentativas de regulação e prescrições, sobra espaço para as Negras Ativas e outras jovens negras quererem o impossível?

Quando o debate sobre as possibilidades de atuação política na trajetória de jovens que agem no e através do Hip Hop se abstém desse tipo de questionamento, nos parece que se aposta excessivamente na descoberta de algo que signifique uma reinvenção da participação a partir de uma mudança no modo/forma desses jovens se expressarem. Já as possibilidades de estabelecimento de conflito e dissidência na esfera pública de disputa a partir de diferentes formas de atuação inseridas em cenários marcados por oportunidades e dificultadores são deixadas em segundo plano, como se não fossem importantes para o entendimento dos processos de atuação política. Isso nos faz questionar se de fato se está disposto a problematizar um referencial analítico "adultocêntrico" para se pensar a política. O institucional que, pelo que até aqui foi argumentado, arriscamos a equivaler a "modo considerado mais adulto de participar" parece continuar sendo o referencial (enquanto forma e não enquanto possibilidade de dissidência) para se dizer o que é e o que não é participação das juventudes e para se reconhecer o que é efetivo e o que não é nessa participação do ponto de vista político. Em última instância, nos parece que o enfoque aí pretende muito mais atingir um modelo definidor do que é ou não uma ação política juvenil (e do que é ou não uma ação política adulta) em termos de formato que uma análise dos impactos de diferentes estratégias de entrada na esfera pública no que diz respeito às possibilidades de emergência de antagonismos e dissensos que coloquem em questão relações desiguais intergeracionais que constituem/sustentam a ordem social.

As reflexões e análises apresentadas neste capítulo acerca do percurso acadêmico, da profissionalização e da questão da (não)institucionalização nos levaram a pensar que estes podem ser elementos mais de aproximação que de distanciamento entre

diferentes gerações do Movimento de Mulheres Negras.

No entanto, como forma de introduzir a discussão que se segue, gostaríamos de apontar que, ainda que o uso de expressões culturais em manifestações e processos organizativos da militância negra seja algo presente no percurso de diferentes gerações (Cardoso, 2001), a atuação das Negras Ativas via Hip Hop parece marcar uma diferença geracional dentro do Movimento de Mulheres Negras e de outros movimentos mistos nos quais o grupo se insere e com os quais dialoga. Discutiremos a seguir, a partir dos dados sistematizados no mapeamento de emergência, articulação e incidência pública das Negras Ativas e das análises das entrevistas e da roda de conversa realizadas, estes e outros aspectos da atuação do coletivo através do Hip Hop. Nessa discussão nos perguntamos em que medida eles nos ajudam a entender as possibilidades de exercício do Feminismo Negro enquanto ação política para as Negras Ativas e outras jovens negras. Nosso foco no capítulo 4 foi, assim, a discussão acerca de como o Hip Hop aparece na experiência de nossas interlocutoras no que se refere às possibilidades de estabelecimento de tensões, conflitos e disputas que aproximam/distanciam as jovens do Feminismo Negro.

## 4. TENSÕES, CONFLITOS E DISPUTAS – ONDE SE SITUA O HIP HOP?

Após abordarmos o cenário de oportunidades e dificultadores para a atuação pública das jovens negras e as formas através das quais elas têm buscado incidir na esfera pública, analisaremos a seguir como se configuram tensões, conflitos e disputas na trajetória da Organização de Mulheres Negras Ativas nos quais o Hip Hop aparece como um elemento significativo. Discutiremos em que medida essas tensões, conflitos e disputas se referenciam em bandeiras e projetos de sociedade do Feminismo Negro e tentaremos entender melhor se e quando eles podem apontar para o estabelecimento de dissensos na esfera pública que interpelem hierarquias sociais. Assim, esperamos aprofundar a discussão sobre as contribuições do Hip Hop para a ação política feminista negra de jovens militantes.

## 4.1. Bandeiras de Luta e Concepções de Democracia Visíveis em um Campo Impactado pela Assimilação

Para discutir sobre possíveis articulações entre Hip Hop e política na experiência de participação de jovens negras, um ponto que pensamos ser importante lançar foco diz respeito às bandeiras e concepções de democracia que podem fundamentar suas ações. Olhando para a experiência de Negras Ativas, consideramos que era necessário entender melhor em que medida suas bandeiras atualizam, ressignificam e/ou redefinem bandeiras feministas negras e se as ações/expressões ligadas ao Hip Hop desenvolvidas por elas se conectam a essas bandeiras e concepções de democracia. Além de buscar essas conexões, analisamos se as ações/expressões do Hip Hop desenvolvidas por nossas interlocutoras se direcionam em alguma medida ao estabelecimento na esfera pública de tensões, conflitos e disputas (e como estas se configuram) referenciadas nessas bandeiras. Interessava-nos, assim, discutir também se as ações/expressões do Hip Hop se relacionam a bandeiras de luta produzindo tensionamentos na ordem social em que jovens negras são mantidas em condição de desprivilégio.

Sobre esse aspecto, foi possível identificar nos discursos e documentos/materiais de produção simbólica elaborados pelo grupo, elementos que apontam para o seu projeto democrático e para os caminhos considerados necessários para alcançá-lo:

> Cássia: E de bandeiras do grupo? Q que você acha que está nos mobilizando mais hoje, enquanto bandeira de luta?
>
> Vanessa: Eu acho que é... eu acho que a ideia do Feminismo Negro ainda é algo que está nos tocando bastante né, de popularizar o Feminismo Negro, de discutir o Feminismo Negro, né. E acho que a questão de fortalecer as mulheres no Hip Hop acho que é algo que a gente também tem sido comprometida também, né (Entrevista Vanessa).
>
> Negras Ativas é uma organização de que busca o empoderamento das mulheres negras jovens e acredita na participação como instrumento de construção da democracia e eliminação de todas as formas de opressão (Trecho do Recado das Minas intitulado "Participar para Transformar", de 2006).
>
> Reparações é direito à dignidade. (...) / Quilombo por quilombo / Fizemos acontecer/ A resistência negra/ é o que nos faz sobreviver / (...) É tempo de reparações / e não de esmolas/ Nos roubaram no passado / resgatamos agora / Não / Não é pedido / É reivindicação / Ser coitado é diferente de ser cidadão / Direito à diferença / Direito à dignidade / Pra as negras e negros/ do campo e da cidade / Se a ideologia branca / tenta

algemar nossa identidade / No cotidiano / mostramos dignidade / Ergo meu corpo e minha mente / contra toda opressão / Destilo a dor da ferida / e dela faço canção / Favela barraco beco / na falta de condição / É a geração é o parto / da nossa revolução / (Trabalhadoras e trabalhadores do mundo uni-vos!) (Trecho da música "ReparAções", do grupo de rap Negras Ativas).

Nem Cinderela, nem Gata Borralheira / Favelada, negra, jovem, mulher afro-brasileira / Fora do padrão, dentro da realidade / Buscando encontrar minha real identidade / Crio novas referências dizendo sim pro não / Quero empoderamento e emancipação / Mudando a realidade, chega de mutilar / o meu corpo e a minha alma pra tentar me dominar/ Incorporo a ancestralidade em minha negra aparência / Deixando em negrito coragem e resistência / Negritude e consciência, direito e não fantasia (...) / Descolonizar corpo e alma, reconhecer, valorizar / Atitude mulher negra é tempo de se incomodar / Desabrocha Rosa Negra exala o seu perfume / Identidade negra se constrói, se assume/ Corpo negro, rio negro, negra noite / Corpo negro território do amor e da alegria / Nem a vida nem a morte pode nos deter / Somos mulheres negras conquistando o poder / sobre as nossas vidas, sobre a nossa história / Corpo negro território do afeto e da memória / Território de existência, resistência e vitória / Marca viva do sentimento / Retrato da trajetória / Chega de violência, chega de agressão / material e simbólica pela televisão / Imagens distorcidas, hierarquia, opressão / invisibilidade e discriminação / que naturaliza a dor e a desigualdade / inferioriza a negritude, gera a desumanidade/ Reconheça o seu desejo e emoção / Sendo você mesma supere toda a opressão / Negro, sujeito humano, viva com dignidade / reconhecimento, amor acesso e ancestralidade / se liberte da dor, para de viver a esmo / assuma a sua negritude e seja você mesmo / (...) A minha autoestima é a libertação / é empoderamento e transformação / Com imagens e ideias tentaram me exterminar / mas a consciência negra muda o mundo de lugar / Cada mulher negra é em si um oceano / divinamente humano / universo de resistência sabedoria e ciência / estratégia e persistência, magia e paciência / (...) Ideologia inconveniente que estica o cabelo e tenta branquear a mente / Desperta corpo negro, assuma a sua beleza / Negritude é consciência, é amor, é fortaleza / Acorda mulher negra , conquiste autonomia / Se permita viver paz e prazer a cada dia / Abra os olhos alma negra , reconhece o seu poder / A força dos ancestrais está viva em você (...) Neste corpo eu existo, nele eu posso resistir / Foi com este instrumento que eu cheguei até aqui / (...) Fortalecer o sonho e mudar a realidade / Vivendo a cada dia respeito e dignidade / Visibilidade e reconhecimento / Direito a ter direitos reais, não fingimento / Fazendo reparações, pois se a história é presente / Negritude é saúde para o corpo e para a mente (...) (Trecho da música "Rosa Negra", do grupo de rap Negras Ativas).

Os trechos da entrevista de Vanessa, do Recado das Minas e das músicas "ReparAções" e "Rosa Negra" apontam para alguns valores democráticos importantes

para o grupo como o empoderamento, a emancipação[115], a eliminação de todas as formas de opressão, o direito à diferença e o direito à dignidade, a visibilidade, o reconhecimento, reparações das desigualdades. Nomeiam um *nós* composto por sujeitos identificados como privados de vivenciar plenamente esses valores, neste caso, negros e negras (dando ênfase para a situação das mulheres negras). Denunciam lógicas que produzem essas privações: agressão, violência material e simbólica pela televisão, distorção de imagens, hierarquia, opressão, invisibilidade, discriminação que naturaliza a dor e a desigualdade, inferiorização da negritude que gera a desumanidade, ideologia que estica o cabelo e tenta branquear a mente. Apontam ainda para a forma como o grupo orienta suas ações a partir desse *nós* e na busca pela concretização desses valores enquanto realidade: contribuindo para a popularização do Feminismo Negro, participando, revolucionando, reivindicando, resistindo, criando novas referências, incorporando ancestralidade na negra aparência, conscientizando-se, destilando a dor da ferida e fazendo dela canção.

Essa última expressão faz referência ao Hip Hop enquanto meio de participação, sinalizando uma estratégia do grupo de inserção no debate público que gostaríamos de destacar: Todas as suas letras de música são construídas em torno de bandeiras de luta que se inserem ou dialogam com pautas reivindicatórias do Movimento de Mulheres Negras: combate ao racismo e ao sexismo nos campos da educação, saúde e trabalho, legalização do aborto, articulação das perspectivas de gênero e raça em políticas e ações que visam o combate e a reparação das desigualdades, etc. Isso sinaliza lugares assumidos pelo Hip Hop, neste caso através do elemento rap, na trajetória do grupo em relação ao Feminismo Negro: Podemos pensar que o processo de elaboração das letras de música pode contribuir para um pensar criticamente sobre a realidade que se quer nelas retratar e, assim, para debruçar-se sobre suas reivindicações buscando traduzi-las e torná-las inteligíveis, ao mesmo tempo em que é expressão desse movimento de análise dessa realidade. Isso pode favorecer uma reflexão sobre as bandeiras de luta do grupo e sobre suas possibilidades de efetivação no campo das relações raciais e de gênero, o que está conectado com o planejamento de outras ações do grupo relacionadas a essas

[115] Entendida por nossas interlocutoras como condição, tomada como horizonte da ação política, resultante da eliminação de formas de opressão de gênero, raça, geração e classe social e da criação de alternativas para garantir autonomia material e simbólica, auto-sustentabilidade, ocupação de espaços não tradicionalmente femininos/negros/jovens e visibilidade para mulheres, negras e jovens. Fontes: Projeto Hip Hop das Minas, Manifesto 8 de Março, email "Feminismo Negro: Bibliografia Básica" da Organização de Mulheres Negras Ativas.

bandeiras que podem ser produtoras de algum tipo de tensão. Cantar as músicas é ainda uma forma de publicizar essas bandeiras de luta, de denunciar as desigualdades às quais elas se referem, podendo sensibilizar e incomodar com sua expressão aqueles/as que as ouvem:

> Cássia: De que forma que você acha que o Hip Hop contribui e pode contribuir, a partir dessa nossa reestruturação, pode seguir contribuindo pra gente efetivar, garantir que essas bandeiras se tornem mais públicas?
>
> Lauana: Através da música né?! Da gente continuar produzindo essas músicas com esses conteúdos excelentes que a gente tem, esse conteúdo bem... histórico e bem trabalhado que a gente tem. Através das nossas letras de músicas, das nossas oficinas, das nossas palestras, a gente sempre trabalha... O bom é que a gente, tipo assim, quando a gente dá oficina, a gente, a gente não precisa trabalhar a música de outros grupos. A gente tem as nossas produções pra trabalhar. A nossa música é uma aula de gênero, de raça, de homofobia, então a gente tem, a gente produz material pra isso. Então eu acho que o Hip Hop ele vai ser sempre essa ferramenta que vai tanto unir a organização com o grupo de rap e quanto a nossa sensibilização pra além da organização, para o público (Entrevista Lauana).

Como o público do grupo de rap Negras Ativas é prioritariamente composto por jovens identificados/as com o Hip Hop, podemos dizer que esse é o principal alvo das ideias transmitidas através das músicas, principalmente neste momento, anterior à finalização do CD, em que elas são acessadas somente em shows, oficinas e eventos dos quais o grupo de rap participa. Com a finalização do CD e sua maior divulgação é possível que essas músicas atinjam um público mais amplo e diverso, ampliando as possibilidades de estabelecimento de identificações e de incômodos em relação às reivindicações e denúncias nelas expressadas. Uma das nossas entrevistadas ao falar sobre os alcances da Cultura Hip Hop enquanto linguagem sinaliza a importância de que sua expressão, que hoje ela avalia que tem como público a juventude mais diretamente vinculada a essa cultura, atinja um universo mais amplo, transcendendo fronteiras de classe social, por exemplo:

> (...) talvez se eu tivesse num outro momento, num outro espaço, eu não teria acesso ao Hip Hop, entendeu (...) o Hip Hop não foi ainda disseminando, ele tá com uma classe ainda que é exclusiva dele. Só quem tá em algum tipo de movimento, algum tipo de grupo, que é mais ligado à cultura ou que frequenta... pessoas que acessam a cultura. Porque, tirando isso, ele não está nos outros lugares (...) (Entrevista Mônica).

Consideramos que essa difusão restrita das expressões do Hip Hop desenvolvidas por muitos grupos é reflexo do processo histórico de deslegitimação e

estigmatização que o Hip Hop e seus participantes vivenciam socialmente, sobre o qual nos referimos ao tentar explicitar nossa leitura sobre a história que acessamos acerca dessa cultura e de seus/as participantes. As privações sociais diversas sobre as quais temos nos referido ao longo deste trabalho têm atuado no distanciamento dos/as jovens hip hoppers e de suas linguagens em relação a instituições e outros espaços e processos de expressão pública ocupados hegemonicamente por sujeitos brancos, masculinos, adultos.

Mas há também nesse contexto um mercado atuando, por outro lado, no sentido de conferir grande visibilidade a alguns poucos hip hoppers. O Hip Hop chega enquanto expressão em contextos hegemônicos, muitas vezes como estereótipo ou espetacularização, resultado da apropriação mercadológica das expressões dos poucos que interessam como produto:

> Lauana: Porque igual, você vê, a Flora [Flora Matos]. A Flora, antes, as letras dela eram super, muito boas, tinha muita política, tinha arte, tinha política, mas ganhou uma visibilidade? Ganhou... alguém quer comprar a música dela? Igual a Pretin. Antes a Pretin era ótima. Ela veio com um clipe que, tipo assim, que desvirtuou tudo o que... ela tinha tudo pra fazer um lindo clipe, e não... fez aquilo. Porque a proposta que eles queriam vender é essa, é essa música, é essa ideia: de sensualidade, da dança... E se é isso que comprou a música, "Então é isso que eu vou fazer agora. Vou vender músicas. Porque eu tenho um público, isso vai ter quem paga, vai ter show pra... vai me oferecer cachês grandes". E aí vai levando a música pra isso. A gente na Corte[116] fala muito disso: Todo mundo gosta de "Malandro de Verdade"[117]. Então, a intenção, meio que subjetiva, é sempre fazer letras que levam pra esse estilo: samba com rap... que tem essa pegada de malandragem. Mas... Sendo que o grupo é muito mais do que isso. A gente escreve muito mais do que isso. Então, se é o que o povo tá querendo, o mercado tá querendo é isso, então é pra esse lado que a gente vai levar?
>
> Larissa: Que mercado é esse, né?
>
> Lauana: É. Que mercado é esse... (Roda de Conversa - Larissa e Lauana).

O interesse do mercado por alguns/mas e não por outros/as (ou todos/as) que se expressam através do Hip Hop pode nos apontar para que tipo de discurso passa pelo crivo, pela legitimação e difusão mercadológica e que tipo de expressão é por esses processos vetada. Talvez, nos perguntando sobre isso, consigamos identificar movimentos de regulação e exclusão incidindo sobre aquilo que pode representar, se

[116] Grupo de rap A Corte Convida, do qual Lauana participa como projeto paralelo a Negras Ativas.

[117] Música do grupo A Corte Convida.

difundido de forma massiva, maior possibilidade de publicização de bandeiras e projetos democráticos que podem significar algum tipo de ameaça a um estado de coisas. Talvez os/as poucos/as que têm maiores chances de viver uma ascensão nesse mercado sejam aqueles/as ou que não veiculam um discurso que representa uma provocação maior ou cujos discursos são considerados tão ameaçadores que se tornam alvo preferencial das tentativas de "lapidar", "profissionalizar", ou seja, de regular para difundir algo que "agrade mais". Afinal, a que mercado interessaria politicamente a publicização de bandeiras de luta, projetos democráticos e expressões de dissensos que podem colocá-lo em alguma medida em condição de interpelação?

Nossa posição é que a transcendência de fronteiras do Hip Hop à qual Mônica se refere acima significará algum movimento político se confrontar esse tipo de dinâmica de assimilação e controle da fala jovem negra exercida através da estereotipia e da limitação das possibilidades de sua difusão enquanto dissenso e expressão de bandeira de luta. Acreditamos que isso não se dará pela via da apropriação pelo outro que banaliza o que nessa linguagem pode haver de subversivo, conforme aponta hooks (2008).

Assim, o Hip Hop enquanto possibilidade mercadológica nas experiências participativas de jovens negros/as situa-se na tênue linha entre o que pode ser subversivo e o que se encontra submetido à ordem social.

E podemos identificar diversas posições ocupadas por jovens hip hoppers em relação a esse mercado, que incluem: negação, tentativas de se inserir a partir de estratégias que possam conferir maior autonomia, busca de profissionalização, investimento na obtenção de prestígio e sucesso, dentre outras. Observamos, por exemplo, que nossas interlocutoras nesta pesquisa, nos momentos em que realizam balanços e planejamentos de ações e análises do contexto no qual se inserem, têm problematizado as configurações desse mercado, suas influências em sua experiência organizativa e como elas têm se posicionado em relação a ele:

> Mas também em questão de eventos e festas, antigamente a gente era rua, hoje em dia é muito fechado, os eventos são fechado e são caros. Antes a gente precisava ter uma rua, um som e as pessoas do bairro pra fazer um rap. Hoje se você faz isso, só vão os grupos que vão cantar. Então às vezes peca nisso, que as pessoas tão também com essa cultura de ir pras boates, pra festas fechadas, pagar caro, e não dão valor pros grupos, pra festas de bairros, e isso eu acho que o rap virou muito empreendedor e esqueceu de ser rua, às vezes.

> Cássia: Porque que você acha que isso aconteceu? Você consegue identificar?
>
> Lauana: Eu acho que é essa questão capitalista mesmo, virou meio que mercado. Quem é, vai ser sempre. Mas quem tá no meio e veio pra uma intenção de... com esse nicho de mercado ter um lucro, tá ganhando em cima. E quem tá perdendo é quem é da rua, ou quem fez ou quem faz os movimentos de bairro, nas comunidades, é quem tá perdendo o espaço e o público são eles, mas por ver essa visão mercadológica eu to vendo que o Hip Hop tá se fechando em boates, e perdendo na rua (Entrevista Lauana).

Nesse cenário acima caracterizado, qual é o espaço existente para a política? No que diz respeito à participação no mercado, observamos que os/as hip hoppers acabam se vendo muitas vezes sozinhos/as na criação de estratégias de inserção nessa esfera. Desenvolvem ações diversas que visam driblar a perversidade das formas excludentes de configuração da dinâmica mercadológica: criam estúdios, selos, produtoras, marcas de roupas, mecanismos de divulgação próprios, articulam-se em rede para o desenvolvimento de eventos e gravação de coletâneas com vistas a sobreviver em um campo em que encontram pouco espaço para expressão e mobilidade. Quando têm eles/as mesmo/as que criar as soluções para garantir sua inserção nesse mercado que os/as mantém à margem parece sobrar pouco espaço para se reivindicar outro tipo de mercado.

Ainda sobre essa questão, observamos, por outro lado, que não é raro que os/as jovens hip hoppers que têm obtido algum destaque na cena cultural e acessado mais o mercado artístico sejam criticados de maneira severa em diversos círculos discursivos como "vendidos/as" ou "alienados", sendo alvo de cobranças que não nos parecem acontecer na mesma medida em relação a sujeitos que se expressam através de outras linguagens na cena pública. No entanto, não nos parece que a assimilação é um risco colocado apenas para o Hip Hop, nem tampouco que é algo tão racionalizável ou passível de tanto planejamento ou controle. Por que, então, hip hoppers são tão cobrados publicamente por uma "coerência" (como se o engajamento fosse algo que se desse num espectro evolutivo), mesmo quando estes/as não se posicionam na cena cultural como representantes de um movimento político? Talvez esse tipo de movimento analítico mais culpabilize indivíduos e personalize a questão que a aborde em termos dinâmicos, dificultando um posicionamento nesse debate que considere a complexidade desse processo. Não há aí também uma tentativa de moralizar e enquadrar a experiência desses/as jovens, estabelecendo o que eles/as podem ou não querer ou até onde devem ir? Sobre o debate acerca de se assumir ou não o risco da assimilação mercadológica na

trajetória de militância, perguntamos: o que pode significar dizer ao\à jovem pobre que ele/a não deve querer participar profissionalmente desse mercado artístico, no qual ele/a, a priori, já está impossibilitado de atuar de maneira igualitária pelas posições que ocupa nas hierarquias sociais? Certamente é fundamental debatermos sobre os silenciamentos produzidos através da assimilação, mas também precisamos discutir sobre o que significa para determinados grupos e sujeitos ter sua fala/ação automaticamente deslegitimada no que se refere a "coerência política" e/ou "capacidade de resistir" quando estes ousam estar em lugares que não se espera que eles estejam. Se assumirmos um a priori analítico de que a participação em um contexto de reprodução de hegemonias e privilégios como o mercado cultural só produz silenciamentos e encerra as possibilidades de ação política, talvez tenhamos que rever nossas considerações sobre outras experiências historicamente entendidas como exemplos de conquista e resistência: se mergulharmos nessa mesma ótica para analisar outras realidades, uma maior inserção de mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, poderá continuar sendo lida como possibilidade de maior independência financeira em relação às suas famílias e aos homens? Ou, dentro dessa lógica, esse processo deverá, então, ser entendido apenas como uma nova forma de assimilacionismo para fins de exploração? É realmente interessante, do ponto de vista analítico, ter que escolher uma dessas posições e abandonar uma análise que abarque justamente as tensões em jogo nesses processos? Parece-nos que, nesse tipo de análise, escolher de antemão uma das posições não possibilita aprofundar na questão contemplado sua complexidade e ambiguidades.

Nossas interlocutoras, por exemplo, não parecem negar esse mercado artístico. Consideram inclusive uma questão de direito poder disputá-lo. Mas as formas com que lidam com esse mercado são marcadas geralmente por desconfiança e crítica.

> Larissa: Outra coisa que eu penso é a questão dessa tensão entre Hip Hop, mídia, política e mercado. Fica parecendo que são coisas diferentes, mas isso está interligado o tempo inteiro. A gente precisa politizar mais, trazer mais a questão da relação de poder pra essa coisa do Hip Hop. Eu acho que enquanto... que esse negócio, que esse discurso da profissionalização, quanto mais profissionalização a gente está tendo menos politização. É como se eu precisasse só da técnica e não da política. Então, assim, o MC sabe fazer a rima na métrica perfeita, mas ele não consegue entender o significado do que ele está cantando.
>
> Vanessa: É. E a politização, o ativismo também, traz pro fazer da coisa um sentimento maior, né, uma emoção maior, tem diferença também.

> Larissa: Tem. Eu acho que a gente precisa pensar o que é ser ativista e o que é ser artista e perceber que o que faz diferença no Hip Hop... a rua nossa é fazer um arte-ativismo. Porque é a partir da arte que a gente faz a política. Então está muito agarrado. Tem gente que vai fazer uma arte, uma política que vai colaborar pra reproduzir a opressão e tem gente que vai fazer uma arte, uma política pra incomodar o sistema e tentar produzir uma ruptura. Na medida em que você vai ter que se encaixar na lei, na norma, pra poder alcançar o financiamento, a sua possibilidade de interpelação também diminui. Porque se você não fizer o projeto igualzinho o cara que vai ler o projeto quer, você não vai ter o dinheiro para fazer, né? E aí também eu acho que o Hip Hop está capturado. Eu concordo com a Lauana. Eu acho que a gente precisa repensar o significado da nossa arte e do nosso fazer artístico. Por que é mais arte agora que tem o equipamento de som foda do que naquela época que a gente cantava na garagem? Por que ter um cachê agora é mais importante do que cantar junto com nossos amigos? Eu acho que a gente está precisando rever alguns conceitos no sentido do que esse Hip Hop está se transformando. (...) Avançar na condição de uma competência técnica tanto para o trabalho político quanto para o trabalho artístico, eu acho que isso é possível. Mas o que a gente tem vivido é o seguinte: o pessoal aprende a técnica e esquece a política. E é isso que a gente tem tentado fazer. Não desvincular as duas coisas, que eu acho que tem a ver com o projeto de mundo que a gente tem, um projeto de sociedade, um projeto de vida pessoal também. (…) a gente precisa aprender coisas, precisa contratar profissionais, precisa ter uma qualidade técnica boa, mas a gente não pode ficar refém disso: "Ah não, eu vou fazer uma letra que fala só pirirpompom, mas eu vou cantar num palco grande". Eu acho que tem que ter uma crítica. Às vezes é melhor você cantar que "o nosso feminismo se inspira nas guerreiras africanas" sem microfone, sem base, sem nada, do que cantar o pirirpompom. Então, assim, eu acho que também a gente precisa ter um posicionamento político (Roda de Conversa - Larissa e Vanessa).

Não temos observado ser uma prioridade do grupo de rap a inserção nesse mercado da forma como hoje ele funciona. O lugar da Cultura Hip Hop na experiência do grupo, nesse sentido, parece não ser o de um produto a ser comercializado. Isso pode nos ajudar a entender o lugar que o Hip Hop ocupa "entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político". (Tommasi, 2011)

Observamos, como discutimos nesta sessão, que as Negras Ativas têm através de suas ações publicizado valores democráticos e bandeiras partilhadas por distintas gerações do Movimento de Mulheres Negras[118]. O Hip Hop para as Negras Ativas têm

[118] Não estamos aqui dizendo que toda expressão da Cultura Hip Hop tem como objetivo a publicização de bandeiras de luta. Estamos trabalhando esse objetivo como uma possibilidade dentre várias outras que se relacionam à experiência estética e cultural. Nosso foco nessa discussão se dá devido ao fato de o coletivo com o qual dialogamos durante o processo de pesquisa lançar mão do Hip Hop como estratégia para atuar politicamente na esfera pública, vinculado ao Movimento de Mulheres Negras. Mas reconhecemos que as experiências das juventudes na Cultura Hip Hop englobam uma diversidade de

papel importante tanto na elaboração quanto na publicização dessas bandeiras e valores, e dele se lança mão em processos de mobilização e expressão de tensões que se estabelecem em torno desses dois elementos. A Cultura Hip Hop enquanto expressão de bandeiras de luta e valores democráticos de juventudes negras encontra-se inserida em um contexto impactado, em alguma medida, pela assimilação e controle das possibilidades de sua emergência pública enquanto dissenso. As lógicas de mercado a nosso ver, ainda que possam garantir uma maior visibilidade de hip hoppers, são um dos elementos que podem ser perpassados por processos de assimilação. Mas a assimilação também está presente em outras lógicas[119] como, por exemplo, os fluxos estabelecidos na contemporaneidade entre o Estado Brasileiro e os movimentos sociais que abordamos na sessão 3.2 deste trabalho:

> Não há mais uma relação unidirecional entre as demandas do movimento social e suas respostas pelas políticas públicas, na constituição da política de cidadania (...). Nem sempre quem reivindica e responde estão respectivamente nesses lugares políticos de forma fixa. Por vezes, nota-se a ausência de demandas nos movimentos sociais ou a presença de fronteiras na construção de respostas em que as funções dos diferentes atores sociais não estão tão definidas. Hoje ocorre um fenômeno de capilaridade dessas instâncias, verificado no movimento de profissionalização da militância e de um caráter de ativismo entre determinados agentes públicos, nos interpelando a repensar concepções de políticas públicas que não tem conseguido abarcar essa nova e complexa rede de articulação dos atores sociais em cena (Prado, Machado e Carmona, 2009).

Nessa capilaridade, a incorporação de militantes nos lugares de intermediadores/as de interesses do Estado e da sociedade civil, em coordenadorias e conselhos paritários, por exemplo, pode, quando dificulta mais que favorece a continuidade de uma relação de tensão entre essas instâncias, ser lida também como assimilação que serve à neutralização de antagonismos. Nesse lugar de mediação e negociação, geralmente organizado em torno de práticas definidas dentro de dinâmicas e

---

interesses, expressões, projetos individuais e coletivos que não pretendemos sintetizar nas possibilidades vividas por nossas interlocutoras.

[119] Ao longo deste trabalho falamos de outras lógicas, além das mercadológicas, que se destacam em espaços e processos de atuação de jovens negras nos quais a assimilação também se faz presente como limite para a atuação coletiva enquanto dissenso na esfera pública. Falamos, por exemplo, da reprodução no campo da militância de formas de incidência na esfera pública que caracterizam a ação de entidades apoiadoras, da incorporação de militantes em lugares de mediadores/as entre interesses da gestão e da sociedade civil, dos desdobramentos do Estado através de projetos interventivos assumidos pela militância, do incentivo à personalização na ocupação de espaços de representatividade por militantes, etc.

referenciais políticos adultocêntricos, parece sobrar pouco espaço para as expressões do Hip Hop, conforme discutiremos melhor na sessão 4.4.

As Negras Ativas, que lançam mão do Hip Hop para entrarem na cena pública de disputa expressando bandeiras de luta, desenvolvem suas ações ligadas ao Hip Hop em meio a reflexões sobre como evitar que as configurações do mercado e da relação estabelecida com o Estado despolitizem sua atuação coletiva. O coletivo lê o mercado e a ocupação de espaços em órgãos e processos paritários como passíveis de serem disputados (e como campos que devem ser disputados) uma vez que se concentram nas mãos de poucos que não são representativos de uma maioria desprivilegiada. No entanto, como mencionamos acima, o Hip Hop ocupando lugar de elemento mercadológico não parece ser uma prioridade para a atuação coletiva de nossas interlocutoras. Discutiremos na sessão 4.3 lugares que o Hip Hop na trajetória das Negras Ativas parece ocupar em relação a bandeiras de luta e valores democráticos do coletivo e também, na sessão 4.4, considerando essas bandeiras e valores, onde o Hip Hop se localiza nas estratégias de ocupação de espaços que transcendem as fronteiras da cena cultural, como os de interseção entre ações do Estado, dos movimentos sociais e da sociedade civil. Antes de analisarmos essas diferentes posições, achamos importante, no entanto, falar brevemente sobre outro processo, que estamos nomeando como desarticulação da política, que, assim como a assimilação, marca o campo no qual Negras Ativas atua através de suas bandeiras de luta e concepções de democracia em torno do Hip Hop. Consideramos que os processos de assimilação e desarticulação da política, que discutiremos a seguir, influenciam tanto a dinâmica de atuação na esfera pública em torno de bandeiras de luta, quanto os lugares que o Hip Hop ocupa nesse processo, como também as possibilidades de estabelecimento de tensões, conflitos e dissensos a partir desses lugares.

## 4.2. Bandeiras de Luta e Concepções de Democracia Visíveis em um Campo Impactado pela Desarticulação da Política

Ao fazermos um balanço sobre a sessão anterior na qual identificamos "bandeiras de luta" e "projetos/valores democráticos" nomeados na experiência do coletivo estudado e possíveis impactos de processos de assimilação em suas expressões na esfera pública enquanto dissidência, analisamos que interpretar os sentidos que esses elementos assumem na prática não foi um exercício simples. Talvez porque essas categorias aparecem nos discursos das Negras Ativas de forma mais genérica, conforme uma de suas mais novas integrantes sinaliza:

> Então, eu acho que ela tem várias bandeiras, acho que tem a bandeira do Movimento LGBT, acho que tem a bandeira do Movimento Feminista, tem a bandeira do Movimento do Hip Hop, só que cada uma de nós está partindo pra um lado de uma bandeira. Eu acho que está faltando qual que é a opinião de Negras Ativas é... "a partir da questão da legalização do aborto". Não existe uma conversa assim sabe. Acho que a gente tem várias áreas que a gente segue, várias coisas e objetivos comuns, mas não existe uma fala de Negras Ativas a partir de todas as bandeiras que a gente levanta, então às vezes eu fico perdida até. Eu concordo que o nosso movimento, nossa bandeira é a questão da juventude, do Feminismo Negro, é do movimento LGBT, tá, mas qual que é a leitura de Vanessa enquanto Negras Ativas, qual que é a fala de Negras Ativas a partir dessa bandeira que a gente levanta, a gente não tem isso construído (Entrevista Mônica).

Isso também pode ser reflexo do que algumas entrevistadas vão dizer acerca da organização e atuação pública do coletivo. Segundo elas, essa organização hoje está mais tímida em consequência do grupo estar mais voltado para dentro que para fora, pela necessidade de investir neste momento na institucionalização:

> Cássia: Como que você vê que a gente vai... Como que no nosso cotidiano, de organização, como que você vê que a gente está se organizando em torno dessas bandeiras, de que forma que a gente tem organizado nossa luta nesse momento em torno dessas bandeiras?
>
> Lauana: Em si... pra além das nossas bandeiras, pra isso, eu acho que a gente também não está fazendo efetivamente. Tirando o Conselho, que tá tendo essa atuação no Conselho da Igualdade Racial, a gente ainda... está nessa fase de reestruturar a organização com registro mesmo, aí a gente não tá indo pra fora. Apesar de que tem a Larissa que está representando a gente no Encontro, estão mais tímidas, por focar nisso, essa questão da institucionalização, de poder... de focar mesmo na organização, e foi como a Flavinha fala, "focar". "Qual que é o foco? O foco agora é o registro? O foco agora é nos organizar? Então vamos fazer isso." Porque só a partir disso que a gente vai poder ter, alavancar as

> outras coisas nossas. Eu acho que agora no momento, 2011, segundo semestre, a gente... com essas bandeiras eu acho que a gente ainda vai ser, ainda vai ser um pouco tímida nessas atividades em que já estamos, mas não pegando o boi pelo chifre (Entrevista Lauana).

> Mônica: (...) eu já cheguei num momento que o grupo tava numa necessidade de registrar né, se tornar personalidade jurídica, de discutir as dificuldades, de pensar um planejamento, de pensar uma captação, de pensar uma reestruturação, uma infraestrutura do grupo, e de pensar vamos trabalhar em prol da Negras Ativas enquanto entidade, não só enquanto o grupo mas enquanto uma entidade que vai poder captar, que vai ter um nome registrado, eu peguei um outro momento que não queria ser só militância, queria ter o lado mais profissional das coisas, não que isso não acontecesse, muito pelo contrário, mas que fosse não como um grupo... mais um grupo, mais um coletivo, mas como uma associação, um grupo de pessoas de interesses comuns e que quisesse fazer diferença com um nome né, com uma história que pudesse deixar seu rasto e que continua deixando né, e aí eu esperava na verdade participar mais de evento, porque eu vim escutando o histórico de evento e movimentos que Negras Ativas participou, que Negras Ativas fez, então eu peguei muito foi o histórico disso (Entrevista Mônica).

Enquanto o coletivo está mais focalizado em ações que não se direcionam tanto à incidência no espaço público, diminuem as possibilidades de desenvolver ações que concretizem nessa esfera tanto as reivindicações abarcadas em bandeiras de luta quanto as disputas que a partir delas se instauram. Consideramos que essa redução dos espaços de "materialização" das bandeiras de luta em ações na esfera pública de disputa contribui para a sensação de que essas bandeiras e os valores democráticos a elas associados aparecem de forma genérica nos discursos enunciados atualmente em nome de Negras Ativas.

No entanto, esse processo vivido pelo grupo está inserido em um contexto político mais amplo que deve ser considerado e que, além de marcado por movimentos de institucionalização de coletivos e movimentos sociais, tem sido caracterizado segundo algumas entrevistadas por maior fragmentação entre essas organizações no que diz respeito ao delineamento da ação política. De acordo com elas, ainda que exista alguma interlocução e se estabeleçam parcerias para o desenvolvimento de algumas atividades comuns, as diversas militâncias estão menos nas ruas e participando menos de fóruns e espaços de criação de estratégias coletivas de atuação política:

> Flávia: Assim, eu acho que tem, tem o que... tem uns três... deve ter uns cinco anos que a gente perdeu muito... A gente tinha... Porque as coisas você vai copiando e vai construindo e você vai se envolvendo né? A gente tinha muitas reuniões dos movimentos, todos os

> movimentos. A gente tinha... fazia fóruns dos movimentos, a gente tinha reuniões comuns. Vai ter o 20 de novembro? As entidades, as ONGs, os movimentos, sentavam e se reuniam. Isso fortalecia um ao outro querendo ou não; se trocava informações, né, ideologias, discutia, e dava apoio. Era muito bacana. Então, eu acho que do mesmo jeito que num grupo as pessoas, elas vão ficando frágeis, fracas, com a saída de umas e outras e deixando de acontecer algumas coisas que são importantes, as organizações também elas acabaram ficando fracas, sabe. E isso acabou influenciando em cada organização. Porque, aí você fica muito só. Do mesmo jeito que você fica só enquanto pessoa, né, dentro da organização, a organização ela fica só enquanto presente ali naquela sociedade. Você fica, não tem mais discussão, aí você fica muito sozinho e aí você vê coisas absurdas e aí sozinho você não consegue muita coisa. E aí eu acho que outras organizações, também, elas passam por isso, porque tá fragmentado, porque do mesmo jeito que tem uma organização, o fórum era a organização das organizações, né. Era a nossa forma de contato, de comunicação, de articular, era um grupo maior. Era a rede. A gente não tem mais essa rede, né (Entrevista Flávia).

> Lauana: É, eu acho que a gente ainda tem, com essa fragmentação a gente tem que fazer um pouco mais de união nos movimentos, tanto o movimento LGBT, quanto o movimento de gênero, da igualdade, da luta pelas mulheres, de negros, eu acho que a gente tem que fazer essa unificação desses movimentos. Trabalhar de uma forma mais unida, não juntar num movimento único, mas que nós estejamos juntos com eles nessas outras lutas, lado a lado, sabe? Tem uma manifestação LGBT lá na Praça da Estação, porque que vai só LGBT, porque que os outros movimentos, as outras organizações, as outras instituições, não participam? Então, tentar estar lado a lado com as outras parcerias, com os outros grupos (Entrevista Lauana).

Consideramos que a onguização quando representa um voltar exclusivamente para si no desenvolvimento de projetos próprios pode ser um processo que pode contribuir para que movimentos e organizações sociais estejam menos articulados na esfera pública de disputa[120]. Nossas interlocutoras, ao fazerem leituras acerca das possibilidades de no atual cenário se estabelecer tensões, conflitos e disputas por parte dos movimentos sociais, identificam que uma menor articulação dessas organizações se relaciona aos investimentos na "ampliação da democracia através dos mecanismos do Estado", o que, segundo elas, impacta suas possibilidades de atuação política:

> Eu acho que, por exemplo, o movimento social eu acho que ele está fragmentado no mundo inteiro. E no Brasil, especificamente, a gente veio de um processo político... o governo

[120] Enfatizamos que nesta sessão estamos trabalhando com a idéia de articulação em termos de partilha de bandeiras de luta e desenvolvimento de estratégias coletivas de estabelecimento de antagonismos e dissensos na esfera pública de disputa. Nos capítulos anteriores nomeamos como articulação outras conexões que, como vimos, não necessariamente reverberam no campo político.

> Lula. Teve todo um contexto pra chegar no governo Lula. Aí quando chega no governo Lula, muita gente vai trabalhar no... nos espaços do Estado. Tem uma reconfiguração do cenário político, né. E eu acho que agora, com o governo Dilma cada vez mais pra direita, se é que tem jeito ainda, a gente vai... se deparando com uma situação de que o movimento social de alguma forma perdeu parte da combatividade. Não só porque ele perdeu, mas também porque o, o... quem tá no poder também continua se articulando. Eles não pararam, né? Então, enquanto a gente ficou ocupado em garantir a ampliação da democracia através dos mecanismos do Estado, quem estava já dentro do Estado continuou garantindo sua permanência lá dentro, né, e eu acho que isso conta muito. As elites estão muito bem organizadas, elas têm dinheiro, elas estão fortalecidas, e a gente... além de desarticulado, empobrecido e, e... não só materialmente, mas politicamente também (Entrevista Larissa).

À medida que movimentos sociais, coletivos e organizações políticas se encontram menos articulados, as possibilidades de tradução de vivências e percepções de desigualdade e injustiça em bandeiras de luta mais coletivizadas que se concretizem em ações de enfrentamento partilhadas por diferentes atores também é afetada. Diante disso, nos perguntamos: que tipo de ruptura com a ordem social vigente é possível se alianças estão fragilizadas e bandeiras de luta encontram menos espaços de articulação e expressão pública? Parece-nos que esse processo político de certa dissipação (não do interesse pela política, mas em relação às possibilidades de exercê-la enquanto articulação) afeta o grupo em sua atuação na esfera pública de disputa, inclusive em relação àquela que se estabelece no/através do Hip Hop. Analisamos que atualmente nossas interlocutoras têm vivenciado menos conflitos e disputas públicas nesse campo e nos processos por elas vivenciados na esfera pública nos quais o Hip Hop assume um lugar significativo. Por vezes se observam poucas alianças com outros movimentos no que se refere especificamente ao estabelecimento dos conflitos, ainda que exista uma relação de reconhecimento, interlocução e solidariedade. Identificamos, por exemplo, poucos tensionamentos assumidos por outros atores que também se organizam em torno da bandeira de enfrentamento ao machismo em relação às reproduções dessa lógica no contexto do Hip Hop. Quando são estabelecidas disputas no campo do Hip Hop em torno da questão da desigualdade de gênero muitas vezes estas são protagonizadas quase que exclusivamente pelas hip hoppers. As Negras Ativas apontam, da mesma forma, para um posicionamento semelhante dos/as hip hoppers enquanto coletividade em relação a processos de disputa estabelecidos nos campos de atuação priorizados por outros atores sociais:

> O Hip Hop em si é um movimento que não... que às vezes eu acho que ele é muito, não

> sozinho, mas ele não entra como um movimento político. (...) Então você nunca vê o Movimento Hip Hop em manifestação. Você vê pessoas do movimento, mas você não vê: "O Movimento Hip Hop está aqui". Então eu acho que o Movimento Hip Hop ele precisa... não perder o... a gente não precisa também politizar o Movimento (...) mas ele tem que estar mais presente nessas outras lutas. Então às vezes a gente perde um pouco nisso (Entrevista Lauana).

Consideramos que quando a atuação política é uma questão que mobiliza os/as jovens ligados/as à Cultura Hip Hop é importante indagar: Como transformar os pontos de conexão entre bandeiras assumidas por diversos atores vinculados ou não ao Hip Hop, mas que vivenciam opressões ou sentimentos de injustiça equivalentes, em ações articuladas que abalem o socialmente instituído que mantém tanto hip hoppers quanto outros grupos em situação de subalternidade? Em um campo marcado pela desarticulação, quais disputas as jovens negras que atuam através/no Hip Hop têm travado enquanto feministas negras?

Por outro lado, ainda que as bandeiras de luta e as disputas ligadas ao Hip Hop possam estar menos explícitas em um contexto marcado pela assimilação e pela desarticulação do ponto de vista das possibilidades de vivência da política enquanto antagonismo, observamos nos discursos documentados e verbalizados de nossas interlocutoras uma recorrente e ainda bastante evidente demarcação de um *nós*. Assim, essas dinâmicas do campo no qual a ação de nossas interlocutoras se desenvolve não parecem fragilizar suas fronteiras grupais. Certo apagamento dos antagonismos nesse cenário e a fragmentação apontada por algumas de nossas interlocutoras podem ser também reflexos das dificuldades estabelecidas quando há uma sobreposição da lógica identitária em relação às possibilidades de estabelecimentos de alianças entre aqueles/as que não vivenciam as mesmas identificações, mas que sofrem opressões equivalentes e/ou podem partilhar bandeiras de luta e estratégias de enfrentamento para a construção de ações que se contraponham ao estabelecido hegemonicamente. A possibilidade de contraposição ao hegemonicamente estabelecido não significa uma anulação do reconhecimento das diferenças, mas depende da prática articulatória entre elementos de identidade e demandas sociais de diferentes movimentos sociais de modo a dividir o campo de disputa em blocos antagônicos (hegemônico e contra-hegemônico) (Laclau e Mouffe, 1987; Costa, 2010).

Entretanto, é importante ressaltar que o *nós* recorrentemente nomeado nas produções e ações das Negras Ativas é também uma expressão de bandeira de luta. "O

processo de "tornar-se negra" implica na reivindicação desta identidade enquanto processo de disputa de lugares nas hierarquias de poder (Zanetti e Sacramento, 2009). A criação do "caldo cultural" que, segundo Zanetti e Sacramento (2009), "permite o (re)conhecimento" e a ressignificação da identidade de jovem negra se dá muitas vezes nas redes e espaços de participação mapeados nesta pesquisa, com destaque para aqueles em que o Hip Hop ocupa posição de centralidade. O reposicionamento diante da identidade envolve a negação de referenciais brancos, masculinos e adultos que sustentam a naturalização de posições de subordinação nas hierarquias de poder. Essa identidade ressignificada quando é nomeada publicamente enquanto oprimida, muitas vezes lançando mão de elementos ligados ao Hip Hop, serve também a expressões de reivindicação. No entanto, consideramos que as bandeiras de luta anunciadas pelas jovens negras em suas ações e discursos que demarcam fronteiras identitárias vão mais além de uma demanda por reconhecimento dessa identidade nomeada. Quando, por exemplo, as Negras Ativas expressam através da música "ReparAções" a demanda por reparações dos direitos simbólicos e materiais dos quais negros/as têm sido ao longo da história privados, consideramos que sua reivindicação também inclui a questão da redistribuição. O discurso reivindicatório publicizado através dessa música enuncia a articulação entre eixos culturais e socioeconômicos na produção de injustiças (Fraser, 2007):

> Alem da pele / Identidade / Reparações / É direito à dignidade. (...) / Quilombo por quilombo / Fizemos acontecer / A resistência negra / É o que nos faz sobreviver / (…) É tempo de reparações / E não de esmolas / Nos roubaram no passado / Resgatamos agora / Não / Não é pedido / É reivindicação (Trecho da música "ReparAções", do grupo de rap Negras Ativas).

Conforme vimos nesta sessão, o fato de bandeiras de luta e valores democráticos aparecerem de forma menos explícita na prática de nossas interlocutoras pode se relacionar a um processo de desarticulação da política que dificulta o compartilhamento de reivindicações e estratégias de interpelação da ordem social vigente, enfraquecendo a atuação de organizações e coletivos que se veem tentando incidir na esfera pública de forma mais solitária. Assim, a nosso ver, se reduzem as possibilidades de concretização de valores partilhados em ações de disputa mais coletivizadas na esfera pública. Ações estas que evidenciem, através da articulação entre diferentes vozes contestatórias, onde se situa concretamente a interpelação contra-hegemônica da ordem social que se busca traduzir nas bandeiras de luta. Vimos pela experiência das Negras Ativas que essa

questão afeta também as possibilidades de estabelecimento de conflitos e disputas no/através do Hip Hop. Discutimos que uma fragilização em termos de antagonismos e dissensos do cenário político no qual as Negras Ativas se inserem não tem afetado, no entanto, suas fronteiras grupais. Por um lado a resistência de fronteiras grupais em um cenário de desarticulação pode dar indícios de que a lógica identitária nesse cenário prevalece sobre as alianças para a construção de uma ação política contra-hegemônica. Por outro, reconhecemos na trajetória das jovens e de outras militâncias negras o lugar estratégico da afirmação da identidade enquanto denúncia das deslegitimações, negações, subalternizações que incidem sobre um *nós* e ponto de partida para a publicização de bandeira de luta a partir de demandas de igualdade entre *nós* e *eles*. Consideramos que a questão que se coloca para que se possa garantir o estabelecimento de tensões, disputas e conflitos na esfera pública através de articulações não é o abandono do direito e da estratégia de ressignificação e afirmação pública da identidade nem se deixar representar pelo aliado. Mas sim como em um campo impactado pela fragmentação é possível conciliar o falar por si e a afirmação da diferença com o desenvolvimento de ações políticas que aglutinem e fortaleçam diversidades igualmente insatisfeitas com o estado de coisas vigentes na construção de uma voz que explicite enquanto disputa e tensão o que efetivamente se demanda enquanto igualdade, em termos de contraposição ao socialmente estabelecido. Percebemos que a interlocução estabelecida entre as Negras Ativas e entidades do Movimento LGBT na cidade aponta para essa direção. A 10ª Parada LGBT e a 3ª Caminhada de Lésbicas e Bissexuais Femininas de Belo Horizonte, ocorridas no ano de 2007, da qual participaram as integrantes do coletivo, teve como objetivo uma maior articulação entre movimentos sociais na pluralização de vozes em torno da bandeira "Por um Mundo Melhor, Sem Racismo, Machismo e Homofobia". Nessa ocasião, o grupo de rap Negras Ativas se apresentou na 3ª Caminhada cantando músicas que tinham como objetivo visibilizar essa bandeira. O elemento rap ocupou nesse momento o lugar de principal estratégia de visibilidade para a atuação na esfera pública. Discutiremos mais na próxima sessão este e outros lugares ocupados pelo Hip Hop na trajetória das Negras Ativas e em que medida a partir deles é possível vivenciar o conflito e a disputa política.

### 4.3. Hip Hop como Estratégia de Visibilidade e Campo Discursivo de Disputa

As conexões existentes entre as bandeiras e projetos democráticos em torno dos/as quais Negras Ativas se organiza, as bandeiras do Feminismo Negro e a forma como o Hip Hop se insere nos processos de elaboração, publicização e disputa relacionados a essas bandeiras nos levam a pensar que o Hip Hop se configura como uma das formas através das quais as Negras Ativas vivenciam o Feminismo Negro. Os documentos e falas que apontam para bandeiras de luta e concepções democráticas sinalizam também como a Cultura Hip Hop tem na trajetória do coletivo ocupado lugares que podemos reunir em duas possibilidades: de campo discursivo de disputa e de estratégia de visibilidade do coletivo, de suas bandeiras e das tensões e/ou conflitos nos quais elas são publicizadas.

Por estratégias de visibilidade estamos entendendo as formas das quais se lança mão para visibilizar publicamente bandeiras de luta, reivindicações, e as tensões que elas podem anunciar. Por campo discursivo de disputa estamos entendendo o cenário público no qual se estabelecem conflitos e disputas a partir das bandeiras e reivindicações.

As tensões e conflitos vividos pelo coletivo e nos quais o Hip Hop aparece de alguma maneira vão variar de acordo com a ocupação pelo Hip Hop do lugar de campo discursivo de disputa ou de lugares que apontam para estratégias de visibilidade. Essas tensões e conflitos também se aproximam de disputas privilegiadas pelo Feminismo Negro.

Quando o Hip Hop se configura como um campo discursivo de disputa para o grupo, percebemos que o conflito que se apresenta com mais expressividade se relaciona mais diretamente à dimensão de gênero e se manifesta principalmente em relação às lógicas machistas reproduzidas no interior da Cultura Hip Hop.

> Eu acho que ele tem a ver com essa coisa de ser um ponto de enfrentamento. Por exemplo, na minha história, o lugar a partir do qual eu fiz a maior parte das rupturas foi esse. O Hip Hop foi esse lugar. De pôr o dedo na cara dos machistas foi no Hip Hop. E depois nos outros lugares. Foi um lugar de pertencimento, mas também de ruptura. É um lugar que possibilita essas duas coisas. Eu me sinto pertencente ao Hip Hop, mas aqui eu também consigo perceber as contradições e enfrentá-las. Eu acho que tem essas duas coisas. Eu acho que a importância do Hip Hop é essa. Não é porque eu estou enfrentando as

> contradições que eu estou destruindo o Hip Hop ou jogando tudo fora. Não, é justamente por enfrentar essas contradições que eu estou ajudando o Hip Hop a crescer e fortalecer. Então eu acho que é nesse sentido que o Hip Hop entra na vida da gente (Entrevista Larissa).

Nossas interlocutoras não falam (nem tampouco observamos) de tensões com semelhante recorrência ou visibilidade no contexto do Hip Hop quando o assunto é relações raciais, geracionais e/ou entre membros de diferentes classes sociais, possivelmente porque a grande maioria de seus integrantes ocupa posições de poder mais igualitárias no que se refere a essas dimensões (Donato e Prado, 2006).

Como exemplo de como os tensionamentos se configuram em torno da dimensão de gênero quando o Hip Hop aparece enquanto campo discursivo de disputa no percurso de atuação das Negras Ativas, gostaríamos de ressaltar um momento dessa trajetória: No ano de 2005, Um Recado pras Irmãs e pros Irmãos, publicação periódica das Negras Ativas muito distribuída na época nas festas e eventos do Hip Hop, passou a ser nomeado Recado das Minas, marcando um reposicionamento do grupo que visibiliza a autoria das publicações. Consideramos que explicitar que se trata de um recado escrito pelas "minas" é uma forma de também se posicionar em relação à (in)visibilidade delas em um campo de atuação hegemonicamente masculino. Outros tensionamentos semelhantes foram citados no capítulo 3.

Nesse sentido, ainda que tenhamos nos perguntado no capítulo anterior sobre uma possível tentativa de enquadramento das juventudes negras nas práticas culturais enquanto seu lugar por excelência de atuação, o campo do Hip Hop, hegemonicamente masculino, não nos parece tão prescrito como lugar de atuação para a jovem negra como é para o jovem negro. Nesse campo "ser hip hopper significa a positivação simbólica da periferia, da negritude, e em alguma dimensão, da masculinidade" (Matsunaga, 2006, p. 179).

> Minha família mesmo falava: "Você vai nuns lugares que só tem homem Lauana, não tem mulher nesse lugar. As mães delas não deixam as mulheres saírem pra ir nuns eventos desses não" (Entrevista Lauana).

A partir da análise da incidência de nossas interlocutoras no Hip Hop e das tensões que para isso elas vivenciam, temos pensado que, ao contrário, essa cultura para a jovem negra é um campo de vivência de impedimentos, se configurando em si como espaço a ser disputado. Neste caso, assim como nas disputas estabelecidas pelas

feministas negras no interior do Movimento Negro, ocupar espaço no Hip Hop pode emergir para as jovens negras como expressão do conflito de gênero pela negação do lugar socialmente designado às mulheres jovens em relação ao Hip Hop: como expectadoras ou coadjuvantes:

> Cássia: O que uniu essas mulheres jovens[121]?
>
> Tainara: Eu acho que o que uniu foi o fato de nunca terem visto as mulheres que gostavam dessa Cultura, que vivenciavam aquela história, naqueles espaços de apresentação, dentro dos grupos e quando viam, viam lá atrás fazendo *backing*[122]. Não tinha essa... os caras não davam essa moral. E os caras não davam essa moral e as mulheres também, às vezes, se... como é que eu vou falar... ficavam: "Ah, beleza, então." Não insistiam, não se colocavam à frente: "Esse espaço é coletivo, então vamos todo mundo dividir!" (Entrevista Tainara).

Quando as Negras Ativas, o Atitude de Mulher ou outros grupos femininos conquistam visibilidade pública entoando discursos de denúncia em espaços hegemonicamente masculinos, consideramos que essas mulheres aparecem na cena pública como vozes de dissidência exercendo pressão para seu "reconhecimento enquanto mulheres no âmbito de uma cultura juvenil de forte representação masculina e de preservação do que se construiu como masculino nesse universo" (Weller, 2005).

Nesse campo, aqueles que em determinados momentos se configuram como aliados em relação a outros enfrentamentos e com quem se partilha objetivos e horizontes de conquista, ocupam também posição de opositores, quando a questão colocada se liga mais diretamente às assimetrias de gênero:

> Eu não sei se as pessoas são opositores assim, que é difícil... Eles não vão ser considerados opositores, eles são parceiros, super parceiros, né. Mas na hora do vídeo deles as mulheres não estavam lá, nenhuma mulher estava, num vídeo que foi super importante, super divulgado na cidade toda né, então é muito complicado o negócio, você identificar quem que é... opositor. (...) É... às vezes você identifica em alguns momentos, por exemplo, na hora em que não garante a representatividade de mulheres no vídeo, aí você identifica, na hora que você solta um material na rede e aí só as mulheres continuam divulgando esse material e os homens não colaboram na divulgação, né. Um pouco nesses momentos, mas não é muito fácil (Entrevista Vanessa).

No campo do Hip Hop linguagens expressas através de seus elementos (rap, *break*, DJ, grafite) também ganham mais legitimidade enquanto forma de atuação.

[121] Sobre a participação no grupo Atitude de Mulher.

[122] *Backing vocal*.

Possivelmente por isso, como estratégia de visibilidade de seus discursos, bandeiras e ações, as Negras Ativas investiram no rap como alternativa à organização inicial através de grupos de discussão:

> Vanessa: E aí, no caso de Negras Ativas, a gente a princípio começou como grupo de rap porque era isso. A gente chamava, dentro dessa ideia, um pouco inspirada na experiência do Oju Obirin, a gente chamando as meninas pra vir bater um papo com a gente, essas coisas. A gente tinha alguns questionamentos com relação a se de fato a gente era ou não do Hip Hop, porque a gente não desenvolvia nenhuma atividade, nenhum elemento. E a gente queria se sentir mais legítima dentro da cultura, então a gente falou: "Essas coisas que a gente está escrevendo enquanto texto vamos transformar isso em música e vamos começar a cantar". E aí, assim foi. E aí começamos, e aí eu lembro que a gente pedia ajuda pros meninos, que eram os meninos que faziam rap e a gente queria desenvolver fazendo rap. Então, eu lembro, por exemplo, que a gente foi pra casa do Preto C, do Realistas NPN, a gente ficou lá um dia inteiro, praticamente, com ele, transformando aquilo que eu escrevia na época e tal, tentando fazer virar letra de rap, e pegando umas dicas e tal. Então tinham alguns meninos que eram na época parceiros de alguma forma e que a gente tentava somar em alguns momentos (Entrevista Vanessa).

> Lauana: Eu acho que o Hip Hop é uma um instrumento de sensibilização, eu acho que a gente chega com Hip Hop, as pessoas conseguem ouvir, às vezes ela não consegue escutar uma palestra, mas ela consegue escutar uma música e essa música fazer mudança na vida dela, então eu acho que o Hip Hop ele por ser essa ferramenta de sensibilização, ser essa ferramenta que a gente utiliza, que é uma ferramenta periférica, que nasceu nos becos, que tem essa cultura de denúncia, de político. Como o Hip Hop tem essa ferramenta política de entretenimento, a gente chega mais, a gente consegue fazer mais entretenimento, a gente consegue discutir uma coisa séria através da música, a gente consegue passar uma mensagem que eu poderia passar de outras formas como um texto, como uma palestra, como uma oficina, e se eu chego com o Hip Hop pra além do que eu tenho a propor, eu consigo absorver mais aquela pessoa, eu consigo conquistar aquele público, aquela pessoa, então acho que por isso que gente consegue trabalhar sempre tendo o Hip Hop como uma das ferramentas, porque ela consegue absorver, chegar mais naquela pessoa de forma diferente do que somente as palavras soltas e o elas poderiam causar (Entrevista Lauana).

Os projetos, ações e redes elaborados pelas Negras Ativas, ou aqueles nos quais o coletivo participa, que visam visibilizar e potencializar a articulação e participação de mulheres no campo do Hip Hop têm o Hip Hop como fio condutor do processo, ou seja, como sua principal estratégia de visibilidade:

> Eu fui convidada para participar de uma crew, de um coletivo de mulheres que queriam fazer um som. Elas queriam tocar rap com percussão. Acho que ninguém tinha muito a ideia do que ia ser não, viu (risos)?! Mas foi! O negócio foi acontecendo. E eram várias

> mulheres que tinham pensamentos fortes, personalidades fortes e cada uma tinha uma história, uma vivência, tinham suas lutas, suas bandeiras. A ideia era juntar a música, o rap, a percussão e essa construção social. Porque tinha como principal (eu percebia assim) essa posição da mulher diante das coisas que estavam acontecendo, daquela Cultura. Tinha a essência de mostrar uma mulher que dançava o rap, porque eu acho que antigamente não se via muito. Tinha a necessidade da DJ, que era uma das primeiras desde o início do Movimento Hip Hop aqui em BH e ninguém nem sonhava. Nem mesmo eu sabia que ela existia. Eu descobri lá que tinha uma DJ que tinha a maior história e tal. E aí além de ser um espaço de criação musical, artística, foi um espaço de criação pessoal pra cada uma e sobre como elas iam levar aquilo para suas respectivas cidades e bairros. Porque tinha essa coisa de como a mulher, a jovem em si, mulher jovem, que participava dessa... que adorava também essa Cultura e tinha que expor seu pensamento (Entrevista Tainara).

Em um campo que se organiza discursivamente em torno de linguagens que são monopolizadas por homens, lançar mão delas para visibilizar publicamente um discurso que rompe com o habitualmente publicizado (nomeando, por exemplo, o machismo onde ele é negado) pode significar uma estratégia das mulheres para expressarem uma contraposição ao que ali é estabelecido enquanto possível para elas, forçando o alargamento dos contornos dessas possibilidades. Pode se direcionar, assim, à ruptura dos limites em torno dos quais esse campo se estrutura (Melucci, 2001).

Quando o Hip Hop aparece como estratégia de visibilidade em outros campos como os fóruns, conferências, conselhos, outros espaços do Movimento Feminista, do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, etc., tensões/conflitos de raça (articulados aos de classe) e geração se destacam.

Especialmente quando se incide em espaços mais institucionais e ocupados hegemonicamente por uma militância considerada adulta e experiente, o Hip Hop, enquanto estratégia de visibilidade, ocupa mais o lugar de uma referência para o grupo que é afirmada e reafirmada no discurso, que o de manifestação exercida na prática direta de seus elementos culturais. Parece-nos que rimar nesse tipo de contexto não tem a mesma legitimidade que discursar nele de outras formas. Isso nos fez desconfiar que tem se consensuado que para permanecer politicamente nesses espaços é necessário atuar seguindo estratégias de visibilidades legitimadas pelos adultos/as. Nessas condições, esse tipo de consenso nos parece se configurar mais como forma de regulação da atuação das juventudes que como possibilidade de exercício da política. Como mencionamos anteriormente, a tentativa de controle em relação a isso se expressa, por exemplo, quando o grupo é chamado de “Negras Desativadas” nos

momentos em que não se vincula a esses espaços/processos da mesma maneira como outros atores (em sua maioria, adultos) o fazem.

Discutimos aqui que as configurações de tensões, conflitos e disputas estabelecidas em torno do Hip Hop variam na trajetória do coletivo estudado conforme o Hip Hop ocupa lugar de campo discursivo de disputa ou de estratégia de visibilidade nesse percurso. Como estratégia de visibilidade ele tem aparecido nas ações que se direcionam à ocupação de espaços em outros campos discursivos de disputa como os da política institucional. Nesses campos parece haver mais espaço, no entanto, para se falar sobre o Hip Hop que através dele. Na próxima sessão discutiremos melhor os lugares ocupados pelo Hip Hop nas estratégias ligadas à ocupação de espaços mais institucionalizados ou de atuação predominantemente de adultos/as.

## 4.4. Estratégias e Imperativos Ligados à Ocupação de Espaços

Finalizamos a discussão da sessão anterior reafirmando as observações feitas durante o processo de elaboração do mapeamento de emergência, articulação e incidência pública das Negras Ativas de que ao longo da trajetória da organização o Hip Hop não tem sempre se mantido como a única ou prioritária forma de inserção do grupo na esfera pública de disputa. As ações/expressões, espaços e processos diretamente vinculados ao Hip Hop não ocupam centralidade em vários arranjos e ações, especialmente quando o foco dessas é o que o grupo nomeia como incidência política.

Mas é importante considerar que o Hip Hop tem sido ao longo desses anos muito marcante na constituição da identidade coletiva do grupo e na afirmação pública dessa identidade, conforme discutimos na sessão 4.2. Quando se expressa através do Hip Hop ou faz referência a ele publicamente o grupo recorrentemente associa essa linguagem a um sentido de pertencimento identitário, étnico e geracional (Anzaldúa, 2009), que pode significar uma estratégia de visibilidade de sua condição social. Além disso, ainda que se adote outras formas de incidir na esfera pública de disputa, geralmente essa inserção se dá envolvendo o posicionamento enquanto grupo vinculado à Cultura Hip Hop, assumido como um marcador de diferença, especialmente quando se adentra campos hegemonicamente adultos e brancos. A marcação dessa diferença e a demarcação de fronteiras que delimitam o *nós* nessa esfera se estabelece, no entanto, na intersecção de uma "multiplicidade de posições subjetivas, entre as quais não existe uma relação a priori". Assim, a identidade coletiva não se encontra de antemão e definitivamente estabelecida, "havendo sempre certo grau de abertura e de ambiguidade na forma como as diferentes posições de sujeito são articuladas". (Mouffe, 1999, p. 31). No processo de tensão entre identidade e diferença que marca a inserção do grupo na esfera pública de disputa, as formas como nossas interlocutoras aparecem na cena pública como *nós* têm evidenciado, dessa maneira, diferentes posições de sujeito emergentes enquanto diferença nas tensões, conflitos e disputas que se estabelecem no campo da participação (Zanneti e Sacramento, 2009). Essas tensões, conflitos e disputas variam de acordo com os espaços ocupados pelas Negras Ativas, e consequentemente a nomeação desse *nós* também evidencia o tipo de tensão vivenciada em cada campo de atuação. Nos campos em que a tensão, conflito ou disputa se estabelece principalmente em torno da dimensão de gênero, como, por exemplo, em contextos fortemente marcados pela inserção

desigual de mulheres em relação aos homens, como o Hip Hop, torna-se mais estratégico a construção de um discurso que evidencie o lugar desigual ocupado nas relações de poder a partir da posição de mulher. Assim, em campos como o Hip Hop as posições de sujeito ligadas às categorias mulher e "mina" são mais evidenciadas enquanto elemento de dissidência nas tensões estabelecidas que outras posições como as de jovem e negra. Nas tensões estabelecidas em contextos hegemonicamente adultos e brancos, como mencionamos, o Hip Hop aparece principalmente indicando posições desiguais ocupadas em relação às hierarquias de raça e geração. Nesses contextos o *nós* evidente nas tensões vivenciadas pelas Negras Ativas se ancora principalmente nas posições de jovens negras e jovens hip hoppers.

A construção de narrativas a respeito de si e do outro a partir dos tensionamentos estabelecidos nos campos de atuação de nossas interlocutoras serve à delimitação do *nós* e marca também a configuração do discurso reivindicatório. No que se refere à construção do discurso reivindicatório, o Hip Hop têm servido às Negras Ativas como linguagem ou referência possível para a construção de narrativas que afirmam uma diferença do ponto de vista identitário que no campo das relações de poder encontra-se em posições de desigualdade e para a expressão das demandas de igualdade enquanto "equidade", "acesso igualitário a direitos".

As formas como o campo político se configura para as Negras Ativas e os posicionamentos que o grupo assume em relação a esse campo se relacionam, dessa forma, com o lugar que ele atribui ao Hip Hop nessa experiência. Não é por acaso que o Hip Hop está presente de forma significativa na delimitação das fronteiras que compõe o processo de inserção de Negras Ativas no campo político, nem tampouco é coincidência o grupo seguir reafirmando publicamente a importância política de seu Hip Hop ao longo desses anos mesmo quando se insere em espaços e processos em que não encontra tantas possibilidades de expressão através dos elementos dessa cultura.

Consideramos que é possível identificar uma finalidade dessa posição assumida em relação ao Hip Hop nos processos de disputa nos quais Negras Ativas se envolve: Em um cenário em que a formalidade nos modos considerados "adultos" de participar tem sido ao longo dos anos o que há de mais legítimo quando o assunto é política, explicitar no discurso uma experiência que se distancia dessa forma de fazer política,

pode ser uma estratégia de visibilizar uma tensão geracional[123]. Além disso, pode servir como estratégia para garantir um lugar diferenciado de reconhecimento – o de grupo jovem que veicula através do lugar de fala de hip hopper demandas e experiências próprias da juventude negra – que possibilite uma entrada em processos participativos nos quais está em questão o critério da representatividade. Ou seja, se por um lado, há pouca possibilidade de se expressar através do Hip Hop em processos e espaços hegemonicamente adultos, por outro é o Hip Hop enquanto marcador de uma especificidade juvenil que garante neles a entrada de determinados grupos enquanto representantes do seguimento juventude.

A complexidade aí está no fato de que a permanência nesses processos/espaços por vezes não vai se dar no sentido de ampliação de possibilidades de participar através do Hip Hop ou de outras formas alternativas ao já estabelecido na interlocução com os demais atores que ali circulam. Por vezes o grupo vai seguir atuando através de diversos formatos de participação já consolidados[124] nesses processos, sem com eles romper, mas veiculando a partir dessa posição o discurso sobre as outras possibilidades de viver a política. Seguir participando politicamente de espaços hegemonicamente adultos tem, assim, exigido do grupo a veiculação de outras linguagens distintas do Hip Hop, que, consideramos que são vistas, pelos atores que compõe esse cenário, como mais adequadas e mais possíveis exatamente por serem consideradas "mais adultas".

Temos por isso pensado que a necessidade de mudança de estratégia discursiva do grupo de acordo com o interlocutor pode significar um impacto das regulações da gestão (Rancière, 1996) nas possibilidades de vivência do Feminismo Negro pelas novas gerações, expresso no condicionamento dessa militância jovem ao campo de legitimidade do outro. Por outro lado, nos parece que essa é também uma estratégia para garantir o mínimo de reciprocidade pra dialogar, interpelar e com o outro disputar. Sobre essa questão, o posicionamento de uma de nossas entrevistadas, em resposta a um questionamento nosso, nos tem levado a pensar que incidir em campos discursivos de disputa hegemonicamente adultos utilizando aí estratégias de visibilidade "mais tradicionais" ou consolidadas entre militantes de outras gerações pode ser também uma

[123] Conforme mencionamos na sessão 3.3 em torno dessa tensão jovens feministas e negras jovens feministas têm sustentado publicamente a demarcação de seus lugares de jovens enquanto diferenciação no interior dos Movimentos Feminista e de Mulheres Negras.

[124] Expressando-se principalmente através de conferências, reuniões, elaboração de atas, informes, votações, planejamentos estratégicos, moções, etc.

estratégia de disputar esses campos e suas expressões com os atores que têm tido neles uma inserção privilegiada.

Isso nos faz perguntar em que medida não topar essa regra do jogo pode significar abandonar a disputa de espaços que têm se constituído ao longo da história enquanto de domínio dos/as adultos/as para o exercício da política:

> E aí tem uma questão que muitas vezes o que se espera de alguém do movimento cultural é que só cante, que só dance e que pense, e que não interpele politicamente. E eu acho que o grande susto é justamente por isso: que a gente faz isso tudo! Se a gente quiser, né? (risos) A gente faz isso tudo. E aí eu acho que isso causa um impacto. Eu acho que muitas vezes no espaço político as pessoas vão tratar a gente a partir de um estereótipo, de que o favelado, a mulher, a mulher negra, né, a mulher negra lésbica, não vai estar nesse espaço. Pra eles a gente nem existe. Aí a gente existe e ainda questiona, ainda vem querer impor o que a gente está pensando. Eu acho que isso, a nossa própria presença causa às vezes uma desordem no ambiente político. É uma coisa! Tem lugar que a gente chega, e aí o negócio... cria... cria um caso. A nossa própria presença física. Eu acho que é por isso que hoje no Brasil o racismo age a partir do genocídio, né? A principal estratégia do racismo é o genocídio, né? A principal... a principal coisa que o racismo faz hoje no Brasil é eliminar, inclusive fisicamente. Porque essa presença, inclusive física, ela desorganiza esse poder que está aí. Então eu acho que a gente pode chegar, de chinelo, de cabelo pra cima, sabe, do jeito que a gente quer, isso faz, isso já é uma ação política. Pensando que por outro lado os companheiros negros, a maioria, está sendo morta. Então, assim, talvez se nós fôssemos jovens negros, talvez a gente não estivesse nesses espaços também porque talvez a gente já tivesse morrido. Tudo bem. Alguns companheiros que passaram pela Juventude Negra e Favelada estão aí com visibilidade e tudo. Mas também são poucos, né. Muita gente que passou por esse processo, a gente não tem notícia. Então, eu acho que a gente existir é um enfrentamento político (risos). Nossa, e como! (Entrevista Larissa)

Temos pensado que um maior investimento na disputa pela ocupação desses outros espaços contribuiu para mudanças ocorridas na dinâmica do grupo nos últimos anos e para que o Hip Hop na experiência do grupo tenha ganhado, comparativamente com outros espaços de atuação, menos expressividade como campo discursivo de disputa feminista negra, ainda que as Negras Ativas sigam vivendo em alguma medida e identificando tensionamentos nesse campo, especialmente no ponto de vista das relações de gênero. O grupo de rap tem realizado um número bem menor de apresentações se compararmos com a média de shows realizados nos primeiros anos de existência do coletivo. Hoje verificamos também uma articulação menos constante do coletivo com outros atores e grupos diretamente ligados à Cultura Hip Hop. No que diz

respeito ao Hip Hop enquanto estratégia de visibilidade este tem servido mais para garantir uma legitimidade de acesso a espaços e processos organizados em torno de outras linguagens que como estratégia prioritária de participação nos mesmos. Talvez também por isso a finalização do CD nos últimos anos foi menos priorizada por todas as integrantes do coletivo que a institucionalização, por exemplo. Mas além desse menor investimento no Hip Hop como campo discursivo de disputa e como estratégia de visibilidade poder representar um reposicionamento no jogo político enquanto estratégia para o estabelecimento de outros embates, nossas interlocutoras também apontam que seu lugar na dinâmica atual grupo, independente das estratégias para atuação política, parece mais fragilizado. Provocou-nos inquietação o fato de ao mesmo tempo em que o Hip Hop segue sendo constantemente afirmado como tendo uma importante função política na trajetória do grupo pelas Negras Ativas e por aqueles/as que se manifestam (na academia, no Hip Hop, nos movimentos sociais, nas instituições privadas e governamentais) acerca de sua experiência, este campo de atuação ser visto também por várias das entrevistadas como ocupando lugar de segundo plano ou enfraquecido nessa experiência:

> Flávia: Eu não consigo ver o Hip Hop nesse momento. E aí, ainda mais... porque eu sei que não está ensaiando, eu sei que estamos com a metade de algumas coisas bacanas pagas e elas não dão continuidade. E o Hip Hop ele começou com gás, mas ele tinha, ele tinha pessoas de referência, né. Então, eu acho que ele se quebrou um pouco, né. Porque ele tinha pessoas que traziam uma energia jovem, essa coisa toda, igual a Tatá[125], brigava, aquela coisa toda... tinha a Larissa com a poesia, com a paixão, a Vanessa... Então eu acho que ele tinha, ele se montou num momento de... ele foi uma liga, sabe, juntando, e aí quando sai, separa, aí fica um pouco fraco (...) (Entrevista Flávia).
>
> Cássia: Nesse nosso momento atual, como é que você vê especificamente a questão do Hip Hop dentro da organização, o lugar que ele tem ocupado?
>
> Lauana: Ele meio que no segundo plano, porque tanto que depende das MCs, que não é uma coisa que, por mais que seja uma parte da organização, depende também das MCs. E as MCs, com a saída da Larissa, ficou mais fragilizado do que já estava. Essa questão das vidas pessoais, porque além da gente ter atividades da organização a gente tem atividades enquanto MC, então a gente tem que ensaiar, tem que se atualizar, tem que parar pra escrever música, e isso não está sendo feito. Mais por causa dessa correria cotidiana: estudo, trabalho, família... e aí acaba que impossibilita desses encontros serem... dessas atividades acontecerem com mais frequência. Ele é o ponto forte da organização, mas ele

[125] Tainara.

não está sendo tratado mais pelas MCs com uma dedicação que merecia, está mais enfraquecido no momento. Mas é uma coisa que é o potencial da organização, é uma coisa que levanta... tem gente que não conhece o trabalho da organização, mas sabe que tem um grupo de Negras Ativas.

Cássia: Mas você acha que está mais enfraquecido do que outras ações ou não?

Lauana: É, eu acho que ele mais pelas MCs, não pela organização, eu acho que pelo grupo, ele está mais enfraquecido. Pelo grupo de rap ele está mais enfraquecido, mas não em segundo plano. Ele só está enfraquecido justamente por isso, porque a gente não conseguiu se organizar de uma forma que a gente pudesse criar uma agenda de ensaio, de produção, de atividades, porque várias pessoas convidam a gente pra apresentar, mas como que a gente vai apresentar se a gente não ensaia, se a gente não tá ensaiando, se a gente não tá produzindo? É falta de respeito até com quem escuta a gente, com quem vê a gente. Então a gente tem que parar um pouco eu acho, pra nos preparar pra essas apresentações e voltar com mais força. Eu acho que a organização sim está ganhando mais força, que antes era o contrário, tinha mais força o grupo de rap (Entrevista Lauana).

Sobre esse enfraquecimento, uma de nossas entrevistadas afirma que se trata de um reflexo da própria cena Hip Hop e coloca que se reerguer depende também de um investimento em atividades de estúdio, realização de festas, etc.

Cássia: Você consegue pensar num motivo porque que o grupo de rap começa com mais força e depois a organização ganha mais força e o Hip Hop enfraquece?

Lauana: Eu acho que veio também pelo cenário, foi o cenário do Hip Hop, está mais enfraquecido, que não está tendo tantos eventos quanto tinha antigamente. Antigamente tinha eventos, toda semana tinha um evento de rap, toda semana. Hoje não tem. Quando tem são fechados, só os que você paga trinta reais, são os que só é... discotecagem. Então os eventos diminuíram, assim, bruscamente, os eventos de rap. Aí quando eu falo que teve esse empreendedorismo, que hoje quando tem evento de rap de rua é os de editais, não tem aquele que era o espontâneo, que a gente pegava e fazia os *flyers*, xerocava os *flyers* pra dar pro povo, que não tinha dinheiro, são esses. E aí como o grupo de rap tava nesse cenário junto com o Hip Hop, então a gente tava em evidência, tava cantando sempre, tava se apresentando. O cenário do Hip Hop foi enfraquecendo e a gente foi enfraquecendo junto, então, já que não tem tanto lugar pra apresentar, a gente foi diminuindo o ritmo e esse ritmo tá custando a se reerguer de novo, porque tem um custo com isso também, tem o custo de estúdio, custo de transporte e aí como que a gente vai bancar isso também, se a organização também não está estruturada pra também dar conta de bancar isso? Então é tudo um cenário que vai um enfraquecendo o outro, e com isso a organização foi tomando mais fôlego, porque as outras integrantes por ser também um pouco mais... as outras integrantes estarem mais mobilizadas com a organização, a gente foi focando mais pra organização, e aí ficou o grupo como essa... mais enfraquecido (Entrevista Lauana).

Mas a mesma entrevistada, ao se remeter à história do Hip Hop na cidade, também coloca que no passado para participar era suficiente um som, uma rua, o improviso. Por que hoje são necessários tantos outros investimentos[126] para atuação no Hip Hop como campo discursivo de disputa? O que isso tem a ver com política? O que esses imperativos nos sinalizam acerca de oportunidades e dificultadores para a atuação feminista negra no/através do Hip Hop e sobre os investimentos das jovens na atuação em outros campos?

Incomodadas com certo apagamento do Hip Hop no atual momento do grupo, as Negras Ativas têm buscado conciliar a atuação em outros campos com a finalização da produção do CD e a retomada das articulações internas ao Hip Hop, priorizando o investimento em projetos e ações que as conectem com outras jovens hip hoppers, como a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop e a nova versão do Projeto Atitude de Mulher. Têm, assim, se implicado no investimento no Hip Hop tanto enquanto campo discursivo de disputa quanto como estratégia de visibilidade.

As discussões realizadas nesta sessão nos levam a pensar que por um lado a priorização de outros campos discursivos de disputa significa a efetivação da ocupação de espaços hegemonicamente adultos, masculinos, brancos como estratégias para exercer neles pressão para a garantia de uma participação mais igualitária, conforme aponta a fala anterior de Larissa. Tendo em vista esse objetivo, o fato de o coletivo ter nos últimos anos garantido uma maior inserção no campo institucional da política estatal e também do terceiro setor, como discutimos no capítulo 3, representa uma conquista. No entanto uma maior atuação nesses campos através de estratégias de negociação com o Estado de demandas, de desenvolvimento de ações formativas junto a aliados que se configuram em alguns momentos como opositores[127], e de realização de projetos interventivos com foco na criação de soluções para problemas enfrentados não nos parece garantir necessariamente mais antagonismos e dissensos que nos momentos em se atuava de forma "menos profissional"[128]. A inserção nesses campos e a

[126] Não estamos questionando aqui o que representa, do ponto de vista do direito, o acesso a recursos para o desenvolvimento das expressões e atividades ligadas à dimensão estética do Hip Hop em um cenário cultural mais amplo impactado pela distribuição desigual de bens em decorrência de lógicas racistas e privilégios de classe. Nosso questionamento é qual seria a importância desse acesso especificamente para a garantia da política nesse campo.

[127] Como, por exemplo, os homens participantes da cultura Hip Hop no que se refere às assimetrias de gênero.

[128] Parece-nos que por vezes a idéia de profissionalismo nos discursos do coletivo e sobre ele remete a uma maior valorização das formas de atuação acima mencionados em detrimento de outras. Por se

apropriação dessas estratégias podem ser reflexo de conquistas de espaço, mas não garantem em si a efetivação da ação política. Discutiremos no capítulo final, a partir das análises que realizamos neste trabalho sobre a relação estabelecida pelas Negras Ativas com o Hip Hop em um cenário de oportunidades e dificultadores, em quais circunstancias nos parece possível emergirem antagonismos e dissensos que se direcionem à interpelação da ordem social vigente e que nos ajudem a entender melhor quando é possível falar de ação política feminista negra.

tratarem de formas definidas e, em sua maioria, monopolizadas por adultos, consideramos possível equivaler a noção de "profissional" neste contexto à idéia de "adulto".

## 5. HIP HOP E PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NEGRAS – QUANDO É POSSÍVEL FALAR EM AÇÃO POLÍTICA?

Buscamos ao longo deste trabalho analisar a trajetória das Negras Ativas em relação a um cenário de oportunidades e dificultadores para a atuação política feminista negra por jovens vinculadas ao Hip Hop. Perguntamo-nos sobre quais lugares ocupa o Hip Hop e a que serve no percurso do grupo a aposta nele como campo e meio de atuação política. Essas perguntas não foram tecidas com o intuito de classificar ou avaliar a experiência das Negras Ativas. Entendemos que se entrássemos neste tipo de lógica incorreríamos em uma moralização da trajetória do grupo. Nossa aposta foi que indagar sobre a experiência das Negras Ativas, reconhecendo sua complexidade, e sobre o processo de construção de significados em torno dessa experiência nos ajudaria a compreender melhor como se configura o cenário no qual tem se delineado a participação de jovens hip hoppers identificadas com o Feminismo Negro.

Ao indagarmos sobre os lugares do Hip Hop na atuação de jovens vinculadas tanto a essa cultura quanto ao Feminismo Negro identificamos que esses lugares podem ser reunidos analiticamente em duas possibilidades: campo discursivo de disputa e estratégia de visibilidade. A partir dessas posições tentamos identificar quais tensões, conflitos, disputas, são travados e em que medida eles se direcionam ao estabelecimento de dissensos que coloquem em xeque a ordem social vigente. Esperamos ter podido contribuir para a discussão de duas questões importantes para a compreensão da dinâmica de atuação pública das jovens ligadas ao Hip Hop e ao Feminismo Negro: a) Que atuações são possíveis para as jovens negras no cenário político em que se inserem ações coletivas ligadas ao Feminismo Negro. b) Para aquelas que se expressam no e através do Hip Hop, que relações este estabelece com a política de forma a contribuir ou não para a produção de dissensos, interpelações, fraturas ou rupturas com o socialmente instituído.

Sobre as oportunidades e dificultadores identificados no cenário no qual a atuação coletiva das nossas interlocutoras se estabelece e as possibilidades de atuação política através/no Hip Hop que esses elementos anunciam nos parece que vivemos um momento em que as formas de atuação feminista negra vivenciam recorrentes imperativos (mais ou menos explícitos) para se enquadrarem em modelos técnico-profissionais de política pública e de ONG, caminhos aos quais as Negras Ativas e

outras jovens negras estão em alguma medida se direcionando/sendo direcionadas.

Não é por acaso que o Hip Hop não bastou para as Negras Ativas ainda que se mantenha presente para o grupo (às vezes sendo vivenciado diretamente e em outras ocasiões no discurso) marcando um posicionamento geracional.

Neste trabalho nos permitimos perguntar por que hoje parece que alguns grupos para permanecer no que se entende como campo da militância precisam ser o que não eram quando passaram a ser reconhecidos como voz pública/política (ex.: ser cada vez mais profissionais, saber escrever projeto de captação de recursos, ter CNPJ, ser ONG, ser intermediadores da relação entre Estado e sociedade civil, responder no tempo do outro a demandas de formação, participação em conferências, conselhos, palestras, oficinas, etc.). Será que aquilo que parece necessário para se constituir enquanto ação pública legítima nesse cenário necessariamente coincide com o que se quer e se busca enquanto horizonte para a ação coletiva? Parece-nos que não...

A ação política e suas possíveis consequências a nosso ver não são inerentes nem ao Hip Hop nem a qualquer outro campo discursivo de disputa ou estratégia de visibilidade. A ação política depende do estabelecimento de conflitos, disputas, dissensos na esfera pública, cujo desenvolvimento não é consequência direta da entrada em um determinado campo de ação ou do emprego de determinada estratégia de visibilidade, como é possível observar através das análises dos dados desta pesquisa.

As análises produzidas nesta pesquisa nos levam a pensar que as militâncias contemporâneas têm sido alvo da gestão e da regulação da política muitas vezes expressa através da consolidação do paradigma técnico-profissional enquanto prescrição para a atuação na esfera pública de disputa (Prado, Machado e Carmona, 2009) como se ele garantisse o exercício da política. As prescrições as quais jovens negras têm sido submetidas no atual contexto acerca das formas de participação legítimas e dos caminhos para a mudança social (participação via intervenção lançando mão de linguagens culturais, participação via ocupação de espaço, participação via negociação com o outro e formação do outro, participação via institucionalização, participação via profissionalização) precisam ser lidas não apenas como oportunidades, protagonismo ou inovações, mas também como formas de contenção da política que incidem em ações que podem representar alguma ameaça à ordem social. Quando a entrada no campo de legitimação alheio, ou seja, a adesão às suas formas e linguagens tem sido disseminada como condição necessária para o exercício da política, consideramos que há mais

distorções na esfera pública do que de fato seria a política que possibilidades de dissenso e disputa de projetos de sociedade (Rancière, 1996). As possibilidades de atuação política feminista negra nos parecem muito mais visíveis quando se aparece publicamente fora do lugar esperado que quando a inserção na esfera pública se estabelece a partir do lugar que ela "tem que ser".

Nossas interlocutoras, inseridas em um cenário marcado por forte atuação de mecanismos de regulação da ação coletiva (Rancière, 1996), não nos parecem, no entanto, alheias a esse processo. Suas idas e vindas diante de todas as formas de atuar desenvolvidas nos dão sinais de que o grupo se (re)organiza estrategicamente diante tanto de vivências de enquadramentos, quanto de tensões e conflitos.

Os lugares que vão sendo ocupados pelo Hip Hop na trajetória das Negras Ativas ajudam a entender melhor esse movimento de se reposicionar em resposta às dinâmicas desse cenário e suas oportunidades e dificultadores. Em alguns momentos o Hip Hop ocupa segundo plano ou aparece mais no discurso que na prática coletiva, como resultado de estratégias de ocupação de espaços e do estabelecimento de outros enfrentamentos. Mas há momentos em que o Hip Hop aparece como coadjuvante como efeito da regulação da política na experiência de jovens negras em contextos em que a legitimação da ação é construída em torno daqueles que traduzimos como "modos adultos de atuar". Ao ser mobilizado enquanto campo discursivo de disputa e estratégia de visibilidade o Hip Hop se destaca como elemento que serve à publicização de tensões (que colocam em questão as categorias gênero, raça, classe social e geração como marcadoras de desigualdades) que podem se desdobrar (e em algumas circunstâncias se desdobram) em conflitos. Estando mais ou menos visível, mais ou menos "enfraquecido", o Hip Hop não tem sido abandonado na trajetória do grupo, mas é alvo dos deslocamentos da ação coletiva e também os reflete em alguma medida. Os lugares ocupados pelo Hip Hop nos processos de participação das jovens negras interlocutoras nesta pesquisa acompanham também o movimento de reflexividade que o grupo estabelece em seu percurso de atuação, elemento importante para a ação política.

Assim, as análises e interlocuções realizadas neste trabalho de pesquisa nos levam a considerar que o Hip Hop é expressão da ação política feminista negra e jovem quando as tensões e conflitos a ele relacionados possibilitam em alguma medida a emergência na cena pública de algo que escape às regulações que incidem sobre a ação coletiva. Quando, por exemplo, o Hip Hop enquanto estratégia de visibilidade serve à

interpelação e ao reposicionamento das jovens em relação a um ordenamento que as coloca no lugar de coadjuvantes da Cultura Hip Hop identificamos que há uma expressão da ação política feminista negra, que pode se direcionar ao dissenso se almejar outra ordenação desse campo. Quando nossas interlocutoras se apropriam do Hip Hop para dizer e vivê-lo como sendo "das minas" elas estão, a nosso ver, vivenciando uma possibilidade de nesse campo de disputa escapar de processos que segundo Rancière (1996) vão servir à distribuição de lugares e funções, neste caso para homens e mulheres hip hoppers. Ao explicitarem na esfera pública o conflito de gênero, emerge a possibilidade daquilo que era ouvido como ruído ser transformado em discurso (Rancière, 1996), e de atualização do Feminismo Negro na trajetória de jovens negras hip hoppers. A mobilização de jovens negras e hip hoppers através de projetos e campanhas de popularização do Feminismo Negro utilizando elementos do Hip Hop também pode ampliar as possibilidades de emergência de novos conflitos e disputas na esfera pública:

> Desde os estudos da ação coletiva, o espaço público tem sido compreendido tradicionalmente como o cenário no qual têm lugar as disputas pela legitimidade das demandas coletivas. Mas o que sucede no espaço público tem una conexão direta com os espaços da privacidade, com os interesses privados e com a agregação destes interesses em redes de sociabilidade que conectam diversas individualidades (Tejerina, 2005, p.67, tradução nossa).

Embora não represente em si a garantia de conflito, disputa ou dissenso, acreditamos que a criação de espaços de agregação de interesses em redes de sociabilidade, como os projetos e campanhas de popularização do Feminismo Negro, é também uma importante contribuição que nossas interlocutoras e outras jovens negras trazem ao campo de disputa do Feminismo Negro. Essas campanhas e projetos desenvolvidos pelas jovens ampliam as possibilidades de agregar novas militantes para a atuação coletiva. A participação nesses espaços torna-se uma oportunidade para desnaturalizar hierarquias sociais de gênero, raça, classe social e geração e para discutir estratégias individuais e coletivas que contribuam para a reconfiguração de relações de subordinação em relações passíveis de transformação (Prado, 2002).

Nota-se com a experiência do grupo interlocutor nesta pesquisa que, pela dinamicidade do jogo político, é impossível evitar tentativas de controle e regulação da ação coletiva. Quando discutimos neste trabalho oportunidades e dificultadores para a emergência na esfera pública de disputa de ações políticas do Feminismo Negro através

do Hip Hop, buscamos não olhar os dificultadores como bloqueios que de antemão estabelecem um ponto final na possibilidade de rearranjos para o exercício da política, anulando as ações coletivas empreendidas. Assim como nenhum campo de atuação ou estratégia de visibilidade carrega em si a política, dificultadores e oportunidades só podem ser pensados de forma contextualizada, em relação a dinâmicas de um cenário político e a como nele os atores se movem. O que para um ator social em um determinado momento ou campo de atuação pode significar uma oportunidade, em outro campo, momento político ou para outro ator pode representar um dificultador para a atuação política, a depender das dinâmicas que se estabelecem em cada situação e em que medida elas sinalizam e possibilitam regulações e interpelações. Nossa tentativa de analisar onde se localiza a ação política nas ambiguidades vivenciadas, entre rupturas e continuidades, entre transgressões e enquadramentos, em relação a um contexto em que oportunidades e dificultadores também não estão dados *a priori* representa uma busca de compreender o processo político fora de uma lógica dicotômica, entendendo que "é justamente nesse *entre* que acontece o que interessa" (Tommasi, 2011, p. 2). Nosso intuito, assim, ao nos perguntarmos sobre regulações da ação coletiva das jovens negras ligadas ao Hip Hop e sobre o que delas escapa como ação política feminista negra, foi assumir essa discussão "como uma questão instrumental para os fazeres da própria política, devendo ser evocada como um dilema ético que interpele os riscos da democracia". Consideramos que o dilema ético que buscamos abordar neste trabalho a partir da experiência das Negras Ativas deve ser interpelador tanto nos campos de atuação política quanto nos estudos que se direcionam a entendê-la "toda vez que a opacidade das fronteiras se tornar um impedimento para a radicalização democrática" (Prado, Machado e Carmona, 2009, p. 160).

Assim, pensar, a partir da evocação desse dilema ético, sobre possibilidades para a ação política depende de analisarmos cada experiência em relação ao cenário de atuação mais amplo no qual ela se insere, buscando compreender esse cenário em termos de oportunidades e dificultadores e identificando também como os atores estudados estabelecem suas ações desenvolvendo estratégias que lhes permitam desviar daquilo que impede a radicalização da democracia. Como as regulações são também respostas à ação coletiva e aos riscos de interpelação da ordem social vigente que ela pode anunciar, o controle sempre será passível de ser vivenciado (Pallamin, 2010). O que se coloca necessário, a nosso ver, para a garantia de fronteiras e ações políticas na

trajetória de jovens negras organizadas no/através do Hip Hop é a possibilidade de elas identificarem essas regulações e se reposicionarem diante delas de forma que sua ação, ancorada nesse dilema ético, tensione o ordenamento que essas regulações instauram e possa se direcionar a um horizonte de outra sociedade possível as mantendo em posição combativa na esfera pública de disputa. Outra sociedade possível parece-nos que emerge enquanto horizonte da ação política quando se pode ir além do campo de legitimidade estabelecido pelo *outro,* ainda que esse "ir além" signifique disputar os lugares hegemonicamente por ele ocupados. Sobre a ocupação de espaços e em que medida ela representa uma possibilidade de dissenso, consideramos que a pergunta que pode ser acionada para disparar o dilema ético é se o que desejamos ocupar é apenas o que nos é estabelecido como passível de disputa. O "ir além" neste caso parece estar mais no movimento de desconfiar e ultrapassar fronteiras do socialmente ordenado que na invenção de algo novo que não represente uma interpelação do estado de coisas vigente. Consideramos que esse tipo de questão pode dar indícios de quando nos encontros entre Hip Hop e participação de jovens negras é possível falar em ação política feminista negra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


Adrião, Karla Galvão; Méllo, Ricardo Pimentel. (2009). As jovens feministas: sujeitos políticos que entrelaçam questões de gênero e geração? *XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social.* Maceió. Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social.

Abramo, Helena; Venturi, Gustavo. (2000). Juventude, política e cultura. *Teoria e Debate*, 45.

Alvarez, E. Sonia; Dagnino, Evelina; Escobar, Arturo. (2000). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Anzaldúa, Gloria. (2009) Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF*. *Dossiê: difusão da língua portuguesa*. 39, pp. 297-309.

Augusto, Nuno Miguel. (2008). A juventude e a(s) política(s): desinstitucionalização e individualização. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 81, pp. 155-177.

Bairros, Luiza. (1995). Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*. (02), pp.458-463.

Bairros, Luiza. (2000). Lembrando Lélia Gonzalez. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro, Criola/Pallas.

Benhabib, Seylla; Cornell, Drucilla. (1987). Além da política de gênero. *Feminismo como crítica da modernidade*, pp.7-22. Trad. Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Blee, Kathleen M.; Taylor, Verta. (2002). Semi-structured interviewing in social movement research. *Methods of Social Movement Research. Minneapolis*: University of Minnesota Press.

Bourdieu, Pierre. (1983). A "juventude" é apenas uma palavra. *In: Bourdieu, Pierre. Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, pp. 112-121.

Butler, Judith. (1998). Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu,* (11), pp. 11-42. Trad. Pedro Soares

Butler, Judith. (2008). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, pp. 17-60. 2ª ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cardoso, Marcos Antônio. (2001). O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998. Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de mestrado, 227 p.

Carneiro, Sueli. (2001). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero*. Durban.

Castro, Lucia Rabello. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, 16 (30), pp. 253-268. Curitiba.

Castro, Mary Garcia. (1992). Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos: gênero, raça e geração entre líderes do sindicato de trabalhadores domésticos em Salvador. *Estudos Feministas*, (0), pp. 57-73. Rio de Janeiro.

Castro, Mary Garcia. (2002) O que dizem as pesquisas da UNESCO sobre juventudes no Brasil: leituras singulares. *Novaes, Porto e Henriques (orgs.). Juventude, cultura e cidadania*. Rio de Janeiro, ISER.

Castro, Mary Garcia; Abramovay, Miriam. (2002). Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/com/para juventudes. *Revista Brasileira de Estudos de População* (19) 2.

Castro, Mary Garcia. (2004). Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. *Novaes, Regina e Vannuchi, Paulo (orgs.). Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto de Cidadania e Ed Perseu Abramo, pp. 275-303.

Castro, Mary Garcia; Abramovay, Miriam. (2009). Quebrando Mitos: juventude, participação e políticas. 1ª ed. Brasília: RITLA/CONJUVE. (1). 298 p.

Castro, Mary Garcia; Vasconcelos, Augusto. (2009). Juventudes e participação política na contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. *Abramovay, Miriam; Andrade, Eliane Ribeiro; Esteves, Luiz Carlos Gil (orgs.). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.* 1ª ed. Brasília, DF: MEC/SECAD. Coleção Educação para todos. (1), pp. 81-118.

Costa, Frederico Alves. (2010). Democratização social e pluralidade de sujeitos políticos: uma leitura a partir da Teoria Democrática Radical e Plural.

Dissertação de mestrado. 193 p.

Cruz, Luz; Gómez-Ramíres, Oralia. (2008). Las jóvenes y el feminismo: indiferencia o compromiso? *Estudos Feministas*. 16 (2) pp. 308-408. Florianópolis.

Dayrell, Juarez. (2001). A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. 409 p.

Dayrell, Juarez. (2002). O Rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*. 28 (1), pp. 117-136. São Paulo.

Donato, Cássia Reis e Prado; Marco Aurélio Máximo. (2006). A Participação Política de Jovens Negras em Belo Horizonte: Estudo sobre a Organização de Mulheres Negras Ativas. Relatório de pesquisa. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 30 p.

Fonseca, Laura; Araújo, Helena C.; Magalhães, Maria José (2001). Interrogando as metodologias qualitativas na sua contribuição para o campo educativo e de estudos sobre as mulheres. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. *Anais do Seminário Internacional Coeducar para uma Sociedade Inclusiva*. Lisboa: CDIM, pp. 133-147.

Fraser, Nancy. (1997). ¿De la redistribución al reconocimiento? Dilemas em torno a la justicia em una época "postsocialista". *Justicia interrupta: Reflexiones críticas desde la posición "postsocialista"*. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de los Andes, pp. 17-54.

Geremias, Luiz. (2006). A fúria negra ressuscita: as raízes subjetivas do hip hop brasileiro. Dissertação de mestrado. 156 p.

Geertz, Clifford. (1989). Interpretation of cultures. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 471 p.

Guimarães, Antônio Sérgio Augusto. (2005). Definindo o Racismo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Ed. 34.

hooks, bell. (1995). Intelectuais negras. *Estudos Feministas* (3) 2, pp. 464-478.

hooks, bell. (2008). Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Revista de Estudos Feministas*, 16 (3), pp. 857-864.

Haraway, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), pp. 07-41.

Laclau, Ernesto; Mouffe, Chantal. (1987). Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia. Madrid: Siglo XXI. 326 p.

Mayorga, Claudia; Magalhães, Manuela de Souza; Patrício, Claudio Junio; Cruz, Daniel Antonio Gomes; Alves, Suellen Guimarães. (2008). O cultural e o político no coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, (3), pp. 96-109.

Mayorga, Claudia; Prado, Marco Aurélio Máximo. (2010). Democracia, instituições e a articulação de categorias sociais. *Universidade Cindida, Universidade em Conexão*. pp. 46-70. Belo Horizonte. Editora UFMG.

Matsunaga, Priscila Saemi. (2006). Mulheres no hip hop: identidades e representações. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. 195 p.

Matsunaga, Priscila Saemi. (2008). As representações sociais da mulher no movimento hip hop. *Psicologia e Sociedade*. 20 (1), pp. 108-116.

McAdam, Doug; Tarrow, Sidney; Tilly, Charles. (2009). Para mapear o confronto político. *Lua Nova*, pp. 11-48.

Melucci, Alberto. (2001). A invenção do presente. Rio de Janeiro: Vozes. 199 p.

Mendes, José Manuel de Oliveira. (2003). Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas. Universidade de Coimbra, pp. 1-27.

Menezes, Jaileila e Costa, Mônica. (2009). Os territórios de ação política de jovens do Movimento Hip-Hop. *Revista em Pauta*. 24 (6), pp. 119-215.

Menezes, Jaileila e Costa, Mônica (2010). Desafio para a pesquisa: o campo-tema movimento hip hop. *Psicologia e Sociedade*. 22 (3), pp. 457-465.

Minayo, Maria Cecilia; Boghossioan, Cynthia Ozon. (2009). Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde e Sociedade*, 18 (3), pp. 411-423. São Paulo.

Mouffe, Chantal. (1999). Feminismo, cidadania e política democrática radical. *Debate Feminista*, pp. 29-47. Trad. Hortensia Moreno. São Paulo, México.

Mouffe, Chantal. (1999) El retorno de lo político. Barcelona: Paidós, 208 p.

Mouffe, Chantal. (2003). Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Política e Sociedade*, 1 (3), pp. 11-26, Trad. Kelly Prudencio, Florianópolis.

Neves, Sofia; Nogueira, Conceição. (2005). Metodologias Feministas: a reflexividade a serviço da investigação nas Ciências Sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (3), pp. 408-412.

Novaes, Regina. (2000). Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. *Juventude em Debate*, pp. 46-69. São Paulo: Cortez.

Novaes, Regina. (2001). Hip Hop: o que há de novo? *Proposta – Revista Trimestral de Debate da FASE – Novas ONGs, novos desafios*. Rio de Janeiro: FASE. Ano 30, pp. 66-83.

Oliveira, Roberto Cardoso. (2000). O trabalho do antropólogo. São Paulo, Editora UNESP/ Brasília, 220 p.

Paulino, Mariana Paulino; Lima, Rafaella. (2005). Guia Jovem de Cultura e Cidadania. Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária, 155p.

Pallamin, Vera. (2010). Aspectos da relação entre o estético e o político em Jacques Rancière. *Risco*, 12, pp. 6-16.

Papa, Fernanda C. (2009) Forito: Jovens feministas presentes. *Papa, Fernanda de Carvalho e Souza, Raquel (orgs.).* São Paulo: Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 144 p.

Pedro, Joana Maria. (2005). Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. *História Unisinos*, ( 9) 3, pp. 170-176. São Leopoldo/RS.

Pinto, Celi. (1992). Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. *Uma Questão de Gênero*, pp. 127-150. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Política Nacional de Juventude. *Presidência da República Federativa do Brasil*. http://www.planalto.gov.br/secgeral/frame_juventude.htm Acessado em 06/02/2011.

Pontes, João Paulo. (2011). Se pá, não era!: Relações geracionais e adultocentrismo. *Revista Todavia*, (3), pp. 53-73.

Prado, Marco Aurélio. (2002). Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. *Psicologia em Revista*. 8(11), pp. 59-71. Belo Horizonte.

Prado, Marco Aurélio Máximo; Costa, Frederico Alves. (2009). A raridade da política e a democracia: os movimentos sociais entre sujeitos e identidades. *Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos*. 1ª ed. Maceió: ABRAPSO. (1), pp. 71-82.

Prado, Marco. Aurélio Máximo; Machado, Frederico Viana; Carmona, Andrea. (2009). Luta pela formalização e tradução da igualdade nas fronteiras indefinidas do estado contemporâneo: radicalização e/ou neutralização do conflito democrático? *Interface: a journal for and about social movements*, (1), pp. 134-165

Rancière, Jacques. (1996). O desentendimento. Política e filosofia. Ed. 43. São Paulo, 138 p.

Rancière, Jacques. (2012). Hablar de crisis de la sociedad es culpar sus victimas. *Público*. http://www.publico.es/culturas/416926/hablar-de-crisis-de-la-sociedad-es-culpar-a-sus-victimas. Acessado em: 23/01/2012.

Reboredo, Lucília Augusta. (1992). Da serialidade à institucionalização: um estudo do movimento de um grupo que se afirma e se nega na (des)construção do ser favelado. Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP.

Rede Jovem de Cidadania. (2006). Juventude de atitude: machismo não é estilo de vida. *Boletim Informativo da Rede Jovem de Cidadania*. 3 (28). Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária.

Ribeiro, Matilde. (1995). Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Bejing. *Revista de Estudos Feministas*. 3 (2), pp. 446-456. Rio de Janeiro.

Ribeiro, Matilde. (2006). O feminismo em novas rotas e visões. *Revista de Estudos Feministas*. 14 (3), pp. 801-811. Florianópolis.

Ribeiro, Matilde. (2008). Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Revista de Estudos Feministas*. 16 (3), pp. 987-1004. Florianópolis.

Roland, Edna. (2000). O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e

perspectivas. *Guimarães, Antonio Sérgio; Huntley, Lynn (orgs.). Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, pp. 237-256.

Rodrigues, Cristiano Santos (2006). As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da constituição da identidade coletiva do Movimento de Mulheres Negras. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 242 p.

Said, Camila do Carmo. (2007). Minas da rima: jovens mulheres no movimento hip hop de Belo Horizonte. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 241 p.

Santos, Boaventura de Souza. (2001). A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência. São. Paulo: Editora Cortez, 415 p.

Santos, Boaventura de Souza. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, pp. 237-280.

Santos, Boaventura de Souza. (2006). A construção cultural da igualdade e da diferença. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*, 4, pp. 279-316. São Paulo: Editora Cortez.

Sousa, Janice Tirelli Ponte. (1999). Reinvenções da utopia: a militância política de jovens dos anos 90. São Paulo: Hacker Editores.

Sousa, Janice Tirelli Ponte. (2002). Insurgências Juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. Cadernos de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. (32), pp. 1-33. Florianópolis.

Souza, Jessé. (2003). A construção social da subcidadania. *Para uma sociologia da modernidade periférica*. Belo Horizonte: UFMG, 212 p.

Spink, Mary Jane Paris; Menegon, Vera M. (2004). A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, pp. 63-92, 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez.

Sposito, Marília Pontes. (1993). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP. S. Paulo*, 5(1-2), pp. 161-

178 (editado em nov. 1994)

Sposito, Marília Pontes; Silva, Hamilton Harley de Carvalho; Souza, Nilson Alves. (2006). Um balanço preliminar das iniciativas públicas voltadas para os jovens em municípios de regiões metropolitanas. *Revista Brasileira de Educação*, (11)32, pp. 238-257.

Tejerina, Benjamin. (2005). Movimientos sociales, espacio público y ciudadanía. *Revista Crítica de Ciências Sociais,* pp. 67-97.

Tommasi, Livia. (2004). Um olhar sobre as experiências de políticas públicas de juventude na América Latina. *Revista Brasileira de Educação*, (25), pp. 177-182.

Tommasi, Livia. (2006). Abordagens e práticas de trabalho com jovens das ONGs brasileiras. *Revista de Estudios sobre Juventud.* (22), pp. 58-79. México.

Tommasi, Livia. (2010). Juventude em pauta: a juventude como campo de intervenção social. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal Fluminense, 20 p.

Tommasi, Livia; Bezerra, Marlos Alves. (2010) Arte do contornamento: trajetórias de jovens da periferia de Natal/RN. *Anais do 34º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, pp. 1- 28.

Tommasi, Livia. (2011). Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. *XXVIIII Congresso Internacional da Associação Latinoamericana de Sociologia*. *Fronteiras abertas da America Latina,* pp. 1-20. Recife.

Weller, Wivian. (2005) A presença feminina nas (sub)culturas juvenis. *Estudos Feministas*. 13 (1), pp. 107-126. Florianópolis.

Weller, Wivian; Pfapp, Nicolle. (2010). Metodologias de pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 336 p.

Werneck, Jurema. (2005). Algunas consideraciones sobre racismo, sexismo y la tecnología eugénica. *Un Mundo Patentado?: La privatización de la vida y el conocimiento.* 1ª ed. Córdoba: Fundación Via Libre, pp. 197-204.

Werneck, Jurema. (2009). Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas, 90 p.

Zanetti, Julia; Sacramento, Monica. (2009). Jovens negras: ressignificando pertencimentos, construindo práticas. *Mulheres Negras: Um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil*. pp. 24-37.

## ANEXO I

| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| 2 | | | 2004/ 2005 | A Teimosia nos Ensinou a Resistir | Fanzine | Sensibilização / Mobilização / Denúncia / Reivindicação | Organização de Mulheres Negras Ativas | Primeiro fanzine elaborado e divulgado pelas integrantes da Organização de Mulheres Negras Ativas. Organizado como boletim trimestral, contém as seguintes informações: História da organização, texto sobre a lei 10.639/2003, texto sobre o Fórum Social Mundial de jan/2005, texto sobre a situação das mulheres negras no que diz respeito ao acesso a direitos e experiências de resistência, poesias, imagens ligadas às temáticas abordadas no zine, página de agradecimentos a parcerias estabelecidas no ano de 2004. |
| 3 | 12 | 11 | 2005 | O Desafio de ser Mulher, Negra, Jovem – Resgatando a História Rumo ao Empoderamento – | Convite / Programação | Divulgação/ Mobilização | Prefeitura de Belo Horizonte | Divulga a roda de conversas realizada no Centro Cultural do Alto Vera Cruz/BH, no âmbito do Projeto Fala Mulher, desenvolvido pela Coordenadoria Municipal dos Direitos da Mulher da Secretaria Municipal Adjunta de Trabalho e Direitos de Cidadania (SMATDC) de Belo Horizonte. Contou também com o apoio da Coordenadoria Municipal para |

[129] Apresentamos aqui alguns trechos do catálogo de documentos elaborado. Optamos neste recorte por mantermos a sequencia numérica do catálogo completo, que ao todo contém 199 documentos catalogados, para que se possa acompanhar a ordem de elaboração/publicação desses documentos.

| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | Roda de Mulheres Negras Ativas | | | | Assuntos da Comunidade Negra. |
| 5 | | 01 | 2005 | Um Recado pras Irmãs e pros Irmãos – Vamos nos Organizar para o II Encontro Nacional de Hip Hop | Texto | Sensibilização / Mobilização | Organizações de Mulheres Negras Brasileiras | Exemplar dos textos elaborados para serem distribuídos em espaços públicos, que associam as temáticas juventude, raça/etnia, gênero e classe social com questões políticas consideradas relevantes pelas integrantes da organização no contexto em que foram produzidos.<br>Contém os contatos da organização e as seguintes temáticas: Divulgação, convite à participação e explicação sobre o Fórum Social Mundial de 2005 e sobre o II Encontro Nacional de Hip Hop, ocorrido no âmbito desse fórum. Fala da importância de uma organização do Hip Hop no estado de Minas Gerais para que "a capital e o interior cheguem juntos" nesse encontro, considerado importante para a "melhor organização da Cultura Hip Hop". |
| 6 | | 06 | 2005 | Um Recado das Minas – Na Luta por Espaços Verdadeiros de Participação | Texto | Sensibilização / Mobilização | Organizações de Mulheres Negras Brasileiras | Contém os contatos da organização e as seguintes temáticas: a) Balanço do momento político no qual foi elaborado o recado: "Conseguimos (...) eleger um governo de esquerda e através dele consolidar nossas reivindicações e demandas no que diz respeito à promoção da igualdade racial e à implementação de políticas afirmativas. A luta histórica do/as negros/as brasileiros/as tem avançado e alcançado novas |

| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | | | | | dimensões e visibilidade. Vivemos hoje um momento ímpar em nossa organização, o governo brasileiro reconhece a dívida histórica que o país tem com o povo afro-brasileiro e através de nossa mobilização temos conquistado novos espaços de participação e construção de políticas públicas". b) Apresentação da organização: "Negras Ativas é uma organização de mulheres negras periféricas e faveladas que acredita na participação como instrumento de construção da democracia e eliminação de todas as formas de opressão." c) Afirmação de que "Por isso, estamos presentes na 1ª Conferência de Promoção da Igualdade Racial propondo aos movimentos que se mobilizem ainda mais para garantirmos verdadeiramente e de fato a acessibilidade aos espaços de discussão e participação política." d) Explicitação de seu posicionamento em relação à referida conjuntura: "Enquanto movimento social acreditamos que mais que nunca devemos pressionar os governos para que caminhem de acordo com o projeto político construído com/pelo/para o povo negro." |
| 33 | | | 2006 | Recado das Minas – Participar para Transformar | Texto | Sensibilização / Mobilização | Organizações de Mulheres Negras Brasileiras | Contém os contatos da organização e as seguintes temáticas: a) Leitura do grupo sobre a realidade da juventude em um "cenário de avanço de políticas neoliberais e redução das perspectivas": "faz com que muitas vezes passemos a sonhar com aquilo que deveria ser nosso por direito, por exemplo, ter um emprego, grana pra passagem, acesso ao teatro, um bom |

| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | | | | | serviço de saúde, educação, moradia, respeito, diversidade, alimentação... e por aí vai!!!" b) Afirmação de que "por isso participar das decisões políticas da cidade tem a ver com a juventude e pode contribuir para a realização daquilo que desejamos e precisamos para o exercício da nossa cidadania! O Conselho Municipal de Juventude (CMJ) é esse espaço para discussão e formulação de políticas públicas de/com/para as juventudes da cidade e está em processo de reconstrução." c) Apresentação da organização e convite para a participação no conselho: "Negras Ativas é uma organização que busca o empoderamento das mulheres negras jovens e acredita na participação como instrumento de construção da democracia e eliminação de todas as formas de opressão. Por isso estamos participando efetivamente do processo de reconstrução do CMJ. Venha fazer parte dessa história!" |
| 36 | | | 2006 | Projeto Hip Hop das Minas 2006 | Projeto | Formação / Mobilização / Articulação / Sustentabilidade | Organização de Mulheres Negras Ativas | Sistematização do projeto que teve como objetivo "Criar espaços/tempos de formação, reflexão e debate sobre sexualidade, afetividade, relações de gênero, direitos sexuais reprodutivos, negritude, feminismo, direitos humanos e participação das mulheres dentro da Cultura Hip Hop para favorecer o empoderamento das jovens dentro e fora do movimento.<br>Estabelecimento de uma rede de apoio, sustentação e criação |

| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | | | | | de oportunidades de/com/para as mulheres dentro e fora da Cultua Hip Hop.” |
| 104 | 08 a 13 | 04 | 2009 | Processo de Desenvolvimento Institucional – Etapa II – Planejamento Estratégico e Plano Operacional – Relatório de Consultoria e Relatório Final | Relatórios | Devolução / Memória | Observatório Negro e Organização de Mulheres Negras Ativas | Duas versões complementares:<br>a) Relatório realizado pelas Negras Ativas contendo informações sobre a II etapa do processo de Desenvolvimento Institucional da Organização de Mulheres Negras Ativas, composta por Planejamento Estratégico, elaboração de Plano Operacional e Intercâmbio com organizações afins (Loucas de Pedra Lilás, SOS Corpo, Mulheres do Observatório Negro, participantes da Cultura Hip Hop de Recife).<br>b) Relatório de consultoria realizado pela moderadora do processo, integrante da organização pernambucana Observatório Negro, em interlocução com as Negras Ativas, contendo informações sobre a II etapa do processo de Desenvolvimento Institucional da Organização de Mulheres Negras Ativas, composta por Planejamento Estratégico, elaboração de Plano Operacional e Intercâmbio com organizações afins (Loucas de Pedra Lilás, SOS Corpo, Mulheres do Observatório Negro, participantes da Cultura Hip Hop de Recife).<br>. |
| 108 | | 06 | 2009 | Projeto Rosas Negras - Fundo | Formulário | Planejamento / Captação de | Organização de Mulheres Negras | Duas versões do formulário preenchido para submissão do Projeto Rosas Negras ao Edital do Fundo Social Elas. “(...) o |

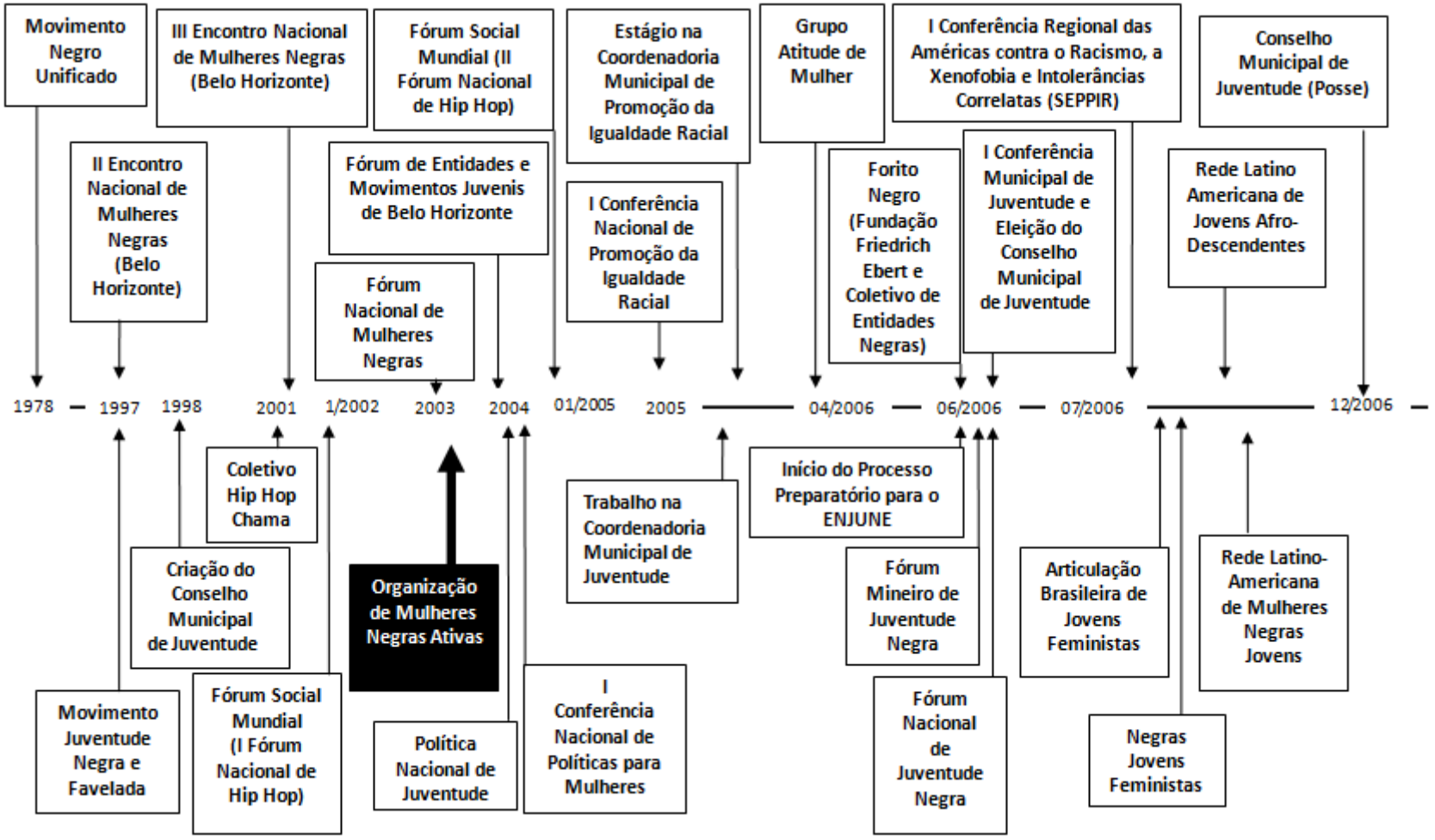
| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | Elas - XI Concurso - Direitos Humanos e Cidadania das Mulheres Jovens - Formulário | | Recursos | Ativas | Projeto Rosas Negras realizará um processo coletivo de formação de mulheres jovens a partir de espaços político-culturais de dialogo e partilha entre as negras jovens e as feministas de outras gerações. Tecendo uma rede de cooperação entre estas mulheres e destas com outras instituições, constituindo-se como uma campanha de visibilização e popularização do feminismo negro em Belo Horizonte e Região Metropolitana. O corpo desta campanha se desenhará a partir da elaboração e difusão de um kit de materiais que apresenta o Feminismo Negro na perspectiva das mulheres jovens. O kit será composto por um cd com músicas produzidas por mulheres negras jovens da organização Negras Minas e grupos parceiros, dando seqüência a um processo de formação iniciado anteriormente com o projeto Hip Hop das Minas (...)". |
| 111 | 17 | 07 | 2009 | Reunião de Trabalho | Relatório de Atividades | Memória / Regulação Interna | Organização de Mulheres Negras Ativas | Registro da reunião de trabalho que contou com a participação de três integrantes da Organização de Mulheres Negras Ativas e na qual foram discutidos os seguintes pontos de pauta:<br>Participação no I Encontro Hip Hop Mulher.<br>Roda de Conversa e Poesia – Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha (Manter a proposta ou articular com o convite feito pela Marcha Mundial de Mulheres para participação em uma roda de conversa por proposta por essa |

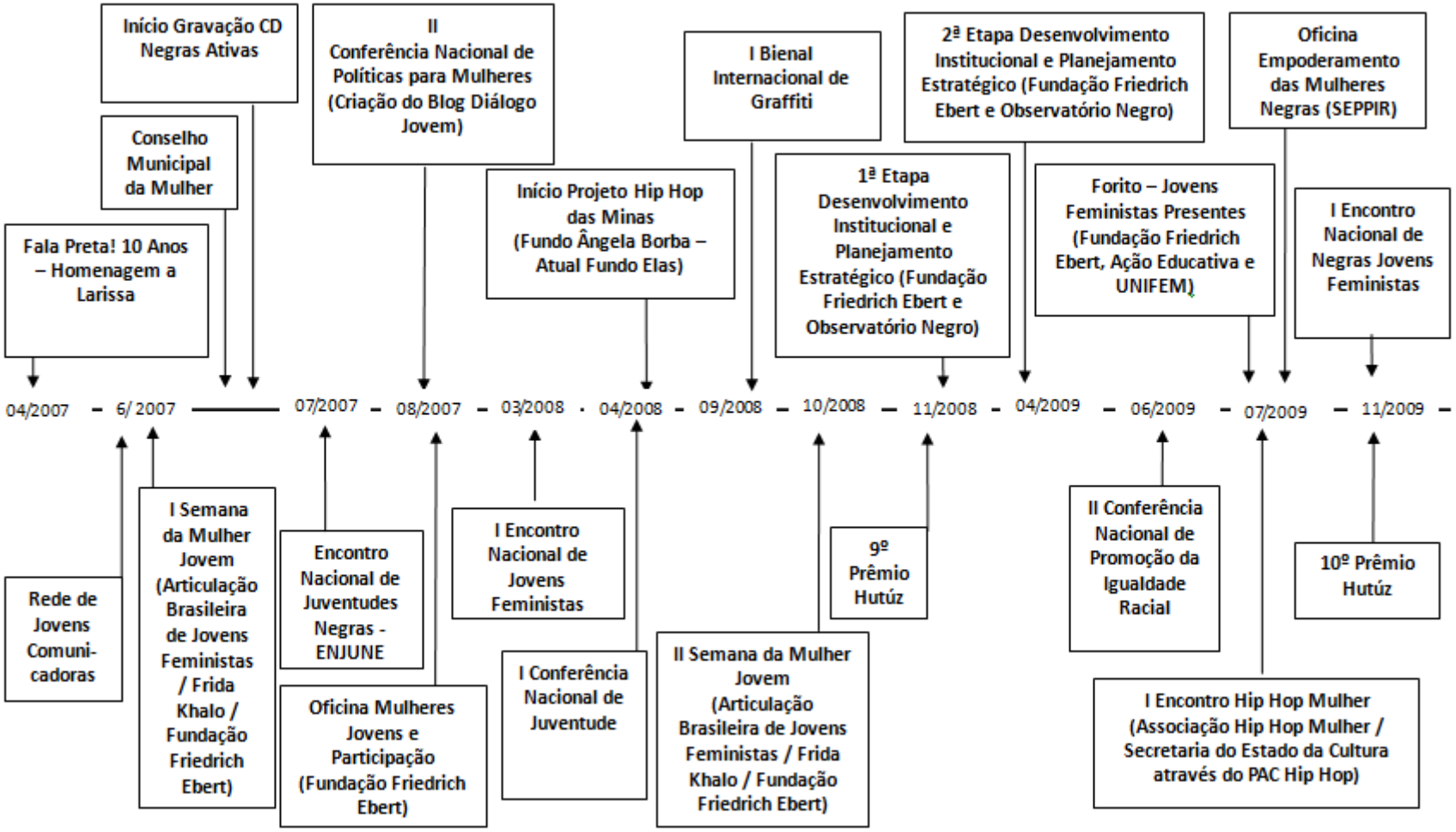
| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | | | | | organização. Optamos por participar da atividade da Marcha e fazer a nossa no mesmo local, posteriormente. Acabamos não realizando a roda de Negras Ativas e participamos da atividade da Marcha, tentando contribuir para garantir nela a discussão das demandas das mulheres negras).<br>Parceria da Organização com o Produtor Cultural.<br>Participação no Hutúz.<br>Necessidade de finalização do Regimento Interno.<br>Projeto Rosas Negras – Primeiros passos para execução.<br>Encaminhamentos para a realização do registro das músicas do grupo de rap.<br>Agendamento da próxima reunião de trabalho com um prazo maior para garantir a presença de todas. |
| 112 | 25 | 07 | 2009 | 25 de Julho de 2009 – Dia Internacional da Mulher Afro-Latino-Americana e Afro-Caribenha | Panfleto e Mala Direta | Sensibilização / Mobilização | Organização de Mulheres Negras Ativas | Panfleto e mala direta contendo a imagens que remetem à África, frases e um pequeno texto divulgando o significado do Dia Internacional da Mulher Afro-Latino-Americana e Afro-Caribenha, definido como marco internacional da luta e da resistência da mulher negra, e as demandas a esse marco relacionadas: "poder, direitos, visibilidade, reconhecimento". |
| 194 | | | | Lágrima Seca | Letra de Música | Expressão Cultural / | Organização de Mulheres Negras | Composição de Larissa Borges. Trata da temática da violência doméstica que afeta mulheres brasileiras. Alguns trechos da |

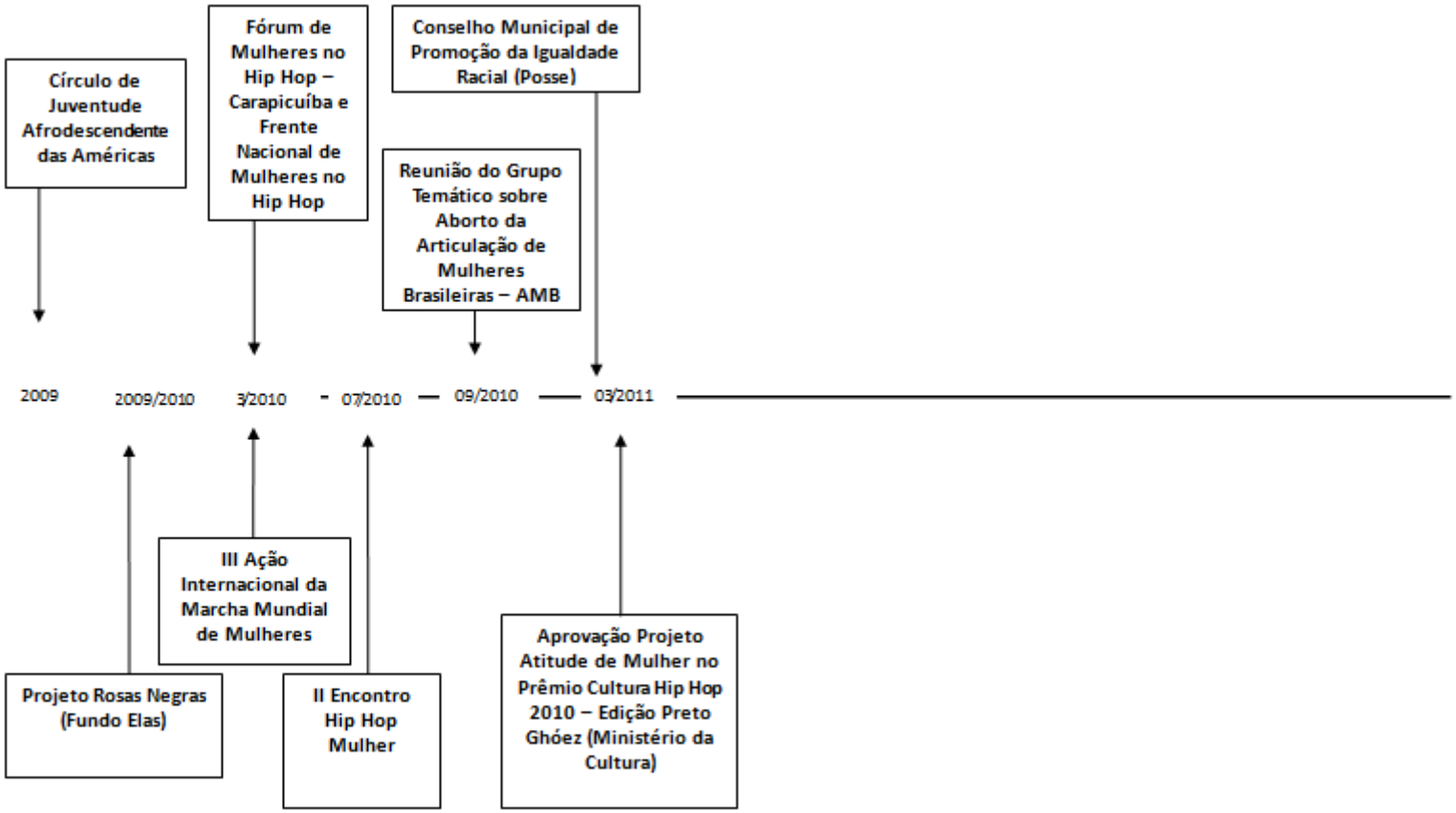
| Trechos[129] do Catálogo de Documentos – Organização de Mulheres Negras Ativas | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Número** | **Data de Elaboração/Publicação** | | | **Título** | **Tipo** | **Função** | **Origem** | **Informações sobre o Conteúdo** |
| | **Dia** | **Mês** | **Ano** | | | | | |
| | | | | | | Sensibilização | Ativas | música: "Na solidão das relações até quando vamos aceitar / dizer que sim e nos deixar subjugar. (...) / Cansei de engolir sapo ninguém vai me segurar / Não é essa relação que vai me realizar / Lágrima seca choro engolido / insegurança e solidão monstro ou marido? / Escrava solitária da família inteira / Trabalha, trabalha, trabalha mulher brasileira. (...) / Depois de ter se dedicado a ele a vida inteira / não fez mais que a obrigação de escrava e parideira." |

## ANEXO II

**Mapeamento do Cenário de Emergência, Articulação e Incidência Pública da Organização de Mulheres Negras Ativas**




Início Gravação CD Negras Ativas
II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres (Criação do Blog Diálogo Jovem)
I Bienal Internacional de Graffiti
2ª Etapa Desenvolvimento Institucional e Planejamento Estratégico (Fundação Friedrich Ebert e Observatório Negro)
Oficina Empoderamento das Mulheres Negras (SEPPIR)
Conselho Municipal da Mulher
Início Projeto Hip Hop das Minas (Fundo Ângela Borba – Atual Fundo Elas)
1ª Etapa Desenvolvimento Institucional e Planejamento Estratégico (Fundação Friedrich Ebert e Observatório Negro)
Forito – Jovens Feministas Presentes (Fundação Friedrich Ebert, Ação Educativa e UNIFEM)
I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas
Fala Preta! 10 Anos – Homenagem a Larissa
04/2007
6/ 2007
07/2007
08/2007
03/2008
04/2008
09/2008
10/2008
11/2008
04/2009
06/2009
07/2009
11/2009
Rede de Jovens Comuni-cadoras
I Semana da Mulher Jovem (Articulação Brasileira de Jovens Feministas / Frida Khalo / Fundação Friedrich Ebert)
Encontro Nacional de Juventudes Negras - ENJUNE
Oficina Mulheres Jovens e Participação (Fundação Friedrich Ebert)
I Encontro Nacional de Jovens Feministas
I Conferência Nacional de Juventude
II Semana da Mulher Jovem (Articulação Brasileira de Jovens Feministas / Frida Khalo / Fundação Friedrich Ebert)
9º Prêmio Hutúz
II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial
I Encontro Hip Hop Mulher (Associação Hip Hop Mulher / Secretaria do Estado da Cultura através do PAC Hip Hop)
10º Prêmio Hutúz


Círculo de Juventude Afrodescendente das Américas
Fórum de Mulheres no Hip Hop – Carapicuíba e Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop
Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (Posse)
Reunião do Grupo Temático sobre Aborto da Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB
2009
2009/2010
3/2010
07/2010
09/2010
03/2011
III Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres
Projeto Rosas Negras (Fundo Elas)
II Encontro Hip Hop Mulher
Aprovação Projeto Atitude de Mulher no Prêmio Cultura Hip Hop 2010 – Edição Preto Ghóez (Ministério da Cultura)

| Mapeamento do Cenário de Emergência, Articulação e Incidência Pública da Organização de Mulheres Negras Ativas<br>Trechos[130] do Quadro Explicativo | | |
|---|---|---|
| **Ano de Entrada de Negras Ativas** | **Espaço/Processo de Articulação** | **Tipo de Incidência** |
| 2001 | **III Encontro Nacional de Mulheres Negras – Belo Horizonte/MG** | Participação das primeiras integrantes da Organização de Mulheres Negras Ativas, antes da criação desta, como representantes das entidades mistas das quais participavam na época. |
| 2001 | **Coletivo Hip Hop Chama** | As integrantes do grupo de rap de Negras Ativas atuaram no Coletivo Hip Hop Chama desde sua formação, em debates, projetos de intervenção, atividades culturais e processos formativos. |
| 2003 | **Criação da Organização de Mulheres Negras Ativas** | Idealizada a partir da articulação de jovens negras atuantes no Movimento Negro Unificado, com o intuito de incidir principalmente no campo do Hip Hop. Foi criada posteriormente à participação das precursoras no grupo Oju Obirin e depois da criação do Grupo de Discussão Feminina – GDF. |
| 2006 | **Articulação Brasileira de Jovens Feministas – ABJF** | A Organização de Mulheres Negras Ativas tem participado diretamente de atividades da ABJF, especialmente de seminários, encontros e espaços de articulação e preparação das jovens para a incidência em conferências e conselhos de juventude e de promoção da igualdade de gênero. Negras Ativas participou através da ABJF da organização e realização do I Encontro Nacional de Jovens Feministas, ocorrido na cidade de Fortaleza/CE em março de 2008 com o objetivo de fortalecimento da agenda política, da articulação e das estratégias de ação das mulheres jovens. Nesse encontro foi elaborada uma carta de princípios para orientar o funcionamento da Articulação Brasileira de Jovens Feministas. As demais participantes endereçaram ao coletivo a demanda de contribuir especialmente com a parte metodológica do encontro. |

[130] Apresentamos aqui alguns trechos da tabela contendo a descrição dos processos/espaços mapeados. A versão completa contém 55 processos/espaços descritos.

| | | |
|---|---|---|
| 2006 | **Negras Jovens Feministas** | Participação direta da Organização de Mulheres Negras Ativas na rede que se articulou na organização e desenvolvimento do I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas em novembro de 2009 e costuma se encontrar nas conferências nacionais de políticas públicas e nos encontros preparatórios das jovens feministas para potencializar a participação nas mesmas. |
| 2006 | **I Conferência Regional das Américas contra o Racismo, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (SEPPIR) – Brasília** | Respondendo a uma convocatória da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) a jovens da América Latina, e respaldadas pelo Forito Negro e pela Rede Latino Americana de jovens Afrodescendentes, Negras Ativas passou a fazer parte do Comitê Internacional que junto com a SEEPIR se responsabilizou pela preparação da Conferência Regional das Américas. Continuou a acompanhar e incidir nos desdobramentos desta Conferência estando, inclusive, presente na II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial nos níveis local, estadual e nacional. |
| 2006 | **Conselho Municipal de Juventude** | Posse do conselho que teve uma integrante de Negras Ativas como conselheira setorial de promoção da igualdade racial, eleita na I Conferência Municipal de Juventude de Belo Horizonte realizada em 2006. |
| 2007 | **I Semana da Mulher Jovem (Articulação Brasileira de Jovens Feministas / Frida Kahlo / Fundação Friedrich Ebert) – São Paulo/SP** | A Organização de Mulheres Negras Ativas foi convidada a enviar uma representante para a participação nesse processo. Dele resultou a elaboração de uma cartilha formativa direcionada a jovens sobre questões relacionadas ao feminismo. Houve um momento de diálogo intergeracional com feministas históricas de diferentes campos de atuação (igualdade étnico racial, diversidade sexual, etc.) Além disso, foram feitas avaliações de conjuntura política, especialmente do processo preparação para a II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. Avaliou-se que poucas jovens conseguiram sair como delegadas nos processos municipal e estadual (Negras Ativas, por exemplo, entrou no processo regional e não conseguiu se inserir na delegação nacional). Diante disso, formulou-se a estratégia de tentativa de incidência no processo através de um "grupo de jovens comunicadoras" que fariam a transmissão de informações sobre o processo para aquelas que não saíram como delegadas através de um blog (Diálogo Jovem) e fariam a comunicação estratégica entre as delegadas jovens de forma a favorecer a efetivação de estratégias coletivas para a aprovação de suas demandas no processo de aprovação das propostas para o Plano Nacional de Políticas para |

| | | |
|---|---|---|
| | | Mulheres. A Organização de Mulheres Negras Ativas contou com uma integrante participando diretamente desse grupo de jovens comunicadoras. |
| 2007 | **Conselho Municipal da Mulher** | Participação direta da Organização de Mulheres Negras Ativas através de duas representantes, conselheiras titular e suplente, durante os anos de 2007 e 2008, ocupando cadeiras destinadas ao setorial juventude. |
| 2007 | **Início Gravação CD Negras Ativas** | No atual momento (final de 2011) o CD encontra-se com a maioria das faixas registradas e em fase de produção final. |
| 2007 | **Encontro Nacional de Juventudes Negras – ENJUNE – Lauro de Freitas/BA** | Participação direta de Negras Ativas na organização e desenvolvimento do encontro. A contribuição da organização no ENJUNE aconteceu também tentando pautá-lo dentro do Conselho de Juventude na busca de apoio para a viabilização dos encontros preparatórios em Belo Horizonte e Minas Gerais e das atividades de articulação com outros estados. As integrantes de Negras Ativas também atuaram para a mobilização de jovens negras/os na cidade e no estado de Minas Gerais. Tiveram representantes participando na moderação de atividades e em mesas de debate durante o ENJUNE. |
| 2008 | **I Encontro Nacional de Jovens Feministas** | A Organização de Mulheres Negras Ativas participou do processo preparatório (inclusive contribuindo com a parte metodológica, para a qual recebeu demanda das demais participantes) e durante o encontro. Todas as integrantes da organização se envolveram no processo preparatório e algumas foram para Fortaleza, onde foi realizado o encontro, representando o coletivo no processo. |
| 2008 | **Início do Projeto Hip Hop das Minas (Fundo Ângela Borba – Atual Fundo Elas)** | A organização de Mulheres Negras Ativas elaborou e desenvolveu o projeto que mobilizou cerca de 20 jovens moradoras de periferias e favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, em sua maioria negras, e teve significativa visibilidade especialmente na cena Hip Hop. |
| 2010 | **Fórum de Mulheres no Hip Hop – Carapicuíba/SP e Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop** | Participação direta das integrantes do grupo de rap Negras Ativas no encontro ocorrido na cidade de Carapicuíba/SP nos dias 13 e 14/03/2010. Desse encontro surgiu a proposta de criação de uma frente permanente. A Organização de Mulheres Negras Ativas se responsabilizou por atuar junto a outras hip hoppers da Região Metropolitana de Belo Horizonte na articulação local desta frente. |

## ANEXO III

### Roteiro de Entrevistas

**Entrevistadas:** Mônica, Flávia e Lauana

1) Gostaria que você se apresentasse e contasse um pouco sobre a sua trajetória de militância, ressaltando aspectos importantes para que eu conheça o seu percurso como militante.
2) Por que entrou em Negras Ativas?
3) Por que se organizar em um grupo de mulheres negras e jovens?
4) Porque atuar via Hip Hop e no Hip Hop?
5) O que esperava da participação no grupo naquele momento?
6) Como percebia o ambiente existente (momento político) para a militância das negras jovens feministas naquele momento? Quais eram as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas no período em que você se inseriu no grupo?
7) Como percebia o Hip Hop na cidade naquele momento?
8) O que você sabe e tem a dizer sobre a história do Hip Hop em Belo Horizonte?
9) Quando e por que a institucionalização passou a ser uma possibilidade para o grupo?
10) O que você acha da institucionalização enquanto possibilidade de organização para o grupo?
11) Como você percebe o ambiente (momento político) para a militância das negras jovens feministas na atualidade? Quais são as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas?
12) Como você analisa/caracteriza a experiência atual de participação do grupo? Em que medida ela se relaciona/distancia com/de um contexto mais amplo que afeta outros grupos/experiências?
13) Como você percebe o Hip Hop na cidade hoje?
14) Qual o lugar que o Hip Hop ocupa hoje nessa experiência de participação do coletivo?
15) Em sua opinião quais as principais bandeiras do grupo atualmente? Em que medida elas reafirmam bandeiras passadas (do coletivo), as transformam ou rompem com elas?
16) Qual é a contribuição do Hip Hop para a efetivação dessas bandeiras?
17) Em sua opinião, quais os adversários e parceiros que se configuram na atualidade na busca de efetivação dessas bandeiras? E as principais discussões e debates com eles travados?
18) O que você espera hoje do coletivo em termos de atuação?

19) Quais perspectivas você vislumbra para a atuação de Negras Ativas? Qual lugar o Hip Hop ocupa nessas perspectivas?
20) O que você tem feito e quais são seus projetos pessoais atuais? Em que medida eles se conectam/distanciam do projeto coletivo atual do grupo?
21) O que é fazer política para você?

**Roteiro de Entrevista**

**Entrevistada:** Vanessa

1) Gostaria que você se apresentasse e contasse um pouco sobre a sua trajetória de militância, ressaltando aspectos importantes para que eu conheça o seu percurso como militante.
2) Como surgiu Negras Ativas, em qual contexto?
3) As demais fundadoras vinham de qual percurso político? Estavam vinculadas em outros coletivos/entidades?
4) Por que se organizar em um grupo de mulheres negras e jovens?
5) Porque atuar via Hip Hop e no Hip Hop?
6) Quais aliados e opositores se configuravam para o grupo naquele momento?
7) Em que a formação do grupo se relaciona com acontecimentos de um contexto mais amplo de participação política? (Observei que a formação do grupo é mais ou menos contemporânea à participação de suas fundadoras no Fórum Nacional de Hip Hop do FSM de 2002, ao III Encontro Nacional de Mulheres Negras, à formação do Coletivo Hip Hop Chama, ao processo de desenvolvimento da Política Nacional de Juventudes, etc.).
8) Você participou do III Encontro Nacional de Mulheres Negras? Como se deu esse processo em termos de alianças e tensões?
9) O que esperava da participação no grupo naquele momento?
10) Como percebia o ambiente existente (momento político) para a militância naquele momento? Quais eram as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas no período em que você se inseriu no grupo?
11) Como percebia o Hip Hop na cidade naquele momento?
12) O que você sabe e tem a dizer sobre a história do Hip Hop em Belo Horizonte?
13) Quando o feminismo negro aparece na trajetória do grupo?
14) Quando e por que a institucionalização passou a ser uma possibilidade para o grupo?
15) O que você acha da institucionalização enquanto possibilidade de organização para o grupo?
16) Como você percebe o ambiente (momento político) para a militância das negras jovens feministas na atualidade? Quais são as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas?

17) Como você analisa/caracteriza a experiência atual de participação do grupo? Em que medida ela se relaciona/distancia com/de um contexto mais amplo que afeta outros grupos/experiências?
18) Como você percebe o Hip Hop na cidade hoje?
19) Qual o lugar que o Hip Hop ocupa hoje nessa experiência de participação do coletivo?
20) Em sua opinião quais as principais bandeiras do grupo atualmente? Em que medida elas reafirmam bandeiras passadas (do coletivo), as transformam ou rompem com elas?
21) Qual é a contribuição do Hip Hop para a efetivação dessas bandeiras?
22) Em sua opinião, quais os adversários e parceiros que se configuram na atualidade na busca de efetivação dessas bandeiras? E as principais discussões e debates com eles travados?
23) O que você espera hoje do coletivo em termos de atuação?
24) Quais perspectivas você vislumbra para a atuação de Negras Ativas? Qual lugar o Hip Hop ocupa nessas perspectivas?
25) O que você tem feito e quais são seus projetos pessoais atuais? Em que medida eles se conectam/distanciam do projeto coletivo atual do grupo?
26) O que é fazer política para você?

**Roteiro de Entrevista**

**Entrevistada:** Larissa

1) Gostaria que você se apresentasse e contasse um pouco sobre a sua trajetória de militância, ressaltando aspectos importantes para que eu conheça o seu percurso como militante.
2) Como surgiu Negras Ativas, em qual contexto?
3) As demais fundadoras vinham de qual percurso político? Estavam vinculadas em outros coletivos/entidades?
4) Por que se organizar em um grupo de mulheres negras e jovens?
5) Porque atuar via Hip Hop e no Hip Hop?
6) Quais aliados e opositores se configuravam para o grupo naquele momento?
7) Em que a formação do grupo se relaciona com acontecimentos de um contexto mais amplo de participação política?
8) Observei que a formação do grupo é mais ou menos contemporânea à participação de suas fundadoras no Fórum Nacional de Hip Hop do FSM de 2002, ao III Encontro Nacional de Mulheres Negras, à formação do Coletivo Hip Hop Chama, ao processo de desenvolvimento da Política Nacional de Juventudes, etc. Você chegou a participar mais diretamente de algum desses processos ou de algum outro que você considera importante para a organização das negras jovens feministas? Como se deu essa participação? Vivenciou algum tipo de tensão?
9) O que esperava da participação em Negras Ativas naquele momento?

10) Como percebia o ambiente existente (momento político) para a militância naquele momento? Quais eram as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas no período em que você se inseriu no grupo?
11) Como percebia o Hip Hop na cidade naquele momento?
12) O que você sabe e tem a dizer sobre a história do Hip Hop em Belo Horizonte?
13) Em que momento e porque o grupo passou a investir em outras formas de ação além do Hip Hop?
14) Quando o feminismo negro aparece na trajetória do grupo?
15) Quando e por que a institucionalização passou a ser uma possibilidade para o grupo?
16) O que você acha da institucionalização enquanto possibilidade de organização para o grupo?
17) Como você percebe o ambiente (momento político) para a militância das negras jovens feministas na atualidade? Quais são as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas?
18) Como você analisa caracteriza a experiência atual de participação das negras jovens feministas? Em que medida ela se relaciona/distancia com/de um contexto mais amplo que afeta outros grupos/experiências?
19) Como você percebe o Hip Hop na cidade hoje?
20) Em sua opinião, qual a relação entre Hip Hop e feminismo negro?
21) Qual o lugar que o Hip Hop ocupa hoje nessa experiência de participação das negras jovens feministas?
22) Em sua opinião quais as principais bandeiras das negras jovens feministas atualmente? Em que medida elas reafirmam bandeiras passadas (do coletivo), as transformam ou rompem com elas?
23) Qual é a contribuição do Hip Hop para a efetivação das bandeiras das negras jovens feministas?
24) Em sua opinião, quais os adversários e parceiros que se configuram na atualidade na busca de efetivação dessas bandeiras? E as principais discussões e debates com eles travados?
25) O que você espera hoje da militância das negras jovens feministas e das jovens hip hoppers em termos de atuação?
26) Quais perspectivas você vislumbra para a atuação das negras jovens feministas? Qual lugar o Hip Hop ocupa nessas perspectivas?
27) O que você tem feito e quais são seus projetos pessoais atuais? Em que medida eles se conectam/distanciam dessas perspectivas de atuação?
28) O que é fazer política para você?

**Roteiro de Entrevista**

**Entrevistada:** Tainara

1) Gostaria que você se apresentasse e contasse um pouco sobre a sua trajetória de militância, ressaltando aspectos importantes para que eu conheça o seu percurso como militante.
2) O que você sabe e tem a dizer sobre a história do Hip Hop em Belo Horizonte e Região Metropolitana?
3) Por que entrou em Negras Ativas?
4) Por que se organizar em um grupo de mulheres negras e jovens?
5) Quando o feminismo negro aparece na sua trajetória? E na trajetória do grupo?
6) Porque atuar via Hip Hop e no Hip Hop?
7) O que esperava da participação no grupo naquele momento?
8) Como percebia o ambiente existente (momento político) para a militância naquele momento? Quais eram as possibilidades, limitações e impasses para a luta das jovens negras no período em que você se inseriu no grupo?
9) Como percebia o Hip Hop na cidade naquele momento?
10) Observei que a formação de Negras Ativas é mais ou menos contemporânea à participação de suas fundadoras no Fórum Nacional de Hip Hop do FSM de 2002, ao III Encontro Nacional de Mulheres Negras, à formação do Coletivo Hip Hop Chama, ao processo de desenvolvimento da Política Nacional de Juventudes, etc. Você chegou a participar mais diretamente de algum desses processos ou de algum outro que você considera importante para a organização das negras jovens feministas? Como se deu essa participação? Vivenciou algum tipo de tensão?
11) Quais aliados e opositores se configuravam para o grupo no seu momento de entrada?
12) Quando e por que a institucionalização passou a ser uma possibilidade para o grupo?
13) O que você acha da institucionalização enquanto possibilidade de organização para as negras jovens feministas?
14) Como você percebe o ambiente (momento político) para a militância das negras jovens feministas na atualidade? Quais são as possibilidades, limitações e impasses para a luta das negras jovens feministas?
15) Como você analisa caracteriza a experiência atual de participação das negras jovens feministas? Em que medida ela se relaciona/distancia com/de um contexto mais amplo que afeta outros grupos/experiências?
16) Como você percebe o Hip Hop na cidade hoje?
17) Em sua opinião, existe relação entre Hip Hop e feminismo negro? Qual?
18) Qual o lugar que o Hip Hop ocupa hoje na experiência de participação das negras jovens feministas?

19) Em sua opinião quais as principais bandeiras das negras jovens feministas atualmente? Em que medida elas reafirmam bandeiras passadas, as transformam ou rompem com elas?
20) Qual é a contribuição do Hip Hop para a efetivação das bandeiras das negras jovens feministas?
21) Em sua opinião, quais os adversários e parceiros que se configuram na atualidade na busca de efetivação dessas bandeiras? E as principais discussões e debates com eles travados?
22) O que você espera hoje da militância das negras jovens feministas e das jovens hip hoppers em termos de atuação?
23) Quais perspectivas você vislumbra para a atuação das negras jovens feministas? Qual lugar o Hip Hop ocupa nessas perspectivas?
24) O que você tem feito e quais são seus projetos pessoais atuais? Em que medida eles se conectam/distanciam dessas perspectivas de atuação?
25) O que é fazer política para você?

## ANEXO IV

### Roda de Conversa de Devolução Parcial da Pesquisa

### Roteiro

- Falar sobre os procedimentos metodológicos e analíticos utilizados nas demais etapas da pesquisa e sobre o momento atual da pesquisa.

- Apresentar catálogo de documentos e mapeamento de emergência, articulação e incidência, explicitando como metodologicamente foram sendo construídos.

- Apresentar como as entrevistadas relatam quem éramos quando entramos para Negras Ativas, o que cada uma fazia, que lugares ocupávamos socialmente:

- Apresentar as expectativas diversas em jogo na criação e entrada para Negras Ativas.

- Apresentar como as entrevistadas relatam quem somos nós hoje, o que fazemos, onde estamos, quais são nossos projetos atuais.

- Sobre a entrada para o Hip Hop - No caso das Negras Ativas não me parece que ele foi condição para o exercício da política. Parece que no contexto e momento de criação do grupo houve uma aposta no Hip Hop que se configurou como campo e meio de exercício do Feminismo Negro. Isso tem a ver com viverem no Hip Hop sua sociabilidade e as contradições de gênero ali existentes (que hoje, por exemplo, aparecem no apagamento das mulheres da historia oficial do Hip Hop em BH). Mas a entrada para o Hip Hop também me parece ter a ver com os lugares que ocupavam em suas organizações originárias por serem jovens, senão não seria necessário sair desses lugares para exercer uma atuação feminista negra no/através do Hip Hop. Em relação a esse aspecto, vocês não teriam de certa forma sido empurradas para o Hip Hop?

- Mulheres no Hip Hop – Pouco visíveis no movimento, com espaços de participação mais reduzidos. Cenário importante para experimentação de tensões em torno da questão de gênero (possibilidade de atuação feminista). Estratégias de incidência nesse campo frente a essas tensões: Não aceitar ter que se vestir/se portar como "mano" pra participar. Fazer e cantar músicas abordando a questão, participação na construção de processos formativos e debates acerca do tema (Ex.: Hip Hop Chama na Idéia e Hip Hop Chama para o Debate). Não aceitar o lugar de *backing vocal*, contribuir para a formação e fortalecimento de grupos femininos na cena belorizontina. Mas o espaço para a participação feminina ainda é reduzido (Ex.: Duelo de MCs e outros eventos

maiores, pouca visibilidade das mulheres no que aparece oficialmente como história do Hip Hop). Por um lado uma das entrevistadas coloca: "Não sei se a gente não conseguiu se afirmar ou se de fato o que a gente quer é participar tipo do duelo, do *freestyle*, fazer *freestyle*. Será que é isso que eu quero? (…) Pra ser do Hip Hop tem que fazer *freestyle*, tem que subir no palco e fazer *freestyle*?" Mas dá pra gente dizer que ninguém de nós mulheres quer isso? O que mudou e o que ainda precisa ser mudado nas assimetrias de gênero no Hip Hop?

- Hip Hop – Importante em outros campos de atuação como demarcador de uma posição nas relações geracionais e étnico-raciais.

- Grupo como espaço de fortalecimento (criação de estratégias) para as participantes atuarem nas organizações mistas das quais participavam antes. Local de maior aproximação em relação ao Feminismo.

- Incidir no cotidiano – Aparece como importante desafio político para o grupo (relações familiares, no trabalho, nas relações dentro dos grupos mistos, etc.) – Grupo como espaço de fortalecimento para isso ("Eu não sou doida sozinha.").

- No mapeamento de emergência, articulação e incidência realizado, onde o grupo identifica as principais tensões e conflitos estabelecidos e com quem eles se deram? Onde estava o Hip Hop no estabelecimento desses conflitos?

- Falar sobre a profissionalização/estudo – Estudos: algo sonhado, planejado coletivamente; incentivado no contexto da militância negra; investimento nos estudos pelas Negras Ativas tem elementos comuns à trajetória de militantes de outras gerações reconhecidas como lideranças do Movimento de Mulheres Negras.

- Conexão a priori entre Hip Hop e política – Hip Hop sempre será ferramenta de sensibilização, de denúncia, será sempre conscientizador, mobilizador e político? Que tipo de tensão falar através ou sobre o Hip Hop produz/ pode produzir/tem produzido?

- Segundo uma das entrevistadas, um dos efeitos da apropriação do Hip Hop pelo mercado é ele ter virado "muito empreendedor e esquecido de ser rua (...) Antes a gente precisava ter uma rua, um som e as pessoas do bairro pra fazer um rap (...) hoje quando tem evento de rap de rua são os de editais, não tem aquele que era o espontâneo". Nesse contexto, qual é o espaço existente para a política? Porque os/as hip hoppers tem que ficar criando sozinhos/as estratégias de inserção nesse mercado, da forma perversa como ele funciona, e não podem querer outro mercado?

- Se o Hip Hop na trajetória do grupo tem uma função política, é considerado um ponto forte, por que tem sido visto por várias das entrevistadas como ocupando lugar de segundo plano ou enfraquecido nessa experiência? Algumas associam esse enfraquecimento ao enfraquecimento da própria cena Hip Hop argumentando que se reerguer depende também de um investimento em estúdio, realização de festas, etc. Mas antes não era suficiente um som e uma rua? Por que hoje é necessário tanto investimento? O que isso tem a ver com política?

- Estar em segundo plano pode se relacionar com um cenário político maior que diz de possibilidades e impossibilidades de participação das jovens negras que atuam no/através do Hip Hop.

- Parece-me, por exemplo, que rimar em outros contextos diferentes do Hip Hop não tem a mesma legitimidade que discursar de outras formas. Porque para participar politicamente temos tido que atuar seguindo um modelo político legitimado por outras gerações? Por que quando não estamos nesses espaços/processos somos chamadas de "desativadas"? Não há aí uma tentativa de prescrição?

- Por que a estratégia discursiva do grupo muda de acordo com o/a interlocutor? O que isso significa do ponto de vista do jogo político? Pode ser estratégia para garantir o mínimo de reciprocidade pra dialogar, interpelar, disputar. Mas isso não é se submeter em alguma medida ao que para o outro é legítimo?

- Observação de uma das entrevistadas: se a deslegitimação que toca na questão geracional se expressa justamente no questionamento do potencial e capacidade de participação nos espaços e processos considerados "adultos", insistir em ocupá-los pode ser sim uma estratégia de enfrentar isso. Seria, assim, uma estratégia de disputar os espaços e as estratégias que estão nas mãos de quem está em posição hegemônica? Mas não seria mais interpelativo se retirar desse campo de negociação, negá-lo, querer outra coisa que seja determinada por nós, do nosso jeito? Isso é possível no cenário político que vivemos hoje?

- Por que precisamos hoje ser o que não éramos quando passamos a ser reconhecidas como voz pública/política (ex.: saber escrever projeto de captação de recursos, ter CNPJ, ser ONG, responder no tempo do outro as demandas de participação em conferências, conselhos, palestras, oficinas, etc.)? Uma coisa é o que queremos/desejamos enquanto projeto político e outra é o que precisamos ser para

termos nossa ação pública seja legitimada. Vocês acham que isso sempre coincide?

- Nossos contatos/articulações virtuais hoje crescem e as presenciais reduzem (ainda que no último mês estejamos mais em contato presencial) – Nos encontramos mais no momento de emergência da ação e parte da articulação para ação tem sido feita à distância. Em outros momentos isso era foco de crítica nossa em relação à atuação de outros coletivos (demarcadora de uma diferença de forma de atuação política), mas parece ser uma realidade hoje presente no percurso de militantes jovens. Ao mesmo tempo temos individualmente circulado cada vez mais em nome de Negras Ativas ou na realização de projetos profissionais. Essa circulação se dá cada vez mais por espaços que antes não acessávamos ou que acessávamos com mais dificuldade – Isso é sinal de alguma mobilidade social. Parece também que há agora a possibilidade de maior emergência no grupo de projetos individuais e de diferenciação entre as formas de participar. Por outro lado, algumas integrantes relatam certa fragilidade (menor mobilização) do grupo ligada às participantes vivenciarem solitariamente a representação nesses processos/espaços que hoje são acessados. Esse caminho de individualização da participação enquanto "representantes" tem a ver com como foi sendo possível atuarmos nos espaços de participação, de conflito, na política pública (recebendo demandas pra desenvolver projetos, palestras, através do trabalho, da participação em conselhos, conferências, etc.)? O que significa algumas serem sempre convidadas a ocupar espaços como representantes das juventudes negras, das mulheres jovens, das negras jovens, das mulheres hip hoppers? Isso não teria a ver com aquilo que algumas entrevistadas lêem como desmobilização e fragilização do grupo justamente em um momento em que somos em alguma medida reconhecidas nacionalmente, internacionalmente como referências nos campos de atuação nos quais nos inserimos? Não parece contraditório? A que e a quem serve esse jogo político? Em que medida isso é reflexo de uma lógica política que personaliza a participação? Outro dia ao criticar a ausência de mulheres em uma mesa de debate promovida por um coletivo do Hip Hop de BH ouvi que fulana, sicrana e beltrana do Hip Hop Chama foram chamadas e não puderam/quiseram estar presentes. Isso é suficiente para se considerar que o investimento na participação do seguimento mulher hip hopper já foi feito, pois as representantes legítimas do seguimento foram convidadas. O que vocês pensam disso?

- O que significa termos alcançado um lugar de referência política? Ser transformada

em referência, em grupo querido que recebe demanda de tanta gente/organização, não pode significar a neutralização de incômodos que podemos produzir? O que é mais interessante para o jogo político, para a disputa de direitos e recursos: Ser referência para negociação ou ser "*personas non gratas*"?

- Se Hip Hop é político, porque nossos planejamentos de articulação e incidência política não incluem o Hip Hop?

- Por vezes aparece nos discursos de e sobre Negras Ativas uma referência à idéia de inovação na política. Inovar politicamente teve a ver exatamente com o que? Tem a ver com a forma de aparecer no cenário publico, com a forma de nele estabelecer conflito, com o estabelecimento de novos conflitos nesse cenário, com outra coisa? O que foi inovado com nosso surgimento e atuação? Antes na história não houve nada parecido? A que e a quem serve o discurso da inovação política? Tratar o Hip Hop discursivamente como inovador não é responder a uma prescrição do campo político de que o jovem tem que ser inovador? O discurso da inovação não pode servir à mudança do foco discursivo para a forma de atuar no mundo público, pra especificidade da experiência, em vez de focar na tensão, na disputa por igualdade, na possibilidade de existência de dissenso, de divergência de interesses?

- O grupo desde os primeiros anos de atuação tem a proposta de garantir uma discussão ampla acerca de demandas de jovens negras e ocupação de espaços. O que se esperava da ocupação de espaço político? Ocupar para que? Se olharmos para nossa realidade hoje, podemos perceber que vários espaços foram ocupados. Hoje em alguma medida nós ocupamos espaço. O que estamos fazendo com isso? Que tipo de transformação ocupar espaço gerou?

- Em que medida discutir significa ou não incidir politicamente? Em uma das entrevistas surgiu a seguinte fala: "Já acreditei na educação, na função das oficinas para transformar relações de poder. Hoje aposto mais na disputa.". O que vocês acham disso?

- Conferências, conselhos – São espaços de disputa? Entre quem? Parecem-me mais espaços de disputa entre quem poderia estabelecer algum tipo de aliança e de negociação entre quem ocupa posições discrepantes (Estado x sociedade civil). O que não estamos topando ou não vamos topar negociar nos termos em que a proposta está colocada? (Pedir exemplos de espaços que não topamos ocupar, shows que não temos topado, parcerias que dispensamos, editais que não topamos, etc.) Demandar é disputar,

conflitar? Vamos nos contentar com o atendimento a demandas? Com o que hoje não temos nos contentado?

- A atuação via Hip Hop parece marcar uma diferença geracional dentro do Movimento de Mulheres Negras e de outros movimentos mistos nos quais nos inserimos e com os quais dialogamos.

- No entanto parece que no fim o caminho da atuação feminista negra tem que ser em alguma medida profissional de política pública ou de ONG, pois afinal é pra esses caminhos que estamos nos direcionando. Não é a toa que o Hip Hop não bastou para o grupo ainda que se mantenha presente, em alguns momentos sendo vivenciado diretamente outras vezes no discurso, marcando um posicionamento geracional. O que isso tem a ver com o campo de possibilidades e impossibilidades de exercício do feminismo negro?

- Fazer projeto de intervenção, de conscientização, de transformação das relações de gênero, raciais, geracionais, financiados pelo Estado e por organizações não governamentais e fundações não é assumir sozinhas a responsabilidade pela solução de problemas que estamos denunciando? O Estado, por exemplo, não fica em uma posição muito cômoda nesse tipo de situação em que aqueles/as que poderiam se configurar como opositores/as em relação a um determinado problema denunciado incorporam a demanda de eles/as próprios solucionarem a questão que motivou a denúncia?

- Militância virar trabalho incide na base dos problemas do racismo, do sexismo e do adultocentrismo no mercado de trabalho?

- Segundo algumas entrevistadas, a organização em torno das bandeiras e atuação pública do grupo está mais tímida em conseqüência do grupo estar mais voltado para dentro que para fora, pela necessidade de investir nesse momento na institucionalização. Algumas falam de uma maior fragmentação entre os movimentos, de estarmos menos nas ruas, participando menos dos fóruns e espaços de criação de estratégia coletiva com aqueles/as que consideramos que podemos estabelecer alianças. Que tipo de ação política e transformação social são possíveis se nossas articulações e alianças estão fragilizadas?

- Aparecem narrativas de algumas acerca de um cenário político meio apático (não em relação ao interesse pela política, mas às possibilidades de exercê-la). Como isso afeta o grupo em sua atuação através do Hip Hop e no Hip Hop? Não tenho visto muitos

conflitos e disputas nesse cenário. E como isso afeta o grupo em sua atuação enquanto organização do Movimento de Mulheres Negras? Quais disputas nós enquanto Movimento de Mulheres Negras temos travado hoje? A quem temos incomodado?

- É bem recorrente nas falas uma menção a uma resistência inicial do grupo à institucionalização pelo fato das integrantes terem vindo de organizações institucionalizadas e quererem vivenciar um modelo organizativo diferente. Fala-se de que havia medo de que com a institucionalização burocratizássemos demais, virássemos empresa. Institucionalizar surge para o grupo enquanto possibilidade quando se configura como forma de garantir uma maior independência (não dependermos do CNPJ dos/as outros/as pra concorrer a editais), de não sermos engolidas pelo capitalismo, de sobrevivermos enquanto organização, de termos "pernas pra caminhar sozinhas". Era/é também algo incentivado por outros/as militantes, organizações, parceiros/as que acompanham a trajetória do grupo. O que significa no que diz respeito às possibilidades de exercício da política hoje, ter que institucionalizar para sobreviver? E quem não consegue ou não quer institucionalizar? Como fica nesse cenário? Não há aí uma prescrição? A percepção do grupo sobre si não anda muito influenciada pelo que os outros acham que ele deve ser? O que fizeram com a gente? Por que estamos nos organizando e demandando dentro do campo de possibilidades estabelecido pelo outro? E se a gente demandasse o impossível? Como seria? Chegamos a demandar o impossível? A gente pode querer isso?

- Como vocês esperam neste momento em que nossa articulação presencial é menos cotidiana garantir um cotidiano institucional com a formalização jurídica do grupo?

- Qual é o sentido da ação política para o grupo? (Esperar a resposta) O que de transformação concreta observamos a partir dessas ações políticas? O que na relação política foi alterado nestes anos a partir dessas ações que travamos? O que não foi?

- O que o grupo entende como transformação social?

- Hoje é possível mesmo querer "Outro Mundo Possível"? Onde está o "Outro Mundo Possível" que queremos? Tem horas que me parece impossível, tem horas que me parece que isso não está em questão, tem horas que me parece que estamos querendo algo que já está prescrito como possível.

- Finalizar com um balanço das expectativas de todas em relação ao grupo ou a militância no Feminismo Negro/ Hip Hop hoje, segundo as reflexões que apareceram

nas entrevistas:

- Pedir a cada uma que avalie o momento.

- Explicar sobre a metodologia adotada na roda de conversa.

- Discutir sobre condições de elaboração e publicação dos dados da dissertação.

**Orientações Metodológicas para a Roda de Conversa**

Em vez de perguntar com intuito de tirar dúvidas, traçar uma análise possível que traga questões que tencionem, incomodem, provoquem o grupo a sair de um lugar analítico já solidificado.

Garantir um distanciamento crítico e discursivo – No encontro não deixar tanto espaço para o *nós* (separar eu – vocês) – Marcar um tom de diferenciação pra poder expressar meu pensamento enquanto pesquisadora.

Pedir exemplo quando as repostas apresentadas forem genéricas.

Quando se posicionarem a partir do discurso de igualdade, questionar sobre diferença (e vice-versa) pra desestabilizar o discurso endereçado.

A questão provocativa nas perguntas não necessariamente tem que ser algo do qual eu esteja certa, algo em que eu acredite completamente, mas deve servir para mobilizar as falas, para as participantes saírem da posição de reproduzir falas que já expressam habitualmente. Por isso, tentar radicalizar na interpelação, mesmo que isso signifique não incluir na fala outros aspectos que circunscrevem o dilema apresentado.